Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Marcelo Monteiro dos Santos

Visões da modernidade: atividade política e intelectual na imprensa do Vale do Paraíba Oitocentista – Vassouras (1873-1889)

Rio de Janeiro
2018

Marcelo Monteiro dos Santos

Visões da modernidade: atividade política e intelectual na imprensa do Vale do Paraíba Oitocentista – Vassouras (1873-1889)

Tese apresentada, como requisito parcial, para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política e Cultura.

Orientadora: Prof.ª.Dra. Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira

Coorientadora: Profa. Dra. Monique de Siqueira Gonçalves

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇAO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

S231 Santos, Marcelo Monteiro dos
Visões da modernidade: atividade política e intelectual na imprensa do Vale do Paraíba Oitocentista – Vassouras (1873-1889). / Marcelo Monteiro dos Santos.- 2018.

342f.

Orientador: Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira
Coorientadora: Profa. Dra. Monique de Siqueira Gonçalves
Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Bibliografia.

1. Imprensa e política – Teses. 2. Intelectuais – Paraíba do Sul, Rio, Vale – Teses 3. Sociabilidade – Teses. I. Ferreira, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. II. Gonçalves, Monique de Siqueira. III. Universidade do Estado do .Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

CDU 981 “1873/1889”

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Marcelo Monteiro dos Santos

Visões da modernidade: atividade política e intelectual na imprensa do Vale do Paraíba Oitocentista – Vassouras (1873-1889)

Tese apresentada, como requisito parcial, para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política e Cultura.

Aprovada em 11 de maio de 2018.

Banca Examinadora

_____

Profª. Dra. Tania Maria Tavares Bessone da C. Ferreira (orientadora)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

_____

Profª. Dra. Monique de Siqueira Gonçalves (coorientadora)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

_____

Profª. Dra. Márcia de Almeida Gonçalves

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

_____

Profª. Dra. Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

_____

Profª. Dra. Cláudia Regina Andrade dos Santos

Escola de História – UNIRIO

_____

Prof. Dr. Humberto Fernandes Machado

Departamento de História – UFF

Rio de Janeiro

2018

DEDICATÓRIA

Para o João, por tudo.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho vem sendo gestado desde os idos de 2005, quando tive a oportunidade de conhecer, e ser seu orientando de iniciação científica, a professora Renata Vereza, na Universidade Severino Sombra, em Vassouras. Minha “loucura mansa” com a imprensa de Vassouras começou ali.

Agradeço à professora Cláudia Regina, com a qual desde os tempos do mestrado comecei a alimentar a ideia cujo fruto principal é esta pesquisa.

Agradeço às minhas queridas orientadoras, professoras Tânia Bessone e Monique Siqueira, pela paciência e dedicação sempre dispensadas aos seus alunos. Da professora Tânia veio um gosto pela bibliofilia - minha caça sem fim por sebos e leilões tem nela a maior culpada – e este trabalho reproduz em muitos aspectos as suas magníficas aulas. No correr desses anos, às vezes entre meus sumiços e aparições, elas sempre estiveram presentes. Agradeço à Universidade do Estado do Rio de Janeiro e ao Programa de Pós-Graduação em História na figura das professoras Lúcia Bastos e Márcia Gonçalves. São exemplos de dedicação que demonstram a grandeza dessa universidade.

Agradeço aos amigos que fiz durante esta caminhada desde 2013. Na UERJ, na Biblioteca Nacional. Renata Barbatho, Wanessa Santos, e muitos outros. Para vocês meu muito obrigado. Aos meus amigos de longa data, sempre próximos, com os quais muito discuti o tema deste trabalho. Vocês são essenciais em tudo: Paulo Avila, Silvana Avila, Gabriela Máximo, Eliane Cahon. Muitos outros nomes caberiam aqui. Sintam-se abraçados. Agradeço especialmente ao João, dedicado e paciente me encorajou e esteve presente nos momentos mais difíceis.

Por fim, aos professores que participaram da banca meu muito obrigado.

RESUMO

SANTOS, Marcelo Monteiro dos. *Visões da modernidade: atividade política e intelectual na imprensa do Vale do Paraíba Oitocentista – Vassouras (1873-1889)*. 2018. 342 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

O trabalho busca compreender o lugar ocupado pela imprensa no Vale do Paraíba fluminense nas últimas décadas do século XIX. A hipótese central é de que os jornais impressos podem ser compreendidos como o lugar no qual se refletem as questões políticas e culturais daquele período, bem como sua ação para construir imagens de si como promotores de certa modernidade. A imprensa que se desenvolveu no Vale vem sendo objeto de atenção de historiadores preocupados em compreender todas as dinâmicas da sociedade do Brasil Império. O recorte cronológico da pesquisa concentrou a análise entre 1873, data do surgimento do primeiro periódico em Vassouras, e 1889, ano que marca o fim do regime monárquico. O intervalo selecionado mostrou-se rico para a pesquisa histórica, pois compreendeu um período de transformações na sociedade brasileira no qual se observam importantes modificações políticas e sociais. Concentrou o desenvolvimento do pensamento republicano, o aprofundamento das críticas à escravidão e o acirramento da campanha abolicionista; perpassa o treze de maio e a reação da classe senhorial dessa região, que mantinha a economia cafeeira ancorada no trabalho escravo. Observou-se a gestação de diferentes projetos para o Brasil de outrora e como esses projetos ganharam ecos pelas penas dos redatores desde a imprensa periódica de Vassouras. A imprensa tomou partido e estabeleceu programas políticos, ainda que defendesse, a partir do estabelecimento do programa de cada jornal, uma pretensa imparcialidade. A atividade jornalística no Vale do Paraíba fluminense, em especial na cidade de Vassouras, criou e difundiu um programa político e intelectual que atuou decisivamente na cena cultural local. O discurso desses redatores-intelectuais apontava para o futuro e ensejava múltiplas visões de modernidade. É certo ainda que antes do estabelecimento da imprensa local já circulavam inúmeros periódicos pela região, impressos na Corte ou em cidades vizinhas. O que a imprensa de Vassouras proporcionou foi a possibilidade de discutir as questões locais, regionais e nacionais desde o Vale. A partir da década de 1870, o espaço público estava permeado por uma miríade de grupos sociais. As camadas médias impulsionaram o surgimento da imprensa e dela se ocuparam até o fim da década de 1880. Por fim, estabeleceu-se a possibilidade de uma opinião pública orientada pela ação da imprensa local.

Palavras chave: Imprensa. Intelectuais. Sociabilidades. Cultura política. Impressos.

ABSTRACT

SANTOS, Marcelo Monteiro dos. *Modernity visions: press political activity in the Eighteenth Vale do Paraíba - Vassouras (1873-1889)*. 2018. 342 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

The work aims to understand the state of art of the fluminense Vale do Paraíba press in the last decades of the XIX century. The central hypothesis is that the print newspapers can be understood as a mean that reveals cultural and political questions from that period of time, the study focus as well in the press actions to build images of it as as agent that promoted modernity. The press that developed in Vale do Paraíba is being studied by historians that aim to understand all the forces at work in the Empire of Brazil. The chronological cutting focused on the analysis between 1873, when the first journal as published in Vassouras, and 1889, the year that monarchical regime ended. Analysis revealed that time interval selected was rich to historical research, because it was a period of transformation in Brazilian society, so there were many important political and social changings. The period was marked by the development of the republican thought and the deepening of the critics to the slavery, as well as the commotion regarding the abolitionist campaign; the period passes through May thirteenth and the reaction of the lordly class of this region, a class that maintained coffee economy anchored in slave work. It was observed that it was a period when different projects for this old Brazil were generated; due to the analysis of the journals, it was possible to see how these projects were echoed through the quill of these editors from Vassouras journal press. The press took sides and established political programmes, even if it would defend, through the creation each journal program, a supposed impartiality. The journalistic activity in the fluminense Vale do Paraíba, focusing specially the city of Vassouras, created and disseminated a political and intellectual programme that operated decisively in the cultural local scene. That intellectual-editors discourse pointed to a future and triggered multiple visions of modernity. It is clear that before the creation of a local press there was a circulation of a number of journals in the region, printed in the Court or in nearby cities. Vassouras press provided a possibility to discuss local, regional and national questions. From the decade of 1870 on, the public space as permeated by a myriad of social groups, medium stratus pushed the creation of the press and worked on it until the end of the 1880s. Finally, it can be seen that public opinion began to be oriented by the actions of the local press.

Keywords: Press. Intellectuals. Sociabilities. Political culture. Printings.

RÉSUMÉ

SANTOS, Marcelo Monteiro dos. *Visions de la modernité: activité politique et intellectuelle dans la presse de la vallée de Paraíba XIX e siècle siècle - Vassouras (1873-1889)*. 2018. 342 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Cette thèse cherche à comprendre la place occupée par la presse dans la vallée de Paraíba de Rio de Janeiro dans les dernières décennies du 19ème siècle. L'hypothèse centrale est que les journaux, peuvent être compris comme le lieu où ils reflètent les questions politiques et culturelles de cette époque, ainsi que son action pour construire des images d'eux-mêmes en tant que promoteurs de la modernité certaine. La presse qui s'est développée dans la Vallée a été l'objet d'attention des historiens soucieux de comprendre toute la dynamique de la société de l'Empire brésilien. Le schéma chronologique de la recherche a porté l'analyse entre 1873, la date d'apparition de la première journal en Vassouras et 1889, l'année qui marque la fin de la monarchie. La gamme choisie s'est avérée riche pour la recherche historique, car elle comprenait une période de transformations dans la société brésilienne dans laquelle d'importants changements politiques et sociaux ont été observés. Il a concentré le développement de la pensée républicaine et l'approfondissement des critiques à l'esclavage et à l'intensification de la campagne abolitionniste; C'est le 13 mai et la réaction de la classe seigneuriale de cette région, qui a maintenu l'économie du café ancrée dans le travail des esclaves. Il y avait la grossesse de différents projets pour le Brésil du passé et la façon dont ces projets ont gagné fait écho aux plumes des éditeurs de la presse périodique de Vassouras. La presse a pris parti et a établi des programmes politiques, bien qu'elle ait défendu, dès l'établissement du programme de chaque journal, une impartialité présumée. activités Journalistic Vale do Paraíba Fluminense, surtout traité la ville de Vassouras créé et publié un programme politique et intellectuel qui a agi de manière décisive sur la scène culturelle locale. Le discours de ces éditeur intellectuels indiquait l'avenir et donnait naissance à de multiples visions de la modernité. Il est certain qu'avant la création de la presse locale, de nombreux journaux avaient déjà circulé dans la région. Imprimé au tribunal ou dans les villes voisines. Ce que la presse de Vassouras a fourni était la possibilité de discuter des problèmes locaux, régionaux et nationaux de la vallée. À partir des années 1870, l'espace public était envahi par une myriade de groupes sociaux. Les classes moyennes ont conduit à l'émergence de la presse et il était occupé d'ici la fin de la décennie de 1880. Enfin, il a été créé la possibilité d'un opinion public par l'action de la presse locale.

Mots clés: Presse. Intellectuels. Sociabilités. Culture politique. Imprimé.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Vila de Vassouras, c.1845 33
Imagem 2 - Cidade de Vassouras, 1859 43
Imagem 3 - Vila de Vassouras, 1836 44
Imagem 4 - Vassouras, 1859 59
Imagem 5 - Estação da Ferro-Carril Vassourense 74
Imagem 6 - Estação de Vassouras (c.1864) 76
Imagem 7 - Planta dos possíveis traçados para a terceira etapa da Estrada de Ferro d. Pedro II (1858) 77
Imagem 8 - Anúncio de escravo fugido, *Vassourense* (1885) 83
Imagem 9 - Biblioteca Municipal de Valença, 1922 113
Imagem 10 - Catálogo provisório, 1887 120
Imagem 11 - Propaganda da Tipografia do Vassourense 130
Imagem 12 - Folhinha do *Vassourense* para 1885 131
Imagem 13 - Propaganda de oficina de encadernação 132
Imagem 14 - Propaganda da Tipografia do Vassourense 134
Imagem 15 - Anúncio da Tipografia do Vassourense 135
Imagem 16 - Propaganda da oficina de encadernação 136
Imagem 17 - Selo de encadernação da Tipografia do Vassourense 136
Imagem 18 - Reprodução da capa e folha de rosto do livreto *O Visconde de* Araxá 142
Imagem 19 - Reprodução das folhas de rosto do livro Reminiscencias e Fantazias 143
Imagem 20 - Reprodução de capa e folha de rosto do livro Virgilianas 144
Imagem 21 - Reprodução de capa e folha de rosto do livro Novas Virgilianas 144
Imagem 22 - Reprodução da capa e folha de rosto dos Quatro poemetos de Longfellow 145
Imagem 23 - Reprodução da folha de rosto do fascículo Philologia Portugueza (notas de leitura) 146
Imagem 24 - Propagandas de colégios em Vassouras 159
Imagem 25 - *O Club* (1885) 167

Imagem 26 - Lucindo Filho 169
Imagem 27 - Folha de rosto do Vassourense, 1882 206
Imagem 28 - *O Município* 219
Imagem 29 - *A Crença*, 1877 222
Imagem 30 - *O Porvir*, edição extraordinária em 1885 224
Imagem 31 - *Vassourense* (detalhe), 1882 231
Imagem 32 - *Carris Litterarios*, 1884 (original e detalhe) 246
Imagem 33 - *O Canário* (1887) 249
Imagem 34 - *Almanach do Vassourense* (1887-1889) 256
Imagem 35 - *Vassourense*, 20 de maio de 1888 271

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ocorrência das Famílias Teixeira Leite, Ribeiro de Avellar e Corrêa e Castro nas legislaturas municipais (1833-1860) 41
Quadro 2 - Relação de espaços de leitura no Vale do Paraíba (1856-1889) 89
Quadro 3 - Taxa de analfabetismo da população livre no Brasil, censo de 1872 92
Quadro 4 - Quantitativo de matrículas nas escolas públicas e subvencionadas 95
Quadro 5 - Número de usuários das Bibliotecas Populares no Vale do Paraíba (1878-1887)..... 110
Quadro 6 - Livros emprestados pelas Bibliotecas Populares no Vale do Paraíba, fluminense 1878-1887 111
Quadro 7 - Demonstrativo do movimento da Biblioteca Popular de Vassouras durante o ano de 1886 121
Quadro 8 - Tipografias em Vassouras (1873-1889) 129
Quadro 9 - Periódicos publicados na Tipografia do Vassourense..... 137
Quadro 10 - Resenhas publicadas no *Vassourense* 139
Quadro 11 - Os redatores na imprensa vassourense, 1873-1889..... 153
Quadro 12 - Colégios de ensino secundário em Vassouras e arredores, 1871 1889 156
Quadro 13 - Colaboradores do *Vassourense*, 1882-1889..... 198
Quadro 14 - Temas da edição de 1887..... 256

LISTA DE MAPAS E TABELAS

Mapa 1 -	Vilas e cidades na província do Rio de Janeiro até 1889	38
Tabela 1 -	População de Vassouras, 1872	50
Tabela 2 -	Balanço da Tipografia do Vassourense	137
Tabela 3 -	Composição da câmara municipal de Vassouras	310
Tabela 4 -	Caracterização geral dos periódicos de Vassouras	312
Tabela 5 -	Biblioteca de Caetano Furquim de Almeida	318
Tabela 6 -	Biblioteca de José Faustino da Fonseca e Silva	321
Tabela 7 -	Livros Jurídicos	326
Tabela 8 -	Livros de literatura, história e filosofia	326
Tabela 9 -	Biblioteca de Antônio José de Azevedo	328
Tabela 10 -	Biblioteca de Luiz Rômulo Perez de Moreno	330
Tabela 11 -	Livros jurídicos	331
Tabela 12 -	A tipografia do *Vassourense* em c/c Luiz Pinheiro Werneck	334

LISTA DE ABREVIAÇÕES E SIGLAS

ANPUH	Associação Nacional dos Professores de História
APMV	Arquivo Público Municipal de Vassouras
BN	Biblioteca Nacional
CSM	Casa Setecentista de Mariana
CDH	Centro de Documentação Histórica (Vassouras)
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FCRB	Fundação Casa de Rui Barbosa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico do Brasil
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SEEC	Secretaria de Estado da Educação e da Cultura
USS	Universidade Severino Sombra

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	**A CIDADE E A QUESTÃO DA IMPRENSA TARDIA**	29
1.1	**Ocupação e desenvolvimento no Vale do Paraíba fluminense**	33
1.1.1	Os irmãos Teixeira Leite, o passado	35
1.2	**As experiências da imprensa que não houve**	49
1.3	**A História nas páginas dos jornais**	64
1.4	**A cidade em tempos de mudança**	69
1.5	**Práticas de leitura, oralidade e escravidão**	79
2	**BIBLIOTECAS, HOMENS E LIVROS**	86
2.1	**A presença de um círculo de leitores**	87
2.2	**A Biblioteca Popular de Vassouras, um espaço de sociabilidade**	96
2.3	**Batalhas na imprensa em torno da Biblioteca Popular**	113
2.4	**Delineando o círculo de leitores: bibliotecas particulares**	122
2.5	**As tipografias e a produção dos impressos**	128
2.5.1	Saindo do prelo: resenhas e livros	139
3	**INTELECTUAIS E REDATORES: OS HOMENS DA IMPRENSA EM VASSOURAS**	148
3.1	**Os homens da imprensa, o futuro**	151
3.1.1	Imprensa colegial, educação secundária	155
3.1.2	Grêmios e clubes literários, outros espaços de sociabilidade	163
3.2	**Lucindo Pereira dos Passos Filho, o médico-redator**	169
3.2.1	O intelectual e sua biblioteca	201
4	**UMA HISTÓRIA DA IMPRENSA EM VASSOURAS**	212
4.1	**O pioneirismo d'*O Município (1873-1879)***	214
4.2	**Jornais colegiais**	221
4.2.1	*O Caloiro*, um periódico incendiário	226
4.3	***Vassourense*: imparcial, noticioso e literário**	230
4.3.1	A febre amarela é notícia	237
4.3.2	O debate sobre instrução pública	239
4.4	***Carris Litterarios***	245
4.5	***O Canário*: jornal dedicado às "amáveis leitoras"**	248

4.6 ***O Isothermico*** 250
4.7 **O *Almanach do Vassourense*** 253
4.8 **O Brasil Oitocentista desde a imprensa vassourense** 258
4.8.1 A questão da escravidão 259
4.8.2 Notas sobre a República 274
CONSIDERAÇÕES FINAIS 284
REFERÊNCIAS 291
APÊNDICE A - Composição da câmara municipal de Vassouras (1869 - 1889) 310
APÊNDICE B - Caracterização geral dos periódicos de Vassouras (1873 - 1889) 312
ANEXO A - Regulamento das Bibliotecas Populares criadas em 1871 315
ANEXO B - Relação dos livros da biblioteca de Caetano Furquim de Almeida que foram doados à Biblioteca Popular de Vassouras, 1879 318
ANEXO C - Biblioteca de José Faustino da Fonseca e Silva 321
ANEXO D - Biblioteca de Herculano Figueiredo e Souza..... 326
ANEXO E - Biblioteca de Antônio José de Azevedo 328
ANEXO F - Biblioteca de Luiz Rômulo Perez de Moreno 330
ANEXO G - Balanço da Tipografia do Vassourense (1896 - 1899) 334

INTRODUÇÃO

O principal objetivo desta pesquisa é estabelecer e apontar possibilidades para a análise da imprensa como objeto de pesquisa, na perspectiva de encará-la como lugar e ator histórico, político e social. Nesse âmbito, a imprensa não seria apenas um reflexo da sociedade: estaria ela também atuando de forma implícita e explícita no desenrolar dos acontecimentos. A proposta concebe a imprensa de Vassouras como coautora dos fatos e não apenas espelho destes. Pretende-se salientar ainda toda atividade intelectual desenvolvida por seus proprietários e redatores. O recorte espacial focalizou especialmente o município de Vassouras. A temporalidade se apoia nos vestígios manuscritos e impressos da segunda metade do século XIX, desde o surgimento do pioneiro *O Município*, em 1873 até 1889, ano da substituição do regime monárquico no país. Ambiciona-se aqui recuperar parte da história da imprensa na Vassouras Oitocentista.

Feitas essas primeiras colocações, cabe uma breve discussão teórico-metodológica. Passa-se a algumas considerações sobre o que, nas palavras de René Rémond, pode-se chamar de uma *nova história política*.[1] O desenho teórico aproxima política e cultura, revelando as imbricações possíveis que a historiografia recente proporciona.

O político é mais um lugar do qual se pode fixar para lançar um olhar sobre a sociedade. É bem verdade que a história política encontrou um caminho em declive com a crítica estabelecida pela *escola dos Annales* a partir de 1929 (e nas gerações posteriores), entretanto, ela vem experimentando uma "volta da fortuna".[2] Ainda sobre a crítica, pode-se dizer que "ao privilegiar o particular, o nacional, a história política privava-se, ao mesmo tempo, da possibilidade de comparações no espaço e no tempo, e interditavam-se as generalizações e síntese que, apenas elas, dão ao trabalho do historiador sua dimensão científica".[3]

---

[1] Cf. RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

[2] RÉMOND, René. *Uma história presente*. In: *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p.14. E ainda: PUJOL, Xavier Gil. "Notas sobre el estúdio del poder como nueva valoración de la historia política". *Pedralbles*, nº3, Barcelona, 1983, p.61-88.

[3] RÉMOND, René. Uma história presente. In: *Por uma história política*, op. cit. p.17.

Para Pierre Rosanvallon, o político pode ser definido como “o lugar onde se articulam o social e sua representação, a matriz simbólica na qual a experiência coletiva tem suas raízes e ao mesmo tempo reflete sobre si mesma”.[4] Operando essa reflexão sobre si mesma, a história política toma emprestado métodos e técnicas de outros campos do conhecimento, com o intuito de refinar sua análise do social. Borges, embora não trate do objeto desta tese, a imprensa periódica, define dois eixos que explicam os movimentos da história política apontando diretamente para nosso objeto: “as mudanças sociais, que condicionavam a reflexão sobre o político, e os progressos da história como forma de conhecimento, decorrente, sobretudo da interdisciplinaridade”.[5]

Estudar e investigar a imprensa a fim de observar as mudanças sociais em curso no decorrer do tempo – não apenas aquelas que as páginas dos periódicos trazem com o intuito legítimo de informar (e, porque não, formar) a sociedade, mas principalmente as mudanças que a imprensa opera por meio de sua militância política em determinadas causas, de interesses públicos ou privados – esse é um dos objetivos desta pesquisa.

Perceber a sociedade pelo viés político abarca também a possibilidade de enxergar como operam as mudanças que articulam o contínuo e o descontínuo em uma pluralidade de ritmos que combinam o instantâneo e o extremamente lento.[6] A imprensa se abre para a compreensão desta primeira característica: o instantâneo, o evento histórico, não sendo demasiado lembrar a sua articulação e atuação sobre eles.

Importa perceber que ela não se refere apenas às “grandes obras”. Esse conceito frequenta também as massas, o homem comum da sociedade, pelos quais pode ser difundida e/ou produzida. Analisar as ideias “pelos pináculos” não daria conta das intrínsecas manifestações do político que permeiam a tessitura da sociedade. Segundo o historiador Michel Winock:

---

[4]ROSANVALLON apud BORGES, Vavy Pacheco.*História e política: laços permanentes*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 12, nº. 23/24, setembro de 1991-agosto de 1992, p.15

[5] Ibidem, p.18.

[6] Ibidem, p. 34.

> […] as ideias políticas não são apenas as dos filósofos e dos teóricos, mas também as do homem comum. Pela extensão de seu campo de curiosidade, a história das ideias políticas faz necessariamente fronteira com a história da opinião pública e a história da propaganda; distingue-se delas, mas seus entendimentos com uma e outra encontram-se numa relação de reciprocidade, numa sociedade de expressão pública desenvolvida.[7]

A imprensa torna-se um palco e um ator político que ganha materialidade na figura de seus redatores e colaboradores. Winock, utilizando-se do exemplo da historiografia francesa, mostra que existe a possibilidade de o historiador "avaliar o trabalho das ideias na sociedade tanto quanto o reflexo dos problemas sociais do momento na expressão jornalística".[8] É muito fecundo o estudo desses "fabricantes do pensamento cotidiano ou semanal".[9]Ao finalizar seu argumento, aborda uma questão fundamental ao exprimir que "o historiador […] não pode se deixar dissuadir por juízos de valor: o homem comum lhe interessa tanto quanto a pequena elite de leitores de obras filosóficas".[10]

Caberá compreender que a atividade jornalística que tivera lugar em Vassouras, na segunda metade do século XIX, contribuiu para a criação de uma *cultura política*, ou a disseminação de ideias e a proposição de debates dentro de uma *cultura política local*.[11] Vale também pensar como a atividade da imprensa periódica concorreu para ampliar o *espaço público*.

Para fundamentar teórica e metodologicamente, a pesquisa situa-se na interface entre história política e história cultural, a partir da aproximação de conceitos comuns a esses dois campos historiográficos. Mobilizaram-se as abordagens conceituais de *espaços de sociabilidade*, *opinião pública* e *atuação intelectual,* todos apontando para a hipótese da construção de um *espaço público* no qual os jornais atuaram como atores fundamentais naquele contexto. Compreende-se que havia – ao traçar um lugar-comum de redação e circulação desses

---

[7] WINOCK, Michel. As ideias políticas. In*: Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, pp. 278-279.

[8] Ibidem, p. 282.

[9] Ibidem.

[10] Ibidem.

[11] Cf. BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, J. P. & SIRINELLI, J.F. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p.349-363.

periódicos, Vassouras, e motivados pelos interesses afins dos seus redatores, colaboradores e proprietários – a existência de uma rede intelectual que unia interesses e filiações políticas comuns. Optou-se pela definição de redes estabelecida por Serge Berstein. Para o historiador,

> [...] as redes são então o produto de um efeito de instituição, seja material, resultado da simples proximidade física (os indivíduos frequentam regularmente os mesmos lugares), ou simbólico (existe a solidariedade das instituições a qual sempre convém observar), ou profissional (quando os indivíduos trabalham juntos).[12]

Buscou-se também compreender as *representações* e *apropriações* presentes nos discursos emitidos nas páginas dos jornais dessa imprensa periódica. Segundo Roger Chartier, "[...] as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam".[13] O historiador está preocupado com a história da recepção e das práticas de leitura. Ele comenta sobre "[...] o interesse manifestado pelo processo por intermédio do qual é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação".[14] Houve certamente em Vassouras a existência de redes intelectuais que atuou dentro de um quadro maior participando de projetos políticos do – e para o – Brasil no contexto da crise do Brasil Império.

Cabe acrescentar ainda que o conceito de *cultura política,* como um sistema de representações, permite aos historiadores tornar mais inteligíveis os fatos a partir dessa chave interpretativa.[15] A noção de cultura política envolve considerar que ela se manifesta tanto em nível nacional quanto local. Dado o seu caráter plural, as culturas políticas podem se estabelecer como representação e ideias. Esse conceito é pertinente para compreender e explicar o que ocorreu na imprensa vassourense. Rodrigo Patto Sá Motta define *cultura política* como "[...] o conjunto de valores,

---

[12] BERSTEIN & SIRINELLI, Jean-François. Las Élites Culturales. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. *Para una Historia Cultural.* México: Taurus, 1999. p. 251.

[13] CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990, p.17.

[14] Ibidem, p.24.

[15] BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. *In*: *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p.31.

tradições, práticas e representações políticas partilhadas por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro". [16]

Dessa feita, acredita-se que o estudo da imprensa periódica opera na construção de um panorama no qual pode ser observado diversos debates e embates ideológicos, políticos, sociais, culturais, interesses de classes, de partidos, enfim, uma infinidade de nuances que se oferecem ao historiador como férteis objetos para investigação – "é de fato o jornal que constitui a fonte mais rica, a que esposa as inflexões da época, as nuances da conjuntura, e reflete as relações na sociedade, em suas tentativas de coerência entre a 'doutrina' e os 'fatos'".[17] Na interface entre política e cultura, constrói-se o objeto desta tese.

Vassouras, e mesmo o Vale do Paraíba fluminense como um todo, guarda certa similaridade com a história da imprensa no Brasil no tocante ao seu desenvolvimento, considerado tardio, amplamente discutido pela historiografia.[18] O primeiro jornal publicado no Brasil só foi possível a partir da instalação dos prelos autorizados pelo príncipe regente, d. João, em 1808. O decreto de 13 de maio daquele ano criava a Imprensa Régia com o intuito de divulgar os atos administrativos da Coroa portuguesa. Desses primeiros prelos saiu a *Gazeta do Rio de Janeiro*, periódico com caráter de folha oficial que visava principalmente dar visibilidade aos atos da administração portuguesa. A ocupar lugar de destaque na trajetória da imprensa no Brasil está Hipólito da Costa, por ter sido o primeiro a dirigir um jornal, o *Correio Braziliense*, que tratava dos interesses do Brasil, ainda colônia, embora publicado em Londres por conta das restrições de liberdade de imprensa.[19]

---

[16] MOTTA, Rodrigo Pato Sá. (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 21.

[17] Ibidem, p.282.

[18] Cf. RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil.* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1946; BARBOSA LIMA SOBRINHO, A. J. *O problema da imprensa*. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto, 1988; SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.

[19] LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos: a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823).* São Paulo: Cia das Letras, 2000, pp. 71-9.

Sobre as interpretações desse fenômeno, Marco Morel chama a atenção para o aspecto do atraso destacado nos estudos que tratam da instalação da imprensa em terras brasileiras. Segundo ele, "[...] a ênfase no *atraso*, na *censura* e no *oficialismo* como fatores explicativos e característicos desses primeiros tempos da imprensa não [...] parece suficiente para explicar a complexidade e compreender as características de tal imprensa [...]".[20] Ele salienta que a sociedade de tipo absolutista que patrocinou a Imprensa Régia no Rio de Janeiro estava em mutação, sendo necessário compreender suas especificidades e particularidades.

A historiografia local também consagrou a ideia de atraso no surgimento de jornais em Vassouras. O historiador-memorialista Rudy Mattos da Silva, no livro *Estudos vassourenses*, assinala a mesma percepção que marcou aquela historiografia.

> Recordando a história da imprensa em Vassouras, assinalamos que o primeiro jornal apareceu quarenta anos após a criação da Vila [...]. Até que foi tardio o surgimento da imprensa em Vassouras. Dentro do Estado foi o 14º município a editar um jornal, antecedido, na ordem, pelos seguintes: 1º Niterói (1829); 2º Cantagalo (1830); 3º Campos (1831); 4º Valença (1832); 5º Itaboraí (1850); 6º Petrópolis (1857); 8º Paraíba do Sul (1861); 9º Macaé (1862); 10º Barra Mansa (1871); 11º Angra dos Reis (1872); 12º Resende (1872) e 13º São Fidélis (1872).[21]

Seguindo os passos de Marco Morel, a análise que será empreendida entende a formação histórica da sociedade do Vale de maneira complexa. O atraso pelo atraso não é suficiente para compreender o surgimento tardio da imprensa periódica vassourense. Observando o surgimento de tipografias nas vilas e cidades do Vale do Paraíba fluminense, ao longo do Oitocentos, nota-se que somente a partir dos anos 1860 estabelece-se uma regularidade de periódicos publicados desde o Vale.Ainda sobre a imprensa fluminense, merece destaque também o trabalho de Marcello e Cybelle de Ipanema, *Imprensa fluminense, ensaios e trajetos*. Publicado em 1884, o conjunto de estudos lança um olhar sobre os jornais que foram publicados no Rio de Janeiro ao longo dos dois últimos séculos. O livro tem

---

[20] MOREL, Marco. "Da gazeta tradicional aos jornais de opinião: metamorfoses da imprensa periódica no Brasil". In: NEVES, Lúcia Maria B. P. das (org). *Livros e impressos: retratos do Setecentos e do Oitocentos*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, p. 162-3.

[21] SILVA, Rudy Mattos da.*Estudos Vassourenses*. Vassouras: Ed. do autor, 1999, p. 126.

um caráter de inventário e o mérito de pretender abranger todos os municípios fluminenses e seus periódicos.[22]

A análise das primeiras décadas da imprensa no Brasil e sua articulação na construção das culturas políticas que moldaram o Brasil Império podem ser encontradas em diversos historiadores. Lúcia Bastos Pereira das Neves destaca os diversos atores políticos imbricados no processo de Independência.[23] Isabel Lustosa analisa detidamente esse ambiente político pré e pós-independência desde as páginas dos diversos jornais que deram voz aos mais distintos grupos políticos em voga.[24] O historiador Marcelo Basile percorreu os periódicos do período regencial para compreender os grupos liberais que atuavam a partir da imprensa periódica no Rio de Janeiro.[25] Basile e Bastos contribuem para compreender o lugar da imprensa na consolidação do projeto de nação, ou dos projetos, em jogo na primeira metade do Oitocentos.

Nesse cenário é importante perceber como a imprensa periódica contribuiu decisivamente, segundo Marco Morel, para forjar um *espaço público* constituído tanto no viés político amplo como no cultural.[26] Segundo Morel, "o surgimento da imprensa no Brasil acompanha e vincula-se a transformações nos espaços públicos, à modernização política e cultural de instituições, ao processo de independência e de construção do Estado nacional".[27]

Por ser a expressão *opinião pública* um conceito polissêmico e amplo, sua utilização requer cuidados ao historiador. É necessário identificar todas as condicionantes que permitem caracterizar a sua existência. Segundo Morel:

---

[22] Cf. IPANEMA, Marcello de &IPANEMA, Cybelle de. *Imprensa Fluminense: ensaios e trajetos*. Rio de Janeiro: Instituto de comunicação Ipanema, 1984.

[23] Cf. NEVES, Lúcia M. B. P.*. Corcundas e constitucionais: a cultura política da independência (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

[24] Cf. LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos: a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823),* São Paulo: Cia das Letras, 2000.

[25] Cf. BASILE, Marcello. *O Império em construção: projetos de Brasil e ação política na Corte regencial*. Rio de Janeiro. PPGHIS/UFRJ, 2004.

[26] Cf. MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.

[27] LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na independência: (1821-1823),* op. cit., p. 07.

> Tal expressão constitui um campo de estudos em que a riqueza de elementos conceituais estabelece uma tênue fronteira com as imprecisões. A tal ponto difundiu-se seu uso no vocabulário corrente que a opinião pública passou a ser percebida, em alguns casos, como sujeito político, com vontade e identidade próprias, ou seja, reificadas […] o estudo da trajetória desta noção numa determinada sociedade, quando situado cronologicamente e geograficamente, pode permitir o conhecimento mais aprofundado das gêneses da política moderna pós-Absolutista, cujos discursos, invocando a legitimidade desta opinião, continuam a ter peso importante na atualidade. Ou seja, a opinião pública como recurso para legitimação de práticas políticas, como operação simbólica de transformar opiniões individuais ou setoriais em opinião geral.[28]

Como argumenta o autor, é possível perceber a trajetória dessa noção de forma cronológica e geográfica, não sendo possível uma homogeneização conceitual para qualquer sociedade e qualquer tempo. Jacques Becker também salienta que "num país onde a imprensa é livre, todos os aspectos da opinião pública têm chance de se refletir nos jornais […]".[29] Fica, no entanto, o alerta de que a simples "existência de uma imprensa periódica não implica necessariamente o aparecimento de uma opinião pública no sentido crítico do termo".[30] O estudo de Morel sobre as transformações do espaço urbano do Rio de Janeiro entre 1820 e 1840 mostraram a complexidade e as apropriações do conceito pela imprensa.[31]

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi necessário isolar um grupo de periódicos e intelectuais que atuavam como redatores e proprietários de jornais impressos no município e, a partir do estudo de suas correspondências, trajetórias, interesses e discursos, compreender a formação de um quadro de ideias que

---

[28] MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820 - 1840).* São Paulo: Hucitec, 2005, p. 200.

[29] BECKER, J. Jacques. A opinião pública. In*: Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p.196.

[30] MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820 - 1840).* São Paulo: Hucitec, 2005, p. 203-4.

[31] Marco Morel assinala o seguinte: "A época do processo de independência na capital brasileira, na medida em que significou um momento inicial de instituição de um estado nacional tendo como referência os modelos dos liberalismos políticos, marca também o início da afirmação da opinião pública fundada na razão crítica ou na vontade da maioria, mas em ambos os casos aparecendo na cena pública como instrumento de legitimidade política, distinguindo-se da soberania absolutista monárquica e portanto inserida na perspectiva de instituição destas 'novas ideias liberais'. Invocada como paradigma do progresso, das Luzes e da civilização, tal opinião alteraria também os processos arcaicos de comunicação que, entretanto, não desapareceriam de imediato – caracterizando o hibridismo entre as diversas maneiras de tornar públicas as opiniões". MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820 - 1840).* São Paulo: Hucitec, 2005, p. 203-4.

circularam nesse importante centro econômico e político no século XIX. Para traçar um perfil coletivo sobre o qual se reúnem todos esses personagens, foi estabelecido um “lugar comum” que frequentaram: as páginas das dezenas de jornais que foram impressos nas últimas décadas do século XIX em Vassouras. É fato novo trabalhar com essas fontes hemerográficas que, até o momento, nunca foram utilizadas em sua totalidade para pesquisas acadêmicas e compreendidas como atores históricos a estabelecer um debate na cena pública local.

Em levantamento feito por Cláudia Andrade dos Santos, observa-se que, durante o século XIX, somente na cidade do Rio de Janeiro, circularam mais de mil e duzentos periódicos.[32] Folhas que tinham muitas vezes uma vida efêmera. Em Vassouras, foram identificados vinte e nove jornais entre 1873 e 1889.[33]

Outra importante referência para a história da imprensa é o trabalho de Nelson Werneck Sodré, que recebeu desde a sua publicação a crítica necessária e pertinente. É o primeiro historiador a se propor dar conta de uma *História da imprensa no Brasil, [34]*criando um grande panorama desde seu início. O livro de Sodré, segundo Morel, “[...] caracteriza-se por uma linha interpretativa marxista e pela elaboração de teses […] é referencia obrigatória para os estudos de história da imprensa do Brasil”.[35] Seu viés marxista é bastante evidente.

> Por muitas razões, fáceis de referir e de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de difusão de ideias e de informações […] é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultura e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações.[36]

---

[32] SANTOS, Cláudia Regina Andrade dos.*Imprensa, abolição e questão fundiária*. Comunicação apresentada no Terceiro Simpósio de Política e Cultura: relações de poder e práticas culturais. Vassouras: USS, 2008, p.02. A autora atenta para o fato de muitos periódicos terem uma vida muito curta, evidenciando sua especificidade política que atendia o contexto de seu surgimento.

[33] A caracterização desses jornais pode ser conferida no **apêndice B**.

[34] Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.

[35] MOREL, Marco & BARROS, Mariana Gonçalves Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.116.

[36] SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil,* p. 01.

Marialva Barbosa,[37] ao discorrer sobre a *História cultural da Imprensa*, sintetizando um longo recorte temporal, 1800-1900, buscou demonstrar a metamorfose da palavra impressa no Brasil. Com destaque para as articulações com outros aspectos do *espaço público* Oitocentista como a oralidade e as relações entre os impressos e o mundo da escravidão. Barbosa oferece interessantes possibilidades de análise que serão transferidas para este trabalho: o aspecto da oralidade que persiste ao mundo impresso; o ato de colecionar periódicos como uma "história pelas margens";[38] a análise reveladora sobre o público ao qual o periódico se destina e os dados prosopográficos de seus dirigentes, colaboradores e redatores.

Foram enumerados aqui apenas os trabalhos mais gerais para uma aproximação do tema. O objetivo com este panorama é mostrar um fecundo campo de trabalho para o historiador interessado em compreender as idiossincrasias presentes na sociedade Oitocentista. Ali, a imprensa se mostra como palco e ator privilegiado para compreensão das transformações políticas e culturais.

A transposição desses pressupostos já apontados pela historiografia citada para compreender os cenários político e cultural no interior da província será realizada ao longo desta tese. O Vale do Paraíba fluminense pode ser compreendido como lugar de disputas de poder, além de uma construção política e cultural elaborada também a partir da imprensa local.

Vassouras ocupou, por muitos anos, lugar de destaque na província do Rio de Janeiro. O desenvolvimento da lavoura cafeeira nas primeiras décadas do século XIX impulsionou a colonização da região onde a força do trabalho escravo se mostrou com intensidade. O parcelamento da terra em grandes sesmarias, ainda no século XVIII, logo atraiu famílias mineiras, principalmente, para ocupar o solo.[39] No decorrer de menos de um século, grande parte da floresta virgem deu lugar a freguesias povoadas de casas particulares e comerciais, ruas calçadas de pedras, estradas, escolas, e toda uma rede de homens e mulheres tornava viva a vida nos

---

[37] BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

[38] Ibidem, p. 43ss.

[39] Cf. ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relação de algumas cartas de sesmarias concedidas em território da capitania do Rio de Janeiro (1714-1800). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1968.

pequenos espaços urbanos em desenvolvimento. A riqueza produzida na área rural se materializava nos palacetes urbanos e sedes de fazenda que, a partir da segunda metade do Oitocentos, adornavam-se com os luxos importados da Europa. A riqueza do Vale, simbolizada em opulentos casarões rurais, propaga até hoje a memória dos senhores do café.

Fez a cidade, mas não se fez a imprensa. Naquele que seria o século do progresso e da civilização, tardou a chegar a Vassouras os prelos que simbolizavam o futuro. Logo nos primeiros jornais, a partir de 1873, civilização e progresso se tornariam os principais conceitos mobilizados pelos redatores para louvar e criticar eventos e ações que tiveram lugar no município. Nos textos impressos, residem múltiplas visões de modernidade. Uma dialética constante entre localismo e cosmopolitismo, como acentuou Antonio Candido.[40]

Reinhart Koselleck desenvolveu importantes estudos sobre teoria da história, focalizando as transformações semânticas na transição do século XVIII para o XIX. As conclusões de Koselleck apontam para uma transformação no horizonte de expectativas dos europeus nessa passagem de tempo. A própria noção de história se transformou, seguindo-se a isso a transformação da estrutura temporal que contribuiu para uma nova noção de modernidade.[41] Modernidade, progresso e civilização são conceitos polissêmicos que, naquele contexto, evidenciavam transformações na estrutura da sociedade. Este trabalho não intenciona uma história dos conceitos. Para o historiador, os conceitos são simultaneamente produtos e sujeitos históricos. Contudo, grande atenção será dada à mobilização de tais conceitos nos discursos veiculados pela imprensa por mobilizarem semanticamente as transformações reais e desejadas naquela sociedade. Nessa mobilização, pode-se enxergar a constituição de novos horizontes de expectativas a partir daquelas experiências históricas.

Antonio Edmilson Rodrigues, analisando a cultura brasileira na passagem do século XIX para o XX, destaca a tensão que marcou a inteligência brasileira no

---

[40] CANDIDO, Antonio apud RODRIGUES, Antonio Edmilson M. “Cultura política brasileira na passagem do século XIX ao século XX”. In: LESSA, Mônica Leite & FONSECA, Silvia Carla P. de B. (org). *Entre a Monarquia e a República*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008, p. 209.

[41] KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUCRio, 2006, pp. 267-304.

período, oscilando entre criação e imitação dos padrões europeus para explicar e legitimar a nação tropical.[42] Rodrigues discute e apresenta em seu texto os intelectuais que se filiam a essas tendências – Silvio Romero, Joaquim Nabuco, Afonso Celso, Olavo Bilac, Manoel Bonfim –, mas pode-se incluir aí também os homens ocupados com as lides da imprensa. Ancorados em um nacionalismo literário, esses intelectuais "discutiam, a seu modo, o que era o Brasil". Seja como cópia, imitação ou um caldo derivado do romantismo que mistura tudo isso e dá um novo significado à modernidade brasileira, houve na imprensa periódica vassourense a manifestação de visões de uma sociedade ideal e também a denúncia dos males da sociedade real.[43]

A hipótese central desta tese está, dessa forma, ancorada na perspectiva de encontrar na história da imprensa de Vassouras um conjunto de intelectuais produzindo, desde os jornais, múltiplas visões sobre a cidade, o Vale e o Brasil na conjuntura dos anos 1870 e 1880. Busca-se focalizar a imprensa como ator histórico fundamental na cena político-cultural no Vale do Paraíba naquele momento. Ancorados nos conceitos de progresso e civilização, produziram visões de uma modernidade que se manifestava no produto dos prelos.

Abundam neste trabalho as fontes impressas. Usou-se fartamente os textos dos editoriais e noticiários recolhidos nos periódicos de Vassouras. Para a reconstrução de dados biográficos, passou-se aos documentos manuscritos. Desses foram utilizadas correspondências pessoais e dados coletados em inventários *post-mortem*. A historiografia local deu apoio na reconstrução dos contextos do Oitocentos na região. De grande valia aqui podem ser citados os trabalhos de historiadores-memorialistas, cujo trabalho legou à posteridade a transcrição de muitos documentos que desapareceram ao longo do tempo.

O primeiro capítulo aborda panoramicamente a situação política e sociocultural do Vale do Paraíba fluminense na segunda metade do Oitocentos. Para isso, utiliza fontes variadas tais como os próprios periódicos dos quais se ocupa a pesquisa; a historiografia local; fontes oficiais como Relatórios dos presidentes de

---

[42] KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUCRio, 2006, p. 210-14.

[43] Ibidem, p. 13.

Província e atas da câmara municipal de Vassouras. Objetiva-se ainda caracterizar e privilegiar o espaço urbano recuperando personagens e o cotidiano de um município do interior da Província do Rio de Janeiro que, ademais, estava conectado com o cenário regional e nacional por conta da economia cafeeira que projetou famílias e personagens locais.

A oposição sugerida entre passado e futuro, polarizando de um lado os irmãos Teixeira Leite, membros de uma opulenta família local; e de outro, homens que formavam a camada média urbana composta basicamente por profissionais liberais e funcionários públicos. À medida que o século escorrega para o seu fim, e os irmãos Teixeira Leite diminuem sua influência no cenário local, ganha impulso certa liberdade de imprensa e opinião, manifestada na profícua produção impressa que se observou a partir da década de 1880. Ainda na década de 1870, pode-se perceber que a imprensa se insere nas mudanças que transformam o espaço urbano da freguesia de Nossa Senhora da Conceição. Os bondes e a iluminação pública tornaram-se temas de interesse nas discussões promovidas pelo *O Município*, enquanto os conceitos de civilização e progresso eram mobilizados. Nesse capítulo ainda, processa-se um inventário das tentativas de introdução da imprensa em Vassouras, analisando suas mais diversas motivações. Instalados os prelos do primeiro jornal, a imprensa logo se coloca como a artífice da história local. Firma os pés entre passado e presente para legitimar-se no espaço público.

Discute-se também nesse primeiro capítulo a necessidade de encarar a sociedade escravista e seus escravos como estando inseridos no mundo da comunicação. Os vestígios escassos para o Vale dificultam a percepção de como uma multidão de cativos acessava a esfera pública.

No segundo capítulo, buscou-se evidenciar o cenário cultural de Vassouras a partir da instalação da Biblioteca Popular em 1872. Pelos jornais acompanham-se muitas discussões que tomam a biblioteca como tema principal. Também se fez um trabalho de análise dos inventários *post-mortem* para observar a ocorrência de bibliotecas e livros entre a população local. De maneira recortada, buscou-se analisar os inventários dos homens ligados à imprensa ao longo das duas décadas para observar seus interesses de leitura e reforçar a caracterização desses homens como intelectuais. Existiu em Vassouras um dilatado círculo de leitores. As tipografias foram analisadas como sendo lugares da produção de impressos e espaços de sociabilidade, bem como os produtos dessas tipografias.

Partiu-se então, no terceiro capítulo, para analisar o perfil dos redatores e colaboradores da imprensa periódica em Vassouras. Utilizando-se do método prosopográfico, construiu-se uma biografia coletiva para demonstrar a atuação intelectual nos mais diversos espaços. Em contraposição à atuação da classe senhorial demonstrada no primeiro capítulo, esses homens enxergaram seu papel no espaço público como fazedores de uma nova sociedade. A construção da trajetória de Lucindo Pereira dos Passos Filho, encarado neste trabalho como o fio condutor para o estabelecimento de uma história da imprensa em Vassouras, foi importante para dimensionar esse círculo intelectual vassourense.

Lucindo Filho insere-se numa longa trajetória intelectual iniciada pela atuação de seu avô em Mariana, Minas Gerais. Seu pai foi professor no colégio d. Pedro II e proporcionou ao filho uma educação clássica. Após concluir o curso de medicina, mudou-se para Vassouras, onde viveu até a sua morte em 1896. O jornal *Vassourense* é a melhor expressão do seu labor intelectual. A biblioteca desaparecida de Lucindo Filho será analisada a partir dos comentários que sobre ela foram lançados ao longo dos anos.

No quarto capítulo, empreende-se a construção da história da imprensa local tomando em conjunto ou isoladamente a trajetória dos periódicos que foram publicados em Vassouras entre 1873 e 1889. Foi analisada parte do conteúdo dos discursos empreendidos pelos redatores e colaboradores desses periódicos. De forma mais detida, debruçou-se sobre os dois pontos nevrálgicos da política nacional na década de 1880: a abolição da escravidão e a emergência da República.

1 A CIDADE E A QUESTÃO DA IMPRENSA TARDIA

> *Pequena vila da província do Rio de Janeiro, cabeça da comarca de seu nome. No principio do século em que estamos, o sítio onde está assentada esta nova vila, era um despovoado coberto de mato, e de certa espécie de arbustos que no Brasil se fazem vassouras; foi-se este sitio vagarosamente povoando, de sorte que em 1820 havia já nele obra dum cento de moradores; porém de então em diante engrossou-se de tal modo em gente que de simples povoação, que era, passou a ser vila, por lei da assembleia geral de 15 de janeiro de 1833, pela qual foi a vila do Pati do Alferes despojada deste título em razão da pouca gente que tinha [...]. A matriz desta nova vila é dedicada a N. S. da Conceição [...]. No princípio do ano de 1837 criou-se nesta vila uma escola de primeiras letras; no seguinte constava o seu colégio eleitoral de vinte e nove eleitores, e no de 1843 de quarenta e seis. ela é também cabeça duma legião da guarda nacional, [...]. Seu distrito, que compreende os termos das freguesias de Vassouras, de Sacra Família de Tinguá e do Pati do Alferes [...], e encerra obra de quatro mil habitantes, quase todos empregados na agricultura.*[44]
>
> *Assim tu, Vassouras, não és para mim, de certo os teus ricos palácios apenas, nem os teus pitorescos jardins, nem as tuas esbeltas palmeiras, que com as suas verdes ventarolas trêmulas pareciam acenar de longe aos que iam... Tu és, sim, a perpétua lembrança dos que amei um dia em teus risonhos sítios, daqueles com quem convivi, com quem o meu coração se soube entender e que me não souberam magoar jamais. Tu és enfim a recordação dos bons amigos de outrora, vivos ainda ou mortos já hoje [...].*[45]

Para bem compreender a sociedade forjada no Vale do Paraíba Fluminense ao longo do século XIX, é preciso discorrer acerca do seu processo de formação no âmbito da colonização das terras do sertão Fluminense desde o século XVIII. A migração de famílias mineiras até as primeiras décadas do Oitocentos, aliado ao desenvolvimento da lavoura cafeeira, base da economia do Império do Brasil, ajudam a compor o quadro inicial deste trabalho. Passa-se, assim, à análise das tentativas de implantação de periódicos e tipografias naquela que se pode considerar um *locus* a partir do qual se compreende todo o Vale. Vassouras tornou-se espaço de múltiplas experiências sociais no decorrer do século XIX. Millet de Sait-Adolphe apresenta em seu *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil*, publicado no Brasil pela primeira vez em 1845 e que serviu por muitos anos como valiosa fonte de pesquisa e conhecimento acerca da história e

---

[44] SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil.* Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Brasília: IPEA, Vol. 2, 2014, p.991.

[45] CORRÊA, Raimundo. “Lucindo Filho”. In: *Poesia completa e prosa*. São Paulo: Editora José Aguilar, 1961, pp. 492-3.

geografia brasileiras, um panorama político sobre a próspera localidade.[46] A narrativa citada acima é a primeira informação sistematizada e publicada sobre o processo de formação da vila de Vassouras.

Na historiografia sobre o Brasil Império, destacam-se as interpretações de José Murilo de Carvalho, que analisou a constituição das elites políticas e suas imbricações entre o público e o privado.[47] Ilmar Rohloff de Mattos ancorou-se no conceito de *classe senhorial* para descortinar e analisar as relações que foram construídas especialmente no Vale do Paraíba fluminense na primeira metade do século XIX.[48] Esse debate será aprofundado no decorrer do texto. Ao longo deste capítulo, o conceito de classe senhorial será utilizado para melhor compreender o papel das elites políticas em Vassouras. Outros historiadores se debruçaram sobre as dinâmicas locais para compreender aquela sociedade em construção. Richard Graham analisou o emaranhado político local e as redes clientelares que se formavam para atender aos anseios da elite política.[49] Maria de Fátima Silva Gouveia focalizou a política provincial analisando o sistema eleitoral que articulava verticalmente as Câmaras Municipais e a Assembleia Provincial fluminense.[50]

No tocante à escravidão, dentre os estudos mais recentes, pode-se destacar a amplitude do conceito de *Segunda Escravidão*, utilizado para marcar o desenvolvimento do Brasil no Oitocentos a partir de sua entrada em um mercado global. Ricardo Salles e Tâmis Parron, ao focalizarem a população escrava em Vassouras a partir de 1830, buscam compreender as estratégias de manutenção do trabalho escravo e o seu impulso com a propagação da lavoura cafeeira no Vale.[51]

---

[46] VENÂNCIO, Renato Pinto. “A construção de um dicionário”. In: SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil.* Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Brasília: IPEA, Vol. 1, 2014, p. 26.

[47] Ver: CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem. Teatro das sombras*. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2011, pp. 229-236.

[48] MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec, 2011, pp.45-91.

[49] GRAHAM, Richard. *Clientelismo e Política no Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

[50] GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. *O império das Províncias. Rio de Janeiro, 1822-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

[51] SALLES, Ricardo. *E o vale era o escravo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008; *Revista Almanack*. Guarulhos, n.04, p.5-45, pp. 5-45; PARRON, Tâmis. A política da Escravidão no império do Brasil, 1826-1865. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Outros historiadores mapearam significativamente o desenvolvimento histórico e social no vale. Stanley Stein publicou estudos pioneiros recortando o município como uma microrregião para lançar luz sobre as relações escravistas no Império do Brasil. Decorrido mais de meio século, as interpretações de Stein continuam a fornecer matéria para pensar o Vale Oitocentista.[52] Mariana Muaze utiliza a micro-história como aporte metodológico para recuperar a trajetória da família Velho de Avellar e suas relações com outras famílias dentro e fora do vale do Paraíba. Destaca-se como a elite dessa região modifica seus hábitos no decorrer do século e como a análise da documentação pessoal (diários, cartas, fotografias) fornece abundantes interpretações sobre o *habitus* de uma família de elite naquela sociedade.[53]João Fragoso, em publicação recente que dialoga com seus estudos do início da década de 1990, analisa o sistema agrário escravista montado na região, tendo a elite econômica – representada pelos títulos de baronato abundantemente oferecidos às famílias do Vale – sustentado a política e a economia do Império.[54] Nessa esteira, muitos outros pesquisadores realizaram e motivaram importantes estudos acerca da sociedade imperial no vale do Paraíba Fluminense seguindo os caminhos da história econômica, política e cultural. O sistema de produção nas fazendas de café forjou as características daquela sociedade que floresceu no Vale, experimentando continuidade, modificações e rupturas com suas bases coloniais.

Dessa feita, cabe ressaltar que esta pesquisa se debruça sobre fontes impressas para compreender como essas fontes podem revelar aspectos do cotidiano daquela sociedade. Busca também contribuir com o diálogo sobre a formação do Vale do Paraíba ao longo do Oitocentos e, nesse ínterim, dialoga com a historiografia acima citada. A imprensa foi focalizada como personagem histórica que materializava os anseios e posições políticas de um grupo expressivo, cujos

---

[52] STEIN, Stanley J. *Grandeza e decadência do café no vale do Paraíba*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961; *Vassouras, um município brasileiro do café (1850-1900)*. Trad. Vera B. Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

[53] MUAZZE, Mariana. *As memórias da viscondessa*: Família e poder no Brasil Império. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

[54] FRAGOSO, João. *Barões do café e sistema agrário escravista:* Paraíba do Sul/Rio de Janeiro (1830-1888). Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. Ver também: FRAGOSO, João & FLORENTINO, Manolo. *O Arcaísmo como projeto:* mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia, *Rio de Janeiro, c. 1790 – c. 1840*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

membros são tomados ao longo deste estudo como intelectuais. A explicação para o aparecimento tardio dessa imprensa será analisada e confrontada outros discursos para lançar luz sobre as camadas que compunham aquela sociedade e as potenciais tensões que marcam o espaço público.

O recorte espacial compreendido neste trabalho engloba as regiões de Barra Mansa, Paraíba do Sul, Piraí, Resende, Valença e Vassouras – entendidas como região do Médio Paraíba – que experimentaram um desenvolvimento paralelo no tempo, tendo um espaço de experiências muito homogêneo do ponto de vista político e econômico.[55]

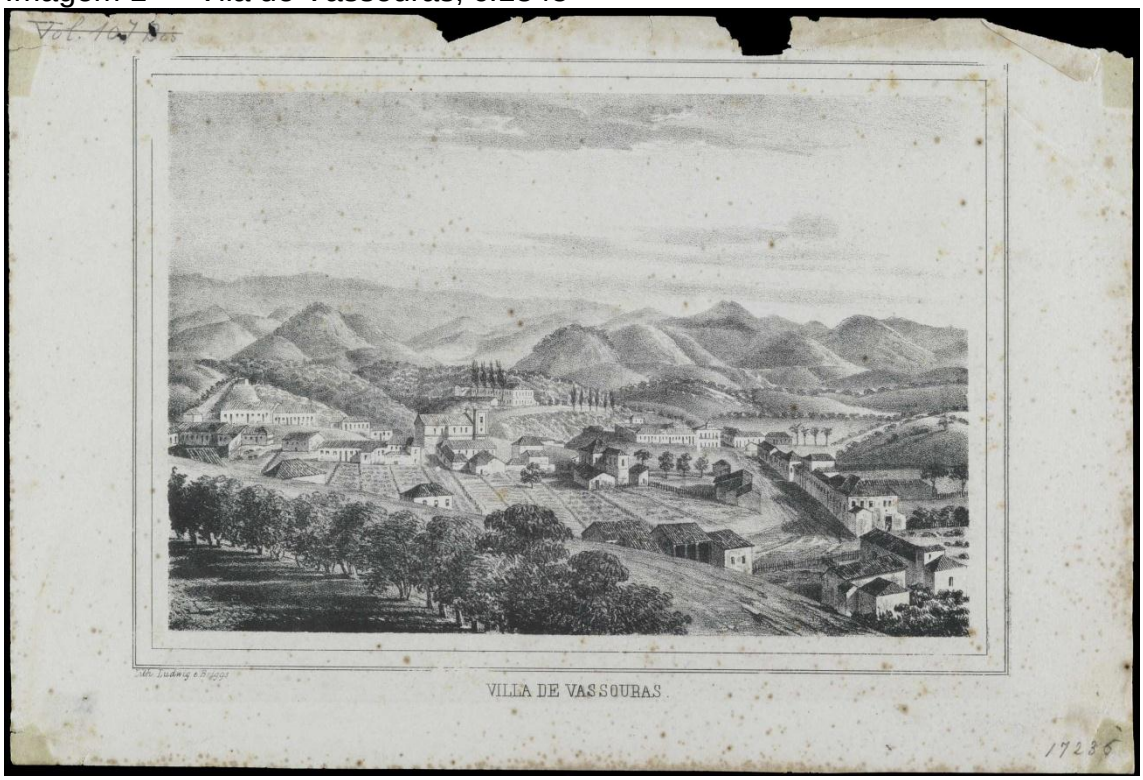
A historiografia se debruçaria depois para analisar a transferência da vila, as querelas entre as famílias locais, o rápido crescimento da nova povoação. Esses acontecimentos são fundadores da História de Vassouras e foram reafirmados quando a imprensa local tomou pra si a tarefa de historiar aquele passado.

---

[55] MARQUESE, Rafael & TOMICH, Dale. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. In: MUAZE, Mariana & SALLES, Ricardo (orgs.). *O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão.* Rio de Janeiro: Faperj/7Letras, 2015, pp. 21-56.

1.1 Ocupação e desenvolvimento no Vale do Paraíba Fluminense

Imagem 1 — Vila de Vassouras, c.1845



Fonte: Ludwig e Brigs. Ostensor Brasileiro (1846). In: NOVAIS, Fernando A. & ALENCASTRO, Luis Felipe de. *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 2. São Paulo: Cia das Letras, 1997, p.183.

A imagem da vila de Vassouras, acima, é uma epígrafe. Dispensa um texto pela força que evoca ao se levar em conta o contexto que representa. Produzida pelo daguerreótipo de Lwduig & Briggs, foi confeccionada para publicação no periódico *Ostensor Brasileiro* em 1846, projeto nunca realizado.[56] Ela retrata uma vila modesta, contudo, em desenvolvimento. À direita, percorrendo o casario de frente de rua segue a Estrada da Polícia em seu trecho urbano. Bem ao centro, a igreja matriz mostra-se em construção. Alguns sobrados destacam-se na paisagem. Logo eles seriam ocupados por importantes nomes da elite econômica do Brasil

[56] Marcelo Rosanova Ferraro apresenta e analisa a função desempenhada pelo *Ostensor Brasileiro,* salientando que "[...] o periódico passa a ser publicado em 1845 por Vicente Pereira de Carvalho Magalhães e João José Moreira. Descrito como 'jornal literário e pictorial' seu objetivo seria tratar de assuntos pertencentes à história política e geográfica da Terra de Santa Cruz, valendo-se principalmente de textos sobre educação, crônicas, bem como de imagens marcadas por um cunho pedagógico a fim literalmente de ostentar o país aos brasileiros". Vale dizer que a gravura não foi publicada em 1846, diferente do que afirma Ferraro. Ver: FERRARO, Marcelo Casanova. *A Arquitetura da escravidão nas cidades do café.* Universidade de São Paulo, p. 35. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../2017_MarceloRosanovaFerraro_VOrig.pdf>. Acesso em: 04 de jan de 2018.

Império, os senhores do café. No horizonte, a vista se perde no mar de morros em "meia laranja", típicos dessa região. Já estão despidos do mato e prontos para o grão vermelho que já prosperava por ali desde o início do século. Vassouras era o coração do vale. O arquiteto Augusto da Silva Telles, estudioso da construção urbana de Vassouras, principalmente os edifícios que hoje compõe o centro histórico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1959, aponta as razões desse desenvolvimento que pode ser observado na imagem.

> As causas deste verdadeiro milagre de crescimento foram, evidentemente, o interesse e a dedicação intensa e permanente pela vila, dos grandes senhores da região contrariamente ao que costumava acontecer em outros lugares [...]. Interesse e dedicação, que faziam com que fossem eles aqui, os próprios encarregados, não só das presidências da Câmara e Irmandade, como dos trabalhos de administração, coletas de dinheiros, construções e demais serviços da vila.[57]

Pode-se destacar ainda o empenho singular desses homens que se constituíram ao longo do século, na consolidação do Estado brasileiro, em uma *classe senhorial*.[58] Nesse âmbito, inserem-se os irmãos "Teixeira Leite". Por meio da constituição de redes clientelares, essa família pôde comandar vários espaços de sociabilidades na cidade: a Câmara Municipal, a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição. Esta última atuava distribuindo terras para a fixação na vila. Segundo Telles: "Toda a parte central da vila, em torno da igreja matriz, [...] pertence à Irmandade [...] e é ela que vai entregando aos requerentes áreas de terras sujeitas ao pagamento de foro anual".[59] O estudo publicado por Silva Telles é exemplar ao evidenciar o desenvolvimento da cidade a partir da construção e calçamento das ruas, prédios públicos e casas particulares, contudo, é necessário apontar que esse desenvolvimento esteve aliado

---

[57] TELLES, Augusto da Silva. "Vassouras: estudo da construção residencial urbana". In: *Revista do patrimônio Histórico e Artístico Nacional.* Rio de Janeiro, Vol. 16, 1967, p. 27.

[58] Ricardo Salles circunscreve essa classe senhorial "[...] como uma formação histórica particular de grandes proprietários rurais escravistas, nucleada em torno da zona cafeeira da Bacia do Rio Paraíba do Sul na província do Rio de Janeiro, envolvendo regiões das províncias de Minas Gerais, São Paulo e a Corte". Toma-se aqui a vertente compreendida por Ilmar R. de Mattos, recuperada em Salles, no qual o próprio "Estado imperial [é] entendido como dimensão do poder de uma classe senhorial nucleada em torno dos grandes proprietários rurais escravistas da província fluminense [...]". Ao longo do capítulo, as referências à classe senhorial ligada a Vassouras apontam para essa direção. Revista *Almanack*. Guarulhos, n.04, p.5-45, 2º semestre de 2012, p. 6-8.

[59] TELLES, op. cit, p. 31.

aos interesses de famílias locais, especialmente os Teixeira Leite. E a um membro dessa família, Joaquim José Teixeira Leite (1812-1872), como se verá diante, foi atribuído o atraso em relação ao surgimento do primeiro periódico em Vassouras.

Analisado como se deu o desenvolvimento da vila, e depois município, de Vassouras, será discorrido sobre o momento da aparição do primeiro periódico. Vale destacar, antes disso, o caráter tardio do desenvolvimento da imprensa vassourense e as tentativas de introdução da imprensa no município, ou mesmo as experiências da imprensa no Vale. Para tal, discorrer-se-á sobre o surgimento de certa intelectualidade local, com o intuito de representar o *status quo* daquela sociedade na atuação dos "irmãos Teixeira Leite".

1.1.1 Os irmãos Teixeira Leite, o passado

Vassouras surgiu como núcleo urbano associado a dois fatores coloniais portugueses. De um lado, a prática de concessão de sesmarias por mercê do rei para ocupação das terras ociosas e sertões do Brasil. De outro, a abertura de estradas que ligavam a região do recôncavo da Guanabara à região das Minas Gerais. Destaque para a Estrada do Comércio, aberta ao tráfego em 1813 e para a da Polícia, aberta em 1820.[60] A colonização da região esbarrou na presença de grupos indígenas puris que foram rapidamente atraídos para aldeamentos da região, entre fins do século XVIII e início do XIX.[61] Segundo Alberto Lamego,

> Na zona fluminense, ainda no alvorecer do século XIX, a bacia do Paraíba era quase toda uma floresta virgem. Um contínuo entrançado matagal cobrindo as serranias, desdobrando-se por morros e colinas, abafando os vales apertados onde os cursos d´água desapareciam sob os tetos das ramagens. [...] Na serra, entretanto, a ofensiva do café contra a floresta foi repentina e acelerada. O machado precedera ali, ademais, o gado,

---

[60] STEIN, Stanley J. *Grandeza e decadência do café no vale do Paraíba*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961; *Vassouras, um município brasileiro do café (1850-1900)*. Trad. Vera B. Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, pp.17-31.

[61] Marina Monteiro Machado analisa os conflitos entre indígenas e colonizadores no sertão fluminense entre 1790 e 1824 discutindo o conceito de fronteira, bem como as estratégias do Estado português e, posteriormente, brasileiro para ocupação das terras. Ver: MACHADO, Marina Monteiro. *Entre fronteiras:*Posses e terras indígenas nos sertões (Rio de Janeiro, 1790-1824). Guarapuava: Unicentro, 2012.

> impossibilitando o transporte da madeira, e, a rapidez do plantio dos grandes cafezais cada vez maior com a crescente invasão serrana a partir dos começos do passado século [XIX], resultou na derrubada em massa do matagal sem uma seleção e um corte inicial das espécies vegetais de valor pela durabilidade. O verdadeiro espontar de uma nova mentalidade fluminense com o café, só iria globalmente dar-se com a quase exclusividade da sua cultura no vale montanhoso do médio Paraíba, onde raros eram os engenhos assediados por contínuas fileiras cerradas de milhões de cafeeiros.[62]

A região sul do Vale do Paraíba fluminense, outrora chamada de sertão do Rei, compreendendo significativa porção territorial da Fazenda de Santa Cruz, fora colonizada ao longo do século XVIII. O estabelecimento na região foi impulsionado pelo comércio propiciado pela extração do ouro na região das Minas Gerais. As fazendolas que se estabeleceram dedicavam-se principalmente à produção de toucinho fumeiro e hortifrutigranjeiros para o abastecimento acima, da região das Minas, e abaixo, para o Rio de Janeiro. A ocupação daquelas terras foi sendo feita por homens que paulatinamente se ligavam ou reforçavam os laços com a turbulenta política brasileira do pós-independência. Maia Forte nomina alguns deles.

> Entre a criação da vila de Pati, em 1820, e a de Vassouras, em 1833, haviam-se estabelecido nas terras mais ou menos próximas da futura sede da vila, Francisco José Teixeira Leite, futuro barão de Vassouras; Avellar e Almeida, depois barão do Ribeirão; os Faro, no ribeirão do Pocinho; os Corrêa e Castro, os Gomes de Aguiar, os Gomes Leal, Antonio Luiz dos Santos, Ambrozio de Souza Coutinho, e, nas vizinhanças de alguns deles, os Gomes Ribeiro de Avellar, agricultores em Pau Grande, Marcelino José de Avellar, os Santos Werneck, filhos de Antonio Luiz dos Santos; os Botelhos, de Mato Dentro; Manoel Simplicio de Siqueira Junior, Manoel de Azevedo Barbosa Werneck, Souza Jordão, Joaquim José Furtado, os Rodrigues Goulart, Domingos Moreira de Vasconcellos, Marcondes de Andrade, Jacinto Alves Barbosa (depois barão de Santa Justa) e muitos outros cujas propriedades começavam a rivalizar, em importância, com as de Pati e as mais próximas da sede de Sacra Família. *E o eco da importância de uma nova e populosa região, que se avizinhava da sede de Sacra Família, Pati, Pau Grande, e Ubá, que formavam um semicírculo em torno daquela, chegou também aos ouvidos dos conselheiros da Regência do Império*.[63] (grifos nossos)

---

[62] LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e a Serra*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, pp. 89-93.

[63] FORTE, José Mattoso Maia. *Memória da Fundação de Vassouras*. Do início do povoamento à creação da Villa. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas O Globo, 1933, p. 90.

Em 1833, por decreto da Regência Trina, a então vila de Nossa Senhora da Conceição da Serra Acima da Roça do Alferes,[64] criada em 1820, por decreto do rei dom João VI, perdia essa condição passando a então povoação de Vassouras à sede da vila. Segundo o documento: “Fica extinta a Vila do Pati do Alferes, e em seu lugar ereta a Vila a Povoação de Vassouras, compreendendo no seu Termo as Freguesias de Sacra Família e Pati do Alferes”.[65]

A historiografia regional[66] aponta que as causas dessa mudança estariam relacionadas à estagnação verificada na vila de Pati do Alferes dez anos após sua criação. Essa situação era exatamente oposta a que passava o pequeno povoado surgido às margens da Estrada da Polícia. Essa localidade teve sua origem, como dito, nas Sesmarias de Vassouras e Rio Bonito, que àquela altura já se dividira em várias fazendas que iniciavam o cultivo do café.[67]

A partir das primeiras décadas do Oitocentos, a cultura do café, como apontou Lamego, praticamente substituiria toda essa produção em grande escala.[68] No mapa a seguir,há um quadro geral das vilas e cidades na província do Rio de Janeiro que foram surgindo desde a Colônia. Destaque para os municípios e vilas ao longo do rio Paraíba do Sul.

---

[64] Doravante Pati do Alferes.

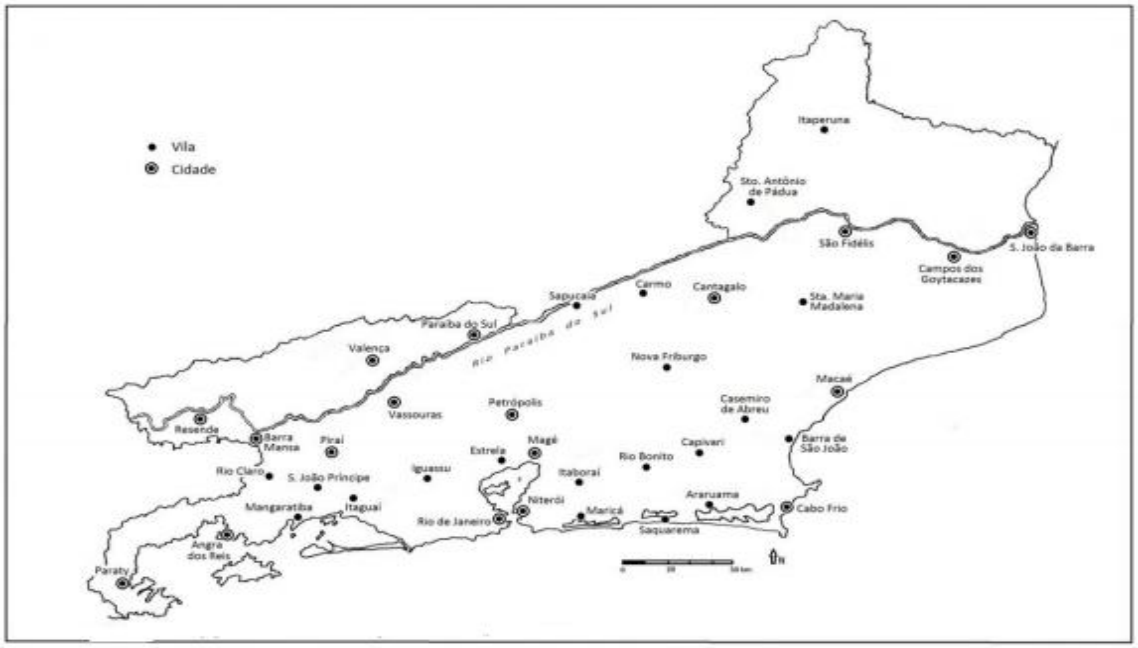
[65] Decreto de criação da vila de Vassouras *apud* FORTE, José Mattoso Maia. *Memória da Fundação de Vassouras*. Do início do povoamento à creação da Villa. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas O Globo, 1933, p.93.

[66] Por historiografia regional tomaram-se os trabalhos de José Mattoso Maia Forte, *Memória da Fundação de Vassouras* (1933); Ignário Raposo, *História de Vassouras* (1935) e Alberto Lamego, *O Homem e a Serra* (1963).

[67] FORTE, José Mattoso Maia. *Memória da Fundação de Vassouras*, op. cit.

[68] Ver: STEIN, Stanley, 1961, 1990.

Mapa 1 — Vilas e cidades na província do Rio de Janeiro até 1889



Fonte: FRIDMAN, Fania. *Cartografia fluminense no Brasil Imperial*. Anais do 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, 2011.

A mudança da sede da vila para Vassouras foi – mesmo considerando que Pati do Alferes não se desenvolvera ou fora ofuscada pelo desenvolvimento daquela, como aponta a historiografia – produto também da vontade de alguns membros da câmara de vereadores da vila, todos eles ligados às atividades agrícolas na região.[69]A geógrafa Fania Fridman desenvolveu amplo estudo focalizando a ação desses homens sobre o território fluminense desde fins do século XVIII. Segundo ela, "os cafeicultores da comarca de Vassouras [...] concentravam a riqueza da Nação, constituíam a força de apoio ao Império cuja política territorial coadunava-se com o processo de privatização do solo e com estratégias aliadas à urbanização [...]".[70]As fontes para o estudo da ação dessa elite são abundantes.

A legislatura, eleita para o quatriênio 1833-1836, contava com Laureano Corrêa e Castro (presidente), futuro barão do Campo Belo; Francisco José Teixeira Leite, posteriormente barão de Vassouras, como apontado por Maia Forte; Cláudio Gomes Ribeiro de Avellar; Antônio Delfim da Silva; Francisco Ignácio Pacheco de

---

[69] Ver: FORTE, José Mattoso Maia. *Memória da Fundação de Vassouras*. Do início do povoamento à creação da Villa. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas O Globo, 1933.

[70] FRIDMAN, Fania. *As cidades e o café*. Revista Rio de Janeiro. nºs 18 e 19, 2006, p. 141. Disponível em:<http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_18-19/Cap-6-Fania_Fridman.pdf>. Acesso em: 10 de fev de 2016.

Mello; Joaquim Ribeiro de Avellar, futuro barão de Capivari; e José Inocêncio de Andrade Vasconcellos. A criação, direção e desenvolvimento da nova sede da vila estiveram, pelas próximas décadas, atreladas à vontade das portentosas famílias que enriqueceram, direta ou indiretamente, com a cultura do café. Destacou-se para evidenciar a projeção dessas famílias: os “Teixeira Leite”, os “Ribeiro de Avellar” e os “Corrêa e Castro”.[71]

Dentre as famílias acima, será tratado mais detidamente sobre a influência dos “Teixeira Leite” na política local, tendo em vista suas ações no sentido de evitar que periódicos fossem impressos em Vassouras. O historiador Ignácio Raposo, em sua *História de Vassouras*, conta um episódio curioso para justificar a ausência de jornais impressos no município quando a maioria das cidades do Vale já os possuía.

> O aparecimento tardio da imprensa em Vassouras nasceu do medo das desarmonias que poderia ela trazer numa sociedade em que eram todos amigos e parentes. Conta-se até que um jornalista carioca, tendo procurado o Dr. Joaquim José Teixeira Leite, a fim de pedir-lhe um auxílio para a fundação de jornal em Vassouras, teve a seguinte resposta:
> – Dou-lhe tudo para que o senhor se vá embora e mude de ideia. Não queremos brigas.[72]

Raposo colheu esse episódio de Alberto Brandão, que publicara pela primeira vez essa informação em 1877, n’*O Município*. É difícil estabelecer o grau de verossimilhança ao episódio acima descrito. Brandão não detalha a fonte desse relato, entretanto ela ensina muito das ideias presentes naquela sociedade. Hermética, na qual os principais espaços políticos eram reservados e revezados por membros das mesmas famílias: a câmara municipal, a mesa da irmandade de Nossa Senhora da Conceição – que tinha a incumbência de distribuir e administrar as terras centrais da freguesia da cidade a quem nelas pudesse construir e pagar o foro anual –, a irmandade da Santa Casa de Misericórdia, os postos da Guarda Nacional e as funções na magistratura local. Eram esses os principais círculos ocupados da classe senhorial vassourense.

---

[71] Um panorama sobre as famílias do Vale do Paraíba fluminense pode ser encontrado em: BUENO, Antônio Henrique da Cunha; BARATA, Carlos Eduardo de Almeida. *Dicionário das Famílias Brasileiras*. Rio de Janeiro: Ibero América, 1999.

[72] RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói: SEEC, 1978, p. 158.

Em outro trecho de sua *História de Vassouras*, Raposo ao relatar o gosto dos vassourenses pelo teatro, na década de 1850, alude que seu relato seria mais completo caso já existissem jornais naquele período, o que daria ao historiador fontes mais precisas para recuperar aquele contexto. Adiante, Raposo conclui que:

> [...] a imprensa entre nós foi demasiado tardia, o que jamais se pode compreender com tão pujante progresso, a não ser explicando o fato pela harmonia existente na população deste burgo, onde todas as famílias poderosas eram inteiramente entrelaçadas pelos mais estreitos liames de parentesco. Numa cidade assim, poderia ser o jornalismo uma fonte de discórdia, e nada aterroriza tanto uma sociedade eminentemente familiar, como qualquer antagonismo ou divergência a venha perturbar.[73]

O estabelecimento desse ponto importa para compreender as transformações pelas quais passou a cidade a partir da década de 1870. O jornal O Município em 1873 era sintoma dessas transformações? Pode a imprensa esgarçar esse espaço hermético? Ao longo desse primeiro capítulo, buscar-se-ão essas respostas.

Cabe ressaltar que, a partir de 1837, com a criação da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, a vila passou a contar com três freguesias, a supracitada, a de Pati do Alferes (1739) e a de Sacra Família do Tinguá (1750). O enfoque deste tópico trata do desenvolvimento da Freguesia de Vassouras, sede da vila e maior centro urbano da região a partir da década de 1830.

Os “irmãos Teixeira Leite”, como se tornariam conhecidos, migraram da região da Zona da Mata mineira, comarca do Serro Frio, a partir da segunda década do século XIX. Eram filhos de Francisco José Teixeira (1780-1866) e Francisca Bernardina Sacramento Leite Ribeiro (1781-1864), depois barão e baronesa de Itambé. Os primeiros filhos do casal vieram para a região em companhia do tio materno Custódio Ferreira Leite (1772-1859), mais tarde barão de Airuoca. Outros foram, mais tarde, mandados para São Paulo e ingressaram na Faculdade de Direito, localizada no Largo de São Francisco, dentre eles João Evangelista Teixeira Leite (1807-1861) e Joaquim José Teixeira Leite (1812-1872).

Pode-se observar a influência de algumas famílias locais tomando, como mostra o quadro a seguir, a composição das legislaturas na Câmara Municipal.

---

[73] RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói: SEEC, 1978, p. 123.

Destaque para as famílias Teixeira Leite, Ribeiro de Avellar[74] e Corrêa e Castro. O quadro a seguir destaca os seus representantes na Câmara de Vassouras entre 1833 e 1860.

Quadro 1— Ocorrência das Famílias Teixeira Leite, Ribeiro de Avellar e Corrêa e Castro nas legislaturas municipais (1833-1860)

Legislaturas	Família Teixeira Leite	Família Ribeiro de Avelar	Família Corrêa e Castro
1833-1836	Francisco José	Cláudio Gomes, Joaquim	Laureano
1837-1840	---	---	Laureano
1841-1844		Paulo Gomes, Manoel Gomes	Laureano
1845-1848	Joaquim José, João Evangelista, Francisco José	---	---
1849-1852	---	Paulo Gomes Souza	Pedro
1853-1856	Carlos	---	Pedro
1857-1860	---	Quintiliano Gomes, Paulo Gomes Souza	---

Fonte: MARTINS, Antônio. *Vereadores de Vassouras*: do Império à Nova República. Vassouras: Edição do autor, 1993.

Figuravam, nas legislaturas pesquisadas, quatro irmãos. Todos possuidores de terras, fazendas e escravos no Vale. A câmara municipal, no rol dos espaços de sociabilidade, projetava politicamente e garantia a manutenção dos interesses locais.

O quadro acima omite, contudo, homens que tomaram lugar na administração de Vassouras e tinham o apoio dessa e das outras famílias. Podemos citar o caso Caetano Furquim de Almeida (1818-1879), casado em primeiras núpcias com Ambrosina Augusta Teixeira Leite (1839-1853) e, após a morte desta, casado com Maria Paulina Teixeira Leite (1837-1907), ambas filhas do barão de Vassouras.[75] Furquim de Almeida teve papel destacado junto aos Teixeira Leite em diversos

[74] Interessante estudo sobre a família Avellar em: MUAZZE, Mariana. *As memórias da viscondessa*: Família e poder no Brasil Império. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, pp. 17-25.

[75] SILVA, Rudy Mattos da.*Galeria das personalidades notáveis de Vassouras*. Vassouras: Edição do autor, 2002, p. 35.

empreendimentos como a construção da estrada de ferro dom Pedro II e o banco Comercial e Agrícola. Bacharel em direito, formado no Largo de São Francisco, a atuação de Almeida circunscreve uma dinâmica intelectual distante do cotidiano das fazendas de café. O mesmo pode ser atribuído a Joaquim José Teixeira Leite. Ambos são aqui caracterizados como *intelectuais orgânicos* da *classe senhorial* fluminense pela sua atuação na defesa dos interesses comuns dessas famílias.[76] Retornar-se-á a esses personagens mais adiante.

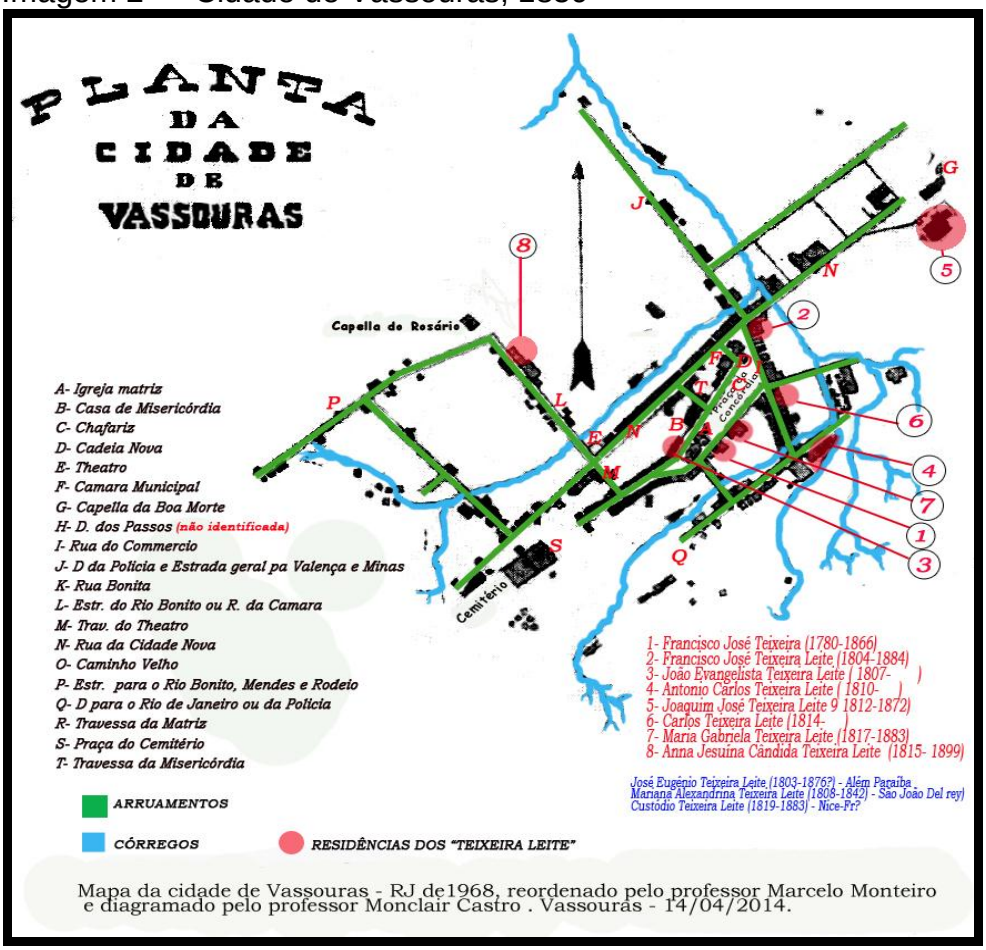
Logo que a câmara municipal foi instalada em 1833, começaram os trabalhos para impulsionar e organizar a vida política da nova vila. Para reforçar o argumento em favor da presença e influência dos irmãos Teixeira Leite no desenvolvimento local, observe-se a planta do centro urbano de Vassouras – elaborada entre 1859 e 1861 – para compor a "Carta Corográfica da Província do Rio de Janeiro".[77] Foram localizadas e destacadas, em reprodução alterada, as residências dos Teixeira Leite dispostas pelo centro da freguesia de Vassouras, incluindo o patriarca e a matriarca da família, Francisco José Teixeira e Francisca Bernardina Sacramento Leite Ribeiro. Vale dizer que muitos desses edifícios, como o solar do barão de Itambé, a casa de João Evangelista e de Joaquim José resistem como vestígios daquele tempo até os dias de hoje.

---

[76] Não é objeto desta tese uma discussão pormenorizada da categoria elaborada por Antonio Gramsci, mas ela é útil no tocante à teorização da ação desses homens enquanto representantes de classe. Gramsci buscou compreender o seguinte: "os intelectuais constituem um grupo social autônomo e independente, ou cada grupo social possui sua própria categoria especializada de intelectuais?". O teórico elabora duas categorias de intelectuais: "orgânicos", que seriam aqueles que se situam a partir de determinado grupo social com uma função na reprodução desse grupo. O "intelectual orgânico" tem sua ação localizada nos campos econômicos, políticos e sociais. O pensador salienta que os "intelectuais orgânicos", que cada nova classe cria consigo e elabora em seu desenvolvimento progressivo, são, no mais das vezes, "especializações" de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz. Gramsci desenvolve com bastante minúcia os tipos de intelectuais e os círculos onde transitam. Argumenta as várias possibilidades de estudos considerando essas categorias de intelectuais. O argumento gramsciano pode ser utilizado para pensar aqui os intelectuais que surgem no Vale do Paraíba Fluminense no século XIX. Seriam eles "intelectuais orgânicos" da classe senhorial? Admite-se que sim. Caberia então pensar que, em Vassouras, na segunda metade do século XIX, existiram dois grupos distintos de intelectuais: tradicionais e orgânicos. Os primeiros teriam se desenvolvido a partir da segunda metade do oitocentos com a ampliação da instrução e o surgimento de espaços para a emergência de uma opinião pública (como a criação da imprensa local). Na outra ponta, intelectuais orgânicos, como o próspero e bem relacionado Joaquim José Teixeira Leite, seriam legitimadores e porta-vozes dos senhores do Vale. Ver: GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, pp. 3-15.

[77] BN (Brasil). Seção Cartografia, 14, 4, 35.

Imagem 2 — Cidade de Vassouras, 1859

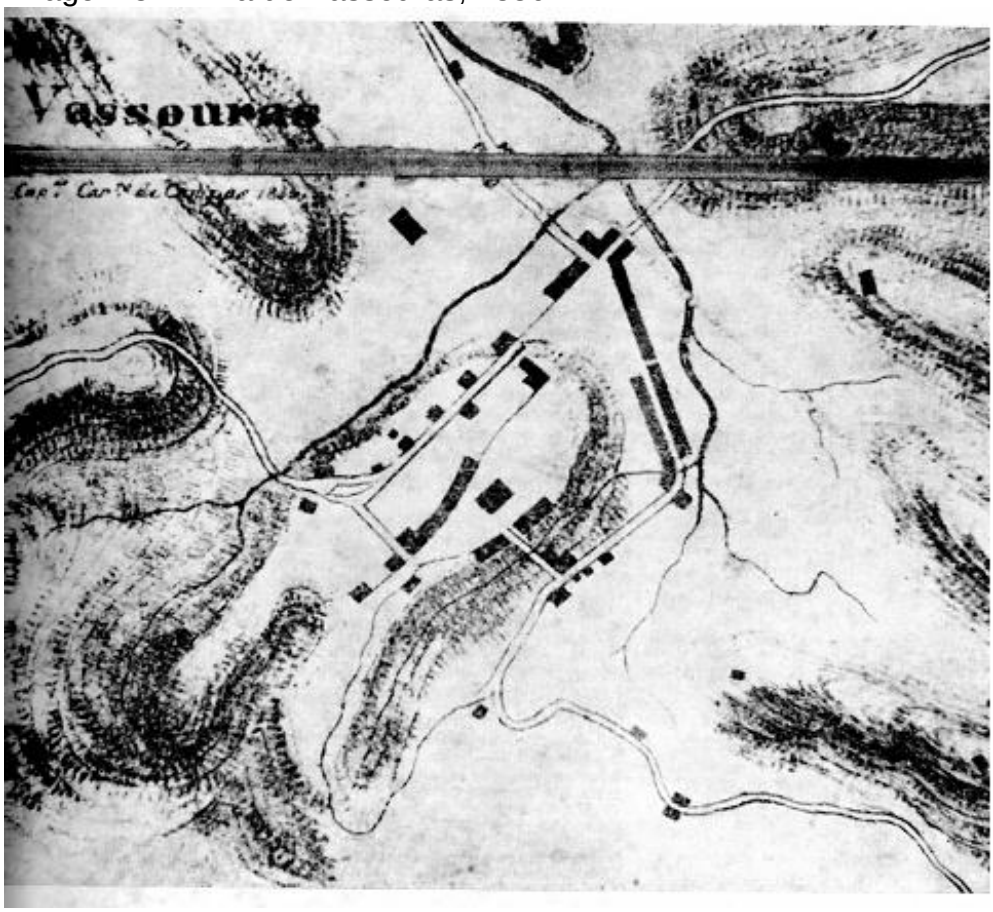


Fontes: Biblioteca Nacional. Seção de Cartografia, 14, 4, 35. RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras* Rio de Janeiro: Seec, 1979.

As interferências realizadas no documento original evidenciam que as residências dos Teixeira Leite ocupavam as principais vias do centro urbano de Vassouras. Em chácaras e casas térreas, sete (dos dez irmãos) viveram e participaram, uns por toda a vida, outros por algum tempo, do crescimento e desenvolvimento daquele espaço urbano. Para a composição das interferências na planta acima, foram utilizados dados coletados na historiografia sobre o município e inventários *post-mortem*. O crescimento da vila torna-se evidente se essa for confrontada com planta elaborada em 1836, pelo engenheiro Pedro Taulois.[78]

[78] BN (Brasil), Seção de Cartografia, 2,6, 10.

Imagem 3 — Vila de Vassouras, 1836



Fonte: Biblioteca Nacional, Seção de Cartografia, 2,6, 10.

Nessa planta, aparecem os arruamentos iniciais e já podem ser vistas construções onde residiam ou viriam a residir os Teixeira Leite. Na imagem é possível observar a residência de Francisco José Teixeira Leite e Carlos Teixeira Leite, dentre outros. Segundo Silva Telles, “causa admiração a todas as pessoas que estudam ou observam o crescimento de Vassouras, a rapidez espantosa de seu crescimento, ao mesmo tempo em que a regularidade e disciplinamento de sua urbanização”.[79]

Francisco José ocupou, a partir de 1850, após a morte da primeira esposa, um amplo casarão térreo defronte ao terreno onde mais tarde foi edificado o prédio atual da Câmara Municipal. O irmão, Joaquim José, ocupava uma chácara em terreno elevado próximo ao centro da freguesia. O patriarca adquiriu um casarão em estilo colonial, ao lado da igreja matriz, e o reformou. O poder da família Teixeira

[79] TELLES, Augusto da Silva. “Vassouras: estudo da construção residencial urbana”. In: *Revista do patrimônio Histórico e Artístico Nacional.* Rio de Janeiro, Vol. 16, 1967, p. 26.

Leite na vila de Vassouras poderia ser sentido e visto, materializava-se na medida em que crescia a sua importância política.

Além da presença física no espaço urbano da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, os Teixeira Leite marcaram forte presença na política provincial. Os arranjos políticos visavam aos interesses econômicos das famílias, bem como ao aumento do capital simbólico que era necessário para almejar os títulos nobiliárquicos. Mariana Muaze, ao estudar o entrelaçamento das famílias Avellar e Velho, recompôs parte dessa dinâmica política local utilizando a correspondência, dentre outras, dos membros do clã Teixeira Leite e Joaquim Ribeiro de Avellar (1791-1863), barão de Capivary. Ele ajuda a revelar o domínio que esses homens estabeleceram na região e como a sociedade que daí emergiu pode ter características hierárquicas e herméticas.

> Cachoeira, 9 de agosto de 1848.
> Ao Exmo sr. Barão de Capivary,
> *[...] ontem estive em Vassouras e combinamos eu e várias pessoas a chapa para vereadores. O mano Joaquim ficou encarregado de falar a uma das pessoas lembradas para vereador e ver se aceita a nomeação. Ele lhe transmitirá a chapa que espero merecerá sua aprovação*. Seu filho vai nela incluído, conforme seu desejo.
> Sr. Felício falou-se para ser contemplado nela, mas eu o dissuadi disso, visto morar ele muito longe e não poder vir às sessões. Queira V.Exª de sua parte convencê-lo desta necessidade. [...]
> Disponha com franqueza de quem é com estima
> De V.Exª
> Amigo respeitoso
> Francisco José Teixeira Leite.[80] (grifos nossos).

A *classe senhorial* do Vale do Paraíba agiu dentro de parâmetros clientelares para a manutenção de poder e privilégios.[81] As eleições em todos os níveis dão mostras disso. A amizade e os interesses afins permitiam aos amigos José Francisco, Joaquim José e Joaquim Ribeiro desenharem a chapa que concorreria, e ganharia, as eleições locais. Controlando as instituições, controlavam também os espaços de poder. Formavam a boa *sociedade vassourense*. Essa boa sociedade

---

[80] Carta de Francisco José Teixeira Leite ao barão de Capivary. Fundo Fazenda Pau Grande, Arquivo Nacional, *apud* MUAZE, 2008, p. 70.

[81] Sobre redes clientelares no Brasil, ver: GRAHAM, Richard. *Clientelismo e Política no Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. Um contraponto a Graham e apresentando outras perspectivas para o tema em: CARVALHO, José Murilo. "Mandonismo, coronelismo e clientelismo: uma discussão conceitual". *In: Dados*, Rio de Janeiro, vol. 40, n.2, 1997.

passaria cada vez mais a se reconhecer como uma classe senhorial, recuperando aqui os argumentos de Ilmar Rohloff de Mattos.[82]O que se materializou no grupo dirigente do Império a partir do regresso conservador foi a noção de que o Estado Imperial deveria ser fortalecido. Pesava a memória das insurreições regenciais e ali no Vale, na freguesia de Pati do Alferes, da revolta escrava liderada por Manuel Congo, em 1837. Esses dirigentes na Nação apelavam sempre à continuidade da Monarquia, à fidelidade ao imperador e às instituições monárquicas.

Os regressistas que trabalharam pelo Ato Adicional em 1834, e pela Lei de Interpretação em 1837, agora estavam nas fileiras do Partido Conservador. Os homens da boa sociedade fluminense uniram-se em torno de um ideal comum que passava pela manutenção da ordem em nome da civilização. As famílias do Vale de Vassouras foram atraídas para o círculo conservador e passaram a compor a base de sustentação do Partido e do Império. Era preciso defender a ordem e a civilização; sabe-se que os Teixeira Leite, por exemplo, estiveram empenhados nesse ideal.

> [Aqueles homens] aproximaram-se uns dos outros, cada vez mais intimamente; descobriram pontos de vista comuns e perceberam o que os distinguia de outros interesses internos e externos; souberam identificar o papel que o governo do Estado poderia cumprir na defesa da ordem escravista, na monopolização das terras devolutas, no controle dos cargos administrativos, na difusão dos princípios considerados civilizados, na aproximação dos interesses de fazendeiros, comerciantes e funcionários, que deixavam de se identificar apenas como pertencentes a "boa sociedade" para se reconhecerem como componentes da "classe senhorial".[83]

No exercício do mando local era aceitável que toda e qualquer perturbação da ordem, como a imprensa podia representar, fosse afastada ou controlada. O vereador Francisco José Teixeira Leite, em 1833, apresentou uma proposição ao Código de Posturas que contrapunha os restauradores ao reafirmar o apoio ao imperador menino e coibindo manifestações na vila.

> Art. 1º - São considerados perturbadores do sossego público:

---

[82] MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec, 2011, pp.45-91.

[83] MATTOS, Ilmar Rohloff de; GONÇALVES, Márcia de Almeida. *O Império da boa sociedade*. São Paulo: Atual, 1991, p. 94.

> §1º - Todos aqueles indivíduos que pregarem ou insinuarem a conveniência da volta do ex-imperador ao Brasil.
> §2º - Todos aqueles indivíduos que seduzirem os guardas nacionais, ou persuadirem não tomarem arma contra qualquer governo intruso, que sediciosamente se instalar no Brasil.
> §3º - Todos aqueles indivíduos que por palavras ou por escritos não-impressos espalharem boatos para aterrar o povo ou desviá-lo da obediência ao governo legal e constitucional de S. M. I. o Sr. D. Pedro II.[84]

A boa sociedade vassourense manifestava, desse modo, sua fidelidade ao Império e ao imperador. O artigo da postura citada evidencia que o jogo espaço público seria assimétrico.

Mesmo aceitando que essa sociedade era permeada por notícias que chegavam com os viajantes, negociantes e pela própria imprensa periódica de outras localidades e da corte, Vassouras se manteve afastada dos "perigos da imprensa que causariam desunião". Para além de instituições como a câmara, os irmãos Teixeira Leite atuaram em outras frentes.

Ao discorrer em sua autobiografia acerca do momento da criação e desenvolvimento da Companhia da Estrada de Ferro D. Pedro II, Cristiano Benedito Ottoni (1811-1896) oferece um panorama do papel desempenhado pelos irmãos naquele contexto.[85] Sobre os direitos de exploração da estrada de ferro ele escreve que "A ideia dos principais chefes conservadores era desde 1850 a concessão do privilégio aos Teixeira Leite, de Vassouras, os quais promoveram a organização da Companhia".[86] O destacado papel dos irmãos no incentivo para a construção da D. Pedro II está materializado nas publicações acerca do tema existentes na biblioteca de Joaquim José Teixeira Leite.[87] Ottoni prossegue:

> Este pensamento envolvia interesse político: aquela família garantira ao partido conservador nos seus anos chamados de vacas magras, de 1844 a 1848, a unanimidade do colégio eleitoral de Vassouras; cumpria remunerá-los. Mas devemos reconhecer que a preferência era bem cabida. Foram os Teixeira Leite que deram mais impulso a opinião para reclamar a lei de 26

---

[84] Postura apresentada a Câmara Municipal da vila de Vassouras apud RAPOSO, 1979, p.35.

[85] Sobre a Companhia da Estrada de Ferro D. Pedro II ver: EL-KAREH, Almir Chaiban. *Filha branca de mãe preta. A Companhia da Estrada de Ferro D. Pedro II (1855-1865)*. Petrópolis: Vozes, 1982.

[86] OTTONI, Cristiano Benedito. *Autobiografia*. Brasília: Editora UNB, 1983, p. 74.

[87] A residência de sua família em Vassouras foi transformada em museu casa por vontade de sua filha mais velha, Eufrásia Teixeira Leite, personagem que ocupa lugar de destaque na história da cidade por conta da doação de toda fortuna para obras de caridade.

> de junho. Eram uma família rica, influente, considerada e seus créditos concorreram para facilitar a associação de capitais [...] Contando com a concessão fizeram despesas, relacionaram-se com capitalistas, fizeram vir dois engenheiros, os irmãos Waring, que, à custa deles, instituíram um reconhecimento de corte até a margem do Paraíba.[88]

O que conta Ottoni é como os Teixeira Leite se tornaram uma família influente, política e economicamente, no Império. Não cabe aqui uma desconstrução da família Teixeira Leite ou uma reafirmação desse lugar privilegiado na política imperial. No entanto, busca-se reforçar e demonstrar a hipótese de que, na esfera local, os irmãos representaram forças que ambicionavam controlar e regular o espaço público. A imprensa local, livre, podia representar uma fuga desse controle exercido em diferentes esferas de poder.[89]

Em sua autobiografia, Ottoni ainda recupera uma querela que permanece, algo fantasiosa acredita-se, na historiografia local. Trata-se da escolha do traçado do terceiro trecho da estrada de ferro que, após a saída do Grande Túnel, em Santa Cruz dos Mendes, cruzaria todo o município de Vassouras.[90] Queriam os Teixeira Leite que os trilhos cruzassem o centro da freguesia de Nossa Senhora da Conceição e seguissem em direção à freguesia de Pati do Alferes, região de Massambará, onde se localizava o maior adensamento de fazendas de café dentre todas as freguesias.[91] Porém, nem tudo saiu como planejado.

> Com pesar causei-lhes grande desgosto. Dá saída do túnel grande para a margem do Paraíba traçaram os engenheiros duas linhas: uma, tocando a cidade de Vassouras, com subidas e descidas, três pontos culminantes e obras mui pesadas; outra, a que se executou, descendo sempre pelos vales do ribeirão de Sant'Ana e rio Piraí, mais curta, mais barata, de custeio mais econômico. Defendendo a sua cidade, os Teixeira Leite sustentavam, devia preferir-se o primeiro traço, embora mais oneroso: mas eu opinei pelo segundo e o fiz adotar crendo que o excesso de custo e a maior despesa de custeio seriam um ônus perpétuo sobre o país.[92]

---

[88] OTTONI, Cristiano Benedito. *Autobiografia*. Brasília: Editora UNB, 1983, p. 74.

[89] Cf. RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói: SEEC, 1978.

[90] Na historiografia local ver: TAMBASCO, J. C. Vargens. *A vida de Vassouras e a economia do café*: ascensão e declínio da cafeicultura no Vale do Paraíba (1833-1888). Vassouras: Edição do autor, 2010, pp. 185ss.

[91] Cf. FRIDMAN, Fania. As Cidades e o café. In: *Revista Rio de Janeiro*. N. 18-19, jan.-dez. 2006, pp. 131-149.

[92] OTTONI, Cristiano Benedito. *Autobiografia*. Brasília: Editora UNB, 1983, p. 100.

O traçado escolhido para a estrada de ferro margeava o município, e a Estação de Vassouras ficou distante apenas sete quilômetros do centro da vila.[93]

Os Teixeira Leite deram inúmeras mostras de sua atuação em favor de si próprios, dos interesses da classe senhorial de Vassouras e da província. São um bom exemplo das famílias que constituíram as elites política e econômica do Brasil Império. Misturaram sua história com a história local. Cimentaram uma sociedade coesa, a partir das famílias que compunham sua elite política e financeira, na qual tudo girasse em torno da economia cafeeira e sua propulsora, a *classe senhorial*. Contudo, houve no decurso da história de Vassouras, vila e depois município, algumas experiências e tentativas de estabelecer um espaço de discussões que tinham como ponto de partida a criação de um periódico. As propostas para a criação de jornais partiram, algumas vezes, dessa classe senhorial. Compreendia-se a imprensa como trincheira para laçar opiniões e inserir-se nos debates do espaço público.

1.2 As experiências da imprensa que não houve

No decurso de vinte anos, o desenvolvimento experimentado pela vila de Vassouras fez com que, em 1857,ela fosse elevada à categoria de cidade – Lei Provincial nº 961, de 29 de setembro. Administrativamente, no recorte desse estudo, o município de Vassouras estava composto de cinco freguesias: Nossa Senhora da Conceição (sede), Pati do Alferes, Sacra Família do Tinguá, Santa Cruz dos Mendes e São Sebastião dos Ferreiros (última freguesia criada em 1864).[94] Tornara-se um dos maiores municípios da Província, mas até então nenhuma tipografia havia funcionado em terras vassourenses.

Buscando um comparativo com a vizinha Valença, que foi elevada a município pela mesma lei, observa-se que também ali, após a circulação de dois

---

[93] RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói: SEEC, 1978, p. 137.

[94] *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. Laemmert, 1867, p. 231.

periódicos na década de 1830 – *O Valenciano* (1832-33) e *A Sentinela Valenciana* (1834) – houve um vazio de quase trinta anos até o surgimento d'*O Merrimac* em 1863.[95]

Outro fator importante para pensar aquela sociedade é a marca indelével da escravidão sobre a vida de milhares de homens e mulheres. O Censo de 1872, o mais completo levantamento populacional realizado no Império, mostra que em Vassouras a população cativa superava a livre.

Tabela 1 — População de Vassouras, 1872

Freguesia	**Livres**	**Escravos**	**Total**
N. S. da Conceição	4.461	6.203	10.664
Mendes	1.647	1.693	3.340
Pati do Alferes	6.353	8.087	14.440
Ferreiros	2.123	2.543	4.666
Sacra Família	4.501	1.642	6.143
	19.085	20.168	39.253

Fonte: Censo de 1872 *apud* STEIN, Stanley. *Grandeza e decadência do café*. São Paulo: Brasiliense, 1961, p.142.

A transferência da sede da vila para Vassouras trouxe também uma instituição fundada em 1832 na vila de Pati do Alferes: a *Sociedade Promotora da Civilização e Indústria*. As atividades a ela relacionadas devem ser compreendidas no contexto político nacional, que teve no sete de abril de 1831 um fator desencadeante de uma grave crise política. Segundo seu estatuto, para se associar era necessário "ser amante da liberdade e da independência nacional".[96] Interessante notar a descrição das primeiras atividades realizadas pela *Sociedade* contidas no relato de Alberto Olympio Brandão. Político e educador, Brandão foi assíduo colaborador da imprensa vassourense (mais informações no segundo capítulo).

Em *O Município* – numa seção intitulada "O passado e o presente de Vassouras" que ocupou vários números do periódico em 1877 –, ele recupera

---

[95] BARROS, Gustavo Abruzzini de. *Imprensa Valenciana*. Do provincianismo da era dos barões e coronéis, ao engatinhar do profissionalismo do século XXI. Valença: Jornal Local, 2012, p. 64.

[96] Livro de Atas da Sociedade Promotora da Civilização e Indústria da vila de Vassouras apud *O Município*, 3 de junho de 1877, p. 1. Nenhum desses livros chegou até o presente.

informações contidas nas primeiras atas dessa instituição e que não chegaram até o presente. É dessas atas que surge a primeira manifestação da necessidade de criar uma tipografia e, consequentemente, um periódico para atender aos anseios do momento político, dando voz à sociedade do Vale.[97]

> No dia 2 de setembro desse mesmo ano (1832) o sócio Mattos leu o parecer da comissão encarregada de examinar o estado da tipografia, expondo o seguinte: que tendo entendido com o diretor nomeado pela Câmara municipal por ofício, tivera em resposta ter promovido a subscrição, obtendo um conto e cem mil réis, da qual quantia despendera quinhentos e doze mil réis para a compra do prelo e mais pertences, restando em seu poder a de quinhentos e oitenta e oito mil réis, sendo necessário para a compra de tipo inglês um conto e sessenta mil réis, faltando por consequência, quatrocentos e setenta e seis mil réis, bem como cento e vinte e quatro mil réis para a compra de papel e miudezas.[98]

A narrativa de Brandão aponta para duas direções que são objeto deste trabalho. Primeiro mostra a força da palavra impressa na organização da sociedade imperial. A existência de prelos, que naquele contexto só haviam sido permitidos no Brasil há pouco mais de duas décadas, apontava para uma atividade (imprensa) gerada e geradora do progresso. A soma recolhida pela subscrição fora substancial – um conto e cem mil réis – mostrando também que a aquisição de uma tipografia no início da década de 1830 era uma empreitada custosa. A segunda constatação do trecho citado mostra que a Sociedade empreendeu materialmente a primeira tentativa de imprimir um periódico no Vale do Paraíba Fluminense. O prelo fora comprado e, para o seu funcionamento, já haviam sido orçados os “tipos ingleses”, as miudezas em geral e a quantia necessária para o papel das primeiras tiragens do futuro periódico. Prosseguindo a análise das atas com os olhos de Alberto Brandão, outras informações saltam:

> Pelas palavras da ata de 2 de setembro de 1832 [...] fica provado que nossos antepassados reconheciam as vantagens de uma imprensa local,

---

[97] Ver RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói: SEEC, 1978, pp. 26, 89 e 90. PINTO, Jorge. “Páginas Intimas”. *In*: *De Vassouras*. Rio de Janeiro: Ultra-set Editora, 1978, p. 126-7; PINTO, Jorge. *Fastos Vassourenses*. Vassouras: Fundação 1º de maio, 1935, pp. 219-25. Jorge Pinto constrói toda a obra a partir da transcrição de artigos da imprensa vassourense desde a sua fundação até a primeira década do século XX. Constitui importante fonte porque preenche lacunas de documentos que não sobreviveram ao tempo.

[98] Ibidem.

> que chegaram a realizar em parte esse cometimento, e que recuaram talvez pelos mesmos motivos com que lutou *O Município* em seu aparecimento.[99]

O lugar de fala de Brandão é o de homem público ligado umbilicalmente à imprensa de Vassouras. Decerto, via sua atividade e de seus amigos como uma continuação daquela vontade que não frutificara quase meio século atrás. A referência ao fracasso do empreendimento iniciado pela *Sociedade* tem lugar no paralelo com "os motivos com que lutou *O Município*". Diz isso pelas constantes dificuldades que a imprensa teve em se estabelecer na cidade, como se verificará no decorrer desta pesquisa. Finaliza enaltecendo o que representariam aqueles prelos, se ainda existissem. "Mas seria de suma importância saber-se o destino do prelo comprado e, por meio das camadas de ferrugem, acumuladas pelo tempo, ver-se-ia naquela máquina inutilizada uma homenagem do passado à arma mais poderosa para as lutas do presente e para as conquistas do futuro".[100] A retórica mobilizada por Brandão faz da imprensa periódica um ator central na construção do debate político na esfera pública da cidade.

A próxima manifestação da vontade de fundar um periódico em Vassouras esperaria até 1855. Naquela altura, uma proposta de reforma do judiciário, que foi desenhada pelo ministro liberal Nabuco de Araújo, encontrou entre os políticos locais ferrenha oposição. Nesse cenário, houve uma forte reação à proposta e uma organização da classe senhorial de Vassouras. Na biografia de seu pai, Joaquim Nabuco resume a resistência ao projeto.

> O principal assunto da sessão de 1854 foi a reforma judiciária de Nabuco [...]. O ministro era visivelmente marinheiro de primeira viagem, não tinha ideia da resistência que a inércia legislativa lhe havia de opor, do conflito de interesses que suscitava. [...] Em março de 1854 Nabuco está debaixo de forte pressão: atarefado com a reforma judiciária e a hipotecária, carregado de grande trabalho de expediente e detalhes da administração [...] Na sessão de 1854 o projeto foi amplamente debatido. Sofreu diversas modificações de modo que já se afastava e perdera o seu caráter inicial [...] Qual foi, porém, a sorte final da reforma? No intervalo das sessões de 1854 para 1855 apareceu uma grossa nuvem no horizonte do ministério. A política do gabinete não agradava a alguns figurões de cá, a alguns dos nossos velhos amigos. A linguagem do *Brasil* revela alguma coisa. [...] O que estava por trás do *Brasilera o grupo de Vassouras onde tinha a sua sede a opulenta família Teixeira Leite*; tomara as proporções de um acontecimento a representação de alguns fazendeiros de vassourenses

---

[99] Ver RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói: SEEC, 1978, pp. 26, 89 e 90.

[100] Ibidem.

> contra o projeto de lei que tirava às pequenas localidades o seu embrião de júri, e a esse veto da grande propriedade fluminense foi sacrificada a reforma no Senado. (grifos nossos)[101]

Já foi assinalado acima como se deu a atuação dos Teixeira Leite na política local. A reação ao projeto de reforma descrita por Joaquim Nabuco reforça esse quadro. Retirar poder dos júris de municípios e vilas do interior representaria menos um espaço de atuação para essas elites locais. A reação da classe senhorial de Vassouras foi rápida e fulminou o projeto. Saiu dali o *Manifesto de Vassouras*, citado por Nabuco.[102]

Anterior ao manifesto foi organizado um programa dando as diretrizes para serem tomadas pelo grupo que fez oposição ao projeto. Em um opúsculo publicado em 1899, Jorge Pinto reproduz esse programa que dá ideia das armas que foram utilizadas contra o projeto. Após bater contra a reforma, ele assim se exprime:

> [...] Declaramos, pois, alto e bom som: queremos Constituição, isto é, queremos o Imperador, as Câmaras, o Poder Judiciário, *o júri e a Imprensa e visto que o júri e a imprensa se acham seriamente ameaçados, nós que tememos as revoluções, que respeitamos o juramento prestado e que julgamos de nossa honra transmitir a nossos filhos a herança recebida*, concordamos no seguinte: - 1º Que se dirija ao Senado uma representação pedindo respeitosa, mas firmemente, a rejeição ao projeto da reforma judiciária; - 2º *Que se funde, no lugar em que mais convier, uma folha com o fim principal de sustentar as instituições constitucionais do júri e da imprensa*; 3º Fica desde já nomeada uma comissão composta dos srs. Barão de Capivari, Barão de Campo Belo e comendador Francisco José Teixeira Leite, encarregada de expedir a representação ao Senado como maior número de assinaturas que for possível *e de nomear a comissão permanente, que tem de se ocupar da fundação, manutenção e direção da folha*.(grifos meus).[103]

O programa, assim como o manifesto, foi redigido por Domiciano Leite Ribeiro, futuro visconde de Araxá, político curiosamente situado no campo liberal.[104]

---

[101] NABUCO, Joaquim. *Um Estadista no Império*. Vol. I. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, pp. 182-197.

[102] Sobre a reforma de Nabuco de Araújo e a reação do grupo de Vassouras ver: FERREIRA, Carlos Alberto Dias. "A reforma judiciária de Nabuco de Araújo e o Manifesto Vassourense (1854-1856)". In: Veredas *da História*. Vol. 2. Ano II, n.1. 2009.

[103]PINTO, Jorge. "Páginas Íntimas". *In*: *De Vassouras*. Rio de Janeiro: Ultra-set Editora, 1978, p. 126.

[104] PASSOS FILHO, Lucindo Pereira dos. *O Visconde de Araxá. Notas biographicas*. Vassouras: Typographia do Vassourense, 1882. Vale recuperar o ditado popular que corria a época: "Nada tão parecido com um saquarema [conservadores] como um luzia [liberais] no poder". MATTOS, Ilmar

O documento lança luz novamente sobre a maneira como aqueles homens concebiam a imprensa periódica como lugar de ação e ator político para intervir no debate público. O manifesto deveria ser dirigido ao Senado, *locus* de políticos conservadores, enquanto o periódico lançaria a questão para a opinião pública. A parte que trata da ameaça à imprensa se justificaria pela postura de Nabuco de Araújo frente aos excessos de publicistas e por esses casos serem de competência dos júris: "A opinião declarada de Nabuco era de que se deviam reprimir os excessos da imprensa".[105] Poderia ter sido esse periódico fundado em Vassouras? Funcionaria ele como uma eficiente barricada? Nabuco argumenta que "o que estava por trás do *Brasil* era o grupo de Vassouras". Soa curiosa a defesa da liberdade de imprensa no discurso de um grupo que sob sua influência mantinha, pode-se inferir, uma cidade sem jornais próprios, sem imprensa. O jornal escolhido como arma política foi o *Brasil,* tendo circulado, ao que parece, na Corte. A criação de um jornal pelo grupo conservador de Vassouras pode ter lançado mão da figura do "pena de aluguel". Publicistas que, em troca de textos políticos direcionados, recebiam proventos para tal.[106]

O resultado prático do manifesto de 1855 demonstra a força política que a família Teixeira Leite detinha junto à política e aos políticos do Império. Não prosperara a publicação de um periódico idealizado pela *Sociedade Promotora da civilização e Indústria* em 1832 e o jornal de combate contra a reforma do judiciário circulou distante do centro urbano da vila de Vassouras.

Ressentindo-se todo o Vale por aquela altura ainda não possuir imprensa que pudesse advogar em favor das causas dos habitantes dessa parte da província, em 1857, o Vale do Paraíba Fluminense se tornaria um dos alvos da atenção do periódico *O Parahyba*, cujo nome dispensa maiores explicações.[107]

Rohloff de; GONÇALVES, Márcia de Almeida. *O Império da boa sociedade*. São Paulo: Atual, 1991, p. 67.

[105] NABUCO, Joaquim. *Um Estadista no Império*. Vol. I. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, p. 128.

[106] Ver: GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. "Ação; reação; transação: a pena de aluguel e a historiografia". In CARVALHO, José Murilo de. *Nação e Cidadania no Império*: Novos Horizontes. Rio de Janeiro: Civilização, 2007.

[107] Para consultar a coleção completa d'*O Parahyba* na Hemeroteca Digital Brasileira Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=809047&pasta=ano%20185&pesq.> Acesso em: 26 de ago. 2016.

O Parahyba foi publicado em Petrópolis entre 1857 e 1859, tendo como redator-chefe o português Augusto Emílio Zaluar (1826-1882) – nome importante para a criação da imprensa em Vassouras. O primeiro número saiu em dois de dezembro daquele ano, saudando o aniversário do imperador d. Pedro II. A redação do periódico ficava a cargo de portugueses e brasileiros: Remígio de Sena Pereira (1826-1866), Francisco Ramos Paz[108] (1838-1919), Francisco Gonçalves Braga (1836-1860) e o próprio Zaluar; Manuel Antônio de Almeida (1831-1861), Quintino Bocaiúva (1836-1912), o jovem Machado de Assis (1839-1908), dentre outros.[109]

Impresso na Rua do Imperador, nº 51, o periódico contava com tiragem bissemanal (quartas e domingos), formato in-4º, ao custo de 160 réis. Possuía as seguintes colunas: "O Parahyba", "Notícias Diversas", "Folhetim", "Poesia", "Exterior", "Variedades", "Transcrição", "Declaração" e, por fim, "Anúncios".

Ao analisar o programa d'*O Parahyba* em seu primeiro número, fica evidente a proposta de Zaluar em dirigir um periódico que tratasse dos interesses do vale e da província. Delineava os desafios em dirigir um periódico no interior.

> É pois fiado na aliança de nossos irmãos do jornalismo que intentamos levar a cabo a audaciosa cruzada que neste momento talvez temerariamente empreendamos. Servirá de apoio a braços débeis uma vontade robusta. Além disso, incita-nos a esperança de que não pouparemos esforços para continuar a merecer a confiança que em nós depositaram com tão larga generosidade as povoações desta província. *O acolhimento que encontramos em Petrópolis, Bemposta, Paraíba do Sul, Vassouras, Valença, Massambará, Pati do Alferes*, corte e outros cantos que percorremos com o fim de conhecer os indivíduos e estudar as localidades [...].[110] (grifos nossos)

O programa foi assinado por Quintino Bocaiuva. Acerca do apoio que recebeu em diferentes localidades mostra a adesão de indivíduos de Vassouras (incluindo ali Massambará e Pati do Alferes) que anônimos investiram, não se sabe que tipo de

---

[108] Francisco Ramos Paz se tornou mais tarde um homem ligado às letras e bibliófilo. Importante trabalho sobre sua biblioteca pode ser conferido em: FERREIRA, Tânia M. B. da C. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, (especialmente o capítulo três).

[109] Ver: SILVA, Ronice Kelmis de Oliveira da. *"As flores animadas" em O Parahyba* : características do suporte e suas significações no folhetim brasileiro do século XIX. Dissertação de mestrado. São José do Rio Preto, 2012 (mimeo).

[110] *O Parahyba*, 2 de dezembro de 1857.

capital (simbólico ou monetário), na publicação de um jornal que pudesse tratar de seus interesses, pessoais e coletivos. Mais uma vez reforça-se o argumento em torno da necessidade do impresso naquele contexto. Havia na imprensa uma grande força de atração para homens letrados. Uma imprensa dirigida com o intuito de intervir na sociedade.

> Esta folha tem por fim advogar os interesses e promover a prosperidade e progresso não só de Petrópolis, como das povoações do interior. O seu objeto principal é o estudo e exame das questões locais, administrativas, econômicas, industriais, comerciais e agrícolas, de cuja prática ou aplicação possa resultar verdadeira e real utilidade para a província. Trabalhos literários, sobre tudo produções originais dos talentos mais distintos do Brasil e Portugal amenizarão as suas colunas, que estarão sempre abertas a todo o debate leal em que se guarde escrupulosamente as conveniências e dignidade da imprensa.[111]

A orientação objetiva acerca do seu programa de advogar em torno do desenvolvimento do interior não diferirá de outros periódicos do mesmo período. Contudo, a publicação de Petrópolis abre uma espécie de trincheira para se "combater" pela imprensa desde um lugar seguro. A retórica da modernidade que se expressa pela imprensa enquanto promotora da instrução do povo também estava presente.

> [...] a imprensa é e será o instrumento assombroso da transformação do mundo, a alavanca com que se deslocam as ruínas dos antigos preconceitos, e ao mesmo tempo o cinzel com que se lavra na fonte dos novos monumentos a data das gloriosas conquistas da liberdade e da inteligência [...]. *E por isso entendemos que a base de todo o nosso desenvolvimento civilizador está na instrução pública*. É para este ponto que devem pois convergir todos os nossos esforços, é neste assunto que repousa todo o edifício do nosso futuro.[112] (grifos meus)

A referência à instrução pública, tema caro à imprensa brasileira no século XIX, remete a característica do periodismo de outrora como uma *empresa educativa,* na qual a defesa da civilização estava alicerçada em um projeto amplo de educação universal, segundo aqueles publicistas.[113]

---

[111] *O Parahyba*, 02 de dezembro de 1857, p.1.

[112] *O Parahyba*, 07 de janeiro de 1858, p.1.

[113] A historiadora Maria Lúcia G. Pallares-Burke argumenta que a imprensa é uma rica fonte para o estudo da história da educação no Brasil. Seriam transmissões de valores culturais. Indo além, infere-

O Parahyba afirmou-se como um periódico pronto a defender os interesses da região. Interessante notar a construção identitária que descreve a região do Vale como resultado da confluência de três províncias do Império.

> Já o dissemos e repetimos com a sanção de autoridades que nos têm julgado. *O Parahyba* não é um jornal de localidade, um jornal bairrista, e sim um jornal propriamente da província. E ainda mais, na conexão natural dos interesses que lhes são comuns, entrelaçará no desempenho de sua ideia fundamental as três irmãs limítrofes, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas, sem que todavia decline, como órgão da imprensa brasileira a sua parte nas questões gerais.[114]

Em relação à Vassouras o jornal abriu espaço para anúncios e projetos empreendidos pela Câmara Municipal. Seus redatores se ocuparam em vários números com o debate sobre uma circular enviada a outras casas legislativas buscando apoio para a municipalização de vários impostos até então arrecadados pelo tesouro da Província. Sobre a cidade frequentaram assiduamente na última página os anúncios do Hotel Benjamin. Mas logo se teve notícia de que os vassourenses não estava cumprindo com seu apoio ao projeto d'*O Parahyba.* Em 6 de junho de 1858, Remígio de Sena Pereira escreveu um editorial assinado chamando a atenção para as dificuldades, financeiras estava implícito, para manutenção de um periódico do tamanho d'*O Parahyba* no interior da província. A razão do tema tratado veio ao fim do texto.

> Não deixaremos de notar, antes de pormos fim a estas ligeiras considerações, a que ligamos, contudo, grande importância pelo resultado que delas esperamos, que o *Parahyba* ainda não pode merecer de Vassouras e Valença o que destas duas cidades se lhe havia prometido no sentido do reclamo que também lhes faz [...].[115]

Aqueles que apoiaram a criação do jornal, como projeto de veículo de uma voz regional, estavam sendo cobrados a contribuir de fato para que o periódico

---

se que eram também atores nesse processo. Ver: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. "A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX". *Caderno de Pesquisa*, nº 104, Faculdade de Educação/USP, jul. 1998, pp.144-161.

[114] *O Parahyba*, 21 de novembro de 1858, p.1.

[115] O *Parahyba*, 6 de junho de 1858, p.1.

pudesse continuar a cumprir o seu programa. Desde Petrópolis, Zaluar e seu grupo objetivam manter seu empreendimento tipográfico e jornalístico.

Atento às questões e querelas políticas *O Parahyba* também se identificava como um jornal dedicado à literatura. Mantinha a sessão "Folhetim" na qual publicou vários romances, poemas e crônicas. Fora dessa sessão, em editorial, saiu parte da narrativa do viajante francês Charles Ribeyrolles, que percorreu várias partes do Império na companhia do fotógrafo Victor Frond – produtor de uma imagem icônica de Vassouras em 1859 que será reproduzida a seguir – a publicação inicia-se a partir do número 88. O jornal fez referência ao mesmo trabalho que saíra no *Correio Mercantil*, entretanto, em língua francesa. Ramos Paz o traduziu por entender que "[...] a nossa educação popular não é tal que a sua leitura e apreciação estejam ao alcance de todos aqueles a quem ela pode, deve e há de interessar".[116] A narrativa de Ribeyrolles descrevendo sua passagem por Vassouras – "uma pequena cidade do interior" – ocupou duas edições.

> Vassouras, pois – distrito, paróquia e cabeça de comarca – não era mais que um deserto, há cem anos. Florestas virgens cobriam, ensombravam as colinas as colinas que a encerram, e em baixo, nas lagunas, vegetaram as capoeiras, arbustos raquíticos de que se fazem vassouras no Brasil, donde a cidade e o município tiraram o nome [...]. Vassouras é um centro agrícola [...]. Em 1833, era ainda uma lagoa, e seus dezoito ou vinte tetos se ocupavam, modestos, no meio das capoeiras. Tem agora mais de trezentas casas, das quais algumas bem confortáveis [...]. No terço do declive que se leva a igreja matriz, largamente assentada num planalto, acha-se um chafariz gracioso e esbelto, e mais acima, de um dos lados do templo, um hospital da Misericórdia, amplo e magnífico edifício, doado pelo barão do Tinguá aos pobres do município [...]. Possui ainda a jovem cidade um paço municipal e uma casa central quase concluída, além de um grande teatro que devia ser demolido, porque parece um esqueleto ou uma ruína em meio da paisagem [...]. Amo Vassouras. O ar é vivo e puro. Os calores tropicais não a atormentam. Seu clima é salubre [...]. O que falta a Vassouras é o caminho de ferro das Minas. E se a linha não pode passar por ela, por que não construir um ramal?[117]

A descrição de Ribeyrolles constrói uma paisagem um tanto idílica. "Um esboço", disse o francês em outro trecho. O que denomina cidade é a freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, a principal. Descreve os principais edifícios e suas formas inacabadas. A construção da cidade prosseguia evidenciada

---

[116] O *Parahyba*, 7 de outubro de 1858, p.1.

[117] Foi utilizada aqui a última edição da obra de Charles Ribeyrolles. *Brasil Pitoresco*. 1º Vol. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. São Paulo: Ed. da USP, 1980, pp. 226, 230 e 231.

pelo desenvolvimento do núcleo urbano da freguesia. Talvez seja isso que se depreenda da narrativa acima. Ao contrastar a imagem da vila que abre este capítulo e a que está reproduzida a seguir, trabalho de Victor Frond, publicada por Ribeyrolles, fica evidente o desenvolvimento que a cidade alcançara no decurso de pouco mais de uma década. Ele lembra ainda da situação da estrada de ferro que não tocou a freguesia da cidade, projeto dos Teixeira Leite. Mesmo assim, o crescimento do meio urbano e rural, centenas de sítios e fazendas de café, prosseguia. Esse desenvolvimento sempre contrastou com a ausência de imprensa local na fala de intelectuais e publicistas que ali viveriam mais tarde.

Imagem 4 — Vassouras, 1859

Fonte: FROND, Victor. *In*: RIBEIROLLES, Charles. *Brazil pittoresco: álbum de vistas, panoramas, monumentos, costumes, etc., com retratos de Sua Majestade Imperador Dom Pedro II et Família Imperial*. Paris: Lemercier, Imprimeur-Lithographe, 1861 (BN).

A ligação do periódico com Vassouras pode ser percebida ao analisar a deferência com que trata os assuntos pertinentes ao município e seus moradores. Quintino Bocaiúva escreveu da cidade cinco cartas narrando o cotidiano dela nos meses de fevereiro a maio. “Prometi escrever-te as minhas impressões de viagem, e

vou começar hoje a cumprir minha promessa".[118] Trata com especial atenção o castigo que as chuvas de verão causaram às estradas que ligavam a freguesia da cidade às demais. As "Cartas do interior", fruto das viagens de Bocaiúva pelo interior do Rio de Janeiro, descreveram naqueles números uma cidade em sua efervescência e melancolia. Ambiguidade que marcaria também a retórica na imprensa vassourense da década de 1880. É curioso notar que, ao longo da correspondência, Bocaiúva chama atenção, entretanto, para o isolamento causado por aquelas intempéries do clima e os maus serviços, segundo ele, do correio.

> Vinte e alguns dias já se passaram sem haver da capital uma carta, um jornal, uma notícia a não ser por mão d'algum próprio. Cousa célebre! Quando os particulares podem galgar os caminhos e atravessar péssimas estradas, só o correio suspende suas viagens, deixando o comércio e as relações desta cidade e as relações dos habitantes ao desamparo de toda correspondência, a míngua de toda notícia![119]

As declarações de Bocaiuva mostram que mesmo a Estrada de Ferro D. Pedro II não solucionou imediatamente o isolamento do interior da província, a despeito do desenvolvimento acelerado daquele centro urbano. *O Parahyba* seguia seu curso de periódico "do interior" que denunciava e servia de porta-voz daquela população, ou parte dela é bem verdade. Mas esse empreendimento tipográfico dava sinais de esgotamento.

Ao longo de 1858, foram frequentes as reclamações dos redatores em relação às dificuldades financeiras enfrentadas pelo periódico. A efemeridade da imprensa brasileira não constitui novidade, como já foi apontado. *O Parahyba* se inseria na esteira das folhas que não resistiram aos percalços monetários. Em uma carta enviada a Francisco Ramos Paz, Remígio de Sena Pereira apresenta a situação do periódico e prenuncia seu fim próximo.

> Em resposta às cartas desesperadas que escrevi ao Zaluar, recebi uma dele e outra sua, em que noticiava a sua vinda para galvanizar o cadáver... Não sei o que Zaluar quer que eu faça. Não é por certo a minha estada aqui, nem mais meia dúzia de artigos que hão de sustentar a folha [...]. É triste a verdade. *O Paraíba* é a fábula de Petrópolis; pois todo mundo sabe que a folha não vai para o Correio por falta de dinheiro para os selos, que

---

[118] *O Parahyba*, 24 de outubro de 1858.

[119] *O Parahyba*, 23 de fevereiro de 1859, p.1.

> as obras não as apronto por falta de papel, etc., etc., etc. Será humanamente suportável esta situação para mim, que sou obrigado a correr 24 horas por dia? O que há que valha um sacrifício dessa ordem, em que vai a própria dignidade? Nada, meu amigo. É demais, e eu arrebento.[120]

Terminava assim o empreendimento de dar ao Vale, incluindo Petrópolis, um jornal que pudesse tratar, dentre outras coisas, dos assuntos da região. Que pudesse ser uma "voz" legítima para discutir as questões de interesse local, regional e nacional. O reclame feito algum tempo antes aos apoiadores de Valença e Vassouras não surtiram efeito.

E 1869, uma notícia publicada no jornal *O Alagoas*, da cidade vizinha de Valença, relata que seu redator e proprietário, Custódio Antônio da Silva, instalaria uma tipografia em Vassouras. Desse projeto nasceria o *Echo Vassourense*.

> Aos Vassourenses
> O Proprietário do Alagoas sincero e dedicado amigo do progresso e das luzes, que a imprensa pode derramar sobre o país, resolveu-se montar uma segunda tipografia para a publicação de um jornal de grande formato na cidade de Vassouras, uma das mais importantes da província, além da que já possui em Valença.
> Combater abusos, tratar de assuntos políticos e de interesse local é a mira que se visa esse jornal, que se intitulará *Echo Vassourense.*
> Achando-se já comprado o prelo e todos os materiais precisos, sairá à luz o primeiro número deste jornal 7 de setembro do corrente ano.[121]

O historiador Antônio Carlos da Silva discutiu o papel da imprensa em Valença entre as décadas de 1830 e 1860. O projeto de Antônio Custódio da Silva não prosperou por motivos desconhecidos. De todo modo, pode-se recuperar aqui a história contada por Alberto Brandão e reproduzida por Ignácio Raposo. Teria agido ali a força das elites locais refratárias à publicação de jornais locais? O desejo de "um jornalista da corte", citado por Raposo, não foi datado.[122]

---

[120] Remígio de Sena Pereira apud MAGALHÃES, J. R. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Brasília: INL, 1981, p. 95.

[121] O Alagoas, 27 de junho de 1869 apud SILVA, Antonio Carlos da.*O cotidiano da imprensa e a imprensa no cotidiano: espaços públicos e a defesa da "lavoura" em Valença no século XIX.* Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,2016, p. 346.

[122] RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói: SEEC, 1978, p. 158.

Certo é que, em 12 de janeiro de 1873, Augusto Emilio Zaluar, antigo redator-chefe d'*O Parahyba*, escreve uma missiva endereçada a José Carlos Rodrigues (1844-1923), fundador, proprietário e redator do periódico *O Novo Mundo*.

O Novo Mundo frequentou a cena da imprensa periódica brasileira entre 1870 e 1879. Um jornal de vida longa, se comparado à média. Era impresso em Nova Iorque, Estados Unidos, e distribuído no Brasil.[123] O conteúdo da missiva, transcrita na íntegra abaixo, revela um desejo latente de Zaluar de novamente tocar um jornal desde o Vale.

> Vassouras, 12 de janeiro de 1873.
> Amigo e colega,
> Sei que ainda não se esqueceu de mim, porque o artigo publicado no *Novo Mundo* acerca do meu livro: "A Escola e o Trabalho" lisonjeiramente me convenceu que ainda se lembra de nossa antiga convivência.
> Assim pois iniciarei por felicitá-lo pela direção ilustrada, e de notável critério que tem dado à redação do *Novo Mundo*. É a folha periódica que, sinceramente o digo, que maiores serviços está prestando ao Brasil, não só pelos assuntos de que trata, como pela verdade e profundeza com que os discute. Conte em mim com um admirador entusiasta e creia que farei o que puder para que alcance aqui ainda maior número de leitores.
> Eu também vou publicar uma revista mensal, que deve intitular-se "Lavoura e Indústria". *Achando-me relacionado com grande número dos mais notáveis fazendeiros da província do Rio de Janeiro, e residindo hoje em um de seus mais ricos municípios, Vassouras, sou por eles impelido a esta tentativa jornalística.*
> Para que minha Revista satisfaça os elevados fins de uma publicação deste gênero, preciso que meu amigo me preste daí os seus bons ofícios, aliando-se comigo nesta cruzada e indicando-me os meios de utilizarmos ideias comuns.
> Em primeiro lugar peço-lhe o favor de assinar a melhor Revista Agrícola que se publicar em Nova Iorque, e remeter-me com a máxima brevidade, indicando-me aqui a qual de seus agentes devo entregar a importância da assinatura, como as de outras encomendas que tomo a liberdade de fazer-lhe.
> Preciso de um retrato, isto é, a melhor gravura que aí houver em ponto grande de *Abraão Lincoln*. Este homem está canonizado pela verdade como o primeiro santo da democracia. O seu retrato é uma lição e um estímulo.
> Além disto, peço-lhe que me informe se é possível obter-se os clichês das gravuras de instrumentos agrícolas, não só para se publicarem como estampas na *Revista,* como ainda os dos anúncios que com razoável retribuição publicarei, com grande vantagem para os fabricantes, pois a lavoura desta província vai visivelmente entrar em uma fase de progresso e é possível mesmo que a Escola Agrícola, cuja autorização acaba de conceder à Assembleia Provincial tenha de fundar-se nesse município, apesar dos 600 contos em que está orçada.
> Peço-lhes todos estes favores e desejo retribuir-lhes com outros senão tão valiosos, pelo menos sinceros. Principiarei por publicar em todas as minhas

[123] Para um estudo aprofundado acerca d'*O Novo Mundo* ver: SILVA, Elza Miné da Rocha e. *O Novo Mundo (1870-1879)*. Da enunciação da proposta às suas revisitações. Tese de Livre Docência – USP. São Paulo, 1991, (mimeo).

> *Revistas*, gratuitamente, os anúncios da publicação do Novo Mundo, e darei de cada um dos seus números notícia circunstanciada.
> Os primeiros números da minha *Revista* têm de ser impressos nos Rio, mas é possível que me resolva a mandá-la publicar aí, se o meu amigo quiser ainda ter o trabalho de informar-me quanto poderá custar uma edição de 2000 exemplares, no formato da Escola e o Trabalho com 48 a 60 páginas por mês.
> Estou certo que, se quiser, poderemos entrar em outros negócios de vantagem recíproca, e de grande interesse em alcance para as relações comerciais e sociais dos dois países.
> Rogo-lhe que me responda com urgência e me dê as suas ordens, que serão logo satisfeitas.
> Seu Amigo e Colega. A. E. Zaluar.[124]

A transcrição completa da correspondência acima se justifica pela riqueza das informações que contém. Zaluar abre o texto agradecendo ao colega as palavras gentis acerca de sua última publicação, “Escola e Trabalho”. A resenha, bastante positiva, do livro foi publicada pelo *O Novo Mundo* na Seção “Literatura do Dia”, em 23 de fevereiro de 1872.[125] O elogio deu ensejo ao pedido de ajuda, um ano depois. Zaluar resenha em sua carta o projeto de uma revista voltada para a sociedade agrícola da província. Deixa claro que precisava de apoio para o empreendimento e via em Rodrigues um bom exemplo de homem dedicado à imprensa e, quem sabe, um sócio.

Ele informa que se mudara para Vassouras e qualifica seu novo empreendimento por manter relações com inúmeros fazendeiros. Se nas décadas anteriores não prosperara a imprensa local pelo receio de que ela trouxesse desentendimento entre os bons homens, Zaluar agora invoca a proximidade com eles como fator positivo para a criação de um periódico.

Contrastando com o programa d’*O Parahyba*, a revista “Lavoura e Indústria”, existindo apenas como projeto, seria incentivada pelos membros da classe senhorial fluminense. Desejosos, talvez, de ver um jornal que desse voz aos seus anseios e propagasse conhecimentos úteis à lavoura. Seria um retorno ao projeto da *Sociedade Promotora da Civilização e Indústria* nos idos da década de 1830.

Pela notícia da carta, o poeta português pede ao amigo a assinatura da melhor revista agrícola publicada nos Estados Unidos, clichês de instrumentos

---

[124] BN (Brasil). Seção de Manuscritos, I - 3,5,57.

[125] A coleção completa de *O Novo Mundo* pode ser consultada na Hemeroteca Digital Brasileira em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=122815&PagFis=0&Pesq>.Acesso em: 10 de set. de 2016.

agrícolas e, se não fosse incomodar, um orçamento para a publicação de dois mil exemplares em torno de sessenta páginas cada. Pede ainda um retrato de Abrahan Lincoln, o presidente que pôs fim, pressionado pelos abolicionistas, à escravidão estadunidense em 1863. Em troca, ofereceu o espaço do seu idealizado periódico para anunciar *O Novo Mundo*. Naquele momento, era tudo que podia empenhar. Nota-se, além dos custos de iniciar uma publicação, que o jornalista não dispunha de tipografia, nem pretendia adquirir uma a curto tempo. Preferiria publicar sua revista no Rio de Janeiro, ou, com sorte, em Nova Iorque.

A missiva de Zaluar não logrou êxito. Tampouco Vassouras recebeu a Escola Agrícola que citara em sua correspondência. A revista "Lavoura e Indústria" ficou nos planos não realizados do português. Uma resposta de José Carlos Rodrigues, se houve, é desconhecida. Mas naquele ano, 1873, alguns meses mais tarde e por outra iniciativa, surgiu o primeiro periódico e a primeira tipografia em Vassouras. Desse modo,*O Município* teve Augusto Emilio Zaluar como um de seus ativos colaboradores.

Ao passar em análise os editoriais de estreia desse periódico, e dos demais que foram publicados em Vassouras, é possível identificar uma retórica constante que olha para dentro da imprensa, e o seu próprio fazer, como "sinais" de progresso e civilização. Desde o projeto da *Sociedade Promotora da Civilização e Indústria*, passando pela tentativa do anônimo jornalista carioca e o ambicioso projeto de Zaluar, fica evidente o desejo de um grupo de homens naquela sociedade de ocupar o espaço da cidade através da imprensa. Havia ali uma vontade de imprensa. A palavra impressa engendra novas práticas culturais e, a partir dela, como objeto e fonte, pode-se lançar um novo olhar sobre essas práticas. O que os periódicos vassourenses diziam sobre si próprios? Sobre o ofício dos homens de imprensa? Qual imagem construíram do passado da cidade ou da imprensa local?

1.3 A História nas páginas dos jornais

A primeira crônica histórica de Vassouras saiu da pena de Alexandre Joaquim de Siqueira (1812-1874), que escreveu, em 1852, a *Memória Histórica do Município*

de Vassouras, oferecida ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.[126] Natural de Niterói, formou-se em Direito em São Paulo (1835). No ano seguinte, mudou-se para Vassouras, tendo ocupado diversos cargos públicos ao longo da vida. Fato interessante foi ter lutado contra a Revolução de 1842 em Minas Gerais, liderando tropas da Guarda Nacional.[127] O autor divide sua crônica em oito temas gerais sobre os quais faz comentários.

Sobre o tema *Agricultura*, discorre sobre os custos da terra, os equipamentos utilizados nas lavouras, os métodos empregados para o trabalho nas fazendas de café, descreve a estrutura básica dessas fazendas, aponta a necessidade de melhoramentos como o cuidado com as estradas para escoamento da produção, o crédito rural para financiar a agricultura e, por fim, a introdução de braços para a lavoura. Felicita pela abolição do tráfico de escravos, dizendo "que era preciso pôr termo a esse elemento de destruição que ameaçava o Brasil [...]".[128]

Passa a descrever a *Organização Religiosa* da vila citando a presença de protestantes e judeus em pequeno número. Descreve as igrejas de cada freguesia, a organização e os custos dos ofícios religiosos.[129] Segue descrevendo sobre as *Águas* num arrolamentos dos rios e córregos que cortam o território.[130] Discorre sobre a *Indústria*, entendida como todas as atividades profissionais liberais presentes na vila.[131]

O tópico mais longo na narrativa de Siqueira foi dedicado à *Organização Judiciária*. É fácil compreender, estando ele diretamente envolvido naquele meio. Faz longa descrição das funções da magistratura local e da legislação que dá

---

[126] O texto original não foi localizado nos arquivos do IHGB. Foi utilizada a publicação que compilou vários textos de interesse histórico realizada por GREENHALG H. Faria Braga,*Vassouras de ontem*. Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1975, pp. 81-116.

[127] SILVA, Rudy Mattos da. *Galeria das personalidades notáveis de Vassouras*. Vassouras: Edição do autor, 2002, pp. 19-20.

[128] FORTE, José Mattoso Maia. *Memória Histórica do Município de Vassouras* apud BRAGA, G. F., p.88.

[129] Ibidem, pp. 89-92.

[130] Ibidem, pp.92-93.

[131] Ibidem, p. 93.

suporte a ela. Passa, em seguida, à *Organização Administrativa* listando como se encontrava a instrução pública, as obras de caridade e as estradas.[132]

Em seguida, trata da *História e Administração* do município. Recupera relatos orais em cujo livro consta a lei de criação da vila de Pati do Alferes em 1820. Dito isso, lança a assertiva: "Pobre é a história do Município". Lista, contudo, uma série de eventos que julgou importantes. Desde a criação da Freguesia de Pati em 1726, passando pelas revoltas escravas, ocorrida e frustrada, em 1837 e 1847. Continua, descrevendo as atribuições da Câmara Municipal e do seu corpo de funcionários.[133]Por fim, denomina *Trabalhos Públicos* a seção dedicada a enumerar os edifícios existentes na freguesia de Vassouras e descrevê-los sucintamente.[134]

A narrativa de Siqueira não toca na questão da imprensa periódica e também deixa dúvida sobre a motivação do seu julgamento acerca da pobreza da história local. Quando o autor da primeira crônica histórica de Vassouras faleceu, em 1874, Emílio Zaluar estava presente e fez um discurso durante o sepultamento.

A próxima tentativa de historiar o passado de Vassouras, depois de Siqueira, se deu em 1877 nas páginas d'*O Município*. Já se recorreu, neste capítulo,às informações reunidas por Alberto Brandão para tratar da tentativa de criação de um periódico pela *Sociedade Promotora da Civilização e Indústria*. O conjunto de crônicas publicadas sob o título "O passado e o presente de Vassouras" foram, e são, referências para a historiografia regional até hoje. Ignácio Raposo utilizou amplamente a imprensa oitocentista como fonte para construir a sua *História de Vassouras*.[135] Naquele mesmo contexto, José Mattoso Maia Forte, em nota final à sua *Memória da Fundação de Vassouras*, assim rememorava:

---

[132] FORTE, José Mattoso Maia. *Memória Histórica do Município de Vassouras* apud BRAGA, G. F., pp. 103-6.

[133] FORTE, José Mattoso Maia. *Memória Histórica do Município de Vassouras* apud BRAGA, G. F., pp. 107-113.

[134] Ibidem, pp. 113-116.

[135] Em tese recente, André Jacques Martins Monteiro aponta como a imprensa foi essencial para o trabalho de Ignácio Raposo. Segundo ele, "A imprensa tornou-se o principal veículo de difusão desses escritos sobre o passado da cidade, predominando certo ufanismo local e a nostalgia do período de pujança econômica da cidade. Estas narrativas foram elaboradas em formato de crônicas que e apresentavam como fragmentos temáticos ou retratos esparsos do passado que, reforçando a ideia da formação de um mosaico, compunham os primeiros delineamentos de uma imagem de lugar, que esboçava um caráter coletivo. Essa ideia de mosaico apresenta-se na forma como Raposo incorpora tanto os textos quanto seus autores em sua *História de Vassouras*, juntamente com as

> Era nossa intenção reunir em volume as crônicas que Alberto Brandão, vassourense ilustre educador emérito, publicou em O Município, de Vassouras, em 1877, sobre "o passado e o futuro" [sic] de sua terra natal. Queríamos prestar essa homenagem à memória de um nosso benfeitor e amigo, de quem fomos discípulo e cuja amizade constituiu para nossa infância um verdadeiro Dom da Divina Providência. Não pudemos fazê-lo; mas, aceitando a incumbência de escrever este trabalho, tivemos muito em vista dedicá-lo à memória do venerando educador [...].[136]

A citação acima acerca das crônicas de Alberto Brandão permite a criação de uma genealogia da historiografia local. Na década de 1930, Maia Forte (1933) e Raposo (1935) construíram narrativas historiográficas assentadas sobre outras narrativas que tiveram a imprensa periódica como palco, e seus redatores como personagens principais. Vale dizer que *História de Vassouras*, de Raposo, foi publicada pelo *Vassourense* entre 1930 e 1932.[137] Àquela altura, o periódico já estaria em circulação, com interrupções que não podem ser precisadas e diversos proprietários e redatores, há pelo menos quarenta anos.

As crônicas publicadas n'*O Município* trazem uma estrutura narrativa organizada sempre a partir de um sumário. Podem ser recuperados os números publicados entre 24 de maio e 26 de agosto de 1877, em sete edições. Brandão buscava ancorar suas narrativas em documentos que recolhia junto às pessoas da cidade. Adverte o redator a certa altura que

> O Passado e o Presente de Vassouras –
> O nosso colega, autor dos artigos sob a epígrafe acima, comunica-nos que interrompe esses artigos por alguns dias, esperando continuá-los logo que lhe venham às mãos alguns esclarecimentos de que carece e que está colecionando.[138]

Alberto Brandão faz o papel de historiador, ou historiógrafo, ao recolher documentos e buscar interpretá-los para construir a narrativa sobre o passado de

---

demais fontes que derivam sua pesquisa, para construir enfoque sobre a cidade". MONTEIRO, André Jacques M. *Vislumbre da alma da cidade:* uma construção da imagem do lugar através do livro História de Vassouras. Unirio (mimeo), 2016. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese62.pdf>. Acesso em: 20 de jan. 2018.

[136] FORTE, José Mattoso Maia. *Memória Histórica do Município de Vassouras* apud BRAGA, G. F., p. 95.

[137] Ibidem, p. 93 (nota). André J. M. Monteiro comenta que não são conhecidas coleções do *Vassourense* dessa fase. O periódico deveria estar, ao menos, em sua quinta fase.

[138] *O Município*, 7 de junho de 1877, p. 01.

Vassouras. Diversas informações recolhidas por Brandão foram utilizadas ao longo desse capítulo e mostram como a imprensa foi determinante para a construção das bases da historiografia local.

A imprensa periódica, como motivadora e construtora da memória local, evidencia-se também na série de publicações do *Almanach do Vassourense*, entre 1887 e 1889. O *Almanach* retoma as publicações da seção "O passado e presente de Vassouras".[139] O primeiro fragmento publicado traz uma interessante introdução que denota certo pessimismo em relação à situação da cidade e do país à época. Antes de reproduzir o texto publicado em 1877, Alberto Brandão observa o seguinte:

> Vassouras, colocada entre morros escavados e despidos de vegetação, parece uma cidade do oriente, morta ou adormecida à sombra de suas palmeiras [...].
> Não a julguem, porém, nem a condenem pela inércia e pelo quietismo do presente, não; subam ao paço municipal, revolvam-lhe os arquivos, e neles encontrarão honrosas e consoladoras tradições.
> O desalento que nos oprime atualmente, estende-se por todo o país. O império vacila corroído pela base, e em torno de seu corpo, quase cadáver, agitam-se pigmeus para o quais o *vivere* é tudo, e a pátria – palavra erma de sentido.[140]

A recuperação do passado foi introduzida por uma análise do presente. O historiador faz um apelo saudosista referindo-se ao passado vassourense como um lugar ideal no qual se pode vislumbrar todo o desenvolvimento daquela localidade. Ênfase é dada aos documentos dos "arquivos" da municipalidade – hoje essenciais aos historiadores do Vale – como repositórios autorizados da verdade histórica.

Ao fim da introdução, Brandão passa em análise rapidamente a situação do Império brasileiro chamando-o de "cadáver", pois já não tinha mais a sustentação de sua base. Como discutido anteriormente, essa base estava localizada majoritariamente na província fluminense.

Pelas páginas da imprensa de Vassouras também é possível recuperar gestos e falas de grupos que estavam completamente marginalizados. A escravidão, que será tema de discussão na imprensa, aparece nos anúncios de escravos fugidos, ou postos a venda. A gênese de Vassouras se deu, em enorme medida, pelo trabalho escravo. Era impossível não vê-lo em todos os lugares.

---

[139] *Almanach do Vassourense*, 1887, p. 43-47; 169-75.

[140] Ibidem, p. 46.

1.4 A cidade em tempos de mudança

A história de Vassouras a partir dos anos 1870 foi narrada por alguns historiadores como o tempo da decadência.[141] Ignácio Raposo ao dividir a história da cidade em cinco grandes etapas sociais localizou entre os anos de 1854 e 1878 o período áureo. Na passagem do século XIX para o século XX, entre 1878 e 1914, caracterizou o período de decadência. Quais fatos foram levados em conta pelo historiador para essa divisão?

Dois fatores, para Raposo, marcaram o início da decadência de Vassouras. O primeiro estava relacionado à construção da estrada de Ferro d. Pedro II. A proximidade da estação de Vassouras, distante apenas sete quilômetros, drenou o movimento do comércio local para a Corte.[142] O segundo fator relaciona-se a epidemia de febre amarela que se bateu sobre o centro urbano da freguesia de Nossa Senhora da Conceição entre os anos de 1880 e 1881. O flagelo da febre e seu ineditismo serra acima levaram a um esvaziamento daquele que era certamente um dos maiores núcleos urbanos do Vale do Paraíba fluminense.

Stanley Stein dividiu a história do município em três grandes momentos ao longo do Oitocentos.[143] Para o historiador a partir da década de 1880 Vassouras entrou em sua fase de decadência. O fio condutor da narrativa de Stein relaciona-se ao fator econômico e estava representado pelo declínio da produção cafeeira nas fazendas da região. As causas são variadas e, dentre algumas, pode-se citar o esgotamento das terras férteis e crise do trabalho escravo cujo corolário foi a abolição em 1888. O epílogo, conclui Stein:

---

[141] Segundo Raposo essa seria a divisão lógica da história de Vassouras por etapas sociais: Período Patiense (de 1820 a 1833); Período de formação (de 1833 a 1854); período áureo (de 1854 a 1878); período de decadência (de 1878 a 1914); período de soerguimento (de 1914 a 1930) e período de remodelação (de 1930 em diante).

[142] RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Rio de Janeiro: SEEC, 1978, p. 168.

[143] Em sua tese Stanley Stein divide o período analisado em três partes: “do sertão à fazenda” no qual analisa a formação das fazendas de café como unidades de produção a partir das divisões das sesmarias originais; “a economia da prosperidade” seguindo divisão cronológica similar a de Raposo (1850-1870) na qual caracteriza a “sociedade da grande lavoura” e, por fim, o período de “decadência” que culmina com a substituição gradativa da lavoura cafeeira pela pecuária e pelo êxodo da população local. Cf. STEIN, Stanley J. *Grandeza e decadência do café*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

> Se é verdade que abolição e o advento da República aceleraram o ritmo de desenvolvimento das zonas cafeeiras do estado de São Paulo criando oportunidades para os trabalhadores imigrantes europeus, é também verdade que esses fatos contribuíram para convencer os fazendeiros do Vale do Paraíba da instabilidade de suas condições econômicas assim como de sua inevitável decadência. O agravamento dos sintomas mórbidos, que já se faziam sentir durante as décadas que precederam o treze de maio, continuaram a solapar a estrutura social da grande lavoura vassourense. A alta dos preços do café nos começos da década de 90 ajudou os fazendeiros de Vassouras nos seus esforços para realizarem alguma estabilidade pela reorganização de novas turmas de trabalho. Porém, a queda dos preços na segunda parte daquela década apressou a rápida transição de Vassouras para a nova atividade econômica – a criação de gado – e relegou a região a membro permanente da comunidade das "cidades mortas" do esgotado e devastado Vale do Paraíba.[144]

Desta feita, deve-se apontar um contraponto importante à perspectiva dos historiadores acima. Ricardo Salles, estudando a conformação da segunda escravidão no Vale do Paraíba ao longo do século XIX, tendo Vassouras como objeto de análise, propõe uma divisão diferente para analisar o desenvolvimento econômico da região e as fases da cultura cafeeira.[145] O último período, de 1866 a 1880 foi identificado como grandeza, em oposição à perspectiva do início de um declínio. Salles ancora-se na perspectiva do historiador Robert Slenes para o qual a ideia de decadência econômica, inaugurada por Raposo e amplificada nos estudos de Stein, parece inadequada antes da década de 1880.[146]

Na imprensa periódica local já na década de 1870 verifica-se a retórica de um passado faustuoso frente a um presente de dificuldades. No tópico anterior essa retórica foi analisada. Indo em sentido oposto ao que foi apresentado por Raposo e Stein, busca-se aqui apresentar o contexto urbano de Vassouras, freguesia da cidade e as demais, como um espaço que passa por um processo acelerado de transformações ao longo das décadas de 1870 e 1880. Buscando evitar adjetivá-las,

---

[144] STEIN, Stanley J. *Grandeza e decadência do café*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961, p. 333.

[145] Para Salles "os quatros períodos identificados são: implantação, de 1821 a 1835; expansão da produção de café e da *plantation* escravista, de 1836 a 1850; apogeu, de 1851 a 1865; e grandeza, 1866 a 1880". SALLES, Ricardo. *E o vale era o escravo*: Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 150.

[146] Cf. SLENES, Robert. "Grandeza ou decadência? O mercado de escravos e a economia cafeeira da província do Rio de Janeiro, 1850-1888". In: COSTA, Iraci del Nero da. *História econômica e demográfica*. São Paulo: IPE/USP, 1986. Salles salienta ainda que carecem estudos que confirmem essa decadência e possam, inclusive, determinar a medida e o seu ritmo. Cf. SALLES, Ricardo. *E o vale era o escravo*: Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 174 (nota 27).

interessa mais perceber como a imprensa e a intelectualidade local mobilizaram retoricamente os sintomas daquelas mudanças, sendo a própria imprensa um deles. Vassouras foi certamente, como bem caracterizou Stein, uma "sociedade da grande lavoura", contudo, múltiplas visões dessa sociedade foram produzidas desde a cidade, seu núcleo urbano e por grupos que somente indiretamente estavam ligados ao mundo rural.

No editorial d'*O Município*, de 25 de outubro de 1874, o redator inicia seu texto fazendo um balanço das transformações pelas quais passava a cidade: "Vassouras tem realizado no espaço destes últimos anos, tanto na ordem moral como na ordem material, uma série de melhoramentos que muito honram seu espírito patriótico nos cometimentos do progresso". Este conceito torna-se exaustivo na retórica da imprensa local.[147] A civilização do Oitocentos ancorou-se nele para justificar e fazer uma série de transformações materiais naquela sociedade. Prossegue o redator:

> Depois de possuir uma importante biblioteca popular, ruas bem calçadas e arborizadas, uma tipografia e um jornal, estando já assentados os lampiões para a iluminação pública, eis que se funda um novo colégio de instrução primária e secundária, e como se não contentasse ainda com estes louváveis empreendimentos, surge a ideia de incorporar uma companhia para estabelecer uma linha de bondes da Estação do Rio das Mortes à cidade. [...] A boa viação pública é um meio poderoso de enriquecer o país, e aumentar aos particulares um grande contingente na soma do bem estar.[148]

Os sintomas do progresso foram nominados: instrução, iluminação, imprensa e estradas de ferro. A biblioteca popular será um dos temas do próximo capítulo. A

---

[147] Fernando Brame chama a atenção para a modificação das dinâmicas sócio-espaciais proporcionadas pelas estradas de ferro. Segundo ele, "a inauguração das estradas de ferro representou uma enorme mudança em diversos níveis da vida social fluminense. As relações políticas, principalmente entre o poder público e a iniciativa privada, ganharam uma dimensão diferente com o envolvimento de um volume cada vez maior de recursos financeiros e uma quantidade cada vez mais diversificada de profissionais. A noção de tempo também foi alterada. A velocidade dos trens era algo jamais experimentado e que impressionou e influiu no comportamento de muitas pessoas. As expectativas dos passageiros em relação ao tempo de viagem e dos homens de negócios em relação ao volume de mercadorias e ao prazo de entrega das encomendas também sofreram uma considerável mudança [...]. a ideia de progresso e desenvolvimento material ganhou um impulso muito forte com as estradas de ferro [...]". BRAME, Fernando Ribeiro Gonçalves. *O Império dobre os Trilhos*: Estado, disputas políticas e articulação sócio-espacial do Rio de janeiro. Rio de Janeiro: Gramma, 2014, p. 48 (nota 21).

[148] *O Município* apud PINTO, Jorge. *Fastos Vassourenses*. Vassouras: Fundação 1º de maio, 1935, p. 45-6.

criação da estrada de ferro dom Pedro II em 1855 modificou profundamente parte da dinâmica econômica do Vale do Paraíba. O encurtamento das distâncias para o escoamento do café para o porto do Rio de Janeiro contribuiu também para uma capilaridade maior na circulação de pessoas pelo interior do Vale e pela Corte. Esse fator foi apontando justamente por Raposo como um dos responsáveis pelo declínio econômico da freguesia da cidade.

> A descentralização do município, ocasionada pela construção da Estrada de Ferro D. Pedro II, como previa Alberto Brandão, foi o primeiro passo para o declínio de Vassouras. Ligada com a metrópole do império, não houve mais uma pessoa que se sentisse bem nesta cidade sem dar passeios ao Rio, pois a pequena viagem para esse efeito não seria dessas que abatem os ânimos dos fracos, nem lhes amofinem a bolsa. Desta data em diante, em vez de promoverem grandes festas em Vassouras, trataram os fazendeiros de tomar parte nas que se realizavam no Rio.[149]

Raposo prossegue sua análise afirmando que Vassouras foi se tornando uma cidade para os "veranistas" que fugiam do calor da Corte. Uma cidade sazonalmente ocupada. Para o historiador-memorialista, "seguia-se ao labor vassourense a malandrice carioca".[150] A visão do cronista d'*O Município*, em 1874, era, contudo, diferente. Aquele conjunto de transformações estava sendo apresentado de maneira positiva, compreendendo a cidade como um espaço dinâmico em transformação – "Os bondes aproximarão necessariamente o nosso município da capital do império e farão de Vassouras um arrabalde do Rio de Janeiro [...]". Transforma-se na periferia da Corte poderia ser algo positivo, avalia o jornal.

> A quatro horas de distancia do nosso grande centro comercial, com todas as condições para a vida fisiológica e para a vida intelectual, a cidade de Vassouras, com a sua linha de bondes, será porventura uma das mais concorridas cidades povoações serra acima. Aos meios de transportes atuais, pesados e incômodos, sucederá uma locomoção agradável, módica e segura que não só forçosamente deve convidar maior número de passageiros, como auxiliar nossos lavradores, diminuindo os custos do transporte do café [...].
> Se por este lado ganha muito a produção agrícola, não menos vantajoso é para o comércio o nosso meio de viação [...].
> Encarada sob o ponto de vista tanto do interesse geral como da conveniência particular, a linha de bondes que se vai estabelecer entre nós, apresenta-se como uma das mais úteis iniciativas do progresso local [...].

---

[149] RAPOSO, Ignácio. História de Vassouras. Rio de Janeiro: SEEC, 1978, p. 168.

[150] Ibidem.

> Esta nova empresa abre uma nova era ao futuro de Vassouras e de prosperidade ao município. Fazemos votos para que os fatos confirmem nossas esperanças.[151]

O editorial reproduzido acima traz uma análise da conjuntura da cidade e apresenta um prognóstico muito positivo acerca da nova empresa de bondes e seu impacto na vida local. Conforme já apresentado nesse capítulo parte da classe senhorial de Vassouras teve papel determinante na criação da Estrada de Ferro d. Pedro II. Os planos frustrados dos irmãos Teixeira Leite em fazer com que os seus trilhos atingissem o centro da freguesia da cidade foram então minorados pela construção da Estação de Vassouras (1865), inicialmente denominada Rio das Mortes, distante sete quilômetros. Entre a cidade e essa estação foi aberta uma estrada de rodagem macadamizada. No curso dessa estrada foram instalados os trilhos da nova companhia de bondes.

O capital inicial da nova empresa foi fixado em Rs. 120:000$000, distribuídas em seiscentas ações. O decreto 5787, de 4 de novembro de 1874, aprovou os estatutos da companhia. As obras se iniciaram no mês anterior tendo como responsáveis os concessionários José Maria de Andrade e Theodoro Riedel. O engenheiro responsável foi Gustavo Adolfo Tem Brink.[152] Novamente *O Município* reforça a ideia de que a linha de bondes inserir-se-ia numa esteira de transformações recentes:

> Se Vassouras tanto tem prosperado nestes últimos três anos, iniciando tão grande número de manifestações de progresso material e moral, fácil é compreender os benefícios que lhe devem resultar da carreira de bondes que vai inaugurar e tanto concorrerá para facilitar o transito de passageiros e o transporte de mercadorias.[153]

A inauguração da nova linha e estação de bondes ocorreu em 5 de março de 1875. Raposo descreve o clima festivo em pormenores citando os bondes enfeitados com bandeiras, diversos oradores e, inclusive, relatando que foi servido aos

---

[151] *O Município* apud PINTO, Jorge. *Fastos Vassourenses.* Vassouras: Fundação 1º de maio, 1935, p. 46-7.

[152] Ibidem, p. 48-9.

[153] Ibidem, p. 48.

presentes doces, bebidas e frutas frescas.[154] A operação da nova empresa, denominada Companhia Ferro-Carril Vassourense, ficou a cargo de José Maria de Andrade, presidente; Bernardino Ribeiro de Avellar, tesoureiro; Francisco de Sá Carvalho, secretário e Theodor Riedel, gerente. Os bondes de tração animal percorreriam toda a região central da freguesia e daí partiria para a Estação de Rio das Mortes.

> O trajeto dos bondes era feito pela Rua Bonita, hoje Caetano Furquim, Largo do cemitério da Conceição, Rua Direita, hoje barão de Massambará, Beco do Tenente Souza, hoje chamado Rua Dona Ana Jesuína, Rua das Flores e do Comércio, atualmente denominada barão de Vassouras, donde se dirigia à estação partindo depois pela estrada do Rio das Mortes até galgar seu destino. Estes bondes chegavam justamente à Estação do Rio das Mortes no mesmo ensejo em que o trem da Estrada de Ferro D. Pedro II atingia a gare, de modo que os passageiros que os tomassem estariam na cidade de Vassouras dentro de quarenta e cindo minutos.[155]

Imagem 5 — Estação da Ferro-Carril Vassourense

Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/17/Vassouras_-_ Ferro-Carril_Vassourense_-_cerca_1910.jpg> Acesso em 10/01/2018.

Não é possível precisar a data da fotografia acima. Nela observam-se os bondes de tração animal utilizados no transporte de passageiros. Encostado na lateral direita da estação um carro para transporte de mercadorias. As atividades da companhia foram mantidas até 1881, quando por ocasião da epidemia de febre

---

[154] RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras.* Rio de Janeiro: SEEC, 1978, p. 164.

[155] Ibidem, p. 168.

amarela ela foi abandonada e posteriormente dissolvida pela Assembleia provincial.[156] No ano seguinte a câmara municipal contratou Guilherme de Almeida Magalhães para a viabilização de estudos para implantação de uma nova estrada de ferro ligando a cidade a Estação de Vassouras. Constitui-se desse modo a Companhia Estrada de Ferro Vassourense, inaugurada em 1884. Contando com uma locomotiva a vapor, o tráfego, irregular algumas vezes, foi mantido até 1887. Dali em diante a concessão passou ao comendador Bernardino Correia de Matos. Desse modo a Companhia Viação Mecânica Vassourense assumiu a operação da linha férrea e o transporte de mercadorias e passageiros entre a Estação da cidade e a Estação de Vassouras.[157] Paralelo a esse desenvolvimento das estradas de ferro locais houve também a instalação de cabos telegráficos e estações ao longo das linhas férreas e, em 1881, o primeiro telefone na freguesia da cidade. Todas essas inovações continuaram repercutindo na imprensa local.

A nova companhia para o tráfego entre Vassouras e a estação da d. Pedro II teve o capital estabelecido em Rs.100:000$. O ponto de partida da nova linha foi fixado defronte a praça barão do Campo Belo, área central da freguesia. Entre 1883 e 1884 houve atrasos e percalços na construção da nova linha férrea. O jornal *Vassourense* acompanhou e noticiou todo esse processo, sempre enaltecendo a iniciativa – “O dia 27 de março será a data memorável da Vassouras moderna, iniciando fase nova, que excederá o legendário brilhantismo da antiga [...]”.[158] Nesse mesmo ano surgiu em Vassouras um periódico humorístico denominado *Carris Litterarios* numa alusão a nova Companhia. Francisco Picanço, em 1884, assim descreveu a nova estrada: “[...] hoje existe uma estrada de ferro a vapor, de bitola de 0,66m, e condições técnicas regulares, medindo 6 km de extensão [...]. Os elementos de tráfego são: passageiros e mercadorias que transitam da estação da E. F. d. Pedro II para a cidade de Vassouras e seus arredores, e vice-versa”.[159]

---

[156] RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras.* Rio de Janeiro: SEEC, 1978, p. 179.

[157] Ibidem, p. 179-180.

[158] *Vassourense*, 1º de abril de 1883, p. 1.

[159] PICANÇO, Francisco, apud, BRAME, Fernando Ribeiro Gonçalves. *O Império dobre os Trilhos*: Estado, disputas políticas e articulação sócio-espacial do Rio de janeiro. Rio de Janeiro: Gramma, 2014, p. 229.

Passou a funcionar na Estação do Vassourense um posto de telegrafo ligado à linha da E. F. d. Pedro II.

A noção de progresso material e moral advindo das inovações técnicas que encurtavam o tempo e faziam pessoas e mercadorias se deslocarem com velocidade inédita estava consolidado. Em 1880, Manuel Buarque de Macedo, ministro e secretário dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, afirmava que:

> A ferrovia não é só um agente poderoso da vida econômica. Encurtando as distancias e acelerando e multiplicando as comunicações, ela fomenta a circulação das ideias, aproxima interesses, estimula o trabalho em todos os seus ramos, facilita a administração da justiça, impulsiona enfim o progresso material e moral nos seus diversíssimos aspectos.[160]

Imagem 6 — Estação de Vassouras (c.1864)

Fonte: BN Digital.<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon326381/icon326381_05.jpg> Acesso em: 10/01/2018

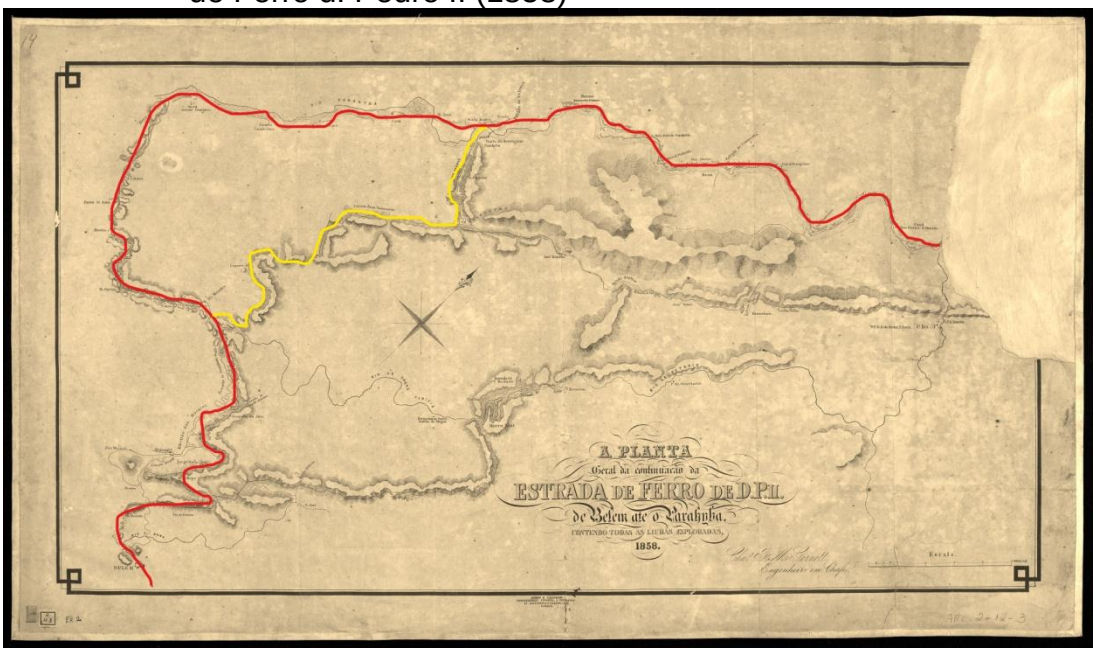
Entre as edições 17 e 34 do *Vassourense,* em 1884, Guilherme de Almeida Magalhães publicou uma série de estudos mostrando a viabilidade da construção de um ramal da Estrada de Ferro Vassourense ligando a freguesia da cidade a Mendes. A concessão para a nova Companhia incluía a possibilidade da construção desse

---

[160] Relatório do ministro e secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, de 14 de maio de 1880, apud BRAME, Fernando Ribeiro Gonçalves. *O Império dobre os Trilhos*: Estado, disputas políticas e articulação sócio-espacial do Rio de janeiro. Rio de Janeiro: Gramma, 2014, p. 48-9.

ramal. Argumentava-se que o novo trajeto encurtaria em 24 km a distância entre Vassouras e a Corte. Os debates em torno dos possíveis novos investimentos ferroviários traziam de volta o plano dos irmãos Teixeira Leite de quando o estabelecimento do terceiro trecho da d. Pedro II, quando se pretendeu que os trilhos saíssem de Mendes e cruzassem o centro de Vassouras em direção ao rio Paraíba do Sul.

Imagem 7 — Planta dos possíveis traçados para a terceira etapa da Estrada de Ferro d. Pedro II (1858)



Fonte: CDH/Iphan, Vassouras.

Na planta reproduzida acima se destaca em vermelho o traçado que foi adotado por representar menores custos. Em amarelo destaca-se o traçado pretendido pelos irmãos Teixeira Leite e que seria reativado pela proposta de Almeida Magalhães. Naquele contexto a imprensa também repercutiu o projeto, nunca realizado, de prolongar a via férrea de Vassouras a localidade de Massambará, na freguesia de Pati do Alferes. Na década de 1870 outro projeto malogrado pretendeu estender os trilhos de Belém (atual município de Japeri/RJ) até

Pati do Alferes e dali até Entre Rios.[161] No território vassourense a E. F. d. Pedro II contava com dezesseis estações na década de 1880.[162]

No decorrer das duas décadas aqui analisadas não foi somente o debate em torno das vias férreas que mobilizou a atenção da imprensa local. De forma geral todas as transformações materiais empreendidas no município encontraram na imprensa uma voz amplificadora. Retornando a 1874, no contexto das discussões sobre a implantação da companhia de bondes, outra novidade ocupou os jornais: a iluminação pública.

A configuração da região central da freguesia ganhou seus contornos atuais em 1874, quando o fazendeiro Cristóvão Corrêa e Castro, doou para a municipalidade todo o terreno entre a igreja matriz e a Rua do Comércio.[163] Naquele momento a nova praça passou a se chamar barão do Campo Belo e foi transformada em passeio público. No início de 1873, a câmara municipal arborizou as principais ruas e praças.[164] No início daquele ano a câmara municipal deliberou a contratação do serviço de iluminação pública para toda a região central da freguesia. *O Município* acompanhou aquele processo:

> Deve estrear-se em um dos dias desta semana a iluminação da cidade; 100 elegantes pilastras de ferro fundido, semelhantes às da iluminação a gás da capital do império, sustentando outros tantos lampiões a querosene, entornarão a luz pelas ruas, largos e próximas circunvizinhanças da povoação [...].
> Aproveitamos, portanto, para, em nome dos habitantes desta cidade, como órgãos de sua imprensa, louvar os importantes serviços prestados nesta ocasião [...].
> *É fácil reconhecer o alcance deste novo adiantamento local. Uma povoação em trevas é um anacronismo neste tempo e quase um esquecimento da civilização*. A iluminação pública é o mais poderoso agente da boa polícia, é a moralidade, é finalmente vigilante garantia da segurança individual.
> *Se a luz intelectual espanta as trevas da ignorância*, a luz física protege o indivíduo, envergonha as ações condenáveis e faz geralmente retroceder a covardia do crime. A cidade iluminada patrocina e alegra seus moradores [...].[165] (grifos nossos)

---

[161] *O Município*, 22 de março de 1874 *apud* PINTO, Jorge. *Fastos Vassourenses.* Vassouras: Fundação 1º de maio, 1935., p. 154-5.

[162] *Vassourense*, 30 de dezembro de 1883, p. 2.

[163] *O Município*, 13 de setembro de 1874 apud PINTO, Jorge. op. cit., p. 50.

[164] *O Município* apud PINTO, Jorge. op. cit., p. 76.

[165] PINTO, Jorge. *Fastos Vassourenses.* Vassouras: Fundação 1º de maio, 1935., p. 52-3.

Destaca-se na citação acima o jogo que o redator faz entre a iluminação da cidade e a “luz intelectual”, da qual, implicitamente se coloca como holofote. O conceito de civilização foi retomado para recolocar a cidade no caminho do desenvolvimento material do século. As legislaturas municipais de 1869 e 1873 são retratadas na imprensa vassourense como grandes realizadores de importantes transformações no cenário urbano da cidade.

Retomando a discussão sobre grandeza ou decadência, compreende-se que as dinâmicas sociais a partir da década de 1870 foram se modificando. O aparecimento da imprensa em 1873 e a diversificação da cena urbana, principalmente, conformaram o discurso de uma sociedade que se modernizava e desejava inserir-se no contexto do século que apontava para o futuro, para o progresso material. Nesse cenário qualificam-se cada vez mais homens de letras que, gravitando em torno dos jornais, assumem a função de intelectuais prontos a discutir a realidade política e cultural lançando-se na esfera pública e configurando uma opinião pública. Compreender as transformações na cena urbana amplia essa percepção sobre o momento novo que viveu aquela sociedade a partir dos anos 1870. A sociedade hermética, avessa à imprensa, transformava-se e era transformada a partir de novos sujeitos postos em cena.

1.5 Práticas de leitura, oralidade e escravidão

O censo de 1872, além de ser o mais confiável levantamento estatístico sobre a população do Brasil Império, foi o primeiro a incluir a população escrava. Desse modo, como evidencia a **Tabela 1**, havia em Vassouras aquela época mais de vinte mil indivíduos na condição de cativos. Como dito anteriormente, esse trabalho busca investigar o papel da imprensa naquela sociedade como agente histórico ao mesmo tempo em que registrava os fatos cotidianos. Apontava, desse modo, as transformações pela qual passou aquela sociedade entre 1870 e 1890. Embora

estivessem, em sua esmagadora maioria, excluídos do acesso formal à instrução, os escravos estavam, sem dúvida, inseridos no "mundo da comunicação".[166]

Cabe então perscrutar como aqueles indivíduos aparecem inseridos nesse mundo a partir da década de 1870. Pretende-se assim ampliar a visão sobre os sujeitos históricos que transitavam por aquele espaço público e como estavam inseridos nele. Marialva Barbosa, autora importante para essa discussão, afirma que homens e mulheres escravizados eram:

> Como homens de seu tempo, envoltos em uma atmosfera em que as letras impressas passam a ocupar gradualmente lugar central nos ambientes públicos e privados, também os escravos eram leitores de múltiplas naturezas: leitores por saberem efetivamente ler e escrever, estando imersos em códigos de leitura e de escrita, leitores por escutarem os textos, sejam os diretamente lidos para eles ou os que se espalhavam pelos ambientes das casas e ruas; leitores, enfim, por saberem o significado das letras impressas e por acompanharem as imagens de suas faces e corpos expostas nos periódicos que circularam pelos campos e pelas cidades.

O leitor poderá se perguntar: há indícios sobre as práticas de leitura de escravos em Vassouras? Esse tópico busca responder a essa questão. Tomando a assertiva de Barbosa, e concordando com a autora, esses indivíduos não poderiam estar alheios às transformações que o mundo das letras operava no Brasil da segunda metade do Oitocentos. Logo, supõe-se que em Vassouras, onde metade da população do município era escrava, eles participavam desse universo.

Em *Escravos e o mundo da comunicação,* Barbosa propõe "[...] recuperar cenários comunicacionais dos escravos no século XIX".[167] Perpassando os diferentes "modos de ler", ela afirma que "os escravos eram leitores de primeira, segunda e terceira naturezas e, sobretudo, eram sujeitos imersos em múltiplos modos de comunicação". [168] Amparada na historiografia que desde os anos 1970 veem se debruçando sobre diferentes práticas de leitura, Barbosa afirma que "as habilidades de leitura e da escrita [...] são profundamente diferentes, mesmo em sociedades letradas. Da mesma forma são diferentes os processos de

---

[166] BARBOSA, Marialva. *Escravos e o mundo da comunicação*. Oralidade, leitura e escrita no século XIX. Rio de Janeiro: Mauad, 2016, p. 14.

[167] Ibidem, p. 15.

[168] Ibidem, p. 16.

aprendizagem da leitura e da escrita".[169] Negando que esses diferentes processos de letramento estivessem ausentes no mundo dos escravos Barbosa empreende uma longa pesquisa para tentar responder como, no Brasil do século XIX, os escravos liam.[170] Seguindo as pistas de Barbosa intenta-se o mesmo, focalizando o microcosmo de Vassouras. Busca-se tanto vislumbrar como a escravidão se aproximou do universo da imprensa e a representou bem como observar marcas que permitam enxergar naquele contexto as possibilidades desses sujeitos de participarem do espaço público sob a mediação de distintas práticas de leitura.

Alguns autores trataram as relações que podem ser estabelecidas entre imprensa e escravidão.[171]Gilberto Freyre, em 1961, publicou o ensaio *Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, sua intenção fornecer uma análise antropológica sobre os negros escravizados.[172] Utilizou como fonte as descrições trazidas nos anúncios de escravos, alugados, postos à venda ou fugidos, que abundaram nos jornais até às vésperas da abolição.[173] Em sentido oposto aos objetivos de Freyre, procurou-se na imprensa periódica que se estabeleceu em Vassouras a partir de 1873 a presença desses anúncios e as possibilidades de compreender a inserção desses indivíduos no mundo da comunicação a partir deles.[174]

O Município publicou, entre junho de 1877 e julho de 1879, trinta e oito anúncios de escravos fugidos. A presença dos anúncios no jornal, como se discutirá adiante, podia se dar por questões econômicas as quais as redações não poderiam abrir mão. Somados a esses há inúmeros anúncios de compra, venda e aluguel de escravos, principalmente para serviços domésticos e pequenas atividades

---

[169] BARBOSA, Marialva. *Escravos e o mundo da comunicação*. Oralidade, leitura e escrita no século XIX. Rio de Janeiro: Mauad, 2016, p 18.

[170] Ibidem. 17.

[171] MOREL, Marco. Imprensa e escravidão no Brasil do século XIX. In: LUSTOSA, Isabel (Org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

[172] Cf. FREYRE, Gilberto. *Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. São Paulo: Global, 2010.

[173] Humberto Machado recorda que no dia da abolição, 13 de maio de 1888, o *Jornal do Commercio* trouxe um anúncio de aluguel de escravos, ignorando completamente o fato.

[174] O capítulo 4 analisará de maneira mais detida a relação da imprensa vassourense com a escravidão, focalizando o momento dos debates em torno da abolição frente o crescimento do movimento abolicionista na década de 1880.

comerciais. Na cena urbana de Vassouras estava presente o escravo de ganho, a percorrer as ruas a serviço de seus senhores.

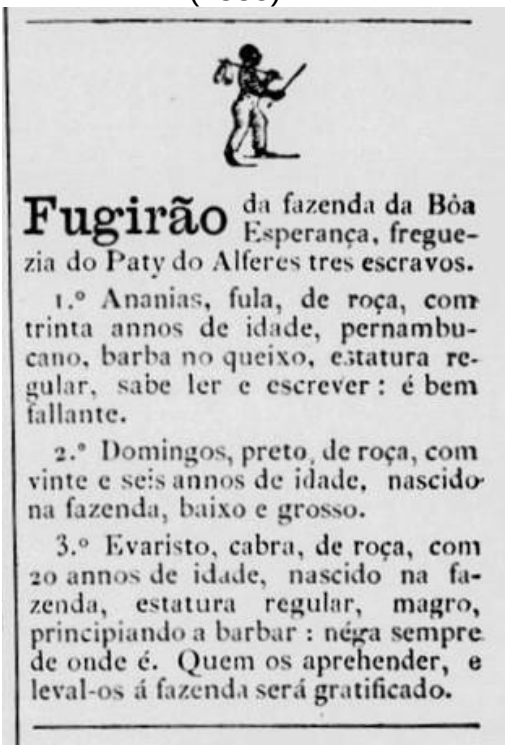
Na imprensa de Vassouras o escravo estava presente passivamente. Seus nomes figuram nos anúncios de fugitivos, processos crime e editais públicos que leilões de bens, os cativos dentre estes. Até mesmo pequenos jornais, como *A Crença*, traziam anúncios de escravos. No *Vassourense*, foram identificados quarenta e dois anúncios de escravos fugidos entre 1882 e 1887. Destaque para o ano de 1884, ao longo do qual se publicaram mais da metade desses anúncios. Os anúncios encontrados nos jornais de Vassouras não se diferenciam em conteúdo aqueles analisados por Freyre em seu trabalho. Aluguel, venda, compra e captura são os temas que aparecem nas páginas até 1887 quando, após uma censura do jornal *Paiz,* o *Vassourense* deixa de publicá-los.[175] Na imprensa local a escravidão se fazia presente cotidianamente, porém não há espaço para nenhuma manifestação, ou indício que seja de atuação de cativos ou libertos nas tipografias ou nos jornais.

Buscando observar na imprensa a inserção do escravo no mundo da comunicação, há um anúncio que indica que Ananias, pernambucano de 30 anos, sabia ler e escrever.

---

[175] Cf. Capítulo 4.

Imagem 8 — Anúncio de escravo fugido, *Vassourense* (1885)



Fugirão da fazenda da Bôa Esperança, freguezia do Paty do Alferes tres escravos.

1.º Ananias, fula, de roça, com trinta annos de idade, pernambucano, barba no queixo, estatura regular, sabe ler e escrever: é bem fallante.

2.º Domingos, preto, de roça, com vinte e seis annos de idade, nascido na fazenda, baixo e grosso.

3.º Evaristo, cabra, de roça, com 20 annos de idade, nascido na fazenda, estatura regular, magro, principiando a barbar: néga sempre de onde é. Quem os aprehender, e leval-os á fazenda será gratificado.

Fonte: BN. Hemeroteca Digital Brasileira

Pode-se afirmar que, assim como Ananias, muitos outros homens e mulheres vivendo na situação de escravidão também sabiam ler, escrever ou ambos. Dentre as características destacadas nos anúncios, a expressão “bem falante”, “fala bem”, “expressa-se bem” são, como indica Barbosa, “[...] sinais de fala [que] indicam a complexidade do mundo da comunicação em que estão imersos”.[176]Nos “entrelaçamentos” entre a imprensa de Vassouras e a escravidão enxerga-se a tensão entre cativos e livres numa sociedade que foi profundamente marcada pela escravidão. Ao reconstituir a memória e a história da imprensa local, na qual ganharam destaques indivíduos que compunham uma camada média urbana, não se pode passar ao largo da escravidão; instituição que Marialva Barbosa considerou “o nosso holocausto”.[177]

Saindo do tema da escravidão na imprensa, para o qual se retornará no quarto capítulo a fim de acompanhar os debates sobre a abolição, outros espaços

[176] BARBOSA, Marialva. *Escravos e o mundo da comunicação*, Oralidade, leitura e escrita no século XIX. Rio de Janeiro: Mauad, 2016, p. 144.

[177] Ibidem, p. 20.

de sociabilidades reuniam naquela sociedade homens livres, libertos e escravos num contexto no qual as informações circulavam corriqueiramente. Ignácio Raposo chamou a atenção para o interesse das pessoas pelos jornais que chegavam pelo correio.[178]Os bilhares e cafés, assim como botequins e praças poderiam aproximar esses dois mundos. O *Almanak Laemmert* de 1871 registrou em Vassouras seis bilhares em funcionamento nas cinco freguesias. Na edição de 1877 há referência a três "cafés e botequins" na freguesia da cidade. Em 1885, na mesma freguesia, anunciam quatro bilhares e três "cafés e botequins".[179] Entre 1878 e 1882, Januário Teixeira Leite, "o africano," anunciou seu café no *Laemmert*. Em 1880, lê-se o anúncio do café "Dois irmãos".

O "africano" Januário, que carrega o sobrenome dos Teixeira Leite, os quais já foram objeto de análise nesse capítulo, faleceu em 1891. Sem deixar herdeiros, procedeu-se um auto de arrecadação de seus bens. Na descrição dos objetos que estavam em sua casa à Rua Caetano Furquim nº 57, os avaliadores encontraram móveis e artefatos de cozinha que, pela quantidade e repetição, provavelmente eram usados no seu café. Dentre seus guardados pessoais havia "[...] uma cesta com sete caixinhas e uma dita com papéis [...], uma caixa de madeira contendo papeis e livros velhos [...], uma lata com papéis e cadernos velhos [...]".[180] A posse desses objetos indica que Januário, livre ou liberto (o mais provável), lia e escrevia. Em sua solidão, administrava seu café no momento de sua morte.

A leitura das fontes que buscam recuperar a ação desses homens e mulheres em práticas comunicacionais exige, entre o rigor da crítica, a imaginação do historiador. As suposições tomam indícios mínimos, como a posse de papeis, cadernos e livros velhos, para ampliar o espectro da análise que busca mostrar a existência de um *espaço público* no qual múltiplos sujeitos históricos estavam inseridos e agiam ativamente.

Ao longo deste capítulo, buscou-se mostrar como a vila de Vassouras se desenvolveu desde a sua criação em 1833 até a criação do município em 1857. Desse modo, focalizou-se a atuação de três famílias locais, principalmente alguns de

---

[178] Cf. Nota 169 (capítulo 2).

[179] Cf. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert (1871, 1877 e 1885).

[180] CDH. Arrecadação. Documento: 102663975009.

seus membros que foram tratados como intelectuais orgânicos da classe senhorial que deu sustentação ao Império do Brasil ao longo do século XIX.

Anterior ao surgimento da imprensa periódica, que só ocorreu em 1873, com originalidade se recuperou a trajetória de tentativas de estabelecer prelos e periódicos que pudessem vocalizar os anseios daquela sociedade que compreendia a imprensa periódica como um fator sintomático do progresso e da civilização. De forma ambígua, essa mesma classe senhorial atuou para retardar as tentativas de criação de jornais locais.

A partir da década de 1870, um grupo de homens ligados a profissões liberais e educados, a sua maioria nas faculdades disponíveis no país, colaborou para a criação de uma cena intelectual naquela Vassouras de fins do Oitocentos. Esse grupo de intelectuais tomou a imprensa como a tarefa estruturante do passado e do presente da cidade. Para ampliar a noção de espaço público buscou-se ainda evidenciar como o mundo da escravidão pode conectar-se com aspectos da comunicação e sujeitos históricos ligados a esse mundo podem participar do espaço público. No próximo capítulo, vislumbra-se como a imprensa periódica vassourense atuou no debate acerca da criação e da implantação da primeira biblioteca pública; quem eram esses intelectuais e como encará-los desde as suas próprias bibliotecas e o que foi produzido nos prelos em Vassouras.

2 BIBLIOTECAS, HOMENS E LIVROS

> *Estranha é a sina dos livros: às vezes narram histórias e às vezes as fazem, ou as acompanham de perto.*[181]
>
> *A biblioteca abre a casa para o mundo; encerra o mundo dentro de casa.*[182]

O historiador do livro e da leitura perguntará: quem lia? Como lia? Estudar o nascimento da imprensa, o movimento das letras, o desejo latente em instalar tipografias leva obrigatoriamente à tentativa de responder às questões propostas. No capítulo anterior, aprofundou-se a discussão sobre as tentativas de instalação de prelos e a publicação de jornais em Vassouras desde a fundação da vila em 1833. Fracassadas as tentativas até 1873, finalmente realizou-se o intento de ali imprimirem-se jornais. Foi mostrado como essas tipografias funcionaram, uma após outra, ou simultaneamente, e os produtos colhidos das prensas nas duas décadas que se seguiram. História e escravidão logo marcaram as páginas daqueles periódicos.

Adiante, o desafio é mostrar que nessa Vassouras Oitocentista houve acolhida, não sem refugos, ao produto dos prelos. E mesmo outros espaços de leitura e sociabilidades foram criados, delineando o que a historiadora Tânia Bessone Ferreira denominou círculo de leitores.[183]

Na segunda metade do século XIX, o Brasil não vivia mais sob a censura que caracterizou o acesso às letras no mundo colonial português. Não se verá mais as devassas sobre bibliotecas que poderiam dar morada ao diabo.[184] Extinguira a censura prévia ainda antes da Independência, nas Cortes de Lisboa.[185] Logo, a leitura era livre, embora nem todos pudessem dela desfrutar. Em Vassouras, a

---

[181] SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.151.

[182] PERROT, Michele. “Cenas e locais”. In*: História da vida privada*: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol. 4. São Paulo: Cia de Bolso, 2009, p. 287.

[183] Ver: FERREIRA, Tânia M. B. da C. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, (especialmente o capítulo 1).

[184] FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do cônego*. São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1981.

[185] SODRÉ, Nelson W. *História da Imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p.41.

imprensa participou ativamente dos debates acerca da instalação e manutenção da Biblioteca Popular, configurado como *espaço público* de leitura e instrução.

2.1 A presença de um círculo de leitores

Em 1954, Maurício de Lacerda, ex-prefeito de Vassouras no período de 1930 a 1935, enviou uma carta ao bibliotecário da Biblioteca Municipal da cidade. Junto aquela missiva foram dois volumes de livros diversos para enriquecer o acervo da instituição. Durante sua gestão, Lacerda provocou uma pequena revolução na administração local. Talvez o maior símbolo tenha sido a reorganização da Biblioteca Municipal e a construção de escolas, teatro, e uma biblioteca circulante. Ao doar alguns volumes em 1954, Lacerda mantinha uma prática que já durava setenta e dois anos.[186] Desde os anos 1870, com a inauguração de sua primeira biblioteca púbica, Vassouras acompanhou o desenrolar de uma instituição que foi motivo de querelas ruidosas, apreço, ufanismo e símbolo do desenvolvimento de uma sociedade. O gesto de Lacerda evocava um passado não muito distante, cuja compreensão ilumina o universo das transformações ocorridas a partir daquela década.

A primeira biblioteca pública de Vassouras foi inaugurada em 1872. Seguindo a lei provincial nº 1.650 de 1871[187], que criava e regulamentava a instalação de bibliotecas públicas em todos os municípios da província do Rio de Janeiro, cujas câmaras municipais dispusessem de espaço físico adequado para sua instalação. Com orçamento anual de trezentos mil réis para a manutenção e a ampliação do acervo, esses novos espaços ficavam sob a responsabilidade imediata do secretário da Câmara. Pela acumulação da função de bibliotecário, o secretário receberia uma gratificação anual, a critério da municipalidade. A Biblioteca Popular de Vassouras ficou, desse modo, sob a responsabilidade de Antônio Joaquim Pinto da Fonseca.

---

[186] APMV. Caixa Biblioteca. Documento avulso. *Carta de Maurício de Lacerda ao bibliotecário da Biblioteca Municipal de Vassouras*, 1954, fl. 1.

[187] *Relatório apresentado ao presidente da província do Rio de Janeiro Desembargador Manoel José de Freitas pelo ex-presidente Dr. Bento Luiz de Oliveira Lisboa por ocasião de passar-lhe a administração da mesma província*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1873, anexo 35.

Juntamente com a de Vassouras, foram abertas bibliotecas públicas em Valença, Paraíba do Sul, Paraty, Barra Mansa, Campos dos Goytacazes, Cabo Frio e Petrópolis. A Corte já contava com várias dessas instituições, incluindo a Biblioteca Nacional. Há uma clara intenção da municipalidade na instalação da biblioteca. Não foi localizado nenhum estudo acerca do funcionamento das bibliotecas populares instituídas por lei pela Assembleia Provincial do Rio de Janeiro. A historiografia cita apenas passagens espaças e que muitas vezes trazem imprecisões.[188]

É importante reforçar que o modelo de funcionamento das bibliotecas populares, naquele contexto, estabelecia verba anual dos cofres provinciais para a sua manutenção. Além disso, as câmaras municipais dispuseram o local para instalação e a função de bibliotecário, exercida cumulativamente pelos seus secretários. Essa dupla função gerou mais tarde muitas críticas tanto das municipalidades quanto da diretoria da Instrução Pública. Um contraste às bibliotecas populares, e o seu caráter público pode ser encontrado nos Gabinetes de Leitura que podiam ser encontrados em várias partes do país, principalmente a partir da segunda metade do século XIX.[189]

Naquele momento de expandir o acesso da população à determinada cultura letrada, tida como impulsionadora da civilização e necessária para o aprimoramento moral dos cidadãos, Rubens Borba de Moraes faz um balanço da situação do acesso aos livros nas bibliotecas durante o Segundo Reinado. Ainda que excessivamente negativa no contexto geral, a análise de Moraes é pertinente.

> No Segundo Reinado, não escapamos a influência europeia das bibliotecas populares, que na América do Sul haveria de repercutir, entretanto, mais na Argentina que no Brasil. É a fase das bibliotecas dos liceus literários, das sociedades beneficentes, dos gabinetes de

---

[188] Cf. GOMES, Sônia de Conti. *Bibliotecas e sociedade na Primeira República*. São Paulo: Pioneira, 1983.

[189] Monique de Siqueira Gonçalves, ao estudar o conhecimento médico na Corte Imperial fez interessante levantamento sobre o ambiente cultural do Rio de Janeiro entre 1850 e 1889. Gonçalves observou o crescente número de livrarias bem como o crescimento dos acervos de bibliotecas e gabinetes de leitura na cidade. Cf. GONÇALVES, Monique de Siqueira. “Livros, teses e periódicos médicos na construção do conhecimento médico sobre as doenças nervosas na Corte Imperial (1850-1889)”. In: FERREIRA, Tânia Bessone da Cruzet al. *O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas*. São Paulo: Alameda, 2013, pp. 61-66.

> leitura. Surge, então, um tipo interessante de benemérito das letras: o barão ou fazendeiro que queria transformar a sua cidade natal num centro de cultura e progresso.
> Com o empobrecimento dessas cidades, decaem as suas bibliotecas. Ainda se encontram vestígios de algumas em cidades do interior brasileiro, principalmente em São Paulo e no estado do Rio [...].[190]

As experiências dos espaços de leitura no Vale foram ampliadas a partir da década de 1870. Somada à criação das Bibliotecas Populares por parte do governo provincial, outras iniciativas particulares concorreram para difundir esses espaços. O quadro a seguir ilustra essa situação

Quadro 2 — Relação de espaços de leitura no Vale do Paraíba (1856-1889)

Localidade	**Instituição**	**Fundação**	**Acervo em volumes**	**Acesso**
Barra Mansa	Biblioteca Popular	1873	6.000	Público
Paraíba do Sul	Biblioteca Popular	1874	1.200	Público
Rio Claro	Biblioteca Municipal	1885	100	Público
Valença	Sociedade de Leitura Recreio e Instrução	1856	295	Privado
Valença	Biblioteca Popular	1873	3.000	Público
Vassouras	Biblioteca Popular	1872	2.000	Público

Fontes: Relatórios da Instrução Pública anexos aos Relatórios dos Presidentes de Província do Rio de Janeiro entre 1879 e 1888; *Estatutos da Bibliotheca Municipal da Villa de N. S. da Piedade do Rio Claro.* Rio de Janeiro: Lombaerts e Comp. 1885(BN); *Estatutos do Gabinete de Leitura da Sociedade Valenciana*. Rio de Janeiro: Typographia Dous de Dezembro, 1856 (BMV).

É oportuno destacar a experiência da criação de um Gabinete de Leitura em Valença, em 1856. Embora de caráter privado, a criação *Sociedade de Leitura Recreio e Instrução* ilustra certa necessidade de acessar a leitura naquela sociedade do interior. Em janeiro de 1856, na Tipografia *Dous de Dezembro*, no Rio de Janeiro, saía do prelo um pequeno livreto. Seria a certidão de nascimento do *Gabinete de Leitura da Sociedade Valenciana*. Estatutos e catálogo lançavam a sociedade e davam as diretrizes para o seu funcionamento.

O historiador Nelson Schapochinik chamou atenção de forma programática para a pluralidade de informações contidas nos Estatutos e Catálogos desses estabelecimentos.

---

[190] MORAES, Rubens Borba de. *O Problema das bibliotecas brasileiras*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943, p. 34.

> Perscrutar os catálogos significaria ter acesso a um vestígio privilegiado para, de maneira intensiva, mapear o jogo de permissões e interdições prescrito pelos proprietários dos gabinetes (custos da assinatura, horário de funcionamento, número de livros que poderiam ser requisitados, tempo de permanência com os livros), as dimensões e potencialidades do acervo (quantidade de títulos e volumes, abrangência dos domínios, obras originais e traduções, diversidade de obras brochadas, encadernadas, duplicadas e raridades) e, de forma extensiva, perseguir as inclusões e supressões como indicadores do gosto do público.[191]

Segundo o historiador memorialista Leoni Iório, Valença "sempre se interessou pelos livros", introduzindo dessa forma a sua referência à *Sociedade de Leitura Recreio e Instrução*, que, destaca ele,poderia receber até cem associados. Ela destinava-se a oferecer aos seus sócios textos em português e francês, preferencialmente romances, novelas, história e obras clássicas. Foi estabelecida uma duração de dois anos que poderia ser prorrogada, como de fato foi.[192] A sociedade funcionou, como indicam outras fontes, até pelo menos 1862. O Gabinete de Leitura de Valença era, como anotou Schapochnik:

> Uma segunda modalidade de gabinete de leitura vem a ser aquela constituída pelas bibliotecas associativas, que não raro adotavam o nome de gabinetes de leitura complementando-o com o nome da comunidade de origem dos associados ou com o nome da província e/ou cidade onde a instituição fora estabelecida.[193]

Para se tornar sócio era necessário pagar uma joia de dois mil réis e contribuir com uma mensalidade de quinhentos réis. A estrutura organizativa compunha-se de diretor, secretário, tesoureiro, procurador e bibliotecário. Essa diretoria eleita tinha como funções comprar os livros para compor o acervo; indicar o bibliotecário responsável; cuidar da regularidade dos sócios; convocar reuniões e zelar por todas as demais funções administrativas estabelecidas nos estatutos. A função de bibliotecário indica que as tarefas da sociedade seriam diárias: zelar pelos livros, entregar os livros solicitados pelos sócios, zelar pelo cumprimento das

---

[191] SCHAPOCHNIK, Nelson. A leitura no espaço e o espaço da leitura. In: ABREU, Marcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas/SP: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil (ALB)/FAPESP, 2005, p. 244.

[192] IÓRIO, Leoni. Valença de ontem e de hoje: subsídios para a história de Valença (1789-1952). Valença: edição do autor, 2013, p. 264.

[193] SCHAPOCHNIK, Nelson. Distinção, instrução & prazer: uma tipologia dos gabinetes de leitura no Brasil oitocentista. In: CAVANCANTE, Maria Juraci Maia et al (orgs). *História da educação – vitrais da memória: lugares, imagens e práticas culturais*. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 182.

disposições referentes aos empréstimos das obras, estar presente diariamente na sede da sociedade das 8 às 14h.

No mesmo período, outros espaços de leitura na província e na Corte adotavam procedimentos similares para a utilização dos acervos. Real Gabinete Português de Leitura, Gabinete de Leitura Inglês ou a Biblioteca Fluminense exemplificam as regras e normas de funcionamento.

O Gabinete de Leitura franqueava o acesso dos seus associados ao seu espaço físico e também permitia que as obras fossem levadas para casa ampliando o círculo de potenciais leitores naquela sociedade. “Os sócios poderão ir à Biblioteca durante as horas indicadas [...] e ali lerem o que lhes convier, bem como os Jornais de que a Sociedade for assinante não podendo retirá-los da Biblioteca”. O empréstimo de cada volume dava-se por quinze dias e em caso de atraso precedia-se multa ao sócio devedor. Os demais artigos não divergem dos modelos de outras instituições similares. Alertava-se para os cuidados com as obras, multas e valores que deveriam ser restituídos em caso de danos.

Percorrendo as páginas no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* identificam-se características bastante heterogêneas na formação do quadro de sócios do Gabinete. Fazendeiros, negociantes e funcionários públicos aparecem entre os principais interessados em fazer parte da Sociedade. Num total de quarenta e sete sócios, todos homens, também figuram padres, pintores, mestres de obra entre outros. O Gabinete de Leitura de Valença foi a primeira experiência, no Vale do Paraíba fluminense, de franquear a um público mais amplo o acesso aos livros e à leitura. Desse modo, como apontou Schapochnik, esses espaços de leitura “também se converteram em espaços de convivialidade e de reiteração dos vínculos identitários”.[194]

É sabido, como salientou Chartier, que houve ao longo do tempo diversas práticas de apropriação do livro e da leitura. A possibilidade da leitura em casa ou em outros espaços; a leitura em voz alta, por exemplo, disseminava entre alguns extratos daquela sociedade o já citado acesso à cultura letrada.

---

[194] SCHAPOCHNIK, Nelson. A leitura no espaço e o espaço da leitura. In: ABREU, Marcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas/SP: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil (ALB)/FAPESP, 2005, p. 236.

A Biblioteca Municipal de Valença guarda, hoje, os catálogos que publicados em 1856 e 1860. Esse intervalo permite traçar um quadro evolutivo do tamanho do acervo do Gabinete de Leitura. O Catálogo de 1856, anexado junto aos Estatutos da Sociedade de Leitura, lista 178 títulos distribuídos em 412 volumes. O catálogo de 1860 mostra um aumento para 295 títulos e 700 volumes. Vale chamar atenção que no segundo catálogo há dez coleções de periódicos disponíveis para a leitura no espaço do gabinete. Naquele momento, Valença não dispunha de nenhum periódico local, entretanto, chegavam jornais da Corte e o Gabinete era um dos lugares possíveis para acessar essas informações.

A historiografia não registra estabelecimento similar em Vassouras ao longo do século XIX. Assim, a experiência da Biblioteca Popular, criada em 1872, torna-se importante para aqueles homens preocupados com difusão da leitura e dos seus benefícios. Acreditavam que ampliar o acesso à instrução era sinônimo de progresso; desse modo, a biblioteca fazia eco à imprensa e vice-versa.

As bibliotecas populares criadas pela lei nº 1.650 se inseriram no campo da Instrução Pública. Acreditava-se no caráter disseminador da cultura letrada e útil às camadas populares. Sem esquecer, todavia, o caráter restritivo do conceito de cidadania naquela conjuntura social e histórica.[195] De toda forma, eram ecos da *Ilustração* na sociedade Oitocentista. Mas, ainda assim, não se pode desconsiderar o gigantesco abismo que separava a maioria da população brasileira do acesso a essa cultura letrada: o analfabetismo.

Quadro 3 — Taxa de analfabetismo da população livre no Brasil, censo de 1872

Recorte Espacial	População Total	Analfabetos %
Brasil	8.419.672	81,4
Rio de Janeiro (província)	490.087	74,2
Freguesia de N. S. da Conceição	4.461	74,3

Fonte: Publicação crítica do recenseamento geral do Império do Brasil de 1872.[196]

---

[195] Cf. CARVALHO, José M. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, (especialmente o capítulo 1).

[196] Disponível em:<http://www.nphed.cedeplar.ufmg.br/wpcontent/uploads/2013/02/Relatorio_preliminar_1872_site_nphed.pdf>. Acesso em: 10 de out. de 2016.

O primeiro censo realizado no Brasil, como citado, fornece dados demográficos significativos. Considerando a população livre da freguesia da cidade, Nossa Senhora da Conceição (4.461 indivíduos), cruzando com o quantitativo de pessoas letradas sabemos que apenas 24,7% dos moradores da freguesia sabiam ler e escrever, contando homens e mulheres livres. Notadamente, é alarmante pensar que mais de três quartos da população era analfabeta. Mas, tomando os dados nacionais, o resultado é ainda pior: apenas 18,6% das pessoas livres no Brasil liam e escreviam segundo o censo.[197] Mas, ainda assim, essas aferições revelavam que, apesar do grande número de analfabetos, havia uma população letrada na região central de Vassouras, permitindo supor a existência de um grupo de potenciais usuários do novo espaço público.[198]

Poderiam ser elaborados vários questionamentos para servir de fio condutor deste texto. Qual o impacto da criação de uma biblioteca pública em Vassouras no século XIX? Quem lia e o que se lia nessa biblioteca? Ou, para ser ousar, como propôs Robert Darnton, compreender como se lia naquela sociedade? O historiador, ao se referir à história do livro e da leitura, chama atenção que,

> [...] os historiadores do livro sempre exibiram uma grande quantidade de informação sobre a história externa da leitura. Tendo estudado a leitura como um fenômeno social, podem responder muitas das perguntas de 'quem', 'onde', e 'quando', o que pode ser de grande ajuda na abordagem dos mais difíceis 'porquês' e 'comos'.[199]

Roger Chartier também se ocupou de questões semelhantes e buscou compreender as diferentes práticas de leituras empregadas ao longo do tempo. Chartier pode auxiliar numa melhor compreensão da sociedade oitocentista no

---

[197] É curioso destacar que, procedendo à análise acerca da difusão da leitura em Portugal, Carlos Alberto Rebelo (2002) salienta que, segundo o censo de 1890, mais de 76% da população com idade superior a 6 anos era analfabeta. Brasil e Portugal se aproximavam em números bastante ruins quanto a taxas de alfabetização.

[198] Foram excluídos dessa análise os escravos, por serem em sua esmagadora maioria analfabetos e sua inclusão gerar uma distorção dos números para a hipótese apresentada. O censo lista apenas três escravos letrados na freguesia. Contudo, é certo que também os cativos participavam da "leitura de segunda mão", ouvindo e reproduzindo, por exemplo, as notícias de jornais lidas em espaços públicos. Não se exclui também que cativos sem educação formal (letramento) soubessem ler.

[199] DARNTON, Robert. História da leitura. *In*: *A escrita da história: novas perspectivas*. BURKE, Peter (org.). Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade estadual Paulista, 1992, p.203.

Brasil. A clivagem entre leitura e escrita. Ele sugere que na Europa existiam letrados e leitores. Sendo que estes últimos sabiam apenas ler. Numa sociedade marcada pelo analfabetismo, as taxas de população letrada são desoladoras. Pode-se supor, como fez Chartier, que mesmo aqui existiam mais leitores que letrados.[200] Homens e mulheres que liam, ouviam e participavam do mundo das letras. Segundo Marialva Barbosa,

> Nos discursos impressos observamos, portanto, determinado desempenho que leva à suposição de que diversos oradores, em diferentes lugares, duplicam o discurso original pelos gritos das palavras de ordem contidos naqueles jornais. É como se o redator daquelas folhas se fizesse novamente presente. Sua presença se materializa não no corpo físico, mas nas letras impressas que correm léguas e andam pelas cidades, de boca em boca, voltando novamente, com todas as marcas desse mundo, para o mundo oral de onde haviam saído.[201]

Um fragmento do historiador memorialista Ignácio Raposo, responsável pela primeira *"História de Vassouras"*, ajuda a visualizar esse universo ativo de leitores e ouvintes, fazendo referência às notícias que chegavam à cidade acerca do conflito no Paraguai citados anteriormente: "A população da cidade lia sofregamente os jornais que chegavam do Rio, comentando-os ardorosamente nos bilhares e cafés, onde diariamente se reuniam as pessoas ávidas de novidades ou divertimentos fáceis".[202] A cena facilmente se fabrica: homens ávidos por notícias, alguns leem, muitos ouvem. Estranho dizer, mas o analfabetismo poderia não ser uma barreira para a leitura. Compreender as dinâmicas desse processo auxilia na percepção de que o mundo das letras no Oitocentos pode ser mais denso e complexo do que julgou outrora a história dos impressos e da leitura no Brasil.

Dado importante pode ser obtido ao tabular o número de matrículas nas escolas primárias nos municípios do Vale do Paraíba fluminense entre o início dos anos 1870 e 1883. O quadro abaixo evidencia que nos intervalos selecionados houve um aumento expressivo do número de alunos matriculados. Os dados apontam que, naquela região, um quantitativo cada vez maior de indivíduos

---

[200] Cf. CHARTIER, Roger (org). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

[201] BARBOSA, Marialva. *Escravos e o mundo da comunicação*, Oralidade, leitura e escrita no século XIX. Rio de Janeiro: Mauad, 2016, p.58.

[202] RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói: SEEC, 1978, p.147.

adquiriram capacidade leitora. Reformas educacionais no período certamente contribuíram para a ampliação desse quadro.[203]Em Vassouras, no decurso de pouco mais de uma década, mais que dobraram as matrículas. Mesmo sendo pouco representativo se for tomado o universo dos indivíduos em idade escolar à época, mantém-se a perspectiva de um aumento gradual do potencial público leitor.

Quadro 4 — Quantitativo de matrículas nas escolas públicas e subvencionadas

Município	**Total de alunos matriculados**		
	1871	**1877**	**1883**
Barra Mansa	307	482	493
Paraíba do Sul	208	400	384
Piraí	214	530	572
Resende	292	388	488
Valença	386	475	614
Vassouras	235	546	559

Fonte: Relatórios da Instrução Pública anexos aos Relatórios dos Presidentes de Província do Rio de Janeiro de 1872, 1876 e 1884.

Não é fácil responder objetivamente sobre "quem lia" nessa sociedade. A quais pessoas afinal servia uma biblioteca pública? Excluído então, propositalmente, homens ricos que possuíam, tal como o comissário de café Joaquim José Teixeira Leite, citado acima, consideráveis bibliotecas particulares[204]. Parece que a esses uma biblioteca composta de "[...] manuais e tratados práticos de artes e ofícios, agricultura, história, literatura e moral, em português e das edições de menor preço",[205] como estabelece o primeiro artigo do regulamento das bibliotecas populares, não despertaria muito interesse. Percorrer-se-á então outro caminho para estabelecer qual seria o possível público destinado a entrar no edifício da Câmara,

---

[203] LIMA, José Edson S. *A província fluminense*. Administração provincial no tempo do império do Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2012, pp. 152-3.

[204] Sobre a Biblioteca de Joaquim José Teixeira Leite ver: FALCI, Miridan Britto. *Um Intelectual Brasileiro do século XIX e sua Biblioteca.* In: *Locus*: Revista de História. Juiz de Fora, v. 9 nº 1. jan. – jun. 2003.

[205] Relatório apresentado á Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro na segunda sessão da décima nona legislatura no dia 8 de setembro de 1873 pelo presidente, desembargador Manoel José de Freitas Travassos. Rio de Janeiro, Typ. do Apostolo, 1873. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>. Acesso 10 out. 2017.

dirigindo-se à sala da biblioteca e lá tomar um volume emprestado ou passar horas lendo os periódicos locais ali depositados. O regulamento das bibliotecas populares, publicado em 1873, está reproduzido no **anexo A**.

De fato, passando em análise os relatórios do diretor da instrução pública da província,[206] fica claro que esses estabelecimentos foram criados para servir como mais um espaço, fora da escola, que contribuiria para a ampliação do conhecimento. A análise da trajetória dessa instituição deixa evidencia a existência do que a historiadora Tânia Bessone Ferreira denominou "círculo de leitores", ao analisar o Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o século XX. A esse círculo de leitores soma-se a possibilidade daquele local como um espaço de sociabilidade.

2.2 A Biblioteca Popular de Vassouras, um espaço de sociabilidade

O ano de 1873, seguinte ao da criação da Biblioteca Popular, guarda uma singularidade interessante. Logo depois da cidade ganhar sua primeira biblioteca pública, ela também viu surgir o primeiro periódico – o semanário *O Município*. A "Empresa do Município", como se constitui a primeira tipografia vassourense, representa o surgimento de um novo espaço e veículo para a circulação de ideias: o jornal impresso. Entretanto, qual seria o elo possível aqui entre a biblioteca e a imprensa nascente? A existência de uma intelectualidade interessada na manutenção e desenvolvimento de um espaço (ou múltiplos espaços) público de instrução e disseminação de informação. Havia um latente interesse dos homens ocupados com as lides da imprensa nas camadas médias urbanas de Vassouras em tomar parte e interferir nas discussões locais. Representado majoritariamente por bacharéis em medicina e direito, saíram dessa camada média os homens que estiveram, em algum momento do último quartel do século XIX, ligados à imprensa periódica vassourense. A análise da trajetória de Lucindo Filho empreendida no próximo capítulo torna-se exemplar e ajuda a compor esse panorama intelectual de Vassouras.

---

[206] DOCUMENTOS do governo brasileiro. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>. Acesso em: 10 out. 2017.

Ignácio Raposo faz referência a vários homens de letras atuantes na sociedade vassourense entre 1850 e 1870. Contudo, chama a atenção agora para um grupo distinto deste. Os intelectuais representados por Raposo faziam parte da já referida *classe senhorial*, sendo eles: poetas, literatos, mas também fazendeiros, banqueiros e comissários de café. Com o surgimento da imprensa, outro tipo de intelectual entrou em cena. Ele mantém certamente a proximidade com a *classe senhorial*, pois era mesmo difícil estar distante dela em Vassouras, mas ao redigir um artigo e publicá-lo nos jornais ele lançava as discussões para o *espaço público*, fazendo as ideias e opiniões circularem pela cidade e região. A literatura sai dos salões para ganhar, ainda que modestamente, dada à limitação do acesso à leitura naquela sociedade, o *espaço público*.[207]

É certo também que já circulavam inúmeros periódicos pela cidade, impressos na Corte ou em cidades vizinhas. Com a construção da Estrada de Ferro Pedro II e a inauguração da Estação de Vassouras, distante apenas sete quilômetros do centro da freguesia, era possível ler o jornal do dia que chegava pelo correio, quando este funcionava, vale lembrar. O que a imprensa de Vassouras proporcionava era a possibilidade de discutir os problemas locais, da região e do país desde o Vale.

A partir da década de 1870, o espaço público da cidade, que era permeado por uma miríade de tipos sociais distintos, ganhou mais um agente político. A possibilidade do estabelecimento de uma *opinião pública* orientada pela ação da imprensa local. Não se perde de vista aqui que *opinião pública* é um conceito polissêmico e controverso que busca dar conta do entendimento de como os diversos grupos da sociedade participam de diferentes formas do campo e do jogo das ideias políticas.[208] A expressão desse conceito e sua articulação com a produção impressa local será analisada no capítulo 4.

Afirmou certa vez o historiador Laurence Hallewel que: “O livro existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos”.[209] De certo, uma análise

---

[207] MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos:* imprensa, atores políticos sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840). São Paulo: HUCITEC, 2005.

[208] Ibidem, p. 200 ss.

[209] HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil:* sua história. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985, p.xxix.

mais profunda seria possível se tivesse chegado até os dias de hoje um catálogo completo, ou mesmo parte da Biblioteca Popular em estudo. Essa possibilidade está no horizonte.[210] Passa-se então agora a analisar uma série de artigos que foram publicados em *O Município* entre 1873 e 1874, e também os ofícios expedidos e recebidos pela Câmara entre 1872 e 1875. Com isso será possível responder parcialmente o "porquê" da criação de uma Biblioteca em Vassouras.

Ao final de sua gestão como presidente da Câmara Municipal, o Dr. Alexandre Chaves, destacado membro do Partido Liberal em Vassouras, incluiu em seu relatório final as condições da nova biblioteca conforme noticiou em *O Município*, em junho de 1873: "Acha-se instalada em uma sala decentemente preparada no pavimento inferior deste edifício a Biblioteca Municipal".[211] Parece que o novo nome seria mais apropriado. Não mais popular e sim municipal. Logo após sua criação, o novo espaço já recebia a atenção da elite econômica da cidade. Ávidos, sem dúvida, para exercer sua generosidade, juntamente com a autopromoção de sua figura ou da família, como destacou Borba de Moraes. Prosseguia o presidente:

> Aos louváveis esforços de alguns prestantes cidadãos, cujos nomes foram honrosamente nomeados em ofício dirigido pela Câmara ao Exmo. Sr. Presidente da Província, foi criada a *Biblioteca Popular*, para a qual concorreram muitos particulares com ofertas de livros preciosos.
> Os distintos cavalheiros a que me refiro, depois de fundado esse utilíssimo estabelecimento, o entregaram à Câmara, submetendo-o ao regime instituído na lei.
> A criação da Biblioteca, que tão grandes benefícios prometem ao povo, honra sobremodo a Vassouras, já pela iniciativa da ideia, já pela pronta realização *sem dispêndio algum dos cofres públicos*. A Biblioteca já conta com 800 volumes, quase todos novos e de obras interessantes.[212] (grifos no original)

O presidente fazia questão de ressaltar que a instalação não onerava em nada os cofres públicos, auxiliada por "distintos cavalheiros". Em fase inicial e já com 800 volumes, a Biblioteca parecia atrair a atenção daquela sociedade. Segundo *O*

---

[210] O Arquivo Público de Vassouras, sob a guarda do Escritório Técnico do IPHAN, está finalizando o trabalho de higienização e catalogação de um grande acervo de livros raros que estavam fora de consulta na Biblioteca Municipal. Especula-se que parte desse acervo sejam os originais que compunham a Biblioteca Popular criada em 1872.

[211] *O Município*, 22 de junho de 1873.

[212] *O Município*, 22 de junho de 1873.

Município, “[...] no dia 27, o Dr. Cristóvão Corrêa e Castro enviou à biblioteca [...] um valioso presente [...]. No dia 29, o Dr. Ponciano Vieira de Araújo Machado entregou ao bibliotecário igualmente avultada e importante coleção de livros”.[213] Não foi encontrado nenhuma referência na historiografia local ou na documentação que apontasse para a existência de biblioteca ou gabinete de leitura em Vassouras anteriormente. Mesmo em outros locais do vale, essas instituições foram escassas antes da criação das Bibliotecas Populares. Em novembro do mesmo ano, outra doação mereceu destaque no jornal.

> O Exmo. Sr. Barão de Lucena entregou ao Dr. Manoel Simões de Souza Pinto, para ser remetida à Biblioteca Popular desta cidade, uma primorosa coleção de livros, constante de 61 volumes, entre as quais figuram as obras completas do mais notável escritor do século XVIII, o imortal Voltaire.[214]

Como destacado acima, as doações à Biblioteca se tornaram frequentes, sempre promovendo e enaltecendo, quando publicadas em *O Município*, o nome do doador ou doadora. Destaque ainda para os autores citados. A presença dos textos de autores da *Ilustração* reforça o apelo à crença da necessidade premente no século XIX de instruir o povo para que a nação caminhasse nas trilhas do progresso.[215] Dessa forma, as doações prosseguiam.

O banqueiro Caetano Furquim de Almeida (1816-1879) doou “[...] 101 volumes de obras muito importantes [...], pouco [tempo] depois, o Sr, Mathias Klors mandara também à Biblioteca 24 volumes de interesse científico e literário”.[216] Furquim de Almeida indicou em seu testamento que a Biblioteca Popular seria o destino de seus livros. Documento localizado no arquivo público de Vassouras permite saber quais eram os livros que aquele indivíduo possuía ao falecer e que foram incorporados ao acervo. Na “Relação dos livros deixados pelo Dr. Caetano Furquim de Almeida a Biblioteca de Vassouras”, acha-se, dentre outros, *Analyse de l’histoire Romain,* de Arbanère, *Histoire Constitutionelle d’Angleterre,* de Henri Harllan, *Histoire de Normandie,* de M. Liquet, *Historie d’Alemagne,* de Johann

---

[213] *O Município*, 05 de outubro de 1873.

[214] *O Município*, 23 de novembro de 1873.

[215] DEACTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros*. São Paulo: Edusp, 2011, p. 44ss.

[216] *O Município*, 26 de outubro de 1873.

Christian Pfister ou *História da Fundação do Império Brasileiro* de João Manuel Pereira da Silva; história e filosofia eram suas leituras prediletas.[217] Para as prateleiras da biblioteca também foi uma coleção da *Revue des deux Mondes*.[218] A lista completa dos seus livros que foram doados à biblioteca popular está reproduzida no **anexo B**.

Em setembro de 1874, o jornal noticiava que "O Rvmo. Padre Antônio Barroso Bastos enviou à nossa biblioteca popular um riquíssimo presente de livros (300 volumes) dos mais escolhidos clássicos portugueses".[219] Na doação da Sra. Anna Jesuína Teixeira Leite, registrada em seguida, havia a descrição das três obras ofertadas:

> Acaba de ser enriquecido este estabelecimento com precioso donativo, [...] consta além da quantia de 100$000, de 23 volumes importantes, a saber: *Memórias do Duque de S. Simon*, 20 volumes; *Virgílio Brasileiro*, M. Odorico Mendes, 1 volume ricamente encadernado, e *Dicionário de Geografia e História* por Dezobry e Bachelet, 2 grossos volumes.[220]

A pequena lista de doações da Sra. Anna Jesuína pode revelar as leituras de uma mulher de negócios em fins do Oitocentos. Essas leituras passaram, pelo ato da doação, a todo homem ou mulher alfabetizado daquela freguesia. Poderiam conhecer a França do século XVIII e os bastidores da corte de Luís XIV reveladas pelas crônicas do Duque de Saint Simon. Pela tradução de Manuel Odorico Mendes, conheceriam a obra do poeta latino Virgílio. Os versos da *Eneida*, as *Bucólicas* e as *Geórgicas*. O Dicionário de Louis Charles Dezobry e Jean-Louis Theodore Bachelet, *Dictionnaire général de biographie et d'histoire...*, era uma obra de referência em dois volumes para o qual não havia tradução em português. Logo, diversificava-se assim o acervo da Biblioteca Popular, embora livros em francês reduzissem ainda mais o universo de possíveis leitores. É importante destacar, entretanto, que havia

---

[217] Como destacado no capítulo anterior, Caetano Furquim de Almeida mantinha relações pessoais e financeiras com a família Teixeira Leite. Foi considerado pela imprensa após a sua morte como um benemérito por doar, além de sua biblioteca, sua casa em Vassouras para a construção de um asilo para meninas.

[218] *Relação* dos livros doados por Caetano Furquim de Almeida. Documento avulso, caixa Biblioteca, APV.

[219] *O Município*, 13 de setembro de 1874.

[220] *O Município*, 8 de março de 1874.

uma longa tradição na educação dos séculos XVIII e XIX que fazia, da maioria dos letrados, pelo menos das camadas médias em diante, leitores de obras em francês. Esse afluxo de livros em outros idiomas para a composição dos acervos das bibliotecas populares seria motivo de crítica pelo diretor da Instrução Pública no futuro. Acusava ele certo desvirtuamento do projeto original.

De fato, a nova instituição estabelecida em Vassouras ganhou a adesão dos intelectuais ligados à imprensa e de alguns abastados que podiam fazer valiosas doações para o seu acervo. Conforme a última citação, coexistiram também doações em dinheiro. Em 1874, o deputado provincial Alberto Brandão destinou todo o aumento recebido no valor do subsídio aprovado pela Assembleia Provincial, do qual discordara, para a Câmara de Vassouras aplicar na ampliação do acervo da Biblioteca Popular. Em ofício de agradecimento expedido pela Câmara, lê-se o seguinte:

> Ilmo, Exmo. Sr. – Tendo o Sr. Dr. Manoel de Souza Pinto, vereador comissário da Biblioteca Popular desta cidade, comunicado à Câmara Municipal que V. Exe. ofertará a dita biblioteca a quantia que, como deputado provincial teve ultimamente, corresponde ao primeiro mês da atual sessão da respectiva assembleia, em sessão desta data deliberou que tão generosa oferta não só fosse consignada na ata do dia, como também que se oficiasse a V. Exe. significando sua gratidão por mais esse serviço prestado a mesma biblioteca – Deus guarde a V. Exe. – Paço da Câmara Municipal da Cidade de Vassouras, em 19 de outubro de 1874 – Ilmo. Exmo. Sr. Alberto Olympio Brandão, digníssimo deputado provincial – *José Pereira dos Santos*, presidente interino.[221]

A quantia à qual se referia o documento acima era de Rs. 450$000. O deputado vassourense estreitava as relações com a sua cidade. Já havia sido membro da comissão local para a instalação da Biblioteca em 1872. Possuía amigos no jornal local e anos mais tarde criou em Vassouras um colégio secundário. Nas palavras do redator, “o donativo que nosso ilustre amigo acaba de fazer à biblioteca, que já tanto lhe deve, é uma prova irrefragável da firmeza de seus princípios e ao mesmo tempo um serviço importante que presta a este município”.[222]

Em agosto de 1873, com cerca de um ano de existência, os assuntos referentes à biblioteca pública ocupavam a atenção e o tempo dos homens à frente

---

[221] *O Município*, 25 de outubro de 1874.

[222] *O Município*, 25 de outubro de 1874.

da administração do município. Entre 1872 e 1874, período coberto pelo noticiário d'*O Município*, parece muito vivo o novo espaço de conhecimento que estava à disposição dos vassourenses livres e letrados. Mas o caráter "popular" a que se propunha poderia, e o contraste dos documentos levam a crer, estar relegado a um segundo plano.[223]

O noticiário de agosto de 1873 celebrava o fato de, "contando apenas cerca de um ano de existência, a nossa Biblioteca Popular, já elevava sua coleção a mais de mil volumes, quando nestes últimos dias importante donativo veio ainda enriquecer e ornar o nobre estabelecimento, *fundado pela iniciativa privada*".[224] (grifos nossos). O trecho destacado acima diz muito sobre esse novo estabelecimento, ou o que ele se tornara. Ao dizer que a Biblioteca Popular foi "fundada pela iniciativa privada" e mesmo sem onerar os cofres da municipalidade, o que não procede, pois sua criação atendeu à lei 1650, de 1871. Essas questões logo se mostrariam um entrave ao bom funcionamento desses estabelecimentos. O relatório do presidente da província do mesmo ano trazia ainda um informe acerca da instalação das bibliotecas populares:

> E tendo mandado entregar, na conformidade do disposto no §5º do art. 1º da citada lei, a quantia de 300$000 a cada uma das câmaras de Vassouras, [...] únicas que declararam ter nas respectivas casas salas próprias para as bibliotecas, mandei também que, pela diretoria da Instrução se fizesse o primeiro fornecimento de livros, na conformidade daquele mesmo §5º da lei, autorizando a despesa de 500$00 com cada uma das respectivas câmaras [...].[225]

Logo, todo o trâmite para a abertura e manutenção das bibliotecas em princípio demandava uma parceria entre o legislativo provincial e municipal. A Biblioteca Popular estava longe de ser uma "iniciativa privada". É pertinente inferir como esse estabelecimento que deveria servir "ao povo"[226] (compreendendo aqui o caráter restritivo do conceito naquele contexto) ter-se-ia tornado uma vitrine da

---

[223] Ver as críticas do diretor da Instrução Pública nos Relatórios enviados ao presidente da Província a partir de 1877.

[224] *O Município*, 31 de agosto de 1873.

[225] *Relatório*..., op. cit. p.11.

[226] PEREIRA, Luisa Rauter. "Povo/povos". In: FERES JÚNIOR, João. *Léxico da História dos Conceitos políticos do Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, pp. 203 ss.

generosidade interessada de vultos destacados na sociedade vassourense. É certo que havia o interesse pelo estabelecimento.

> A Biblioteca Popular de Vassouras vai de dia adquirindo importância. Novos donativos concorrem a seu aumento e prosperidade. Os cidadãos reconheceram que um dos mais belos serviços que se pode prestar é auxiliar um estabelecimento que a experiência tem mostrado útil e fecundo. Uma nota do digno bibliotecário [...] declara a auspiciosa frequência muito e muito superior a da Corte. Com alegria profunda acolhemos os progressos de uma instituição que honra a nossa cidade; pois ela foi a primeira, segundo documentos oficiais que aproveitou-se da lei provincial que autorizadora de bibliotecas populares.[227]

Guardado o possível exagero em relação à frequência dos usuários, parece que pelo menos os editores do periódico comungavam do valor de possuir uma biblioteca pública na cidade. Dessa vez, havia o reconhecimento da lei provincial e se reforçava o crescimento do acervo por conta das doações particulares. Em dois anos, o acervo quase triplicou. Segundo o periódico, "graças aos donativos que até aqui tem recebido, podemos assegurar que a Biblioteca Popular de Vassouras é talvez a mais bem provida de todas as da província, não só quanto ao número de volumes, que já sobe a mais de dois mil, como também quanto ao mérito das obras".[228]

Ao acompanhar a expedição de ofícios no período estudado, nota-se que as questões relativas à Biblioteca ocupavam bastante espaço nas discussões travadas na Câmara Municipal. Mostra-se inegável a importância que tal estabelecimento adquiriu naquele momento.

Em ofício enviado à Assembleia Provincial em novembro de 1874, a Câmara de Vassouras solicitava que fossem remetidos à Biblioteca "[...] os jornais mais importantes do país [...] e a coleção das leis da província [...]".[229] A Biblioteca Popular tornava-se desse modo um local de acesso à informação e instrução. Imagina-se um espaço de encontro de pessoas e debates. Dos assuntos políticos às frivolidades cotidianas. Homens e mulheres liam ali mesmo e também poderiam

---

[227] *O Município*, 05 de outubro de 1873.

[228] *O Município,* 08 de março de 1874.

[229] APMV. Livro de Registro Geral de Ofícios Expedidos pela Câmara (1864-1884), fl.93.

levar seu livro para a leitura doméstica. A biblioteca oferecia diferentes possibilidades ao leitor.[230]

No Relatório da Instrução Pública de 1874, sobre as Bibliotecas Populares, o diretor se manifesta para dizer que "[...] não estão a cargo desta repartição as bibliotecas populares, que agora começam a estabelecer-se e prometem ótimos resultados nos municípios em que estão criadas".[231] Contudo, continua, pois,

> [...] reconhecendo o grande serviço que as bibliotecas prestarão à instrução pública, recorri aos diretores gerais das secretarias de estado [...] pedindo-lhes que me enviassem nove exemplares dos relatórios, dos Anais das câmaras legislativas e de todos os documentos oficiais que se publicassem impressos.[232]

Há uma manifesta intenção em compreender que esses estabelecimentos prestarão um grande serviço a instrução pública. Em trecho do mesmo relatório, o diretor aponta uma dimensão da leitura muito presente no Oitocentos e que ajuda a compreender uma das muitas possibilidades de difusão da leitura.

> Muito a medo lembrarei quanto seria conveniente criar bibliotecas, não digo bem, fornecer uma meia dúzia de livros as escolas rurais, desses que consolam e confortam nas amarguras da vida, que enchem a alma de esperanças lisonjeiras nas agonias da dor e a par deles algumas viagens, resumos de história, etc. o menino que já souber ler levará um desses livros por empréstimo, e o lerá à noite, ou ao domingo, para ser ouvido pela família.[233]

Nos relatórios seguintes há sempre uma seção dedicada a comentar o estado das Bibliotecas Populares, e também de outras de naturezas diversas, que estavam em funcionamento. As informações eram recolhidas pela Diretoria a partir dos relatórios dos inspetores municipais, sendo frequentes as reclamações de que

---

[230] No Arquivo Público Municipal, foram encontrados dois catálogos manuscritos da Biblioteca Popular de Vassouras. O catálogo A não possui data, mas acredita-se que seja o mais antigo. Infelizmente, está incompleto (43 folhas). O catálogo B foi elaborado pelo bibliotecário Luiz Estevão de Lemos em 1886. Este também incompleto (31 folhas). Ver: Caixas Biblioteca, documentos avulsos, APMV.

[231] Relatório apresentado á Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro na sessão extraordinária no dia 20 de março de 1874 pelo presidente, desembargador Manoel José de Freitas Travassos. Rio de Janeiro, Typ. do Apostolo, 1874., p.41.

[232] Ibidem, p.41

[233] Ibidem.

chegavam incompletas. Tratando sobre a Biblioteca de Paraíba do Sul, no Relatório de 1875, ele faz a seguinte observação: “Tem diminuído a frequência porque as obras recreativas, que são as mais procuradas, já estão muito lidas. Os autores mais prediletos, cujos livros são mais desejados, são Macedo, Alencar, Castelo Branco, Paulo Feval, [...]”[234]. Delineia-se o gosto pelos romances, ou obras de recreação, como diz Nascimento.[235]

No relatório de 1875, encontra-se uma descrição da Biblioteca de Vassouras, enviada pelo inspetor municipal:

> Esta biblioteca, cuja importância cresce de dia em dia, já com mais de 2000 volumes. Coube-me a honra de ser um dos seus fundadores, já promovendo donativos, já oferecendo cerca de 300 volumes. Funciona em uma das salas paço municipal, no pavimento térreo. Na forma da lei serve de bibliotecário o secretário da Câmara. Atualmente a missão de promover donativos foi cometida pela municipalidade a um dos seus membros, o dr. Manoel Simões de Souza Pinto que há desempenhado esta tarefa como mais louvável zelo; já tem em mão considerado quantia, que tenciona empregar do modo mais vantajoso, mandando vir os livros diretamente da Europa. *Não basta que hajam bons livros; é preciso que sejam lidos*. Felizmente posso demonstrar que a Biblioteca Vassourense é mais que um ornato, que presta serviços reais, sendo frequentada por grande número de leitores. *Obtive do secretário bibliotecário, muito atento e escrupuloso em seus apontamentos uma nota que prova ter sido no ano de 1874 a frequência de 1515 leitores, elevando-se a 2567 os volumes pedidos.*[236] (grifos nossos)

Creditando-se as informações fornecidas pelo inspetor, é surpreendente o volume de leitores da Biblioteca Popular de Vassouras. Para a tese em tela, o *círculo de leitores* ali estabelecido imediatamente se apropriou do espaço recém-criado para difundir a leitura. Em um quadro apresentado mais à frente, ver-se-á que esse movimento rapidamente se retraiu.

Ainda em 1875, Nascimento lançou um juízo que permite compreender o caráter utilitarista com o qual se imaginava aqueles estabelecimentos.

---

[234] Relatório apresentado á Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro na segunda sessão da vigésima legislatura no dia 8 de setembro de 1875 pelo vice-presidente, conselheiro Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja. Rio de Janeiro, Typ. do Apostolo, 1875.p.41

[235] O interesse pelo romance no Brasil colonial foi objeto de estudo da historiadora Márcia Abreu que percorreu os itinerários de leitura no Brasil colonial. Cf. ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros.* Campinas: Fapesp/Mercado das Letras, 2003.

[236] *Relatório...*, 1875, op. cit., p. 42.

> Muito timidamente aventurarei uma observação: as bibliotecas populares, como estão estabelecidas, não preenchem o fim da sua criação, nem podem preencher – romances, romances, muitos romances, – poucos livros técnicos, escritos para elas, destinados a propagar pelo povo os descobrimentos científicos e os melhores processos industriais. Quererei muito? Estarei fora do assunto? É o programa de J. Simon para as bibliotecas populares, e Julio Simon é autoridade reconhecida.[237]

A crítica em relação ao excesso de romances na constituição dos acervos foi uma constante na pena do Diretor. O trecho citado permite uma digressão ainda não feita sobre a natureza das Bibliotecas Populares. Sobre Jules Simon (1814-1896), autor citado acima, foi ministro da Instrução Pública na França entre 1870-1873. Esteve ligado ao Conselho de Administração da *Sociedade Franklin*, criada em 1862, destinada a promover a criação e manutenção de Bibliotecas Populares por todo o país.[238] Antes disso, porém, publicou, em 1865, um livreto intitulado *Les bibliothèques populaires*, fruto de uma conferência em Lyon, deriva dessa trajetória a sua autoridade, segundo Nascimento.[239]

> *Choisir un livre pour un ignorant, c'est la même chose que choisir un précepteur pour un enfant. Nous, lettrés, nous passons souvent d'un livre à l'autre, et quelques fois trop rapidement: un livre n'est pour nous qu'ami de hazard. L'ignorant s'arrête longtemps sur le même livre; il lui faut du temps pour le comprendre ; il le médite après l'avoir compris ; il n'a pas de terme de comparaison pour le juger ; il se livre à lui tout entier avec une crédulité naïve; c'est un ami dans la plus forte expression du mot, ou plutôt c'est un maître.*[240]

---

[237] Relatório apresentado á Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro na segunda sessão da vigésima legislatura no dia 8 de setembro de 1875 pelo vice-presidente, conselheiro Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja. Rio de Janeiro, Typ. do Apostolo, 1875.p.42.

[238] Cf. AUDE, Claire, SCHAEFFER, Marie-Danielle, TEROUANNE, Bénédicte.*Les bibliothèques populaires en France à travers le Bulletin de la Société Franklin (1868-1879)*. Note de synthèse. Villeurbanne: École nationale supérieure de bibliothécaires, 1977. Disponível em: <http://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/63779-bibliotheques-populaires-en-france-a-travers-le-bulletin-de-la-societe-franklin-1868-1879.pdf>. Acesso em: 20 de set. de 2017.

[239] Cf. SIMON, Jules. *Les bibliothèques populaires*. Lyon: Impr. Stock, 1865.

[240] Idem, apud NADDEO, Etienne.*UNE RÉFLEXION AU SUJET DE JULES SIMON (1/2): L'OPPOSANT EXALTÉ À L'EMPIRE OU LA LECTURE POPULAIRE COMME SOCLE RÉPUBLICAIN*. Disponível em: <http://bai.hypotheses.org/920>. Acesso em: 10 de abr. de 2017.

O modelo de Bibliotecas Populares adotado na província do Rio de Janeiro procurava seguir, com muitas adaptações, o modelo francês.[241] A retórica da civilização como desdobramento natural do acesso ao conhecimento perpassará todo o discurso observado nos Relatórios até 1889. Não se distanciam, todavia, do modelo europeu que propunha também educar as massas trabalhadoras a partir do contato e acesso a determinada cultura letrada. Dessa concepção derivam as críticas ao "excesso" de obras que não contribuíam, na visão daqueles homens, para o desenvolvimento moral dos cidadãos. A imprensa no Vale está eivada dessa retórica.

Em Espanha e Portugal, no mesmo período, houve esforço semelhante para difundir o acesso das camadas populares à leitura através da criação de bibliotecas populares. A partir do Decreto de 2 de agosto de 1870 elas passam a ter existência legal em terras lusitanas. A portaria de regulamentação data de 20 de janeiro de 1871. Carlos Alberto Rebelo, em seu estudo sobre *A difusão da leitura pública*, aponta que esses estabelecimentos tinham objetivos distintos das bibliotecas públicas já existentes no país.

> Ao contrário das antigas bibliotecas públicas, muitas vezes consideradas "eruditas", porque se destinavam a uma elite, essas bibliotecas dirigem-se, assim, a um grupo mais heterogêneo, onde se incluem um reduzido número de artífices, pequenos proprietários e rendeiros nos meios rurais, mas também artesãos, assalariados, funcionalismo e operários nos meios urbanos. O seu objetivo [segundo o decreto de criação] é o de "desenvolver os conhecimentos das classes populares por meio da leitura moral e instrutiva".[242]

A instalação das bibliotecas poderiam ocorrer em diversos espaços, como escolas, associações, juntas paroquiais contudo, entre 1870 e 1886, das quarenta e uma bibliotecas populares criadas, vinte e nove foram instaladas em câmaras

---

[241] AUDE, Claire, SCHAEFFER, Marie-Danielle, TEROUANNE, Bénédicte.*Les bibliothèques populaires en France à travers le Bulletin de la Société Franklin (1868-1879)*. Note de synthèse. Villeurbanne: École nationale supérieure de bibliothécaires, 1977, p. 27. Disponível em: <http://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/63779-bibliotheques-populaires-en-france-a-travers-le-bulletin-de-la-societe-franklin-1868-1879.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.

[242] REBELO, Carlos Alberto. *A difusão da leitura pública*. As bibliotecas populares (1870-1910). Porto: Campo das Letras, 2002, p. 26.

municipais.[243] Desse modo, a ação do governo provincial que foi logo recepcionada por várias municipalidades situa-se em um movimento maior que concebia a necessidade de oferecer a um público mais amplo acesso a cultura letrada como possibilidade de desenvolvimento moral e material.

No Relatório de 1876, as questões em relação à Biblioteca de Vassouras permanecem as mesmas. Dessa vez, contudo, é o próprio inspetor municipal que reproduz às críticas do Diretor da Instrução do ano anterior.

> A biblioteca popular de Vassouras possuía em dezembro passado cerca de 2000 volumes. [...] "A frequência baixou consideravelmente [...]. Esta biblioteca ressente-se do defeito apontado por você no último relatório. Pesam-lhe as estantes livros de grande valor científico, mas não de utilidade popular, inacessíveis ao entendimento dos rudes e dos humildes; também alongam-se as suas filas no sentido da literatura novelista. Entretanto não deixa de oferecer à leitura alguns excelentes manuais".[244]

Acompanhando os relatórios nota-se que a frequência às bibliotecas diminuiu por conta da falta de livros novos. Notadamente, a falta de novos romances, leitura que parecia mais interessar – "Alguém dando-me informação da biblioteca do seu município, escreveu esta frase ou outra equivalente: 'os romances que vieram já foram lidos todos, mande-nos outros'".[245] O quadro traçado até aqui aponta para um interesse importante nesses novos estabelecimentos que foram abertos pela província, a leitura de romances, embora não satisfizesse os intentos de sua criação como nota-se ao acompanhar as críticas do inspetor da Instrução Pública. No relatório de 1881, ele reproduz a opinião do Inspetor Geral, Dr. Antônio Aydano Gonçalves de Almeida.

> Quanto a mim as bibliotecas populares estão muito longe de corresponder por sua composição ao seu fim natural – a instrução do povo – não a

---

[243] REBELO, Carlos Alberto. *A difusão da leitura pública*. As bibliotecas populares (1870-1910). Porto: Campo das Letras, 2002, p. 128 (quadro 4).

[244] Relatório apresentado á Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro na primeira sessão da vigésima primeira legislatura no dia 22 de outubro de 1876 pelo presidente, conselheiro Francisco Xavier Pinto Lima. Rio de Janeiro, Typ. do Apostolo, 1876, p. 15

[245] Relatório apresentado á Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro na segunda sessão da vigésima primeira legislatura no dia 8 de setembro de 1877 pelo vice-presidente, dr. Francisco Antonio de Souza. Rio de Janeiro, Typ. Montenegro, 1877, p.22.

> instrução profunda ou sistemática, por impossível, mas a de acumulação de conhecimentos aplicáveis aos usos da vida.
> Compostas todas ou de livros de alta ciência, e por isso incompatíveis com os intuitos da instituição, ou de romances de imaginação ou de costumes, cuja leitura poderá distrair, mas nunca ilustrar o espírito, nem desenvolver p senso prático, estão na maior parte condenadas pelos instintos populares, de sorte que a sua frequência é relativamente insignificante [...].
> *[...] porque o povo brasileiro não é avesso à leitura e a instrução, mas regularmente indiferente ao que lhe não presta imediata utilidade, ou distraído do bom emprego do tempo por seu gênio indeciso e inconstante, ou por seu pendor natural a passatempos de outra espécie, vício que poderá ser gradualmente expungido com a influência causada pela certeza da existência de bons livros nas bibliotecas.*[246] (grifos nossos)

Juízos semelhantes a esse podem ser encontrados ao longo dos relatórios, principalmente a partir da década de 1880. Destaque para a opinião acerca das práticas culturais dos brasileiros, afeitos à leitura utilitarista, pois seu "gênio indeciso e inconstante". Os redatores do *Vassourense* tiveram opiniões divergentes acerca da importância da biblioteca de Vassouras, tivesse ela romances em abundância ou demais obras de outros estilos.

Mais adiante, outras críticas somaram-se a essa, como a desatualização dos acervos, ou seu quantitativo desnecessário – na visão de homens que viam nas bibliotecas populares uma ferramenta para instruir as classes mais baixas – como o acúmulo de funções pelos secretários das câmaras.

Em um quadro mais amplo é possível observar a trajetória das bibliotecas populares nos municípios do Vale até 1889 observando a frequência a tais estabelecimentos. Os Relatórios da Instrução Pública da província trouxeram quadros mais ou menos completos acerca da frequência de usuários e empréstimos de livros.

---

[246] Relatório apresentado á Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro na abertura da segunda sessão da vigésima terceira legislatura em 8 de agosto de 1881 pelo presidente, dr. Martinho Alvares da Silva Campos. Rio de Janeiro, Imprensa Industrial de João Paulo Ferreira Dias, 1881, p. 43-4.

Quadro 5 — Número de usuários das Bibliotecas Populares no Vale do Paraíba (1878-1887)[247]

Bibliotecas	1878	1879	1880	1881	1882	1883	1884	1885	1886	1887	Total
Barra Mansa	3.490	3.764	3.554	3.882	---	4.472	3.414	3.582	2.501	2.191	30.850
Paraíba do Sul	654	512	329	385	---	263	305	198	150	198	2.994
Valença	380	---	---	308	---	67	15	47	137	163	1.117
Vassouras	---	---	---	60	246	---	152	168	354	16	750

Fontes: Relatórios da Instrução Pública anexos aos Relatórios dos Presidentes de Província do Rio de Janeiro entre 1879 e 1888; *Vassourense* (1883).

Analisando o quadro acima, saltam os números da Biblioteca Popular de Barra Mansa. Não é possível lançar nenhuma hipótese segura até o momento sobre os motivos que fizeram o sucesso de usuários desse estabelecimento. No Relatório elaborado por Josino do Nascimento, publicado em 1881, assim foi descrita a biblioteca pelo Inspetor Geral.

> Fundada em 7 de setembro de 1873, e auxiliada por donativos valiosos em dinheiro e em obras, acha-se em muito bom pé este estabelecimento.
> A livraria colocada em duas salas do pavimento térreo do Paço Municipal, é a mais variada e escolhida dentre as que tenho visitado.
> *Rica de obras de direito, praxe forense, medicina, literatura, artes, finanças, história, geografia, economia, política, agronomia e zootecnia, dispondo de uma bela coleção de dicionários, constitui um campo opulento para as investigações científicas e literárias.*
> *Existe no estabelecimento em questão grande quantidade de romances e obras poéticas.*
> Calculo o número de volumes desta excelente biblioteca em 6.000 e tantos.
> O digno bibliotecário, o cidadão Jorge Teixeira de Carvalho distingue-se por sua perícia e desvelo no cumprimento de seu dever.[248] (grifos nossos)

A biblioteca de Barra Mansa é a única que recebe uma avaliação positiva do Inspetor Geral. Ele destaca a diversidade de gêneros presente nas prateleiras, citando, inclusive, os romances tão malvistos.

Curiosamente sobre a Biblioteca de Vassouras, tem-se o menor número de informações. O mesmo acontece quanto ao registro total de livros emprestados. Na

---

[247] Vale anotar que os quadros reproduzidos nos Relatórios discriminam os frequentadores por gênero.

[248] Relatório..., 1881, p. 45.

composição dos quadros, as lacunas existentes evidenciam que a biblioteca teve uma trajetória muito irregular desde a sua criação.

Quadro 6 — Livros emprestados pelas Bibliotecas Populares no Vale do Paraíba fluminense (1878-1887)

Bibliotecas	1878	1879	1880	1881	1882	1883	1884	1885	1886	1887	Total
Barra Mansa	3.490	3.764	3.554	3.882	---	4.472	3.414	3.582	2.501	2.191	30.850
Paraíba do Sul	1.404	1.363	831	930	---	651	830	362	323	137	6.831
Valença	432	---	485	852	---	1.226	898	1.098	1.304	163	6.458
Vassouras	---	---	---	321	---	---	149	151	345	153	1.119

Fonte: Relatórios dos Presidentes de Província do Rio de Janeiro entre 1879 e 1888.

No recorte de dez anos, sobressai novamente a regularidade das informações, e o número expressivo em comparação com as demais, da Biblioteca Popular de Barra Mansa. Sobre a de Vassouras, os números deixam transparecer que não havia regularidade no envio das informações pelo Inspetor Municipal da Instrução Pública, conforme aponta diversas vezes Josino do Nascimento Silva em seus relatórios. No Relatório de 1882, ele retoma sua interpretação sobre o motivo da decadência das bibliotecas na maioria dos municípios da província. Faz novo balanço da situação, trazendo, dentre outros, um dado novo: a falta de aporte financeiro da Assembleia Provincial, conforme estabelecia a lei de criação das bibliotecas populares.

> Por economia foram encarregados da guarda e conservação dos livros os secretários das câmaras municipais, não se atendendo, porém, que esses empregados, pelas obrigações que lhes cumpre satisfazer, de muito pouco tempo podem dispor para o desempenho da missão que lhes foi incumbida.
> *Há anos não tem a lei do orçamento concedido meios para o aumento de livros nas bibliotecas populares, e parece que predomina geralmente a ideia de não continuarem os subsídios a tais estabelecimentos.*
> *Penso, todavia, que não deve a província voltar do propósito em que esteve: as bibliotecas são focos de instrução, que cooperam vantajosamente para a civilização; são complementos da escola: é necessário dar que ler aos que aprendem a leitura.*
> *Conviria promover a criação de associações que se encarreguem de dar-lhes impulso, de ajudar sua existência e seu modo de ser às necessidades da instrução popular.* Devem dirigi-las espíritos elevados e nobres, guiados e dominados pela grandeza do fim, dando-lhes, portanto, todas as franquezas, encaminhando os leitores, indicando-lhes os livros, cuja, leitura mais proveitosa lhes possa ser em atenção à profissão ou ao caso ocorrente que momentaneamente o embarace [sic]. *Assim as bibliotecas*

> *populares serão poderoso elemento de civilização; do contrário serão despesa inútil.*[249] (grifos nossos)

A proposta do inspetor sobre a criação de uma associação para auxiliar no funcionamento das bibliotecas populares aproxima-se do modelo francês citado anteriormente. Ao final, ele reconhece a importância de tais estabelecimentos, mas adverte que necessitavam de readequação para atingir sua finalidade.

A emergência desses estabelecimentos voltados à instrução popular pela disseminação de "saberes úteis", na segunda metade do Oitocentos, serve como guia para observar a formação de um debate público que colocou em cena três grupos distintos: de um lado os homens da Instrução Pública, inspetores que avaliavam periodicamente a situação das bibliotecas, desde cedo apontando os desvios nos quais, segundo eles, incorriam. Na outra ponta estava a imprensa local, caso específico de Vassouras aqui analisado, que tomou a causa das bibliotecas como sinônimo de progresso e civilização, que deveriam ser promovidas e disseminadas como ferramenta útil à instrução popular; levaram em conta as críticas da Instrução Pública, mas admoestavam sempre a importância de sua manutenção. Na terceira ponta estavam os leitores, esses, ao que parece, ávidos pelos romances de Alencar e Macedo. Leitores e leitoras cuja única marca que chega até hoje são os números que revelam a sua frequência anual às bibliotecas.

---

[249] Relatório apresentado á Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro na abertura da primeira sessão da vigésima quarta legislatura em 8 de agosto de 1882 pelo presidente, desembargador Bernardo Avelino Gavião Peixoto. Rio de Janeiro, Typ. Montenegro, 1882, p. 21.

Imagem 9 — Biblioteca Municipal de Valença, 1922

Fonte: VASCONCELLOS, C. R. de. *Centenário da independência do Brasil* : Álbum do Estado de Rio de Janeiro 1922. Rio de Janeiro: sem Ed., 1922, fl. 217.

A fotografia da Biblioteca Municipal de Valença, de 1922, dá uma boa dimensão sobre como eram as bibliotecas populares criadas no interior da província na década de 1870. Na reprodução acima, ela ainda ocupava o espaço original em uma das salas da câmara municipal. A disposição das estantes, cadeiras e mesas convidam ao exercício imaginativo da circulação de pessoas e apropriações daqueles novos espaços de sociabilidade espalhados pelo Vale. Em Vassouras, na década de 1880, o abandono da biblioteca, do qual a imprensa periódica responsabilizava a câmara, foi objeto de acalorados debates na imprensa local. Retomava-se, agora pelas páginas do *Vassourense*, a defesa daquela instituição que era sinônimo de progresso.

2.3 Batalhas na imprensa em torno da Biblioteca Popular

A criação e a instalação da Biblioteca Popular de Vassouras foram noticiadas com ufanismo pelo *O Município* ao longo de 1873 e 1874. Na década seguinte, esse movimento pôde ser acompanhado nas páginas do *Vassourense*, entretanto, o ufanismo e a empolgação deram lugar às críticas e embates com a municipalidade

em torno do funcionamento da biblioteca. Pelas páginas do periódico foi noticiada, em 1883, a transferência da biblioteca do local onde fora instalada.

> Sendo muito acanhado o compartimento que, no Paço Municipal, era destinado à biblioteca, de modo que nem mais uma estante cabia, a Câmara mandou preparar algumas salas da casa de sua propriedade à rua Caetano Furquim, estabelecendo nela a biblioteca e a estação telefônica [...].
> No ano de 1881, a biblioteca foi pouco frequentada, fato que deve ser atribuído à existência da epidemia, que despovoou a cidade [...].[250]

A imprensa de Vassouras teve destacado papel como agente cultural, conforme demonstrado no tópico anterior. Cabe agora retornar às páginas do *Vassourense* em 1884 para analisar uma batalha de palavras entre o periódico e a câmara municipal. Esse recorte pretende demonstrar mais uma vez a atuação intelectual dos publicistas à frente da imprensa periódica local e o jornal como espaço público e palco para o desenrolar de uma opinião pública nos moldes aqui já apresentados.

Na retórica da modernidade presente nos jornais em Vassouras, a Biblioteca Popular foi tema recorrente. Desde a sua instalação de 1872, até o fim do Império, e mesmo depois. Lucindo Filho, em artigo no editorial, recorda a trajetória da Biblioteca e denuncia seu estado em 1884. Em um texto bastante contundente, o jornal coloca-se como fiscalizador da municipalidade, cobrando ações para o reestabelecimento da funcionalidade da biblioteca.

> O senhor da província ordenou a câmara que lhe informasse qual a razão de estar fechada a biblioteca municipal.
> Há muito que desejávamos reclamar contra essa irregularidade.
> Em 1872 um punhado de homens reuniu-se e determinou criar uma biblioteca popular. Levaram a efeito sua ideia, e em menos de um mês estava criada a biblioteca com perto de mil volumes, e algumas centenas de mil réis de donativos. [...]
> Os fundadores da biblioteca, desejando que ela progredisse, quiseram fazê-la gozar dos favores da lei a esses estabelecimentos, e tendo recebido donativos de livros tanto do governo, quanto de particulares, obtiveram da câmara, uma sala onde ela pudesse ser estabelecida, e funcionar.
> Lá se vão 14 anos.
> A biblioteca que era popular, passou a chamar-se municipal, e sua direção foi entregue ao senhor secretário da câmara.
> Ao princípio compraram-se alguns livros; mas pouco a pouco foram se descurando, e há 8 anos ou mais, que para a biblioteca não se compra um livro, tendo ela aliás verba para isso.

---

[250] *Vassourense*, 11 de fevereiro de 1883, p. 3.

> Em 1872 os iniciadores dirigiram-se ao governo, e as associações particulares, e obtiveram a coleção completa das Leis do Brasil, da Revista do Instituto Histórico, etc.
> Posterior a essa data não se encontra lá nem um dos volumes da legislação, nem mesmo da Revista, etc., porque a câmara nunca se lembrou de mandar pedir esses volumes.
> E não é só por isso. A biblioteca municipal não possui um só periódico desta cidade; não é porque não os tenha recebido, mas sim porque entendem que são jornais velhos, e que devem ser queimados.
> Há dias precisamos ver as coleções da *Gazeta de Vassouras* e do *Município* e não encontramos na biblioteca um só número; tinham sido rasgados ou queimados. [...]
> A biblioteca criada pelo povo, e por conseguinte devendo ser de uso dele, quase nunca está aberta.
> E não há razão para que ela não funcione. Esperemos ver as explicações que dará à municipalidade ao senhor presidente da província.[251]

Nas palavras que o *Vassourense* dirige a câmara municipal está contida a visão de que o redator e os demais homens de imprensa tinham sobre a função daquele estabelecimento. Reclama-se de não haver horário regular de funcionamento, mais ainda da ausência das coleções de periódicos locais que teriam sido descartadas pela administração. Recorda o redator sobre a verba anual da província para aquisição de livros. A querela tem início com uma longa resposta do secretário A. J. Pinto da Fonseca (que ocupou as quatro colunas de uma página inteira do jornal), publicada na edição seguinte, a qual o redator rebate incisivamente.

> Em outra seção vai publicado um longo artigo do digno senhor secretário da câmara, em que s. s. pretende defender essa corporação das justas recriminações que fizemos a respeito do estado lamentável em que se acha a biblioteca municipal.
> Sob o louvável pretexto de limpar a própria testada, s. s. tomou o inglório encargo de defender o que não tem defesa possível, e com argumentos, que caem por si mesmos.
> Três foram os pontos sobre que rapidamente firmávamos as nossas acusações.
> Dissemos que há 8 anos ou mais não se compram livros para a biblioteca, e que aí não se encontra nem um volume de legislação ou da Revista do Instituto Histórico posterior a 1872.
> Responde-nos o senhor secretário que fomos parciais acusando só a câmara atual, quando nesse ponto se vê claramente que fomos como sempre, justos; censuramos as municipalidades, que não cumpriram o seu dever, aplicando à biblioteca a verba que lhe é destinada todos os anos.
> Quanto a falta dos volumes de leis etc, essa pertence só e exclusivamente ao bibliotecário que devia tê-los pedido a quem enviou os outros.
> Bastava um bocadinho mais de amor a essa criação, que s. s.com tanta infelicidade chamou de belo sonho de legislador.

---

[251] *Vassourense*, 27 de janeiro de 1884, p.1.

> Realmente, se todas as bibliotecas fossem como a de Vassouras, teria s. s. razão em qualifica-las de sonhos, e até de pesadelos.
> Mas felizmente, de todas as bibliotecas populares que conhecemos, não há uma só que possamos comparar à nossa quanto à falta de solicitude.
> Todos os dias recebemos ofícios de bibliotecas populares pedindo a remessa do *Vassourense*. Pode dizer-nos o senhor bibliotecário a quantas redações já escreveu, pedindo a remessa de jornais? [...][252]

A resposta rebate os argumentos do secretário da Câmara e confirma os dados que foram apresentados e que dizem respeito da dificuldade em obter informações sobre a frequência e o funcionamento da Biblioteca Popular de Vassouras. Também demonstra o quanto aquela biblioteca estava aquém de outras instaladas no vale. Os dados dos quadros 5 e 6 evidenciaram isso. A resposta prossegue:

> Se a daqui não possui nem a coleção dos periódicos locais! Nesse ponto não temos remédio senão ir de encontro às asserções do senhor bibliotecário, por não serem verdadeiras.
> Diz s. s. que na biblioteca apareciam números do *Município, Gazeta de Vassouras* e *Vassourense* eram de sua assinatura particular, ou dos vereadores, e isso não é verdade. Quando redigíamos o Município enviamos para lá uma coleção completa, de que pode dar testemunho, entre outros o Sr. dr. Rodolfo Leite, e no ano de 1882 para lá foi o *Vassourense* durante o primeiro semestre. Aonde estão esses periódicos?
> [...] Supondo mesmo que a biblioteca não recebesse esses periódicos, o dever de um bibliotecário zeloso era reclamar das redações a sua remessa.
> *Que resposta dará o senhor bibliotecário, quando algum visitante estrangeiro, querendo saber da história da imprensa nesta cidade, pedir-lhe para mostrar as coleções de periódicos?*
> Responderá que não as possui, e ouvira um oh! Com sete pontos de admiração. [...][253] (grifos nossos)

Nesse ponto, volta-se o redator em sua resposta virulenta a uma questão já perpassada no primeiro capítulo: a imprensa em Vassouras foi se constituindo ao mesmo tempo que constituía uma memória de si. A alegoria do estrangeiro que indaga sobre a história da imprensa de Vassouras denota a preocupação daqueles homens com o empreendimento que representava, para eles, a produção e a circulação dos jornais. Admirar-se-ia o estrangeiro, conta o redator, pela ausência daquele símbolo de modernidade, pela ausência das coleções que contariam e seriam elas próprias monumento de sua história. Escreve ainda:

---

[252] *Vassourense*, 10 de fevereiro de 1884, p.1.

[253] *Vassourense*, 10 de fevereiro de 1884, p.1.

> [...] A outra acusação que fizemos, foi por estar a biblioteca ilegalmente fechada.
> Esta falta pertence exclusivamente à atual municipalidade, e o senhor bibliotecário querendo defendê-la, compromete ainda mais a causa. [...]
> Quanto às outras razões que s. s. dá para o fechamento da biblioteca, nenhuma tem valor.
> Diz s. s. que só se procuram romances; não é isso muito verdadeiro. Mas se o fosse, o que tem s. s. com isso?
> O seu dever é ter a biblioteca aberta à disposição do público nas horas marcadas.
> Não são só os romances os livros procurados; livros de história, de línguas, de ciências também o são. Não há maior procura, porque, como já dissemos a biblioteca é paupérrima, e não se compram livros novos.
> Quanto a extravio de livros, é dever do senhor bibliotecário obrigar os extraviadores a pagá-los, mesmo porque s. s. pode ficar reduzido a penúria, se for a pagar todos os livros que se extraviam.
> Tantos já se tem pago s. s.!
> Se a biblioteca é ponto de palestra de preocupados, não consinta o digno senhor bibliotecário. Os ocupados não devem sofrer por causa dos desocupados.
> Sabemos os dissabores por que tem passado o honrado senhor secretário; mas a lei não cura dessas coisas; a biblioteca por lei deve estar aberta, a biblioteca por lei tem um bibliotecário gratificado pelos cofres municipais, a biblioteca por lei tem uma verba anual para a compra de livros, logo a biblioteca só ilegalmente estará fechada, em detrimento do público, e não fará aquisição de livros novos.
> Em que é aplicada a verba destinada à biblioteca? Saberá dizer o senhor secretário?
> *Dura Lex sed Lex.*
> Terminando, seja dito de passagem, que nem um momento assistiu-nos o ânimo de molestar o digno senhor secretário, a que alias muito prezamos e consideramos.
> Somos os primeiros a reconhecer que como secretário da câmara s.s. é um empregado inteligente, hábil, zeloso, e, o que é raro, muito conhecedor dastricas [sic] municipais; mas como bibliotecário s.s. mesmo encarregou-se de dizer que não o pode ser bom, por causa do serviço da secretaria, e é por isso mesmo que afirmamos.
> O nosso intuito único no artigo antecedente e neste é demonstrar que o fechamento da biblioteca é mais uma das ilegalidades da câmara municipal.
> Vê o senhor secretário que ainda dessa vez não erramos o alvo de nossas acusações.
> Os comentários que aí ficam não desvirtuam nem uma das linhas que s.s. escreveu; nem é esse o nosso hábito. Tudo o que dissemos é justo e verdadeiro.
> Abra-se a biblioteca, comprem-se os livros e dê-se ao povo o que é do povo.[254]

O redator não poupa o secretário da câmara numa resposta dura. Sobre a reclamação deste quanto aos romances em excesso, havia coro com o diretor da Instrução Pública, Josino do Nascimento Silva, como demonstrado anteriormente, que em seus relatórios anuais também chamava atenção para esse ponto. O texto

---

[254] *Vassourense*, 10 de fevereiro de 1884, p.1.

encerra-se com a assertiva do caráter útil de tal estabelecimento para o “povo”. A censura que o *Vassourense* desfere contra a câmara municipal de Vassouras evidencia uma animosidade que nem de longe mostra uma imprensa pacata ou desfeita aos embates políticos que propalava não participar. A contenda se estendeu para fora das páginas do *Vassourense*. O jornal, prosseguindo a batalha de penas, trouxe em sua edição de 02 de março o seguinte editorial.

> Afinal lembrou-se a municipalidade de fazer o seu próprio panegírico, já que ninguém era capaz de tanto arrojo.
> Tomando por antítese o nome de *Justus,* publicou ela dois artigos no *Jornal do Commercio* de 24 e 26 do passado, enumerando os seus prestantes serviços.
> Pomos de parte a proposital atribuição que se nos faz de que declaramos guerra ao senhor presidente da câmara.
> Isso é um meio de intriga cediço, de que nem vale a pena nos ocuparmos. [...][255]

Nas páginas do *Jornal de Commercio*, a Câmara respondeu duramente às criticas do *Vassourense*, acusando o jornal de perseguir a legislatura. A tréplica veio mais uma vez pela pena de Lucindo Filho, que enumerou o que seria uma série de falhas da administração municipal – da manutenção precária de estradas até obras para beneficiar particulares e amigos, ao que o jornal chama “filhotismo”. Mais uma vez vem à tona a questão da biblioteca: “[...] quando escrevemos sobre a biblioteca quisemos somente expor ao público uma das muitas mazelas desse simulacro que se chama Câmara Municipal de Vassouras”[256]

Em editorial de 16 de março, o *Vassourense* elenca uma série de irregularidades que, argumenta o redator, estavam sendo cometidas pela municipalidade. Contratação irregular de serviços, atuação por interesses particulares, descaso com as ações de manutenção e limpeza urbanas, muitas são as acusações desferidas contra a Câmara. Mais uma vez a questão da biblioteca estava presente: “Consentiu que durante muito tempo estivesse fechada a biblioteca pública, pagando integralmente, entretanto, a gratificação respectiva. Neste fato cometeu duas ilegalidades: 1ª fechamento da biblioteca; 2ª gratificação indevida”.[257]

---

[255] *Vassourense*, 02 de março de 1884, p.1-2.

[256] *Vassourense*, 10 de fevereiro de 1884, p.2.

[257] *Vassourense*, 16 de março de 1884, p.1.

As gratificações eram relativas às funções de bibliotecário acumuladas pelo secretário da câmara municipal.

Com as críticas incisivas do jornal, a situação da Biblioteca Popular de Vassouras pareceu mudar a partir de 1886, com a atuação do novo secretário e bibliotecário Luiz Estevão de Lemos. Em 1887, ele envia um relatório aos vereadores descrevendo a situação da biblioteca. Lemos traça um retrato pormenorizado do estado que encontrara o acervo e aponta as soluções que havia tomado desde que assumiu suas funções no ano anterior.

> Exmos Srs. Presidente e vereadores da Câmara Municipal de Vassouras.
> Em virtude do art. 23 da lei 1650 de 20 de dezembro de 1871, venho apresentar-vos o relatório do estado de conservação dos livros e movimento da Biblioteca a meu cargo desde fevereiro no ano findo.
> Do inventário a que procedi, encontrei muitos livros estragados e obras incompletas pelo que tive de retirá-los das estantes diminuindo assim o número deles e constantes de registro geral que bem como o livro de empréstimos acham-se mal escriturados e em péssimo estado, não encontrando também catálogo algum dos livros existentes. *Atualmente acham-se todos os livros escriturados novamente e para facilitar a procura dos mesmos organizei um catálogo provisório que deverá ser impresso para melhor clareza.*
> A Biblioteca passou por alguns melhoramentos devidos à boa vontade com que quis o Exmo. Presidente da Câmara [ilegível] atendeu às minhas reclamações.
> O movimento da mesma tem sido muito diminuído como se vê no mapa junto. *São muito lidos os romances apesar de alguns serem muito antigos.*
> Há muitos anos não é oferecido um só livro à Biblioteca, em novembro do ano findo porém, o Ex. Dr. Lacerda Werneck, ofertou 273 volumes, alguns de obras raras e importantes, prometendo ainda enviar mais outros. *Existem muitos livros em brochura que devem ser encadernados. Para estas despesas e outras da Biblioteca a Província pela citada lei nº 1650 concedeu uma subvenção de 300$000rs anuais, que deverá ser pago logo que reclamado provando-se qual o emprego a dar-se a dita quantia.*
> É tudo quanto me cabe levar ao conhecimento desta [ilegível] Câmara Municipal.
> Biblioteca Popular de Vassouras, 10 de janeiro de 1887.
> O bibliotecário
> Luiz E. de Lemos.[258] (grifos nossos)

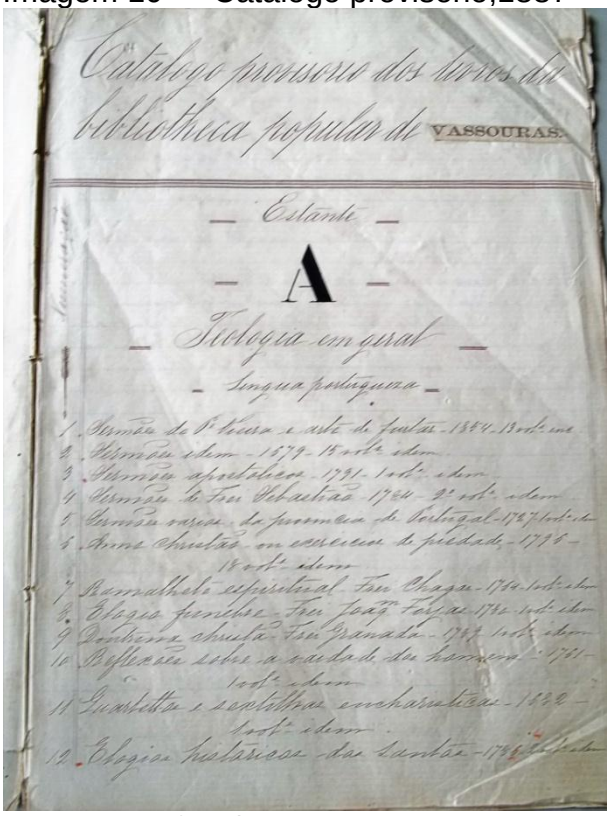
O relatório do bibliotecário é um dos raros documentos desse período que sobreviveu à ação do tempo. Sua citação na íntegra é importante. Após os embates com o *Vassourense* nos anos anteriores, substituído o secretário, a Biblioteca Popular voltou à cena. Lemos faz referência à elaboração de um catálogo novo, confeccionado por ele, cita o interesse dos leitores pelos romances e novamente faz

---

[258] APMV. Comunicação enviada pelo bibliotecário, folha 01/02, documento avulso. Caixa Biblioteca.

alusão à verba anual que deveria ser alocada pela Província para a manutenção das bibliotecas. O catálogo de 1887 também chegou até os dias de hoje, embora esteja incompleto.[259] Outro fragmento de um catálogo não datado, mas seguramente realizado após 1890, inventaria toda a biblioteca. Por ele sabemos que, no fim do século, o acervo estava constituído por 3092 volumes catalogados.[260]

Imagem 10 — Catálogo provisório,1887



Fonte: APMV, foto do autor.

O catálogo elaborado por Lemos permite afirmar que as obras eram separadas por estantes identificadas de A a Z. Foram agrupadas seguindo os temas disponíveis no acervo: teologia, jurisprudência, poesias, leis do Brasil, história dentre muitos outros.

No relatório elaborado em 1887, também consta um quadro com o movimento da biblioteca no ano anterior. O detalhamento trazido pelo bibliotecário permite

---

[259] APMV. Catálogo provisório dos livros da biblioteca, 1886, documento avulso. Caixa Biblioteca.

[260] APMV. Catálogo dos livros existentes na câmara municipal de Vassouras, s/d, documento avulso. Caixa Biblioteca.

aproximações com os dados anualmente divulgados pelo Relatório da Instrução Pública que foram amplamente utilizados aqui.

Quadro 7 — Demonstrativo do movimento da Biblioteca Popular de Vassouras durante o ano de 1886

Meses	Empréstimos			Frequentadores			Observação
	Romances	Outros Livros	Total	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Total	
Janeiro	6	2	8	8	0	8	*
Fevereiro	8	1	9	9	0	9	*
Março	11	4	15	15	3	18	*
Abril	16	2	18	18	2	20	*
Maio	11	6	17	15	6	21	*
Junho	20	2	22	22	0	22	*
Julho	35	8	43	35	8	43	*
Agosto	14	10	24	14	10	24	*
Setembro	42	16	58	58	0	58	*
Outubro	25	9	34	34	0	34	*
Novembro	28	10	38	38	0	38	*
Dezembro	30	29	59	51	8	59	*
Soma	246	99	345	317	37	354	*

Fonte: APMV. Relatório do Bibliotecário acompanhando um mapa do movimento da Biblioteca durante o ano de 1886.

Os dados acima corroboram a preferência dos leitores pelos romances, embora também mostre que outros livros eram bastante requisitados. A divisão dos gêneros no quadro denota a clivagem no acesso a educação naquele contexto. As mulheres representaram pouco mais de 10% dos frequentadores da biblioteca no ano de 1886.[261]A Biblioteca Popular desde sua criação foi eleita como tema de primeira ordem na imprensa local. Um lugar inquieto, instável, no qual livros e homens se encontravam. As sociabilidades possíveis a partir desse espaço são múltiplas.

[261] Para um panorama sobre as práticas de leituras femininas no Oitocentos ver: MORAIS, Maria Arisnete. C de. *Revisitando romances do século XIX*: Análise sobre a formação da leitora brasileira. Disponível em: <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/105MariaArisneteCamaraMorais.pdf> Acesso em: 03 de jan. de 2018; LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. “A leitora no banco dos réus”. In: _____. *A Formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003, p.235- 306; LAJOLO, Marisa. Ler e escrever no feminino. In: _____. Como e por que ler o romance brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p. 46-62; ZILBERMAN, Regina. “Leitoras de carne e osso: a mulher e as condições da leitura no Brasil do século XIX”. Revista *Estudos Literários*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 31 - 47, out. 1993.

Em Vassouras a existência de livros, antes de se apresentar no espaço público, já estava presente nos espaços privados. Para corroborar a noção de que a intelectualidade que gravitava em torno da imprensa superestimava a posse de livros como ferramentas tanto de trabalho como de aprimoramento do espírito passa-se em análise a existência de bibliotecas existentes entre um círculo de leitores mais restrito. Homens formados pelas academias do Império que formaram uma camada média urbana em Vassouras a partir dos anos 1870.

2.4 Delineando o círculo de leitores: bibliotecas particulares

Luiz Carlos Villalta e Christianni Morais estudaram a posse de livros em Minas Gerais ao longo dos séculos XVIII e XIX construindo um retrato das bibliotecas e seus proprietários no momento de sua morte. Os inventários *post-mortem* que foram a analisados, segundo os historiadores, formam um "instantâneo das bibliotecas", não permitindo desse modo lançar hipóteses sobre as práticas de leitura e as apropriações possíveis a partir dos textos. Tomando conjuntos expressivos desses documentos os historiadores buscaram tabular a presença dos livros para reconstituir padrões e observar diversidades e assimetrias.[262] A metodologia empregada nesse estudo torna-se válida aqui, pois permite enxergar a presença de livros e bibliotecas como sintomático de certo acesso ao mundo das letras. A partir daí busca-se observar determinadas ações que possam caracterizar os homens ligados a imprensa de Vassouras na qualidade de intelectuais.

A historiadora Tânia Bessone Ferreira, ao analisar a composição das bibliotecas de médicos e advogados no Rio de Janeiro entre 1870 e 1920, circunscreveu-os como membros de um círculo de leitores.[263] Pesquisando minuciosamente testamentos, inventários *post-mortem*, verbas testamentárias e

---

[262] VILLALTA, Luiz Carlos & MORAIS, Christianni C. "Posse de livros e bibliotecas privadas em Minas Gerais (1714-1874)". *In*: BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia (org.). *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010, pp. 401-18.

[263] Cf. FERREIRA, Tânia M. B. da C. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

anúncios de leilões, Ferreira recuperou nesses documentos uma grande quantidade de listas de livros e objetos relacionados à prática da leitura. O momento da morte assim revelava toda vivacidade de bibliotecas que só existem hoje, muitas delas, nas listas redigidas pelos avaliadores no inventário. Para a composição deste tópico lançou-se mão da mesma metodologia empregada pela autora para mostrar – agora no vale do Paraíba fluminense, em Vassouras – a possível existência de similar, embora certamente menor, círculo de leitores. Dessa forma, alargam-se as possibilidades para compreender a dinâmica da sociedade patriarcal, hermética e escravocrata que se desenvolveu no vale e apontar para outras perspectivas. A constatação da presença de livros e bibliotecas nos inventários ajuda a corroborar a construção da imagem desses homens no interior do vale como intelectuais interessados.

Acompanhando os jornais também é possível notar listas de livros que eram comercializados em estabelecimentos da cidade. A ausência de livrarias era suprida pelo comodato entre comerciantes locais e livreiros da Corte. A casa comercial de Abreu Cezar anunciava nas páginas d'*O Município* em 1878, os novos títulos postos a venda:

> A casa de Antônio José de Abreu Cezar, acaba de receber, importante sortimento de, romances, dramas, poesias, livros colegiais e outros de recreio, que vende pelos preços da Corte: Fronteiro d'África, drama histórico de A. Herculano, 1$; A viúva das Camélias, 1$500; Os Íntimos, 1$; Sete de Setembro, 1$; O Homem da Máscara Negra, 1$; A estátua de carne, 1$; Os Lazaristas, 1$; A Gravata Branca, 600rs; Os estranguladores do Pará, 2$; 29 ou Honra e Glória, 1$; Beata de mantilha, 500$; Abel, Helena, 1$; A casadinha de fresco, 1$; Fausto drama fantástico, 1$; Romance de um moço pobre, 1$; Dalila, 1$; Viagem à Lua, 1$; Jerusalém libertada, 1$; A filha de Maria Angú, 1$; O Jovem Telemaco, 1$; A Judia, de Pinheiro Chagas, 1$; Aimée ou assassino por amor, 1$; As duas órfãs, 1$; Uma prima de três bordões, 600rs [...] *Também se encarrega de mandar vir com maior brevidade qualquer obra, por achar-se em correspondência direta com a Livraria de Serafim José Alves, no Rio de Janeiro*, assim como recebe assinatura para a importante ilustração *Os Dous Mundos* [...].[264] (grifos nossos)

O catálogo anunciado no jornal continha ao todo 134 títulos, romances em sua maioria. A livraria do português Serafim José Alves foi inaugurada em 1871. Localizava-se na praça d. Pedro II (atual praça XV), número 11. Laurence Hallewell

---

[264] *O Município*, 3 de outubro de 1878, p. 4.

destaca que a livraria foi importante no cenário carioca pela publicação e comercialização de obras jurídicas, mas também publicou grandes autores, como Castro Alves.[265] Outra maneira muito utilizada em Vassouras para a aquisição de livros eram os leilões judiciais nos quais, geralmente, os livros eram arrematados por módicos preços muito abaixo das avaliações.

Buscaram-se nos inventários *post-mortem* e autos de arrecadação[266]*,* depositados no Centro de Documentação Histórica sob a guarda do Escritório Técnico do IPHAN Vassouras, dados que remetessem à posse de livros ou bibliotecas.[267] Além de médicos e advogados, ampliou-se o espectro de análise tendo em mãos dados do *Almanak Laemmert* entre os anos de 1870 e 1889. Verificaram-se também nomes ligados à instrução pública, à imprensa, além de funcionários públicos. A análise recortou um grupo de indivíduos que pudessem ser caracterizados dentro de uma camada média urbana de Vassouras.

Ao final desta pesquisa foram arrolados 29 inventários e 2 autos de arrecadação. Desse volume, aproximadamente 23% dos documentos continham referência a livros, mobiliário de leitura ou bibliotecas. Há a descrição completa de 5 bibliotecas e 2 menções rápidas a livros diversos. Vale ressaltar, segundo Ferreira, que:

> Uma Biblioteca não é simplesmente o somatório de livros. O fato do indivíduo ter escolhido aquelas obras, entre tantas outras, de preservá-las em casa, guardá-las em móveis especialmente construídos, demonstra uma preferência, uma forma de atribuir determinado valor aos livros, não apenas por suas qualidades implícitas. Essa seleção, seja por escolha profissional, afetiva, ou mesmo por status, define uma razão que ajuda a fazer a

---

[265] HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil:* sua história. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985, pp. 198-9.

[266] Expedidos pelo juiz municipal para que fossem arrolados e recolhidos bens de falecidos cujo inventário não fosse aberto por nenhum familiar.

[267] A pesquisa trilhou esse caminho também ancorada nas observações da historiadora Márcia Abreu: "O recurso aos inventários – prática comum em pesquisas sobre o livro e a leitura – justifica-se mais por ser essa uma das poucas vias trilháveis na busca ao leitor do passado do que pela abrangência, completude ou confiabilidade do material. Os documentos registram as posses de um conjunto limitado de pessoas – aquelas que possuíam bens materiais a serem repartidos por ocasião da sua morte. Impossível, portanto, generalizar os tipos e as quantidades de livros aí encontrados para faixas mais largas da população. Guardadas essas restrições, a documentação traz informações bastante detalhadas sobre a vida material de um conjunto de pessoas [...]". ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. São Paulo: Mercado das letras, 2003, p. 162.

> diferença entre livros esparsos e espalhados e uma biblioteca, mesmo que pequena.[268]

A opção em investigar a existência de bibliotecas particulares em Vassouras deriva da dificuldade em caracterizar o conceito escorregadio de *espaços de sociabilidades*. Ao analisar essas bibliotecas, seus livros e mobiliário, busca-se entender esses espaços privados também como portadores de possíveis sociabilidades naquela sociedade.

O Dr. José Faustino da Fonseca e Silva, advogado, ao falecer em 1883, deixou uma biblioteca avaliada em Rs. 282$500. Valor modesto se comparado ao montante dos bens. Continha 157 títulos distribuídos em 311 volumes.[269] Homem culto, ocupou várias funções na administração do município e esteve à frente de uma agência do consulado português em Vassouras. A lista de sua valiosa biblioteca que foi avaliada em mais de quatro contos de réis pode ser conferida no **anexo C**.

O também advogado Dr. Herculano de Figueiredo e Souza teve seu inventário aberto pelo irmão. Participava ativamente da articulação do Partido Liberal em Vassouras. Foi ele um dos responsáveis pela criação do primeiro periódico em Vassouras,[270] vindo a falecer de forma inesperada no ano seguinte. Possuía uma pequena biblioteca com 37 títulos encadernados, sendo a sua maioria ligada à profissão e algumas histórias e literaturas. Somados aos 49 volumes, há menção a "[...] uma coleção de brochuras sobre diversos assuntos (estragados) [...]".[271] No inventário, encontra-se também a presença de mobília de escritório e estante para livros.A lista dos livros está reproduzida no **anexo D**.

Francisco de Assis e Almeida, falecido na Fazenda da Concórdia, em 1887, deixou expressivos bens, dentre eles livros e mobiliário de biblioteca e escritório. No inventário há menção a livros, porém não há descrição dos títulos ou autores de cada obra. Segundo o inventário da partilha do monte-mor, no que tange a uma casa de vivenda na cidade lê-se: "A casa de vivenda nesta cidade conforme avaliação,

---

[268] FERREIRA, Tânia Maria T. Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, p. 22.

[269] CDH. Inventário. José Faustino da Fonseca e Silva. Doc.102663766005.

[271] CDH. Inventário. Herculano de Figueiredo e Souza. Doc.102663734003.

três contos de reis; a mobília existente na mesma, oitocentos mil réis; *a livraria existente na mesma, oitocentos mil réis; sete estantes para livros, cento e cinco mil réis* [...] (grifos nossos)".[272] Constata-se que os livros e mobiliário somam quase um terço do valor do imóvel do Sr. Assis e Almeida. Merece destaque o fato de um homem abastado possuir expressiva biblioteca em sua propriedade rural. Nota-se que os senhores da terra também apreciavam a leitura ou, talvez, sugira uma diversificação na composição dos habitantes do espaço rural em Vassouras na segunda metade do século XIX. Embora o inventário cite a casa de vivenda e também terras no município de Iguaçu, não há menção a cafezais ou escravos.

Do auto de arrecadação do Sr. Antonio José de Azevedo constam "[...] uma estante, digo, cento e dez volumes diversos".[273] A retificação do avaliador, citada propositalmente, sugere que naquele caso era importante listar os volumes da estante, um a um, pois os mesmos correspondiam a quase 44% do valor do monte-mor (Rs. 296$500). Esse fato também é notado por Ferreira; a presença dos livros nos inventários (valendo para outros registros como o auto de arrecadação) poderia variar conforme sua expressividade e valor no montante da partilha.[274] A julgar pelo expressivo número de livros sobre Direito, Antônio José de Azevedo certamente advogava. Lista completa reproduzida no **anexo E**.

Do Dr. Joaquim Gomes Ribeiro Leitão, advogado, tem-se a segunda referência a livros sem o seu devido arrolamento. A listagem minuciosa dos títulos, autores e volumes dependia tanto da boa vontade do avaliador quanto da representatividade pecuniária desses bens. O avaliador foi bastante sucinto quanto aos bens. Segundo ele: "[...] o finado Dr. Joaquim Gomes Ribeiro Leitão deixou alguma mobília, objetos de uso e livros, na casa em que residia, propriedade da Câmara Municipal e a quantia de 215$000".[275] Os livros totalizaram 124, descritos como "diversos", a 300 reis cada um. No Monte Mor somavam pouco mais de 8% do valor total dos bens.

---

[272] CDH. Arrecadação. Francisco de Assis e Almeida. Doc.102663772009.

[273] CDH. Arrecadação. Antônio José de Azevedo. Doc. 102663974003.

[274] FERREIRA, Tânia Maria T. Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, p. 36.

[275] CDH. Arrecadação. Joaquim Gomes Ribeiro Leitão. Doc. 102663976004.

Um dado mostra que homens como Leitão constituíam seu acervo a partir de leilões públicos. Em 1881, ele esteve presente no leilão dos bens arrecadados do Sr. Antonio José de Azevedo. Levou por 500 réis um lote de livros avaliados em Rs. 41$300. Um ótimo negócio que mostra a permanência e circularidade das obras naquele contexto espacial. Sem as livrarias existentes na Corte, os leilões em Vassouras poderiam ser uma boa oportunidade para a ampliação dos acervos pessoais.

Outro advogado o qual foi possível analisar a biblioteca minuciosamente é o Dr. Luiz Rômulo Perez Moreno. Falecido em 1874, inventariado por sua esposa, deixou bens avaliados em mais de doze contos de réis. Foi Juiz Municipal, tendo cursado Direito em São Paulo. Possuía quatro escravos, móveis e livros. Sua biblioteca era composta de 482 volumes, a maioria em francês. Dispunha ainda de mapas diversos. Pela descrição dos móveis, fica bastante nítida a biblioteca e o escritório de Moreno, segundo o inventário entre seus bens constam, além dos livros e escravos citados:

> [...] uma estante envidraçada (maior) [...] uma dita, dita (menor) [...] uma escrivaninha [...] uma mesa pequena de escritório [...] uma mobília de jacarandá pés de cachimbo, constando de quatro cadeiras de braços, uma mesa de centro, dois aparadores e doze cadeiras [...].[276]

A biblioteca de Moreno pode ser tomada como típica de um advogado naquele contexto. Contém muitos livros jurídicos, mas também autores clássicos. A análise da lista, reproduzida no **anexo F,** permite desvendar as leituras de um dos indivíduos que compunham o que se chama aqui de camada média urbana em Vassouras.

O último dos inventários pesquisados arrola os bens do médico Dr. Lucindo Pereira dos Passos Filho, que será objeto de análise no próximo capítulo por constituir-se atípica em relação as demais que foram analisadas aqui. Por fim, vale anotar que o acervo formado pela documentação cartorária de Vassouras, acumulada ao longo do século XIX e XX, oferece a possibilidade de ampliação do

---

[276] CDH. Inventário. Luiz Rômulo Perez Moreno. Doc.103664212003.

escopo do tema abordado nesse tópico.[277] Saindo das bibliotecas passa-se a outro espaço no qual também se privilegiava as letras e o impresso. Busca-se passear pelas tipografias para ver como funcionavam aqueles espaços que aqui são considerados, além de produtores de textos, núcleos de sociabilidade.

2.5 As tipografias e a produção dos impressos

A história dos jornais no Brasil está intrinsecamente ligada aos locais de produção dessas folhas ao longo de suas existências. No decorrer do primeiro capítulo, buscou-se historiar as tentativas de criação de periódicos e tipografias em Vassouras. Talvez a tentativa que mais tenha se aproximado desse intento esteja na compra do material tipográfico pela *Sociedade Promotora da Civilização e Indústria*, em 1832.[278] Os intentos daquele grupo não lograram êxito. Sobre o anúncio de Antônio Custódio da Silva de abrir uma filial de sua tipografia em Vassouras, inclusive com material já comprado, nada se sabe.

As tipografias eram, naquele contexto, um espaço que poderia reunir homens interessados em dar publicidade às suas ideias, reuniões políticas, ou mesmo um lugar para amenidades. Isabel Lustosa mostrou que nos acontecimentos que deram lugar ao processo de independência do Brasil, entre 1821 e 1823, as tipografias e os jornais de seus prelos tiveram papéis importantes no teatro político.[279]

Retornando ao vale do Paraíba, já foi apontada anteriormente certa dificuldade na recuperação da história da imprensa nesses municípios, ou pelos arquivos deficientes ou pela falta completa desses. Em relação às tipografias e sobre quais relações podem ser depreendidas da utilização desse espaço para além de sua atividade fim, a impressão de periódicos, o desafio é igualmente grande. Pode-se recorrer, contudo, aos anúncios que figuram nos jornais para criar um

---

[277] Em 2015, no decorrer dessa pesquisa, o CDH foi transferido das dependências da Universidade Severino Sombra para o Escritório Técnico do IPHAN de Vassouras.

[278] Cf. Capítulo 1.

[279] LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

retrato aproximado da dimensão desses espaços e sua importância na dinâmica social e intelectual de Vassouras. O quadro abaixo situa temporal e espacialmente as tipografias que existiram no município entre 1873 e 1889.

Quadro 8 — Tipografias em Vassouras (1873-1889)

Tipografia	Proprietário	Período	Localização
d'O Município (1ª fase)	Empresa Queiroz	1873-1875	Rua da Câmara, nº 1
d' O Município (2ª fase)	"Uma empresa"	1876-1879	Rua do Comércio, nº 2 Rua Direita, nº 23
da Gazeta de Vassouras	A.C. da Rocha Braga& Filho	1880	Ladeira do barão do Tinguá, nº 1
do Vassourense	Lucindo Filho	1882-1889	Rua do Comércio (depois barão de Vassouras), nº 6 (em 1884 mudou-se para o nº61)
Da Phenix	Victor de Moraes (redator)	1885-1888	Localidade do Comércio
do Isothérmico	João Batista Nunes	1886-1888	Rua do barão de Vassouras, nº 37 (em frente à câmara municipal)
do Industrial	Bernardino Correia de Mattos	1889	Estação de Vassouras

Fontes*:* Periódicos *O Município*, *Vassourense* e *Isothermico*.

A primeira tipografia que entrou em funcionamento foi a d'*O Município*. Funcionou em dois endereços e imprimiu com regularidade o periódico de mesmo nome, e alguns outros, entre 1873 e 1879. No último ano de funcionamento, o jornal saía às quintas-feiras e aos domingos. Os proprietários da empresa responsável pelo *O Município* permanecem desconhecidos. Entretanto, os indícios acerca do surgimento e do desenvolvimento da imprensa em Vassouras sugerem que Lucindo Filho, depois proprietário do *Vassourense*, estava diretamente ligado a esse empreendimento tipográfico não apenas como redator.

Imagem 11 — Propaganda da Tipografia do *Vassourense*

Fonte: *O Município*, 15 de julho de 1877.

A arte dos anúncios pode ser interpretada como interessante documento. A fantasia ao centro do anúncio sugere que a prensa tipográfica utilizada pela empresa do *Município* poderia ser um modelo Stanhope, em metal. O clichê reproduzido no anúncio da tipografia é uma referência a esse primeiro modelo de prensa tipográfica construída em ferro fundido (ver imagem acima).[280] – "[...] um prelo do melhor fabricante americano", – é a única referência encontrada sem seus anúncios.[281]

---

[280] A prensa de ferro inventada pelo inglês Charles Stanhope (1753-1816), em 1800, permitia a impressão de até 200 folhas por hora. Disponível em:<htttalp://www.bl.uk/collections/early/victorian/printing/print1.html>. Acesso em: 10 de jul. de 2017.

[281] A prensa tipográfica do modelo Washington, sucessora da Columbian de Geroge Climer (1813), inventada pelo estadunidense Samuel Rust, foi fabricada ao longo de todo o século XIX por empresas diversas. Era uma prensa de fácil operação e baixo custo que podia ser desmontada e transportada facilmente. Disponível em: <https://bookbindersmuseum.org/a-machine-for-the-19th-century-the-iron-hand-press/#more-209> Acesso em: 20 de jan. de 2018; <http://www.columbia.edu/cu/lweb/eresources/exhibitions/treasures/html/9.html>. Acesso em: 20 de jan. de 2018. No catálogo de 1881 da R. Hoes & Co., principal fabricante da Washington nos Estados Unidos, foram anunciados onze modelos diferentes dessa prensa. Havia variação do tamanho do prato e cama de impressão. Para imprimir o *Vassourense*, que media 30x42 cm cada página, seria preciso utilizar prensa superior ao modelo 5 e 1/2, cuja cama de impressão media 30x44cm. Essa máquina custava, no catálogo de 1881, $260,00 dólares. Tomando o câmbio para o ano de 1880, esse valor corresponderia a Rs. 577$720 (a incluir ainda as taxas de importação e atravessadores). Cf. *Catalogue of printing presses and printers' materials, lithographic presses, stereotyping and electrotyping machinery, binders' presses and materials*. New York, 1881, p. 26. Disponível em: <https://archive.org/details/catalogueofprint00rhoe>. Acesso em: 20 de jan. de 2018. Para o câmbio ver: HOLLOWAY, T.H. *Imigrantes para o café*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984. p. 268.

As tipografias também produziam uma série de impressos efêmeros, hoje bastante raros: “cartões comerciais, faturas, circulares, cartões de visita e de casamento, talões para recibos, prospectos, avulsos para colégios, programas para espetáculos, notas, convites para enterros e missas fúnebres [...]”. Essa produção era significativa para o caixa da empresa, certamente. As folhinhas eram um tipo de publicação efêmera que saiu daqueles prelos.

Imagem 12 — Folhinha do *Vassourense* para 1885

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira. *Vassourense*, 1885.

Da Tipografia do Vassourense encontram-se, na Biblioteca Nacional, efêmeros como os relatórios das administrações da Santa Casa de Vassouras publicados em 1882 e 1885.[282]

A Fundição de Tipos de Lopes & Pacheco anunciaram em *O Município*, em 1877, o seu sortimento de tipos de chumbo e demais utensílios necessários ao funcionamento de uma tipografia. Ao final do anúncio, chamam a atenção de que “parte do material desta tipografia foi fornecido por esta casa”.[283]

Em 14 de outubro de 1877, o jornal publica em primeira página um aviso de que: “Em consequência de precisarmos mandar fundir no Rio de Janeiro uma das principais peças do nosso prelo, que se acha estragada, deixaremos de publicar

[282] BN (Brasil), Obras Gerais, I-213,6,33.

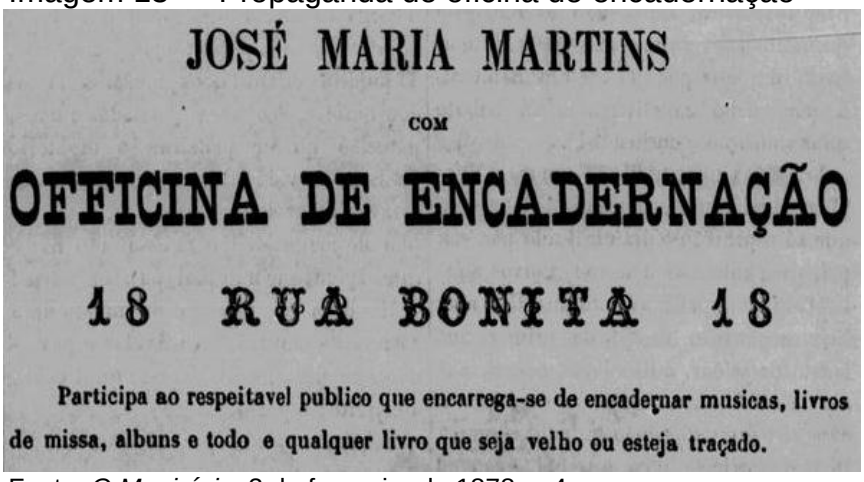
[283] *O Município*, 28 de outubro de 1877, p.4.

alguns números deste jornal".[284] Essa informação permite imaginar que a oficina d'*O Município* operava apenas com um prelo manual. A imprensa em Vassouras ao longo do século XIX não perdeu a característica de um empreendimento quase artesanal, no sentido da produção tipográfica. Na ocasião citada, a impressão do jornal atrasou por duas semanas.

Outro anúncio, publicado entre 26 de maio e 27 de junho de 1878, também faz referência ao local: "Nesta Tipografia, precisa-se de um menino, que saiba ler e escrever, para aprender a arte tipográfica".[285] Não é possível inferir quantos empregados trabalhavam na tipografia. No entanto, dada a periodicidade do jornal e as técnicas de impressão utilizadas, imagina-se que muitos braços eram necessários para manter o ritmo da empresa.

Acompanhando os anúncios no jornal, encontra-se também a oficina de encadernação de José Maria Martins. A presença de estabelecimento como o anunciado aponta para a existência de demanda para tal fim. Desse modo, fortalecem-se as hipóteses colocadas em tópico anterior acerca do círculo de leitores presente em Vassouras.

Imagem 13 — Propaganda de oficina de encadernação


JOSÉ MARIA MARTINS

COM

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO

18 RUA BONITA 18

Participa ao respeitavel publico que encarrega-se de encadernar musicas, livros de missa, albuns e todo e qualquer livro que seja velho ou esteja traçado.

Fonte: *O Município*, 3 de fevereiro de 1878, p.4.

Não chegou até o presente nenhum exemplar da *Gazeta de Vassouras*, que foi impressa em tipografia própria em 1880. A existência da gazeta, cujos proprietários morreram de febre amarela, marca a transição d'*O Município* para o

---

[284] *O Município*, 28 de outubro de 1877, p.4.

[285] *O Município*, 27 de junho de 1878, p.4.

Vassourense e sua tipografia, instalada em 1882, na Rua do barão de Vassouras, nomenclatura atual da antiga Rua do Comércio.

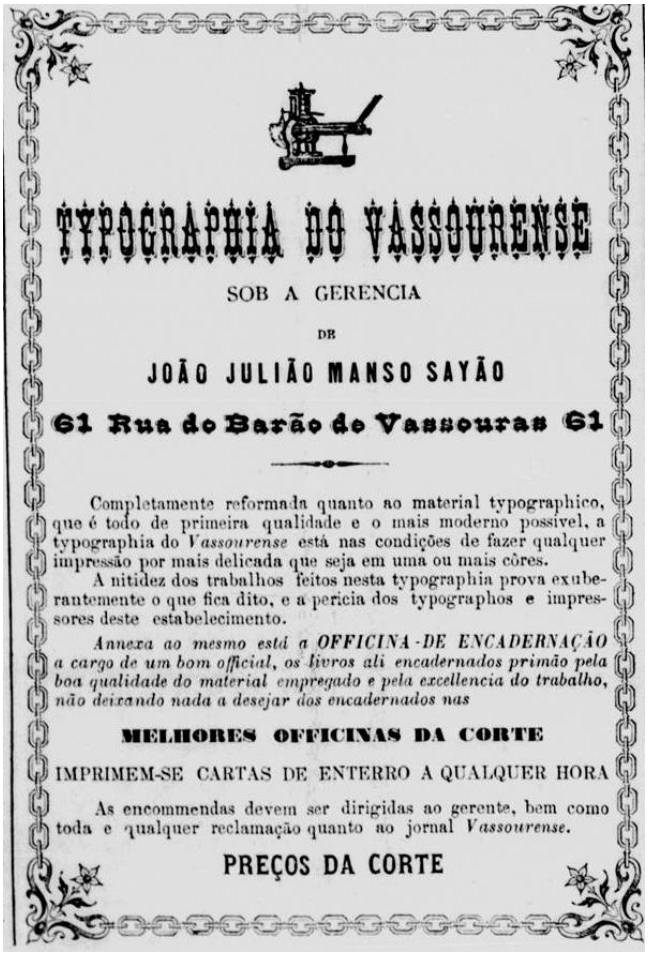
A Tipografia do Vassourense se estabeleceu como uma empresa tipográfica aparentemente mais sólida que a pioneira d'*O Município*. Possuiu ao longo de sua primeira fase dois gerentes: João Julião Manso Saião e Luiz Pinheiro Werneck. Seu único proprietário entre 1882 e 1896 foi Lucindo Filho. Em relação ao material empregado na confecção de jornais, livros e efêmeros não se diferenciou tanto das demais. As tipografias em Vassouras constituíram-se em pequenas empresas, não ocupando muitos funcionários. Apesar disso, foram estabelecimentos estáveis e duradouros. A manutenção dessas casas impressoras em espaço tão próximo à capital derivou certamente da vontade de se colocar no espaço público através da imprensa. Os intelectuais-redatores comungavam de um projeto que se materializava pela impressão semanal de periódicos. Todo o processo que transformava o manuscrito em impresso seguia um ritual já descrito em vários autores e que se reproduzia, certamente, nas tipografias vassourenses.

Na penúltima década do Oitocentos, houve no Brasil um *boom* de periódicos impulsionados pela agitação política e social que tomava conta das principais cidades. A monarquia, que dava sinais de esgotamento como sistema político, a luta dos abolicionistas em torno da escravidão e os projetos de República em voga agitavam publicistas, políticos e outros setores da sociedade a se engajarem na defesa de ideias por meio das folhas impressas. No contexto nacional, Marialva Barbosa chamou a atenção para a mudança pelas quais passavam os jornais de maior circulação no país.[286] A imprensa se modernizava na esteira da capital que iniciava o esplendor de sua *Belle Époque*. Contudo, reforce-se que a imprensa no interior da província de maneira geral – especialmente no recorte espacial analisado – não sofreu nenhuma mudança significativa. A periodicidade dos jornais alcançava no máximo dois números por semana em exemplares de quatro páginas. Nessa seara surgiu e prosseguiu o *Vassourense.*

---

[286] Cf. BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil (1800-1900)*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2010, especialmente capítulo IV.

Imagem 14 — Propaganda da Tipografia do Vassourense



TYPOGRAPHIA DO VASSOURENSE

SOB A GERENCIA

DE

JOÃO JULIÃO MANSO SAYÃO

61 Rua do Barão de Vassouras 61

Completamente reformada quanto ao material typographico, que é todo de primeira qualidade e o mais moderno possivel, a typographia do *Vassourense* está nas condições de fazer qualquer impressão por mais delicada que seja em uma ou mais côres.

A nitidez dos trabalhos feitos nesta typographia prova exuberantemente o que fica dito, e a pericia dos typographos e impressores deste estabelecimento.

Annexa ao mesmo está a OFFICINA-DE ENCADERNAÇÃO a cargo de um bom official, os livros ali encadernados primão pela boa qualidade do material empregado e pela excellencia do trabalho, não deixando nada a desejar dos encadernados nas

MELHORES OFFICINAS DA CORTE

IMPRIMEM-SE CARTAS DE ENTERRO A QUALQUER HORA

As encommendas devem ser dirigidas ao gerente, bem como toda e qualquer reclamação quanto ao jornal *Vassourense*.

PREÇOS DA CORTE

Fonte: *Vassourense*, 10 de dezembro de 1882, p. 4.

Ao final do seu primeiro ano de funcionamento, a Tipografia do Vassourense apresentava-se de forma similar a *O Município*. Os anúncios da tipografia, sempre na última página do jornal, apresentavam o sortimento de produtos e serviços que poderiam ser encomendados ali. Esse empreendimento renovou-se, embora seja uma continuidade das atividades de Lucindo Filho como redator proprietário – “Completamente reformada quanto ao material tipográfico, que é todo de primeira qualidade e o mais moderno possível [...]”. Em 1888, a tipografia anuncia a substituição do seu prelo, sem informar, porém, o novo modelo. A disponibilidade de capital para o investimento em novos equipamentos permite afirmar que o empreendimento de Lucindo Filho, ao completar o sexto ano de funcionamento, prosperava.

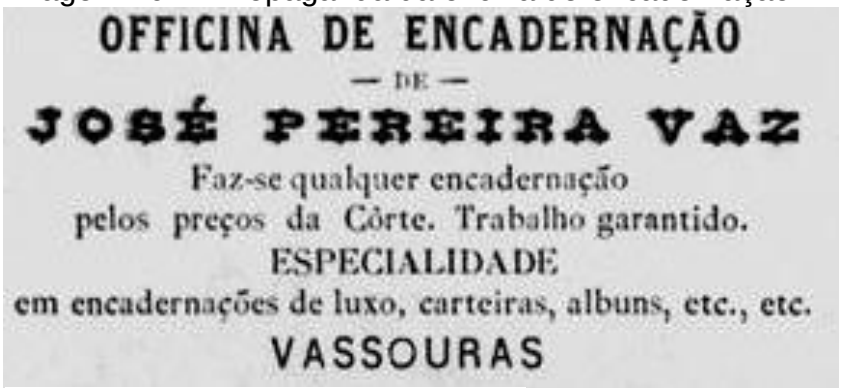
Imagem 15 — Anúncio da Tipografia do Vassourense

Fonte: Vassourense, 15 de abril de 1888, p. 4.

Anexa à tipografia trabalhava como encadernador o português José Pereira Vaz. A presença da oficina de encadernação reforça, como já demonstrado anteriormente, que o círculo de leitores da cidade era numeroso o suficiente para consumir um serviço não essencial como a encadernação de seus volumes, mesmo levando em conta que outras instituições, como a câmara e o cartório, também se utilizavam desse serviço. Em 1884, após dois anos de iniciada suas atividades, Pereira Vaz se retirou do *Vassourense* para montar sua própria oficina de encadernação, anunciando, inclusive, no jornal – “muito perito na sua arte aí estão para atestá-los os numerosos livros que encadernou, entre os quais os das bibliotecas municipais desta cidade, de Valença e da Barra Mansa”.[287]

[287] *Vassourense*, 12 de outubro de 1884, p.1.

Imagem 16 — Propaganda da oficina de encadernação



Fonte: *Folhinha do Vassourense* para 1885.

Imagem 17 — Selo de encadernação da Tipografia do Vassourense

Fonte: AML. *Virgilianas*, 1884.

A Tipografia do Vassourense também foi responsável pela publicação de opúsculos e livretos, principalmente de autoria de seus colaboradores diretos ou trabalhos do próprio Lucindo Filho. A produção tipográfica que chegou até o presente serve aqui como vestígio de uma atividade impressora que buscava se projetar naquele espaço. Ao analisar os produtos do prelo naquela década percebe-se a intenção de se consolidar como empreendimento tipográfico sólido e duradouro.

Quadro 9 — Periódicos publicados na Tipografia do Vassourense

Periódico	Local da redação	Período
Vassourense	Vassouras	1882-1896
Carris Literarios	Vassouras	1883-1884
O Conterrâneo	Valença	1884
O Caloiro	Vassouras	1885
O Porvir	Vassouras	1885
O Club	Vassouras	1885
O Canário	Vassouras	1885
O Almanaque do Vassourense	Vassouras	1887-1889
Amigo do Povo	Valença	1889

Fontes: Ferreira (1978); *Vassourense;*

Na tentativa de recuperar a rotina de uma tipografia no Brasil Oitocentista, salientando o caráter mecânico-artesanal ainda dos estabelecimentos aqui pesquisados, recorreu-se a um valioso documento juntado ao inventário *post-mortem* de Lucindo Filho. Trata-se de um balanço da Tipografia do Vassourense, organizado pelo gerente à época, Luiz Pinheiro Werneck. Toda movimentação entre janeiro de 1896 e fevereiro de 1899 está registrada.[288]

Tomando esse momento como o final da primeira fase do *Vassourense* é possível recolher dados que iluminam a atividade tipográfica.[289]

Tabela 2 — Balanço da Tipografia do Vassourense

1896	---	-----	DEVE	HAVER
Jan	3	Recebido Antonio A. Costa	24,000	
	7	Idem Arthur P. da Silva	8,000	
	20	Idem Francisco F. Reis	23,000	
	30	Idem Fernando Augusto	25,000	
	31	Idem 35 Assinaturas	350,000	
Fev.	5	Idem 7 Panzariello H. Irmão	22,000	
	10	Idem A. Sebastião Lacerda	12,000	
	15	Idem Raphael Rispoli Jr.	10,000	
	25	Idem José Cristovão Santos	12,000	
	25	Idem 25 assinaturas	250,000	
Mar	2	Idem A. A. Veiga Cunha	10,000	

(continua)

[288] É importante ressaltar que o documento focaliza um momento delicado na vida da tipografia. Com a morte de Lucindo Filho em junho de 1896, os seus bens foram inventariados e leiloados para quitar os credores. O balanço mostra em grande parte uma tipografia que foi esvanecendo, diminuindo sua atividade até o momento em que foi a leilão. O estabelecimento foi comprado pelo valor da avaliação pelo Dr. Thomaz Gomes dos Santos, que manteve a tipografia em funcionamento e inaugurou a segunda fase do *Vassourense*, que duraria até 1910.

[289] Cf. Inventário *post-mortem* de Lucindo Pereira dos Passos Filho.

Tabela 2 — Balanço da Tipografia do Vassourense (continuação)

1896	---	-----	DEVE	HAVER
	6	Idem Gonçalves [ilegível]	10,000	
	10	Idem Josué Avellar	10,00	
	10	Idem 2 anúncios [ilegível]	10,00	
	10	Idem 2 anúncios	5,00	
	10	Idem 700 cartões de visita	32,000	
	10	Idem 4 editaes [ilegível] 6 – 7- 9	105,000	
	10	Pago ao [ilegível] e carretos		25,00
	11	Recebido 7 assinaturas	70,000	
	11	Pago A. J. da Costa Nunes 1		500,000
	17	Recebido 2 assinaturas	70,000	
	17	Idem edital nº 11	30,000	
	21	Pago passagem tipógrafo		5,000
	27	Recebido editais nºs 11 e 12	90,000	
	31	Pago 10 caixas papel e despesas 2		9,600
			1:128,000	539,600 [...]

Fonte: CDH. Balanço da Tipografia do Vassourense em c/c Luiz Pinheiro Werneck. Documento apensado ao inventário *post-mortem* de Lucindo Pereira dos Passos Filho.

O fragmento do balanço citado acima mostra a entrada de receitas via assinaturas do *Vassourense*, recebimentos diversos de pessoas físicas, pagamento ao tipógrafo para serviços externos e a compra de papel. Tomando todo o documento, tem-se o número de 183 assinaturas para o ano de 1896. Pelo menos seis nomes aparecem como prestadores diretos de serviços para a tipografia. Junte-se a eles o gerente. O quadro, embora tomado num momento de crise e decadência da tipografia devido a morte de seu proprietário (1º de julho de 1896), mostra algo em torno de meia dúzia de indivíduos à frente da tipografia. Sabe-se, por exemplo, que em 1898 nela estavam empregados João Gomes de Oliveira, tipógrafo; Bernardo Pereira Torres, tipógrafo; Juvenal Ribeiro Guimarães, chefe de oficina e Edmundo Pereira dos Passos, revisor.

Recuperando dados publicados ao longo dessa pesquisa fica claro que a Tipografia do Vassourense teve um papel de destaque na impressão de dezenas de folhas, principalmente nos anos de 1880. De propriedade de Lucindo Filho – intelectual importante que será mais detalhadamente estudado adiante –, é a única tipografia daquelas que funcionaram em Vassouras da qual se dispõe de documentação pouco mais abrangente. O que permite ao historiador compreender a parte da dinâmica do seu funcionamento. O documento reproduzido na citação acima pode ser observado integralmente no **anexo G**.

2.5.1 Saindo do prelo: resenhas e livros

O *Vassourense* trouxe entre 1882 e 1889 uma coluna, publicada sazonalmente, na qual apresentava ao seu leitor uma resenha. A seção “Bibliografia” aparece trinta vezes no período selecionado. Há uma diversificação acerca das obras selecionadas para serem resenhadas. Seus autores variavam. Francélio Marques, Carlos de Laet, Hipólito Pujol, Lameira de Andrade, Olavo Bilac e Raimundo Corrêa assinam algumas análises. Contudo, a maior parte, dezesseis no total, não foram assinadas. Provavelmente, eram produto da pena de Lucindo Filho. Seu nome aparece apenas na reprodução da introdução do livro de João Batista Nunes, *Rústicas*, publicado em 1889.

Tânia Bessone Ferreira afirma que as resenhas que eram publicadas já apareciam “[...] nos primeiros jornais brasileiros, e originalmente se caracterizaram como caudatárias de uma tradição existente em jornais ingleses do século XVIII. Um dos precursores, no Rio de Janeiro, foi *O Patriota* (1813-1814) [...]”.[290]

A seção reforça o caráter literário do jornal, mas também mostra a diversidade de literatos que gravitavam em torno do periódico e de Lucindo Filho. As resenhas evidenciam ainda o interesse multifacetado da imprensa em Vassouras. Na tabela abaixo seguem as ocorrências mais significativas encontradas nas resenhas publicadas.

Quadro 10 — Resenhas publicadas no *Vassourense*

Assuntos	**Ocorrências**
Poesia e literatura	14
História e geografia	5
Literatura médica	4
Gramática	2
Agricultura	1
Outros	4

Fonte: *Vassourense* (1882-1889)

[290] FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *Imprensa e resenhas no Brasil: divulgação, críticas e polêmicas*. ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo, 2007, p. 1. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0846.pdf> Acesso em 04 jan. 2018.

Quase metade dos temas está contida entre obras de poesia e literatura. As demais obras resenhadas dividem-se entre história e literatura médica de forma um pouco mais expressiva. Após há uma pulverização de interesses. A crítica literária no Brasil, segundo Raul Antelo:

> Buscava distinguir como definir, por exemplo, a diferença entre escrita 'criativa' e 'reflexiva', entre 'intelectuais' e 'escritores', ou entre 'originalidade' e 'mimetismo' e atingiu um público leitor que vai paulatinamente se constituir como uma esfera pública laicizada. [291]

Da Tipografia do Vassourense, além das resenhas publicadas no jornal, saíram também outros impressos como livros e opúsculos. Certamente não havia vantagens para um escritor publicar sua obra por uma tipografia pequena, no interior da província, cujos preços seriam mais altos em relação a uma grande casa tipográfica da Corte. Embora o *Vassourense* anunciasse que as impressões eram feitas pelo mesmo preço da Corte, a publicação de um livro demandaria alocar custos e pessoal que uma pequena tipografia não dispunha.

Dito isso, com certa surpresa, ao longo da pesquisa descobriram-se algumas publicações saídas dos prelos em Vassouras. Em sua maioria, elas têm relações com o proprietário e redator Lucindo Filho ou com seus colaboradores. De todo modo, é notável encontrar impressos de pequenas tipografias como essa ainda hoje. Eles demonstram a vontade de imprimir e o certo fascínio que as artes tipográficas provocavam naqueles homens.

O principal produto das tipografias eram seus periódicos. Carros chefe dos empreendimentos. A impressão de livros no Brasil do Oitocentos iniciou-se na Imprensa Régia no Rio de Janeiro. No século XVIII, cabe destacar, houve algumas tentativas de estabelecimento de tipografias que produziram raridades bibliográficas, porém ainda sem a sistematização e oficialidade que só veio em 1808.[292] Ana Maria Camargo e Rubens Borba de Moraes empreenderam o mais completo inventário das obras publicadas por uma tipografia no Brasil. Na *Bibliografia da impressão régia do*

---

[291] ANTELO, Raul apud FERREIRA, FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *Imprensa e resenhas no Brasil: divulgação, críticas e polêmicas,* op. cit.p. 3.

[292] Cf. PACHECO, Félix. *Duas charadas bibliographicas*. 2 Volumes. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1931.

Rio de Janeiro, foram sistematizados e descritos 2.149 documentos, entre folhetos, livros, periódicos e outros documentos oficiais, produzidos entre 1808 e 1822.[293] Ao se voltar para descrição das obras publicadas pela Tipografia do Vassourense, busca-se compreendê-la enquanto lugar de produção do impresso e, simultaneamente, espaço de sociabilidade. Tratando sobre a arte da bibliofilia Moraes salientou que a coleção dos primeiros impressos no Brasil, especialmente os livros, ainda é um assunto pouco explorado para o qual se abre um vasto campo de pesquisa. Nesse campo ainda há muitas descobertas a serem feitas.[294]

Os livros e opúsculos que seguem descritos abaixo foram encontrados em alguns arquivos públicos nos quais se encontram outros documentos utilizados neste trabalho. A sua maioria, contudo, foram adquiridos em sebos e leilões especializados.

Em 1883, Lucindo Filho organizou a publicação do primeiro volume dois textos literários de Domiciano Leite Ribeiro, visconde de Araxá. O segundo volume saiu dos prelos em 1884. *Reminiscências e Fantasias* traz uma introdução escrita pelo barão de São João Nepomuceno e prefácio de Lucindo Filho. Os dois volumes são compostos por 467 páginas. O dinheiro obtido com a venda do livro seria revertido para a instalação do asilo de meninas no palacete deixado por Caetano Furquim.

Os manuscritos do visconde ficaram em posse de Lucindo Filho após a morte daquele. Respondendo uma indagação de Pinto Vaz sobre quem seria o autor que publicara várias crônicas no *Diário Mercantil,* sob o pseudônimo de Poeta Vassourense, afirma ele:

> [...] posso assegurar que era o próprio Dr. Domiciano o *Poeta Vassourense*, pois tenho todos os seus manuscritos, que, depois da morte do conspícuo cidadão, me foram entregues por seus dignos filhos, para deles fazer uma seleção afim de ser dada à imprensa, incumbência essa a que em parte já dei cumprimento publicando as *Reminiscências e Fantasias*, devendo seguir-se em breve um outro volume, *Histórias de minha terra* [...].[295]

---

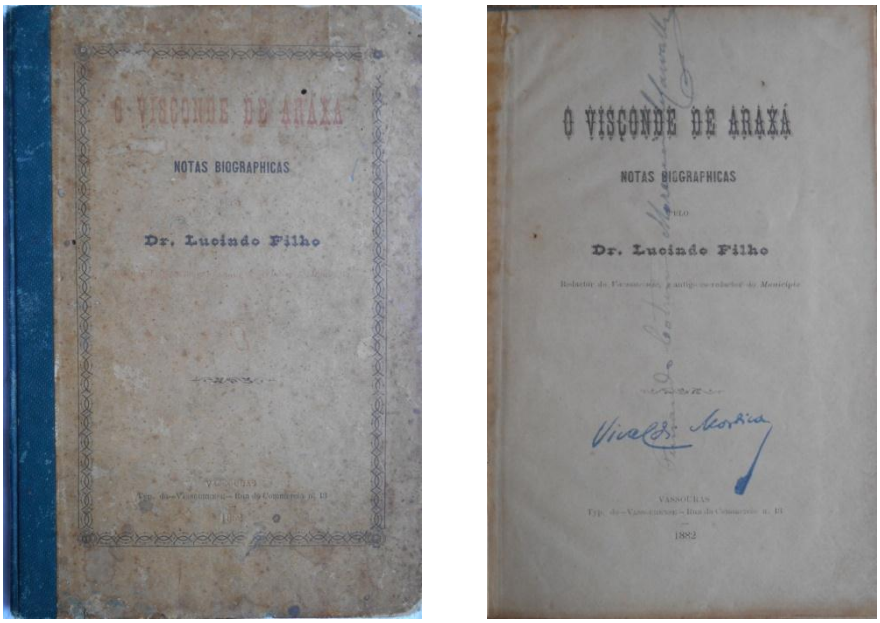
[293] Cf. CAMARGO, Ana Maria de Almeida & MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da impressão régia*. Volumes 1 e 2. São Paulo: Edusp/Kosmos Editora, 1993.

[294] MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. Brasília/Rio de Janeiro: Briquet de Lemos/Casa da Palavra, 2005, p. 25 e 170.

[295] *Vassourense*, 20 de maio de 1888, p. 3.

O segundo livro que traria os demais textos do visconde, ao que pode ser levantado, nunca foi publicado. Em 1882, Lucindo Filho já havia dado ao prelo um opúsculo em homenagem ao "poeta vassourense". *O Visconde de Araxá: notas biográficas* recupera brevemente a trajetória de Domiciano Leite Ribeiro – "como redator do *Vassourense* e antigo corredator do *Município*, devíamos essa homenagem a esse conspícuo cidadão e escritor elegante, cujos mimosos trabalhos literários tantas vezes honraram as colunas daqueles periódicos". [296] A edição teve tiragem de 200 exemplares, adicionados 30 em papel especial.

Imagem 18 — Reprodução da capa e folha de rosto do livreto *O Visconde de Araxá*



(a) (b)

Legenda: (a) Capa do Livreto O Visconde de Araxá; (b) Folha de rosto do livreto.O Visconde de Araxá. Fonte: Academia Mineira de Letras.

[296] PASSOS FILHO, Lucindo Pereira dos. *O Visconde de Araxá: notas biographicas.* Vassouras: Typographia do Vassourense, 1882 (edição fac-similar). In: BRAGA, G. F. *De Vassouras*: histórias, fatos, gente. Rio de Janeiro: Ultra-set Editora, 1978, pp. 81-95.

Imagem 19 — Reprodução das folhas de rosto do livro *Reminiscencias e Fantazias*

(a) (b)

Legenda: (a) Folha de rosto do livro Reminiscencias e Fantazias de 1883; (b) folha de rosto do livro Reminiscencias e Fantazias de 1884.
Fonte: Arquivo pessoal.

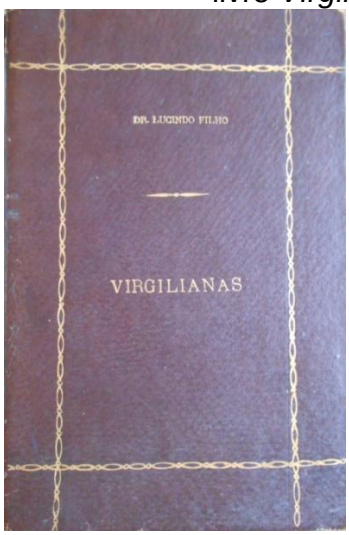
Em 1883, com o trabalho de tradução dos versos do poeta latino Virgílio dos quais se ocupava o redator do *Vassourense*, também foram reunidos em um volume. Sobre eles Raimundo Corrêa fez uma extensa análise em 1898. As traduções da 2ª e 7ª écloga, *Alexis* e *Meliboeus*, foram, para Corrêa, "[...] no seu gênero, ao menos, o melhor de tudo o que nos resta de Lucindo Filho". Para o crítico, "o autor das *Virgilianas* tem revelado já todos os predicados de um exímio tradutor em muitas outras traduções em que se esmerou, algumas das quais inéditas ainda, de poetas ingleses, espanhóis e franceses".[297] Desse volume publicado, foi encontrado um exemplar na biblioteca da Academia Mineira de Letras, em Belo Horizonte. O pequeno volume possui quarenta páginas entre textos e notas. Teve tiragem de 200 exemplares, sendo 50 em papel especial.

Quatro anos mais tarde, o segundo volume contendo às traduções da 1ª, *Tityrus*, e 4ª *Pollio*, éclogas foram ao prelo. Intitulado *Novas Virgilianas*, trouxe também a tradução do poema o *Moretum*, atribuído a Virgílio, da pena de Rodolfo Leite Ribeiro. O livro contém uma dedicatória a Carlos de Laet e uma seção de "notas e observações" na qual Lucindo discorre sobre as traduções de Virgílio em língua portuguesa. Encerra o livro a reprodução de um texto de Carlos de Laet,

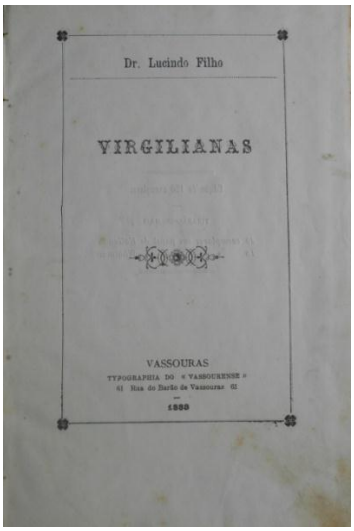
[297] CORREIA, Raimundo. *Poesia completa e prosa*. São Paulo: Gráfica Siqueira, 1961, p. 474 e 477.

publicado originalmente no *Jornal do Commercio* em 1883 fazendo um juízo sobre as *Virgilianas*. *Novas Virgilianas* teve uma tiragem de 250 exemplares. O livro possui 98 páginas.

Imagem 20 — Reprodução de capa e folha de rosto do livro *Virgilianas*



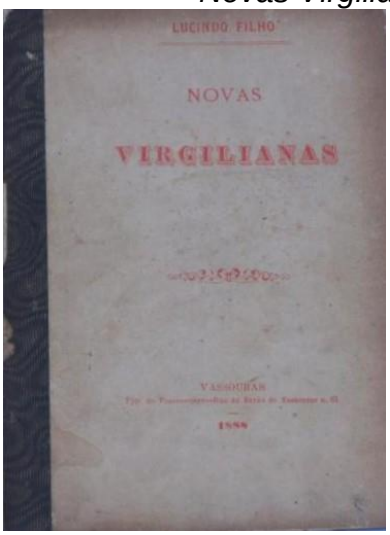
(a)



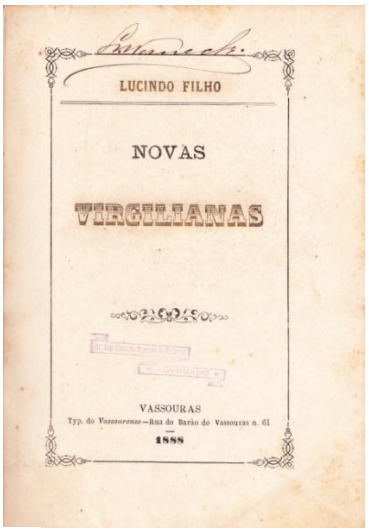
(b)

Legenda: (a) Capa do livro *Virgilianas*; (b) folha de rosto do livro *Virgilianas*.
Fonte: Academia Mineira de Letras

Imagem 21 — Reprodução de capa e folha de rosto do livro *Novas Virgilianas*



(a)



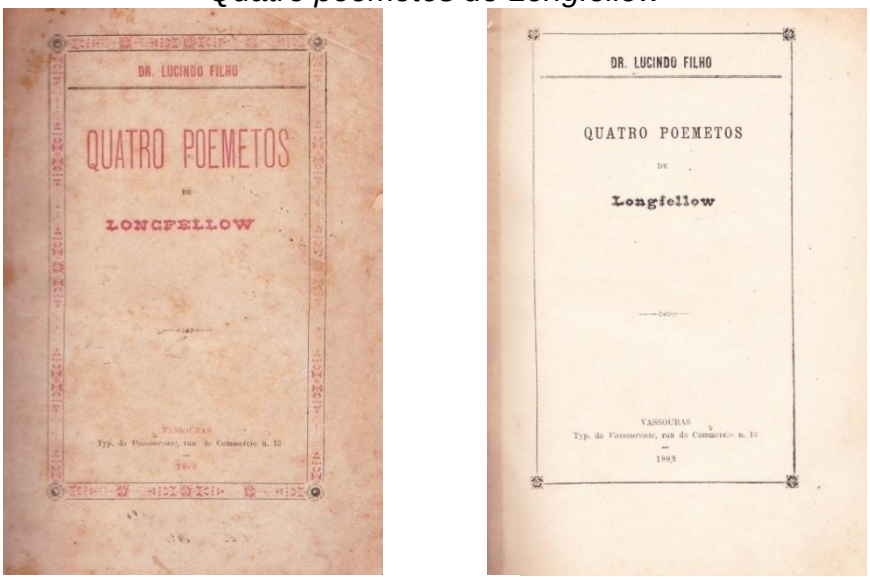
(b)

Legenda: (a) Capa do livro *Novas Virgilianas*; (b) Folha de rosto do Livro *Novas Virgilianas*
Fonte: (a) Babel leiloeiro.[298]; (b) Arquivo pessoal.

[298] "LUCINDO FILHO. *Novas Virgilianas*. Vassouras: Typ. Do Vassourense, 1888, 93p. Enc. Danificada. Sem a última capa, sem lombada e com os cadernos soltos. Exemplar nº 30 de uma

Em relação às traduções de Lucindo Filho, citadas por Corrêa, tem-se ainda mais um livreto publicado em 1882. *Quatro poemetos de Longfellow* reúne pequenos poemas do escritor estadunidense Henry Wadsworth Longfellow, morto em 24 de março daquele ano. Nas 40 páginas do livreto encontram-se as traduções de "O velho relógio da escada, Salmo da vida, A flecha e o canto e Excelsior". Os poemetos foram publicados também nas edições do *Vassourense*. Novamente, uma tiragem de 200 exemplares, com 50 em papéis especiais.

Imagem 22 — Reprodução da capa e folha de rosto dos *Quatro poemetos de Longfellow*



(a) (b)

Legenda: (a) Capa do livro *Quatro poemetos de Longfellow*; (b) Folha de rosto do livro *Quatro poemetos de Longfellow.*

Fonte: Arquivo pessoal

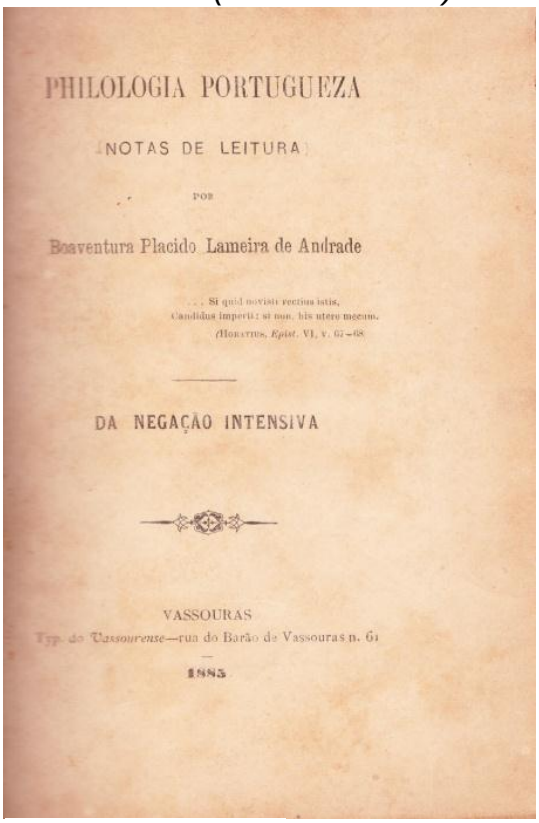
O último texto saído das oficinas tipográficas do *Vassourense*, que foi localizado para esse trabalho, é um fascículo intitulado *Philologia Portugueza (notas de leitura)*, de Boaventura Plácido Lameira de Andrade. O autor foi ativo colaborador no *Vassourense* ao longo da década de 1880. Suas observações filológicas regularmente eram publicadas no periódico. Na apresentação do texto deixa claro que haveria uma série de fascículos a serem publicados, dando continuidade ao projeto. Segundo Lameira de Andrade "as *Notas de Leitura*, cuja publicação ora encetamos, irão saindo a lume por fascículos, compreendendo cada um deles

edição de 250 exemplares. Com dedicatória e autógrafo do autor para Rodrigo Octávio". Disponível em: <http://www.babelleiloes.com.br> Acesso em 10 de out. de 2017.

assunto distinto e independente, de modo que só terão em comum o título geral”.[299] O volume traz ao final uma crítica de Lucindo Filho que foi originalmente publicada entre os números 46 e 50 do *Vassourense*. A publicação possui 77 páginas em formato brochura.

A publicação traz ainda a informação de que se encontrava no prelo do Vassourense o segundo fascículo do autor: *Philologia Portugueza: formas divergentes.*

Imagem 23 — Reprodução da folha de rosto do fascículo *Philologia Portugueza (notas de leitura)*


PHILOLOGIA PORTUGUEZA

(NOTAS DE LEITURA)

POR

Boaventura Placido Lameira de Andrade

. . . Si quid novisti rectius istis,
Candidus imperti; si non, his utere mecum.
(HORATIUS, *Epist.* VI, v. 67-68)

DA NEGAÇÃO INTENSIVA

VASSOURAS
Typ. do *Vassourense*—rua do Barão de Vassouras n. 61
1885

Fonte: Arquivo pessoal.

O objetivo desse breve arrolamento foi mostrar a produção bibliográfica da Tipografia do Vassourense na década de 1880. Todas as publicações, a exceção da última, foram trabalhos coordenados ou realizados por Lucindo Filho, o que reforça a o seu trabalho intelectual e como a imprensa ecoava essa produção. Certamente

[299] ANDRADE, Boaventura Plácido Lameira de. *Philologia Portugueza (notas de leitura).* Vassouras: Typographia do Vassourense, 1885, p. 7.

muitos outros livros, livretos e opúsculos saídos daqueles prelos não chegaram até os dias de hoje. Há inúmeros anúncios no Vassourense que deixam margens a suposições sobre em que lugar foram impressos. Muitos outros devem repousar no escuro dos arquivos.

As reproduções das capas e folhas de rosto das publicações acima servem para revelar o padrão gráfico da tipografia. Esse padrão denota esmero e cuidado em relação a essas publicações. As tiragens com certo número de exemplares em papéis especiais indicam o desejo de Lucindo Filho em presentear pessoas próximas, fortalecendo laços de amizade e reciprocidade.[300]

O capítulo buscou recuperar uma história do impresso em Vassouras por meio da análise das bibliotecas particulares retratadas nos inventários *post-mortem* e também mapear a repercussão na imprensa local da criação e funcionamento da Biblioteca Popular criada em 1872. Em torno da palavra impressa, constitui-se um círculo de leitores, mais facilmente identificados ao isolar aqueles que estavam diretamente envolvidos com as lides da imprensa.

Seguindo os passos da historiadora Tânia Bessone Ferreira, buscou-se evidenciar o ambiente cultural constituído na cena urbana de Vassouras a partir da década de 1870. Nesse ambiente, diversos homens se ocuparam tanto da imprensa periódica quanto de um debate realizado por meio dela.

Analisou-se por fim a produção de impressos que teve lugar na Tipografia do Vassourense na década de 1880. No próximo capítulo, busca-se consolidar esse quadro intelectual por meio de uma análise mais amiúde das trajetórias individuais e coletivas dos homens que gravitavam em torno da imprensa periódica em Vassouras a partir dos anos de 1870. Nesse cenário cultural de Vassouras, onde o impresso ganhou destaque, a figura dos *redatores-intelectuais* se sobressaiu. Adiante eles serão mais bem caracterizados a fim de compreender quem eram os artífices dessa mudança empreendida a partir da imprensa.

---

[300] Algumas fontes utilizadas nesse trabalho e citadas nos próximos capítulos evidenciam esse aspecto.

3 INTELECTUAIS E REDATORES: OS HOMENS DA IMPRENSA EM VASSOURAS

> *Aqui estão os apontamentos que lhe prometi sobre o Lucindo Filho. Sem comentário, tudo que aponto é autêntico. Nenhum dos jornais que noticiaram a morte do Lucindo trouxe a biografia dele, mas os dados que aqui lhe forneço servirão para escrevê-la. São fornecidos por quem o conheceu pessoalmente e lhe foi íntimo amigo. Seu, Raimundo Corrêa.*[301]
>
> *O pouco, ou nenhum volume, que ainda faço na República Literária, me teria desenganado do meu arrojo, se em mim não pensasse um espírito, que, por acostumado aos [dissabores], se tem feito mais sensível.*[302]

O capítulo a seguir busca mostrar a existência de um grupo de intelectuais atuando no vale do Paraíba fluminense na segunda metade do século XIX, focalizando mais detidamente as décadas de 1870 e 1880. O espaço é uma Vassouras que, segundo Ignácio Raposo, iniciava seu "período de decadência (1878-1914)".[303] Ali, Lucindo Pereira dos Passos Filho fixou residência após casar-se com Eulina Augusta de Salles Campos em 1872[304], e, desde então, passou a exercer uma influência crescente, especialmente sobre os jovens que estavam em Vassouras, criando um círculo de intelectuais no seu entorno. A caracterização desses personagens como intelectuais justifica-se a partir de uma leitura de homens que interferem no meio a partir de suas ações políticas. Essas ações se dão, principalmente, desde os jornais publicados dentro e fora do vale. As fontes documentais para recuperar essas trajetórias muitas vezes escasseiam ao ponto dos vestígios se restringirem a nomes abreviados, sem maiores informações.

Dentre as trajetórias aqui analisadas, será dada maior ênfase ao redator e proprietário do *Vassourense* (1882), Lucindo Filho. Sobre os episódios de sua vida, os arquivos são um pouco mais generosos ao historiador. Recorre-se assim a uma

---

[301] CORRÊA, Raimundo apud VEIGA, José Pedro Xavier da. *Ephemérides Mineiras* (1664-1897). Vol. 3. Ouro Preto: Imprensa Oficial, 1997, p.17.

[302] ARAGÃO, Manuel Pedro Tomás Pinheiro e. *Elegia à deplorável morte do insigne poeta Manoel Maria de Barbosa du Bocage...*oferecida por M. P. T. P. e A.: aliás Almêno Tagideo. Lisboa: Impressão Régia, 1805, p. 02.

[303] Ver: RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói: SEEC, 1978, p. 8. Ver especialmente os eventos elencados a partir do capítulo XVIII.

[304] *Livro de Casamento de pessoas livres*, 1879, fls. 150 e 151v. AISCM, IPHAN Vassouras.

biografia coletiva, ou prosopografia, e à própria narrativa biográfica ao evidenciar a trajetória de Lucindo Filho.[305]

Ao afirmar que aqueles homens eram intelectuais, é importante proceder a uma qualificação conceitual antes de prosseguir. Esse conceito é central na hipótese apresentada e vem sendo construído desde os capítulos anteriores. Em *La marcha de las ideias,* François Dosse inicia um longo debate a partir do seguinte questionamento: O que é um intelectual?[306] Para responder ao historiador, percorre a história dos intelectuais a partir da perspectiva da historiografia e oferece algumas conclusões pertinentes a este trabalho.

Posto está que "[...] la noción de intelectual és polissêmica, que reviste concepciones diferentes según lós periodos y las áreas de civilizacíon".[307] Da antiguidade até a era Moderna, Dosse afirma que se pode conceber que tenham existido ações ou funções intelectuais, argumentando ser anacrônico aplicar o conceito para todo e qualquer período histórico. Recuperando a maneira pela qual a historiografia lidou com o tema, chega-se ao século XIX. Segundo Dosse, "el siglo

---

[305] A construção da biografia coletiva desse grupo levará em conta a prosopografia como método de pesquisa histórica. Os dados que evidenciam as trajetórias pessoais dos homens que estiveram direta ou indiretamente relacionados ao periodismo vassourense entre 1873 e 1889 serão apresentados e analisados. A definição de Laurence Stone parece adequada a esses propósitos. Segundo ao autor, "a prosopografia é a investigação das características comuns do passado de um grupo de atores na história através do estudo coletivo de suas vidas. O método empregado é o de estabelecer o universo a ser estudado e formular um conjunto uniforme de questões – sobre nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posições econômicas herdadas, lugar de residência, educação, tamanho e origens das fortunas pessoais, ocupação, religião, experiência profissional etc. Os vários tipos de informação sobre indivíduos de um dado universo são então justapostos e combinados e, em seguida, examinadas por meio de variáveis significativas. Essas são testadas a partir de suas correlações internas e correlacionadas com outras formas de comportamento e ação" (tradução livre). STONE, Lawrence. "Prosopography". In: *Daedalus*: journal of American Academy of Arts and Sciences, vol. 100, nº 1, 1971, p. 46; Ver ainda: BULST, Neithard. "Sobre o objeto e o método da prosopografia". In: *Revista Polítéia*: História e Sociedade. Vitória da Conquista, vol. 5, nº 1, 2005, p. 49-50. Para o estudo em tela entende-se que a prosopografia "[...] reúne dados biográficos de um grupo de atores históricos que têm algo em comum, seja uma função, uma atividade, ou ainda uma posição social; ela é, portanto, um 'estudo coletivo de suas vidas'". ROY, Fernande; SAINT-PIERRE, Jocelyn. A alta redação dos jornais de Quebec (1850-1920). In: HEINZ, Flávio M. (Org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.204-205. Sobre os desafios da biografia na escrita da história há significativas produções que buscam compreendê-la como valioso recurso ao historiador ao mesmo tempo em que a problematizam enquanto ferramenta teórico-metodológica. Ver: LORIGA, Sabina. "A biografia como problema". In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: a experiência da micro análise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 225-250; LORIGA, Sabrina. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

[306] DOSSE, Françoise. *La marcha de las ideias*: historia de los intelectuales, historia intelectual Valencía: PUV, 2007, p. 28.

[307] Ibidem, p. 20.

XIX consagra al poeta-pensador que, através de su pluma, da testimonio de la presencia de uma fuerza espiritual capaz de resistir a las denegaciones de justicia em nombre del ministério del espíritu".[308] Naquele momento, a figura do intelectual revestiu-se de sua "função sagrada", que iria ser objeto de amplo debate ao longo do século XX.[309]

Ao buscar responder a sua questão, Dosse fornece uma chave de análise que parece adequada para pensar o objeto construído na tese em tela. A caracterizar o círculo de homens ligados às letras e ao espaço público no interior da província do Rio de Janeiro em fins do século XIX, afirma-se que "*polimorfo y polifônico, el médio intelectual evoluciona muy claramente de acuerdo com las mutaciones sociales de cada época. La noción de intelectual remite a una acepción amplia, cuando depende de una definición sociocultural que engloba a creadores y mediadores culturales*".[310] A polifonia que permite compreender o que são intelectuais num universo ampliado e difuso justifica o caminho percorrido até aqui. Evitando uma definição *a priori*, como pondera Dosse, busca-se recuperar parcialmente o universo em que estavam imersos os homens da imprensa em Vassouras.

Poder-se-ia pensar numa história intelectual a partir da história cultural interessada em percorrer os caminhos de práticas e representações. Nesse ponto, Dosse mostra como alguns historiadores renovaram o campo a partir dos anos 1980.

> Roger Chartier situa el nuevo espacio de investigacíon em uma intersección entre uma historia de las prácticas socialmente diferenciadas y uma historia de las representaciones, que se plantean como objeto el dar cuenta de las diversas formas de apropriación.[311]

---

[308] Ibidem, p. 27.

[309] Ver: MANNHEIM, K. *Sociologia da Cultura*. São Paulo: Edusp, Perspectiva; JACOBY, Russel. *Os Últimos Intelectuais*. São Paulo: Edusp, 1990; BASTOS, Élide Rugai. *Intelectuais e Política*. A Moralidade do Compromisso. São Paulo: Olho Dágua, 1999. Dosse também apresenta os principais autores que se ocuparam da tarefa de refletir sobre o que são intelectuais e qual a sua ação na sociedade. DOSSE, Françoise. *La Marcha de las ideias*: historia de los intelectuales, historia intelectual Valencía: PUV, 2007, pp. 28-34.

[310] DOSSE, Françoise. *La Marcha de las ideias...* op cit., p. 28.

[311] DOSSE, Françoise. *La marcha de las ideias*: historia de los intelectuales, historia intelectual Valencía: PUV, 2007, p. 135.

Essa atividade intelectual pensada a partir dos pressupostos de uma história cultural serve como enfoque adequado ao objeto construído neste trabalho.[312]

3.1 Os homens da imprensa, o futuro

O redator d'*O Município*, na edição de 19 de janeiro de 1879, saudava o aparecimento de mais um periódico em Vassouras.

> O Futuro – É este o título de uma pequena folha que começaram a publicar alguns inteligentes alunos do Colégio Brandão. Executando-se já nas lides da imprensa, e tratando de cultivar a inteligência, esses moços que em seus estudos já têm dado provas bastantes de aplicação, são dignos dos maiores encômios, e fazemos votos para que não desanimem, e continuem na carreira que encetaram.[313]

As boas-vindas dadas ao periódico colegial, e a escolha sugestiva de seu nome pelos estudantes, mostra que a imprensa local apontava para uma direção e assumia seu fazer como sintomático de um tempo que se pensa marcado pela modernidade e pelo progresso. Esses dois conceitos são recorrentemente associados por eles à existência da imprensa livre. Esses publicistas, ciosos de um círculo intelectualizado, reconhecem-se como o futuro e o fazem apontando para o passado, como discutido no primeiro capítulo. Resta saber quem são esses "que executam as lides da imprensa".

No decorrer do texto optou-se em evitar o termo "jornalista", pelo seu caráter contemporâneo que pode distorcer a compreensão da atuação desses homens na imprensa de outrora, embora o conceito apareça recorrentemente nas fontes.[314] Não

---

[312] Ao analisar a atividade intelectual na perspectiva da história cultural, Fraçoise Dosse constrói um interessante e significativo quadro da renovação dos estudos sobre história intelectual operada por historiadores como Roger Chartier, Robert Darnton, Jean Pierre Rioux dentre outros. DOSSE, Françoise. *La Marcha de las ideias*: historia de los intelectuales, historia intelectual Valencía: PUV, 2007, pp. 127-79.

[313] *O Município*, 19 de janeiro de 1879, p.01.

[314] Marialva Barbosa (2010) utiliza o termo para caracterizar aqueles que estão escrevendo nos jornais da grande imprensa na virada do XIX para o XX. Ressalte-se que a imprensa periódica de Vassouras, e do vale em geral, ainda possui nesse período características artesanais que pouco ou nada haviam mudado desde a introdução dos tipos no Brasil.

se ignora, contudo, que muitos daqueles que estiveram associados à imprensa vassourense se destacaram na virada do século XIX para o XX como importantes jornalistas na grande imprensa. Os periódicos estudados no recorte cronológico trazem informações que permitem a tipificação de três grupos principais: proprietários, redatores e colaboradores, muitas vezes se confundindo os primeiros e os segundos.

A manutenção e o funcionamento das tipografias em Vassouras, já analisado no segundo capítulo, estavam relacionados com a produção de seu principal produto: os periódicos. As tipografias, como sendo empreendimentos muitas vezes custosos e de retorno incerto, eram constituídas para dar vida aos periódicos que levavam seu nome, ou vice-versa – Tipografia d'*O Município*, da *Gazeta de Vassouras*, do *Vassourense*, do *Isothermico*. No entanto, nessas tipografias, muitos outros periódicos também eram confeccionados. Na do *Vassourense*, foram impressos *O Canário*, *O Caloiro*, *Carris Literários.* Luiz Damasceno Ferreira, em sua *História de Valença*, afirma que os periódicos *O Conterrâneo* (1883) e *O Amigo do Povo* (1889), essa última uma folha de propaganda republicana, também eram impressos nessa tipografia.[315]

Os redatores cuidavam da construção e da revisão de cada edição do jornal. De suas penas saíam os editoriais, que não figuravam em todas as edições. O redator era responsável pelo labor intelectualizado em sua forma final, dando acabamento aos posicionamentos políticos, que podiam ser observados na leitura cotidiana desses periódicos. Nas tipografias, todo o trabalho administrativo ficava a cargo de seu gerente. Julião Manso Saião, farmacêutico, foi gerente do *Vassourense* entre 1882 e 1889.

Os colaboradores dessa imprensa formam um grupo mais numeroso. O *Vassourense*, em 1889, possuía mais de uma dezena de colaboradores que contribuíam sazonalmente com seus textos. Literatura – que constituem a maioria –, história, poesia, traduções, charadas, textos políticos, crônicas cotidianas; a leitura dessas folhas revela uma miríade de homens de letras, muitos deles intelectuais em formação, inserindo-se nos debates públicos a partir do periodismo. Destacar-se-ão esses colaboradores mais adiante. Buscando elaborar um panorama prosopográfico

---

[315] FERREIRA, Luiz Damasceno. *História de Valença (1803-1924)*. Valença: Ed. do autor, 1978, p.101.

desse grupo, é possível agrupar os redatores num quadro mais amplo que permitisse visualizar melhor os lugares que ocuparam, levando em consideração em qual/quais periódicos atuavam; o ano e local de nascimento, o que permite uma dimensão geracional e espacial; a formação escolar e a ocupação, situando-os a partir de seus lugares de fala.

Partindo para pesquisas que lançaram um olhar ampliado sobre a imprensa brasileira nos dois últimos séculos, situa-se a contribuição de Marialva Barbosa.[316] Ao discorrer, em seu livro, sobre a *História cultural da imprensa*, sintetizando um longo recorte temporal, 1800-1900, busca demonstrar a metamorfose da palavra impressa e dos periódicos no Brasil, com destaque para as articulações com outros aspectos do *espaço público* Oitocentista, como a oralidade. Barbosa oferece interessantes possibilidades de análise que serão transferidas para este trabalho: o aspecto da oralidade que persiste ao mundo impresso; e o ato de colecionar periódicos como uma "história pelas margens".[317]

No recorte que abrange os redatores da imprensa em Vassouras, destacaram-se os jornais que dirigiam, o local e o ano de nascimento e a formação acadêmica. Aderindo a esta última, a principal ocupação no mundo do trabalho.

Quadro 11 — Os redatores na imprensa vassourense, 1873-1889

Nome	**Periódico**	**Data/Local de Nascimento**	**Formação/Ocupação**
A. Pimenta	*A Voz da Juventude*	-	-
Alexandre Coutinho da Fonseca Tamoyo	*A Crença*	-	-
Alberto Brandão	*O Município*	1848/Vassouras	Faculdade de Direito de São Paulo (não concluiu)/Deputado em várias legislaturas
Alfredo Pujol	*A Quinzena*	1865/São João Marcos (RJ)	Advogado/Deputado Federal/Escritor
Antônio Caetano da Rocha Braga	*Gazeta Vassourense Gazeta de Vassouras*	-	Capitão do Exército e Professor primário
Antonio Feitosa	*O Lábaro*		

(continua)

[316] BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

[317] Ibidem, p. 43ss.

Quadro 11 — Os redatores na imprensa vassourense, 1873-1889 (continuação)

Nome	Periódico	Data/Local de Nascimento	Formação/Ocupação
Antônio Furquim Werneck de Almeida	*O Patyense*	1856/Vassouras	Estudou no colégio d. Pedro II/Formado em Farmácia
Antônio Gomes Ribeiro de Avellar Filho	*O Tentamen*	-	-
Aquino e Castro	*A Crença*	-	-
Augusto Eloy Rodrigues	*A Crença*	-	-
Benjamim Bandeira	*O Beija-Flor*		
Bruno Manoel Ferreira	*O Canário*	-	-
Domiciano Leite Ribeiro Filho	*A Voz da Juventude* *O Brado Democrático*	1857/Vassouras	-
Domiciano Pinto	*A Mocidade*	Vassouras	Faculdade de Direito de São Paulo
Eloy Lima	*O Lábaro*	-	-
Enrico Borgongino	*Gazeta de Mendes*	-	Professor de música
Garcia Mascarenhas dos Santos Silva	*A Phenix*	-	Professor
Heitor Floresta J. Alves	*A Voz da Juventude*	-	-
Herculano de Figueiredo e Souza	*O Município*	-	Advogado
João Batista Nunes	*Carris Literários* *O Isothermico* *O Industrial*	-	-
Jorge Alberto Leite Pinto	*A Mocidade* *A Quinzena*	1865/Vassouras	Médico
Lucindo Filho	*O Município Vassourense* *Almanach do Vassourense*	1847/Serro (MG)	Médico
Lucindo Neto	*O Beija-Flor*	1872/Vassouras	-
Luiz A. Reis Hubbert	*O Tentamen*	-	-
Manoel Bruno Ferreira	*O Canário*	-	Tipógrafo
Pedro Macedo	*A Crença*	-	-
Randolfo Moreira Castilho	*O Phonographo*	-	-
Rodolfo Leite Ribeiro	*O Município*	Valença (RJ)	Faculdade de Direito de São Paulo
Speridião Martins	*O Caloiro*	-	-
Ubaldo Ribeiro	*O Serrano*	-	-
Victor Moraes	*A Phenix*	-	-
Viriato Guimarães	*A Crença*	Vassouras	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Fontes: Blake (1970); Silva (2002); Silva (1999); Pinto (1935).

Foi possível listar trinta e um redatores atuando na imprensa local. O quadro acima chama a atenção pela sua incompletude. Primeiro obstáculo para os estudos

dessa imprensa periférica, talvez de grande parte da imprensa naquele período, é recuperar as trajetórias daqueles que estiveram à frente da redação de folhas efêmeras. Isso posto, algumas considerações são possíveis a partir dos dados dispostos acima. Chamou a atenção o quantitativo de médicos e advogados. Alguns estudantes dos colégios secundários foram identificados. Sabe-se que, posteriormente,entraram para as academias do Império.

3.1.1 Imprensa colegial, educação secundária

Os redatores d'*A Crença, A Voz da Juventude, A Mocidade, O Caloiro, O Porvir, O Club, O Futuro, O Brado Democrático, O Lábaro e o Beija-Flor* compartilhavam algo em comum: todos eram estudantes nos colégios de ensino secundário que existiram em Vassouras naqueles anos. Podem ser caracterizados como periódicos colegiais, órgãos de uma imprensa estudantil. Refletem e confirmam a hipótese de que havia uma necessidade de imprimir para se expressar naquela sociedade, ensaiar o jogo do espaço público. Sem adentrar no mérito dessas publicações, das quais restam muito poucos números nas hemerotecas consultadas, elas evidenciam que a lide na imprensa periódica servia como etapa de formação daqueles jovens. Passando pelos colégios da cidade, ali ficavam pelo tempo necessário para concluir os estudos secundários e se prepararem para os exames de admissão nos cursos superiores disponíveis.[318]

Alexandre Coutinho da Fonseca Tamoyo, redator d'*A Crença*, em 1874, foi estudante no colégio de Alberto Brandão, tendo prestado os exames finais na Instrução Pública da Corte em 1878.[319] Tamoyo pode ser tomado como representativo de um grupo maior de jovens vassourenses, que se transferiram para a cidade e fizeram o curso secundário nela.

---

[318] Sobre esse aspecto, Marialva Barbosa chama a atenção para a importância da formação acadêmica naquele contexto, destacando que os jornalistas que estudam são em sua maioria oriundos das faculdades de Direito, pois "[...] fornece elementos imprescindíveis para a distinção. O diploma de bacharel dá ao laureado condição efetiva para se tornar verdadeiro porta-voz das elites políticas, à medida que é também, em parte atuante nessa elite". (2010, p.149).

[319] *O Município*, 15 de dezembro de 1878, p. 2.

A origem heterogênea dos estudantes que passaram por Vassouras entre as décadas de 1870 e 1890, quando a cidade possuiu várias instituições de ensino, explica a dificuldade de recuperar muitas dessas trajetórias. O quadro a seguir complementa o anterior ao evidenciar os diretores e proprietários de colégios em Vassouras entre 1871 e 1889. Verifica-se, ao cruzar os dados, que muitos nomes se repetem. Daí a conclusão de que havia um universo mais amplo pelo qual circulavam.

Quadro 12 — Colégios de ensino secundário em Vassouras e arredores, 1871-1889

Estabelecimento	**Proprietário /Diretor**	**Ano**	**Localização**	**Professores**
Colégio Vassourense	Alexandre Rodrigues da Silva Chaves e Luiz Rômulo Perez Moreno	1871	Freguesia de Vassouras	Antonio Cândido Tolentino Dr. Manoel Simões de Souza Pinto Dr. Antônio Joaquim P. da Fonseca Alberto Olympio Brandão Dr. Rodolfo Leite Ribeiro
Colégio do barão de Tautphoeus	José Hermann de Tautphoeus	1873	Freguesia de Vassouras	Lucindo Filho Lameira de Andrade
Externato Mattoso e Fonseca	R. J. Mattoso Câmara e A. J. Pinto da Fonseca	1876	Freguesia de Vassouras	Silva Chaves Mattoso Câmara Pinto da Fonseca Benedito de Almeida
Internato da Escola Pública de meninos	Antonio Caetano da Rocha Braga	1877	Freguesia de Vassouras	Antonio Caetano da Rocha Braga Bento Carneiro da Rocha (substituto)
Colégio Mattos	José Mariano de Mattos	1877	Desengano (Valença)	Padre Guedes, José Mariano de Mattos
Colégio Fernandes	Dr. A. J. Fernandes		Freguesia de Vassouras	-
Colégio Alberto Brandão	Alberto Olympio Brandão	1878 - 1880 (?)	Freguesia de Vassouras	Cônego Francisco B. de Souza Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves Dr. Rodolfo Leite Ribeiro Dr. Lucindo Filho Dr.Domingos Alves de Almeida Dr. Alberto Leite Ribeiro Antonio Joaquim P. da Fonseca Rodolfo Jacinto Maia Câmara João Pereira de Sampaio Alberto Olympio Brandão

(continua)

Quadro 12 — Colégios de ensino secundário em Vassouras e arredores, 1871-1889
(continuação)

Estabelecimento	Proprietário /Diretor	Ano	Localização	Professores
Colégio de Vassouras ou Colégio Vassourense	Domingos Alves de Almeida e Alberto Leite	1882 - 1883	Freguesia de Vassouras	Dr. Domingos A. de Almeida Dr. Alberto L. Ribeiro Dr. Lucindo Filho Rodolfo Jacinto M. Câmara Antonio Joaquim P. da Fonseca Justino José de Oliveira João Batista Nunes
Colégio Pujol	Hipólito Gustave Pujol	1882 - 1888	Freguesia de Mendes	Henrique Borgogino Clementino de Araújo Luiz Felipe da Rosa J. J. Pereira Paulo Caldeira Levindo Lafaiette J. Dias Moreira Dr. Alves Ferreira Alfredo Pujol Adolfo Bromberger Hipólito Gustave Pujol Manuel Francisco Chaves Augusto Luiz de Almeida
Colégio de Massambará	Teodoro de Magalhães	1883	Freguesia de Pati do Alferes (Massambará)	Teodoro de Magalhães
Colégio Magalhães	Teodoro de Magalhães	1884	Freguesia de Pati do Alferes (Estação do Comércio)	Teodoro de Magalhães
Colégio Alberto Brandão (2ª fase)	Alberto Brandão	1884 - 1889	Freguesia de Vassouras	Alberto Brandão Padre Alberto Gatoni Augusto Pinheiro Domingos de Almeida Dr. José de Queiroz Dr. Lucindo Filho Luiz Alves Monteiro Rodolfo Mattoso João Menezes
Colégio Alves Monteiro	Luiz Alves Monteiro	1888	Freguesia de Vassouras	José Queiroz Mattoso Câmara João Francisco de Souza Soares Luiz Alves Monteiro
Colégio Feital	J. F de Noronha Feital	1888	Freguesia de Mendes	-

Fontes: *Almanak Laemmert* (1871); *O Município* (1877-1879); *Vassourense* (1882-1889).

Ignácio Raposo não deixa de registrar o desenvolvimento da instrução particular a partir de 1866, ao rememorar o estabelecimento do “Colégio da Adolescência”. Este funcionava em um edifício construído por Joaquim da Silva, “[...] que, destinando-o para colégio, não esqueceu nenhuma das condições necessárias ao fim a que se propunha”. A partir de 1873, o imóvel foi utilizado pelo barão de

Tautphoeus para instalar o colégio que transferira da Corte para Vassouras.[320] Segundo Raposo, “de 1870 a 1875 subia a média de alunos desse estabelecimento a cerca de 300, a maior parte vinham de regiões distantes e um grande número da Corte”.[321] Uma transformação importante ocorria no início daquela década. A criação de vários estabelecimentos de ensino dinamizou os espaços de circulação de homens ligados a certa cultura acadêmica que se materializou na criação d’*O Município* em 1873. A epígrafe “jornal de ciência e arte” exemplifica aquela atmosfera. Os estabelecimentos ofereciam instrução secundária, voltada principalmente para a preparação para os exames superiores.[322] Ao sobrepor os quadros dos redatores da imprensa local e dos colaboradores do Vassourense e o quadro acima, percebe-se como vários desses indivíduos transitavam em diferentes espaços.

Cumpre ainda dizer que havia diversos estabelecimentos de ensino para meninas. Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Colégio Nossa Senhora da Conceição, Colégio Calvet, dentre outros, completavam a cena educacional em Vassouras. A criação de tantos colégios, fator explicado, dentre outros, pelo clima mais salubre em relação ao Rio de Janeiro, trazia sazonalmente um grande público leitor e que rapidamente passou a gravitar em torno da imprensa local. Excluiu-se dessa análise as escolas primárias – públicas, subvencionadas ou privadas – por comportarem estudantes até 14 anos, faixa etária fora do grupo analisado.

O quadro acima mostra que muitos homens ligados à imprensa também eram professores nos colégios da cidade: Alberto Brandão, Domingos de Almeida, Hipólito Pujol, João Batista Nunes, Lameira de Andrade, Lucindo Filho, Rodolfo Leite Ribeiro e outros. Esses entrecruzamentos de espaços e indivíduos cristaliza a noção de um

---

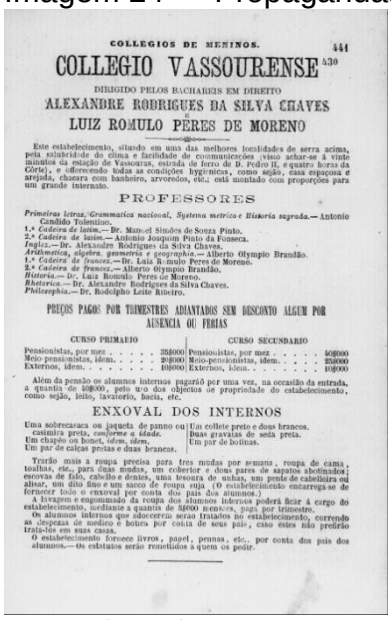
[320] O barão de Tautphoeus (1810-1890) foi assíduo colaborador da imprensa no Rio de Janeiro.

[321] RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói: SEEC, 1978, pp. 145-6.

[322] Alessandra Martinez chama atenção que esse processo de amplificação do ensino secundário, público e particular, na província do Rio de Janeiro, faz parte de um projeto do Estado Imperial. Segundo ela, após o estabelecimento do *Regulamento da Instrução Primária e Secundária*, em 1854, “em relação à instrução primária e secundária, as autoridades administrativas da Corte, seguindo as diretrizes gerais da Província do Rio de Janeiro, pretendiam construir uma espécie de ‘centro exemplar’ de onde emergiriam medidas e instituições modelares, as quais deveriam ser copiadas pelas demais Províncias. A Corte, cerimonial do poder estatal, coração do Império do Brasil, transformava a Instrução Pública em fim e meio para a construção e extensão do domínio simbólico do Estado Imperial”. MARTINEZ, Alessandra. *Educar e instruir*: a instrução popular na Corte imperial. Dissertação de Mestrado em História, Niterói: UFF, 1999, p.14.

grupo de intelectuais, com interesses os mais diversos, orbitando a cidade e suas instituições.

Imagem 24 — Propagandas de colégios em Vassouras



COLLEGIOS DE MENINOS. 441

COLLEGIO VASSOURENSE 430

DIRIGIDO PELOS BACHARÉIS EM DIREITO

ALEXANDRE RODRIGUES DA SILVA CHAVES

LUIZ ROMULO PERES DE MORENO

Este estabelecimento, situado em uma das melhores localidades de serra acima, pela salubridade do clima e facilidade de communicações (visto achar-se á vinte minutos da estação de Vassouras, estrada de ferro de D. Pedro II, e quatro horas da Côrte), e offerecendo todas as condições hygienicas, como sejão, casa espaçosa e arejada, chacara com banheiro, arvoredos, etc., está montado com proporções para um grande internato.

PROFESSORES

Primeiras letras, Grammatica nacional, Systema metrico e Historia sagrada.— Antonio Candido Tolentino.
1.ª *Cadeira de latim.*— Dr. Manoel Simões de Souza Pinto.
2.ª *Cadeira de latim.*— Antonio Joaquim Pinto da Fonseca.
Inglez.— Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves.
Arithmetica, algebra, geometria e geographia.— Alberto Olympio Brandão.
1.ª *Cadeira de francez.*— Dr. Luiz Romulo Peres de Moreno.
2.ª *Cadeira de francez.*— Alberto Olympio Brandão.
Historia.— Dr. Luiz Romulo Peres de Moreno.
Rhetorica.— Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves.
Philosophia.— Dr. Rodolpho Leite Ribeiro.

PREÇOS PAGOS POR TRIMESTRES ADIANTADOS SEM DESCONTO ALGUM POR AUSENCIA OU FERIAS

CURSO PRIMARIO		CURSO SECUNDARIO	
Pensionistas, por mez	35$000	Pensionistas, por mez	40$000
Meio-pensionistas, idem	20$000	Meio-pensionistas, idem	25$000
Externos, idem	10$000	Externos, idem	10$000

Além da pensão os alumnos internos pagarão por uma vez, na occasião da entrada, a quantia de 40$000, pelo uso dos objectos de propriedade do estabelecimento, como sejão, leito, lavatorio, bacia, etc.

ENXOVAL DOS INTERNOS

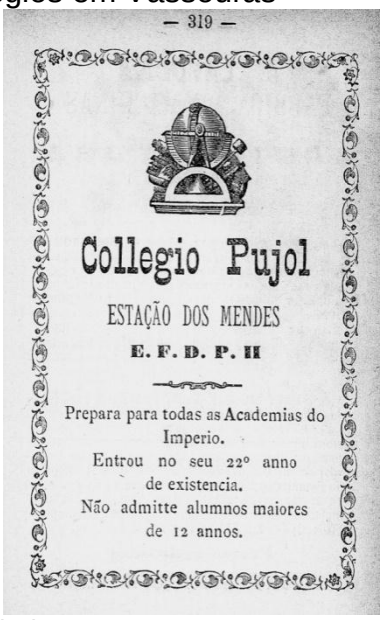
Uma sobrecasaca ou jaqueta de panno ou casimira preta, *conforme a idade.*
Um chapéo ou bonet, *idem, idem.*
Um par de calças pretas e duas brancas.
Um collete preto e dous brancos.
Duas gravatas de seda preta.
Um par de botinas.

Trarão mais a roupa precisa para tres mudas por semana, roupa de cama, toalhas, etc., para duas mudas, um colchão e dous pares de sapatos abotinados; escovas de faio, cabello e dentes, uma tesoura de unhas, um pente de cabelleira ou alisar, um dito fino e um saco de roupa suja. (O estabelecimento encarrega-se de fornecer todo o enxoval por conta dos pais dos alumnos.)

A lavagem e engommado da roupa dos alumnos internos poderá ficar á cargo do estabelecimento, mediante a quantia de $6000 mensaes, paga por trimestre.

Os alumnos internos que adoecerem serão tratados no estabelecimento, correndo as despezas de medico e botica por conta de seus pais, caso estes não prefirão trata-los em suas casas.

O estabelecimento fornece livros, papel, pennas, etc., por conta dos pais dos alumnos.— Os estatutos serão remettidos á quem os pedir.



— 319 —

Collegio Pujol

ESTAÇÃO DOS MENDES

E. F. D. P. II

Prepara para todas as Academias do Imperio.
Entrou no seu 22º anno de existencia.
Não admitte alumnos maiores de 12 annos.

Fonte: *Almanak Laemmert*, 1871; *Almanach do Vassourense*, 1888.

A formação e a atuação profissional dos redatores mostram inclinações já verificadas em outros estudos.[323] A sua maioria é formada por profissionais liberais – professores, advogados, médicos – que dividem a atividade de formação com as lides da imprensa. Assim sendo, pode-se afirmar que os redatores da imprensa vassourense se dividiam em dois grupos: estudantes em formação que viam na imprensa periódica um profícuo exercício político no *espaço público* e profissionais liberais que, embora atuassem com o mesmo desejo, o faziam sem exclusividade, mantendo outra atividade profissional como principal. A própria imprensa local espelhava essa atmosfera de mudança trazida pela instalação de diversos colégios na cidade.

> Na província do Rio de Janeiro, não conhecemos localidade alguma, que se preste, como Vassouras, a uma mais rica expansão do ensino secundário. Cabeça de importante município, a nossa cidade liga-se a poucas horas de viagem com as florescentes regiões de Valença, Paraíba do Sul, Piraí e Barra Mansa; em breve esta comunicação rápida se aperfeiçoará com a linha de bondes á estação de Vassouras. [...] *A missão da imprensa é*

[323] Ver: Barbosa (2010), especialmente o Quadro IV, pp.146-148.

> *sempre de um apostolado generoso; saúda com alegria e aplaude os acontecimentos fecundos, os fatos a que se prendem altas consequências.*
> Há muito existe em Vassouras um colégio. Sua direção passou do Sr. Antonio José Fernandes ao Sr. Dr. Manoel Joaquim da Silva; depois aos Srs. Drs. Alexandre Rodrigues da Silva Chagas e Luiz Rômulo Perez de Moreno. Modificada essa diretoria com a retirada do Dr. Rômulo e entrada do Dr. Manoel Simões de Souza Pinto, foi substituída pelos Srs. Carlos e Julio Pegado, antigos alunos do colégio Fernandes, os quais acabaram de reger um estabelecimento de instrução na Barra do Piraí.
> No dia 1 do corrente inaugurou-se um novo colégio debaixo da direção do Sr. E. F. Alexandre. No numero passado felicitamos Vassouras por essa promissora aurora.
> Só encontramos motivos de prazer na existência paralela de dois colégios em nossa cidade.
> *Quando assim falamos, não vamos pedir inspirações à serena musa da imparcialidade; a imparcialidade muitas vezes é a indiferença.*
> *Move-nos o amor desse torrão e o sentimento de seus verdadeiros interesses*.[324] (grifos nossos)

Fora destacado no editorial d'*O Município*, reproduzido acima, exatamente a ideia daqueles homens de imprensa sobre seu ofício e papel naquela sociedade. O ensino secundário era um fator, na visão dessa imprensa, de desenvolvimento para Vassouras e para o país. Não estavam sendo, e nem queriam ser, indiferentes à manifestação de uma opinião positiva desse assunto. Não foram indiferentes ao ensino secundário, como não o foram em relação à biblioteca popular, como retratado no último capítulo.

Ao retomar a análise do perfil dos redatores da imprensa vassourense, surgem outras características importantes. O corte etário revelado apresenta um quadro de homens abaixo dos 50 anos de idade. Ao assumir a redação d'*O Município*, Alberto Brandão tinha 25 anos; Lucindo Filho 26. Jorge Pinto, num relato sobre Domiciano Leite Ribeiro Filho, falecido jovem aos 18 anos, mostra a dimensão propedêutica da imprensa periódica local.

> Foi redator-chefe de vários jornaizinhos impressos na tipografia d' "O Município", com Heitor Valle, Pinto Bastos e outros colaboradores; o principal teve o nome de "Voz da Juventude". Os seus artigos chamavam a atenção, muita gente os atribuía a seu irmão, Dr. Roberto Leite, que nem sequer os lia antes de publicados.[325]

---

[324] Editorial d'*O Município*, de 12 de junho de 1874, p. 190-2.

[325] PINTO, Jorge apud SILVA, Rudy Mattos da, op. cit., p.54.

Assumir a imprensa como uma “brincadeira” de meninos adolescentes mostra como havia naquela sociedade do Oitocentos um desejo contínuo de comunicar por meio do impresso. O próprio Jorge Pinto – ao recordar sua iniciação na imprensa com o jornal *A Mocidade*, redigido por ele e Domiciano Pinto, que já cursava Direito em São Paulo – descreve suas primeiras investidas no universo da imprensa.

> Nas minhas tiras de jornalista adolescente, certo as asneiras pululam à farta, [...], mas transpareciam as minhas crenças ardentes de moço nas aspirações patrióticas, que me continuaram a desafiar ininterruptamente a dedicação até a sua definitiva vitória: – a Abolição da Escravidão e a República. [...] Meu saudoso pai, um dos subchefes do Partido Liberal e grande possuidor de escravos, jamais contrariou as minhas ideias. A míngua de assinantes saíam-lhe do bolso todas as despesas de publicação do jornaleco, onde escreveu até duas crônicas [...].[326]

“Chefe do Partido Liberal, grande possuidor de escravos”, Domiciano Leite Ribeiro é outro nome importante na imprensa de Vassouras. O visconde de Araxá publicava regularmente seus textos literários n’*O Município*. Figura de atração para esses jovens redatores da década de 1870, suas crônicas foram publicadas no *Vassourense* ao longo de toda a década de 1880. Em 1882, um ano após a sua morte, Lucindo Filho publicou, na tipografia do *Vassourense*, um livreto resumindo sua biografia.[327] Em 1884, publicou uma coleção em dois volumes contendo os textos de Leite Ribeiro. Eles estavam dispersos pela imprensa periódica de Vassouras, e também fora dela, como no *Correio Mercantil*, na última década.[328]

A imprensa periódica no interior da província também serviu para iniciar homens que se destacariam no universo das letras. Caso de Alfredo Pujol, filho de Hipólito Gustavo Pujol e Maria de Castro Pujol. Hipólito foi professor e manteve por muitos anos um colégio na Freguesia de Mendes – território que em 1890 foi anexado, como distrito, ao recém-criado município de Barra do Piraí, motivo de querelas na imprensa vassourense – Alfredo seguiu carreira jornalística na grande imprensa, ocupou cargos políticos e foi aceito na Academia Brasileira de Letras em

---

[326] PINTO, Jorge. *Fastos Vassourenses*. Vassouras: Fundação 1º de maio, 1935, p.116-7.

[327] PASSOS FILHO, Lucindo Pereira dos. *O Visconde de Araxá: notas biographicas*. Vassouras: Typographia do Vassourense, 1882.

[328] ARAXÁ, Visconde de. *Reminiscencias e Fantazias*. Vassouras: Typographia do Vassourense, 1884.

1917.[329] No prefácio do livro *Folhas que o Vento Traz*, recordações memorialistas de Jorge Pinto, publicadas em 1923, Pujol relembra o ambiente de Vassouras em meados dos anos 1880.

> Por aquele tempo fundamos em Vassouras, Jorge Pinto e eu, *A Quinzena*, revista literária, que teve copiosa acolhida em todo o país, graças à sua brilhante colaboração.
> Com que orgulho levamos a tipografia os originais inéditos de Machado de Assis, Raymundo Corrêa, Lúcio de Mendonça, Alberto de Oliveira, Visconde de Araxá, Américo Lobo e tantos outros! E com que tristeza tivemos que decretar a morte da revista, no dia em que nos separamos! Jorge cursava o sexto ano de medicina, e tinha que regressar ao Rio para os trabalhos de sua tese de doutoramento; eu, atraído pela campanha da Abolição e da República, que fervia em S. Paulo, estava de partida para ali, resolvido a abandonar meus estudos médicos, que iniciara a contragosto, sem nenhuma vocação [...].[330]

As recordações de Alfredo Pujol, como redator d'*A Quinzena*, reforçam o quadro intelectual que havia na cidade à época. O contato facilitado com a Corte, pela estrada de Ferro d. Pedro II, fazia com que esses homens circulassem entre centro e periferia, fazendo do Vale um lugar de recepção e difusão de ideias. Stanley Stein já havia delineado esse grupo na sociedade vassourense, chamando atenção para a composição de uma certa "classe média" urbana que se contrapunha aos fazendeiros e ao mundo rural.

> Poucos profissionais de Vassouras – juízes, advogados, tabeliães, médicos, professores e funcionários públicos municipais – atendiam ao pequeno núcleo intelectual da classe média. Um pequeno número, se comparado ao resto da sociedade de Vassouras, e quase invariavelmente limitados em termos de recursos financeiros; esses profissionais, no entanto, eram respeitados por fazendeiros, que acatavam a tradição europeia de consideração ao homem treinado na universidade, o "doutor". [...] Esses homens não apenas atendiam às necessidades legais e médicas da comunidade, formando as fileiras da burocracia administrativa; eram também professores e os editores dos jornais locais de curta existência, preenchidos com histórias e comentários sobre o cenário local e a política nacional.[331]

---

[329] SILVA, Rudy Mattos da. *Galeria das personalidades notáveis de Vassouras*. Vassouras: Edição do autor, 2002, p. 24.

[330] PUJOL, Alfredo. "Prefácio". In: PINTO, Jorge. *Folhas que o vento traz*. Rio de Janeiro; Empresa Queiroz, 1923, p. iv.

[331] STEIN, Stanley. *Vassouras, um município brasileiro do café (1850-1900)*. Trad. Vera B. Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, pp.159-160.

Aceitando como correta a caracterização que o historiador faz do núcleo urbano de Vassouras, o brasilianista equivoca-se, contudo, ao se referir aos "jornais locais de curta existência". Demonstrado está que periódicos como *O Município* e, principalmente, o *Vassourense* podem ser considerados longevos comparados à média da duração dos impressos no século XIX brasileiro.

3.1.2 Grêmios e clubes literários, outros espaços de sociabilidade

No segundo capítulo discorreu-se longamente sobre como a inauguração e a manutenção da Biblioteca Popular foi tema de entusiasmo e, ao mesmo tempo, acalorados debates nas páginas da imprensa local. Tratou-se ali de evidenciar que aquele estabelecimento era um *espaço de sociabilidade*. Maria Ana Bernardo, ao estudar a *Sociabilidade e distinção em Évora no século XIX*, elencou aqueles que seriam espaços privilegiados para a sua difusão.[332]

As associações culturais e recreativas, os teatros, cafés, o passeio público, as festividades profanas e religiosas, as touradas eram esses espaços reuniam grupos das mais diversas classes da sociedade eborense, formando as redes estudadas pela autora. Em Vassouras, no século XIX, destacam-se os grêmios e os clubes literários como *espaços de sociabilidades*, que tiveram seu auge nos anos 1880. São associações culturais que estavam diretamente ligadas aos colégios de ensino secundário, tratados anteriormente. Importante frisar que esses espaços não correspondem necessariamente a delimitações físicas (salas, casas etc.). Constituem-se espaços na medida em que congregam pessoas com objetivos comuns que se reuniam com alguma regularidade.

Entretanto, ao falar dos grêmios e clubes de Vassouras, é possível retroagir um pouco mais e focalizar um espaço que evidencia o processo de mudança pelo qual aquela sociedade passou a partir dos anos 1870.

---

[332] BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e distinção em Évora no século XIX.* Lisboa: Edições Kosmos, 2001.

O jornal *A Reforma* – periódico ligado aos reformadores do Partido Liberal – noticia no seu nº 25, de 1869, na seção "crônica política e parlamentar", o seguinte:

> Saudamos os liberais de Vassouras, que ali acabam de fundar também o seu clube. No dia 6 do corrente foi a sua primeira reunião, que esteve numerosa e animada.
> Nessa primeira reunião o Clube aprovou os seus estatutos e nomeou uma comissão diretora que ficou composta pelos srs.*Alexandre Rodrigues da Silva Chaves, Dr. João Paulo de Almeida Magalhães e José Faustino da Fonseca e Silva*.
> Os estatutos do Clube Liberal de Vassouras é assim concebido: "O Clube propõe-se a discutir questões de doutrina liberal enquanto interessarem a comunhão brasileira, e de preferência sempre as da maior atualidade". As suas sessões serão aos domingos e a portas abertas.[333]

Para a análise desejada, é importante frisar que liberais e conservadores, apesar de inúmeros exemplos que podem dar prova do contrário, constituíram-se no contexto da segunda metade do Oitocentos em grupos políticos mais ou menos distintos. O primeiro programa do Partido Liberal foi elaborado pelos dissidentes Progressistas em 1864, sob a forte influência de seu principal nome, Nabuco de Araújo. José Murilo de Carvalho chama a atenção que, a partir dos anos 1860, nos programas do Partido Liberal, "[...] introduziram-se reivindicações novas referentes às liberdades civis, participação política e reforma social".[334] O enfraquecimento do Partido Liberal ocorreria ao longo da década seguinte com a emergência do Partido Republicano. Desse modo, o clube liberal de Vassouras foi constituído em um momento de tensão política. Desde o Vale, propunham pensar a política do país por outros matizes.

Na sessão de 29 de junho, Silva Chaves discursou sobre a necessidade de reformar o sistema eleitoral. Na sessão seguinte, Almeida Magalhães fez protestos pelo fim da Guerra do Paraguai.[335] Os nomes dos oradores podem ser encontrados no quadro dos professores e diretores de colégios em Vassouras. Silva Chaves também esteve diretamente ligado à implantação da biblioteca popular em 1872, quando ocupava a função de vereador. Outro assunto tratado nas reuniões do clube

---

[333] *A Reforma*, nº 25, 1869, p. 01.

[334] CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da ordem. Teatro de sombras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 207.

[335] *A Reforma*, nº46, p.02-03.

foi em relação à liberdade religiosa. Os temas corroboram Carvalho, que analisou as transformações no programa do Partido nos anos 1860.

Em 1873, Silva Chaves dirigiu uma mensagem ao redator d'*A Reforma*. O objetivo era mostrar que, apesar de críticas, afirma Silva Chaves, o Clube Liberal de Vassouras permanecia coeso, tendo significativo número de adeptos.

> Com muito prazer publicamos em nossas colunas editoriais a descrição, que de Vassouras nos remetem, da significativa demonstração de estima, e adesão ali dispensada à Reforma, representada pelo nosso colega de redação Dr. Prado Pimentel. [...] é-nos grato ver que liberais distintos como os de Vassouras, uma das mais importantes cidades da província do Rio de Janeiro, sabem aquilatar nossos esforços e aplaudir nossos sacrifícios. [...].[336]

No longo editorial que reproduz as homenagens que foram realizadas na reunião dos liberais vassourenses, vários que estavam presentes àquela sessão tomaram a palavra para saudar o redator d'*A Reforma* e reafirmar adesão ao programa do Partido. Dentre os vassourenses, estiveram presentes: Joaquim Alexandre de Siqueira, Herculano de Figueiredo e Sousa, Rodolfo Leite Ribeiro, Emílio Zaluar, Domiciano Leite Ribeiro (Visconde de Araxá), Alfredo Leite Ribeiro, José Maria de Andrade, Raimundo de Macedo Pimentel e Alexandre Chaves.[337] Desse grupo, pelo menos três nomes estiveram envolvidos na imprensa periódica que mais tarde floresceria.

O Clube Liberal de Vassouras era uma associação de caráter político. Outras, contudo, revelar-se-iam voltadas às artes e à literatura. Em 4 de abril de 1878, noticiava *O Município*:

> Grêmio Literário – com esta denominação inaugura-se no colégio Alberto Brandão às sete horas da noite de domingo próximo futuro uma sociedade de jovens alunos do mesmo colégio, que se propõe ao estudo e discussão das teses do ensino secundário e superior.
> O Grêmio Literário projeta igualmente a fundação de um pequeno teatro no interior do colégio [...].
> *Não seria mau o esperançoso Grêmio tivesse o seu periódico em que se estreasse na difícil arte de escrever para o público*. [...].[338] (grifos nossos)

---

[336] *A Reforma,* nº17, 1873, p.01.

[337] *A Reforma,* nº17, 1873, p.01.

[338] *O Município*, 4 de abril de 1878, p. 1.

O grêmio literário dos alunos do colégio de Alberto Brandão parece ter sido a primeira associação do tipo em Vassouras. Vale salientar a concepção do redator de que a imprensa era uma etapa formativa na vida dos jovens estudantes, aspecto que será tratado mais adiante novamente. Escrever para o público, ressalta o redator, era uma arte a ser aprendida no colégio. O jornal, desse modo, publicou vários discursos realizados na inauguração do Grêmio. No seu teatro, a primeira peça apresentada foi o *Noviço*, de Martins Pena.[339]

Em 14 de julho de 1885, no colégio de Hipólito Pujol, foi iniciado o *Grêmio Literário Vitor Hugo*, na Freguesia de Mendes.[340] Nesse clube, os estudantes mantiveram a publicação mensal de um periódico intitulado *Noventa e Três*, órgão do Grêmio Literário Vitor Hugo.[341] Seus redatores eram Henrique Coelho, Eugênio Bath e Júlio Rodrigues. O título do periódico é uma homenagem ao livro do escritor francês que tem como pano de fundo os anos do Terror durante a Revolução Francesa.

No mesmo ano, na Freguesia de Vassouras, estava em funcionamento o *Clube Literário e Recreativo*. Nele atuaram Jorge Pinto, Avelar Fernandes, Corrêa e Castro Júnior, Alberto de Carvalho e Francisco Guimarães.[342]Todos esses eram alunos do colégio de Alberto Brandão.

Esses espaços parecem ter tido dificuldades para prosperar, por isso o *Vassourense* faz uma análise nesse sentido, citando, inclusive, o Clube da Lavoura, formado por proprietários rurais de Vassouras.

> [...] Já não acreditamos muito nas associações vassourenses, temos visto muitas nascer e morrer logo nos primeiros dias. Para prová-lo aí temos o malfadado Clube da Lavoura, que composto de homens ricos, e que tinha por fim tratar de interesses palpitantes para os lavradores, morreu quando menos se pensava.
> É verdade que os moços são mais crentes, e tem mais aspirações, e é isso que nos leva a esperança de que na plêiade de jovens que com tanto brilho iniciou o *Clube Literário e Recreativo*, transmitir-lhe-á o seu vigor natural e

---

[339] *O Município*, 29 de agosto de 1878, p. 2.

[340] *Vassourense*, 23 de agosto de 1885, p. 4.

[341] *Noventa e Três*, 31 de outubro de 1886.

[342] *Vassourense*, 11 de janeiro de 1885, p. 4.

> não consentirá que ele em breve caia no rol das coisas esquecidas, dos projetos malogrados [...].[343]

No número seguinte, Alberto Brandão publica na seção folhetim uma longa descrição da inauguração do Clube Literário e Recreativo. A imprensa da década de 1880, em Vassouras, por todo o tempo dialogava com essa ideia de animar a "vida da cidade". Não raro se retornava ao tema da febre amarela em 1880 e 1881, responsável pelo esvaziamento das áreas urbanas das freguesias (tema apresentado mais detidamente no capítulo 4). Essas associações significavam para os homens da imprensa que a vida da cidade estava se reerguendo. Ampliava-se, desse, modo a cena cultural vassourense.

Para marcar a inauguração desse novo espaço, houve a publicação de uma edição especial de um periódico intitulado *O Club*. Dentre os artigos, todos saudando a inauguração do clube e o entusiasmo de seus criadores, Brandão destacou que "o progresso intelectual carece também ser afirmado e o Clube Literário pode fazê-lo, desde que seus fundadores não desanimem".[344]

Imagem 25 — *O Club* (1885)

ANNO 1885 — VASSOURAS, 20 DE JANEIRO DE 1885 — N.º Unico

O CLUB

JORNAL COMMEMORATIVO

ANNO NOVO

CLUB LITTERARIO E RECREATIVO

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

[343] *Vassourense*, 25 de janeiro de 1885, p.1.

[344] *O Club*, 20 de janeiro de 1885, p. 1.

Alberto Brandão, em crônica de sua coluna “Semana vassourense”, descreve uma reunião do *Clube Literário e Recreativo*. Após discorrer sobre a corrida que se realizou naquela manhã, promovida por outra associação, o *Clube Atlético Vassourense*,

> A noite pertenceu ao *Clube Literário e Recreativo.*
> A primeira parte da reunião foi destinada a um bem escolhido concerto só de amadores e amadoras.
> Provou-se que na cidade de Vassouras havia cultores de música capazes, por si sós, de interpretar difíceis e belíssimos trechos.
> Ouvimos a *Gondola Nera* para barítono pelo Sr. A. Calheiros, melhor cantor do que corredor, o *Penso* pela Exma. Sra. Ana Brandão; uma ária de *Hebreia* pela Exma. Sra. D. Vicencia Amália; uma fantasia de *Dinorah* para piano pela Exma. Sra. D. Matilde de Andrade e *L'Arabesque*, também para piano pela Exma. d. Hermínia Cesar [...].
> O Dr. Lucindo Filho, que graciosamente acompanhara as Sras. e ao Sr. Corrêa e Castro, fechou o conserto executando ao piano com o gosto e a maestria do costume uma valsa de sua composição [...].
> Não podemos criticar música, podemos dizer, porém, que saímos muitíssimo bem impressionados pelo que ouvimos.
> A segunda parte foi destinada às danças. É escusado dizer que ocorreram animadíssimas, como é costume em Vassouras.
> Os primeiros raios de sol, precursores da manhã, encontraram em caminho para suas casas os sócios do *Clube Literário e Recreativo Vassourense* [...].[345]

Os clubes literários, recreativos e atléticos de Vassouras animaram a vida cultural da cidade na década de 1880. Eram a expressão de um centro urbano povoado de jovens que frequentavam os colégios secundários e homens, todos eles também na imprensa periódica local, que trabalhavam para que houvesse ali uma cena similar, nas devidas proporções, àquela que se observava na Corte. Por todos esses espaços, Lucindo Filho era figura sempre presente, de modo que – para compreender aquele ambiente – é imperioso compreender a sua própria trajetória individual e observar como ela se liga à vida da cidade.

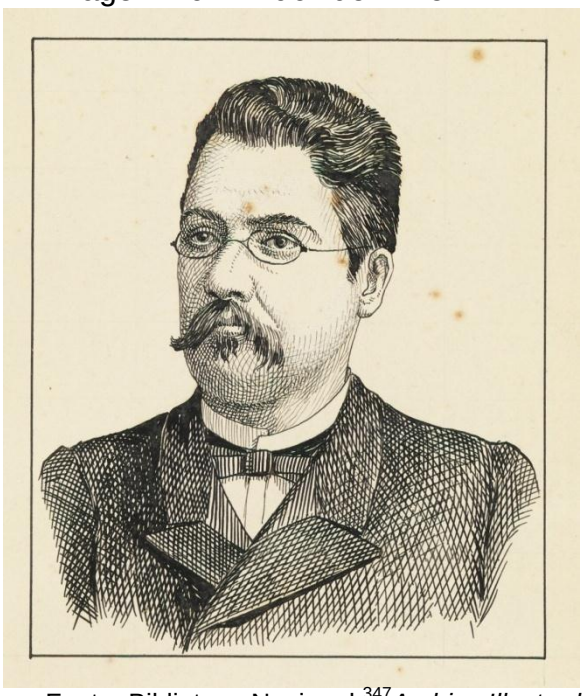
---

[345] *Vassourense*, 5 de julho de 1885, p. 1.

3.2 Lucindo Pereira dos Passos Filho, o médico-redator

Não é difícil apreender a importância de Lucindo Filho para a história da imprensa em Vassouras. Na biografia coletiva intentada neste capítulo, os dados biográficos relativos ao médico-redator se sobressaem. Talvez pela necessária recorrência ao *Vassourense* nas pesquisas historiográficas que tomam o Vale, e os processos históricos ali contidos, por tema ou objeto. Um bom exemplo para mostrar que a utilização desse periódico, como fonte, é amplamente aceita, é consultar os estudos de Stanley Stein.[346] Pioneiro nos estudos sobre as dinâmicas sociais no Vale do Paraíba fluminense ao longo do século XIX, o historiador pesquisou as coleções d'*O Município* e do *Vassourense* na Biblioteca Municipal de Vassouras durante sua estadia em 1949.

Imagem 26 — Lucindo Filho



Fonte: Biblioteca Nacional;[347] *Archivo Illustrado*, ano VII, São Paulo, 1905, capa.

---

[346] Cf. STEIN, Stanley. *Vassouras, um município brasileiro do café (1850-1900)*. Trad. Vera B. Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

[347] GARNIER, M.J.. *Sonetos brasileiros* (edição completa): desenhos dos sonetos. p. 83. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon960828/icon960828_032.jpg>. Acesso em: 21 de dez. de 2016.

Por ocasião da rememoração do centenário de morte de Lucindo Filho, o historiador-memorialista Rudy Mattos da Silva publicou um pequeno ensaio literário e biográfico sobre o redator.[348] Ao final, o autor faz um apanhado de obras que trataram ou que contêm informações sobre Lucindo. Das quatorze referências listadas por Silva, destacam-se duas, das quais foram retiradas as informações analisadas a seguir.[349]

Publicado por Raimundo Corrêa na *Folha de Barbacena,*[350] logo após a morte de Lucindo Filho, o ensaio biográfico em sua homenagem foi reunido em volume e veio à luz em 1898.[351] Da pena de Corrêa, tem-se as informações que foram replicadas por todas as notas biográficas posteriores. Uma análise dessas notas revela que se repetiram os dados destacados por Corrêa, desde as *Ephemérides Mineiras* (1897) até o *Dicionário escolar afro-brasileiro* (2006). A amizade entre Corrêa e Lucindo Filho é invocada como o atestado da veracidade das informações, conforme se verifica na epígrafe que abre este capítulo. Antes de prosseguir, contudo, é necessária uma breve discussão sobre o fazer biográfico para estabelecer a crítica necessária a esse conjunto de fontes.

---

[348] Cf. SILVA, Rudy Mattos da. *Lucindo Filho*. Quem foi Lucindo Filho. Sua estada em Vassouras. Ensaio literário. Vassouras: Ed. do autor, 1998.

[349] Rudy Mattos da Silva lista as seguintes referências: CARVALHO, Antonio Gontijo de. *Raul Fernandes. Um servidor do Brasil.* Rio de Janeiro: Agir Editora, 1967, pp. 27-8; WERNECK, Eugênio. *Antologia Brasileira*. Rio de janeiro: Livraria Francisco Alves, 1929, p.543-4; PINTO, Jorge. *Folhas que o vento traz.* Rio de Janeiro: Empresa Queiroz, 1923, pp.271-82; JORNAL DO BRASIL. *Vultos proeminentes da história brasileira*. Fascículo 3. Rio de Janeiro, 1931, p. 245; AFFONSO, José. *Seleta de Prosadores mineiros*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1914, p. 95; FREIRE, Laudelino. *Sonetos Brasileiros*. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia Editores, 1913, p. 83; MACHADO SOBRINHO, Antonio Vieira. *Primeiros Versos*. Juiz de Fora: Tipografia Brasil, 107, p. 91-4; NUNES, Mário. *40 anos de teatro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1956, p.8; OLIVEIRA, Martins. *História da literatura mineira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1956, p.111; PEDRINHA, Padre Eurípedes C. N. da G. *Tímidos ensaios*. Rio de Janeiro: Tipografia d'O Apóstolo, 1896, p. 424; CORRÊA, Raimundo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961, pp.467-196; MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. Vol. IV. São Paulo: Edição Saraiva, 1969, p. 965; BLAKE, Sacramento. *Dicionário biobibliográfico brasileiro*. Vol. V. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970, p.334; VEIGA, Xavier da. *Ephemérides Mineiras*. Vol. II. Ouro Preto: Imprensa Oficial, 1897, p. 17-20.

[350] "[...] a Folha era um pequeno periódico provinciano, pode-se assim dizer, dedicado sobretudo, senão exclusivamente, a negócios de administração política e local; e, por ser de mui restrita circulação fora do território mineiro, sucedeu que os meus amigos de Vassouras (Rio de Janeiro), amigos meus e de Lucindo Filho, justamente aqueles a que mais deveria interessar o que escrevi sobre o Ilustre escritor falecido, não chegaram nunca a ler tais artigos [...]. Resolvi por isso dá-los de novo à estampa reunidos neste volume." CORRÊA, Raimundo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961, pp.467-196, p.467.

Os historiadores sempre estiveram envolvidos com a escrita biográfica, mas – ao transformar a história em ofício e estabelecerem paradigmas para orientá-la – narrar vidas passou a ser uma tarefa difícil e escorregadia.

A biografia como gênero nunca saiu de moda. Prova disso é o sucesso editorial que angaria nos dias de hoje. Verdade também que nunca foi tarefa exclusiva, nem mesmo esses se esforçam para dominá-la, dos historiadores. No entanto, hoje se assiste a uma profusão de relatos que narram detidamente vidas humanas. De famosos a anônimos, vivos e mortos. A biografia é capaz de provocar uma ampliação significativa do conhecimento histórico ao recuperar trajetórias e contextos. Desse modo, buscam os historiadores compreender o indivíduo como um universo em si mesmo.

Os relatos acerca de sujeitos excepcionais remontam à antiguidade clássica. Salientando a tarefa complexa de recompor trajetórias individuais, Plutarco chama atenção que,

> [...] de um lado, não são histórias que nós escrevemos, mas vidas; de outro, não é de nenhum modo nas ações mais célebres que se mostra uma virtude ou um vício, pois frequentemente um fato diminuto, uma palavra, um gracejo manifestam mais o caráter do que combates mortíferos, grandes batalhas ou cercos.[352]

Eis aí um duplo desafio. Primeiro escrever vidas. Isso, pois o ato de contar a vida de alguém e fazê-lo de certa maneira nascer uma segunda vez. Nascer pela pena do biógrafo. Há uma preocupação em Plutarco em distinguir o ato de narrar vidas e o de escrever história. Para ele, e toda tradição clássica, essa não daria conta da complexidade necessária para contar uma vida. E essas vidas exemplares, diga-se, deveriam ser reconstituídas minuciosamente nos grandes feitos e pequenos gracejos.

A fórmula de Plutarco permaneceu até o século XVIII com poucas alterações. Jacques Revel atribui a isso o grande paradigma que encarava a história como *magistra vitae* ter permanecido no horizonte a orientar os homens desde a antiguidade. Somente a modernidade trouxe uma nova brisa de possibilidade para encarar o passado. Este novo regime de historicidade, o historicismo, criou novas

---

[352] CORRÊA, Raimundo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961, p. 238.

questões para pensar a história e também a biografia. Para aprofundar toda essa problemática, sabemos que, segundo Sabrina Loriga:

> Atestada desde a Antiguidade, a biografia é, desde a origem, um gênero híbrido e compósito. Equilibrando-se sempre entre verdade histórica e verdade literária, sofreu profundas transformações ao longo do tempo – enquanto à escolha e elaboração dos fatos e do estilo narrativo. É, portanto, difícil estabelecer regras gerais. Sem dúvida numerosos biógrafos privilegiaram a narração cronológica seguindo as escansões biológicas da existência: o nascimento, a formação, a carreira, a maturidade, o declínio e a morte. Mas isso não implica que a biografia deva repousar necessariamente sobre uma trama cronológica.[353]

O século XVIII abre então uma tríplice fronteira para pensar a biografia. Além da história, torna-se imperativo dialogar com a literatura. Para embaçar ainda mais esse quadro, Loriga chama atenção para a possibilidade de uma narrativa de vida que não obedeça necessariamente ao desenvolvimento biológico do sujeito. Em outras palavras, a biografia não precisa "fazer nascer e fazer morrer o biografado". Longe de aplacar discussões, no século XIX, "a biografia suscitou múltiplas hostilidades nos meios literários".[354] Esse novo regime de historicidade, novos paradigmas postos para pensar e apreender a realidade histórica, reavivou os debates sobre a possibilidade da escrita biográfica. No século do progresso e da ciência, o imperativo de verdade que passa a balizar as ciências positivas torna-se medida para avaliar o quanto a biografia podia satisfazer o desejo de alcançar o real, objetivo e palpável como se mesmo depois de morto o sujeito pudesse falar de si, e falar somente o que realmente foi sua vida e como se deram suas ações.

Houve aqueles a acusarem a biografia de gênero superficial que não poderia jamais dar conta da complexidade do indivíduo. E isso se seguiu ao século XX. Mal vista na literatura e desprezada pela história pelo seu grau de subjetividade frente à verdade necessária ao conhecimento histórico, segundo as prerrogativas de então, parecia que a biografia não teria futuro em nosso mundo moderno. Todavia, na prática, a produção biográfica – o ofício daqueles que "narram vidas" – parece ter passado ao largo dessas discussões. No século XX, e na primeira década deste, a biografia se estabeleceu como gênero com formas e funções definidas.

---

[353] LORIGA, Sabrina. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 18.

[354] Ibidem, p. 26.

Diversos autores debateram teorias e metodologias acerca do fazer biográfico, mas não se furtaram de, para além desse debate profícuo, produzir relatos sobre sujeitos, conhecidos ou anônimos, que mereciam ter suas vidas contadas.

Para além de toda a crítica devemos chamar a atenção para nomes como Virginia Woolf (1882-1941), Lytton Strachey (1880-1932), Stefan Zweig (1881-1942), André Maurois (1885-1967), todos eles – escrevendo na primeira metade do último século – estabeleceram uma ampla discussão sobre a necessidade da biografia, além de serem, alguns deles, exímios biógrafos. Era a literatura resolvendo suas questões com a biografia. Faltava à história fazer o mesmo.

A crítica lançada pelos historiadores da *Escola dos Annales,* nas primeiras décadas do Novecentos, ao modelo cientificista do paradigma historicista, baseado em uma rigidez teórica e metodológica, contribui para uma fragmentação dos objetos, sem, contudo, abrir mão do caráter científico da disciplina. Somente a partir da década de 1970, os historiadores começam a retomar uma antiga discussão: a história como gênero narrativo. Não estando hoje, diante de uma definição do campo historiográfico, em um lugar confortável de fala, a concepção da história como narrativa capaz de dar cores ao passado a aproximou novamente da literatura e trouxe a biografia, com o adjetivo de histórica para gerar um maior alento, como possibilidade aos historiadores e ao conhecimento do passado através das trajetórias dos indivíduos. Pensando dessa forma, resume Guilherme Pereira das Neves ao afirmar que:

> A biografia, por esse ângulo, não passa de um caso particular da história ou da literatura. De uma certa maneira, toda história e toda literatura é – alargando-se bastante o sentido da palavra – uma biografia, no sentido de que constituem esforços para recuperar o que há de individual, de particular, no outro: num indivíduo, sim, mas também num evento, numa situação, num período.[355]

Leonor Arfuch discute e reforça o caráter narrativo da biografia. Segundo a autora, “a multiplicidade das formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas contam, de diferentes modos, uma história ou experiência de

---

[355] NEVES, Guilherme Pereira das. “Elétrons não são tão interessantes como gente: história e biografia”. *História, teoria e variações*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011, p.83.

vida".[356] Mantêm ainda um amplo diálogo com filósofos e linguistas, buscando compreender a trama que envolve necessariamente o ato de narrar uma vida e as suas possibilidades. Ao fim, como resume Paul Ricoeur, "contamos histórias porque afinal de contas as vidas humanas precisam e merecem ser contadas".[357]

Feita essa digressão, passa-se ao exercício biográfico proposto. Ensaiar a trajetória de Lucindo Filho será a tarefa daqui por diante. É válido frisar que orientam essa escrita o valor narrativo da história e o gênero singular da biografia. Vale dizer também que o próprio texto que segue é, em sua forma, um exercício narrativo. O conjunto de textos utilizados aqui como fontes primárias são também exercícios narrativos. Por isso, devem ser tomados com a cautela necessária para não transferir o estatuto de verdade lançado por Corrêa sem o crivo da crítica historiográfica. Ao rememorar os anos que passou em Vassouras e, por vezes na companhia de Lucindo Filho, ele vai construindo o seu biografado.

> No Rio de Janeiro fez Lucindo as primeiras letras e os estudos secundários, sob a vigilância e imediata direção de seu pai; e este lhe ensinou também música, arte que o velho latinista cultivava com ardor e gênio, como bom mineiro que era (pois os mineiros nascem músicos), e a que dedicava todo o tempo que podia roubar ao seu latim. Não é ocioso lembrar isso aqui, porque Lucindo Filho, discípulo de seu pai, veio mais tarde a distinguir-se também nessa arte, como exímio pianista e maestrino.[358]

Natural de Mariana, Lucindo Pereira dos Passos, o pai, cursou medicina no Rio de Janeiro, para onde se mudou em definitivo após a morte do pai, em 1850. Acerca da musicalidade dos mineiros vale notar que o avô de Lucindo Filho, homônimo, teve destacada atuação em Mariana na primeira metade do Oitocentos, tendo ocupado a função e organista na Sé de Mariana em 1832.[359] Também compôs música sacra. Lucindo Filho era o terceiro, o neto, vindo de duas gerações de homens ligados à arte, à música e à literatura. O inventário *post-mortem* de seu avô

---

[356] ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010, p. 111.

[357] RICOEUR, Paul, apud, ARFUCH, Leonor, *O espaço biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010, p. 111.

[358] CORRÊA, Raimundo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961, p.469.

[359] CASTAGNA, Paulo. *Produção musical e atuação profissional de João de Deus de Castro Lobo (1794-1832)*: do desaparecimento de seus autógrafos à transmissão de sua música pelas redes sociais. Opus, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 9-40, jun. 2012, p. 19.

lista uma biblioteca numerosa. Mais adiante, Corrêa faz uma descrição buscando capturar todas as dimensões do amigo.

> Era de meia estatura, mais gordo que magro, com uma bela cabeça de moiro, olhos de que (através de seu *pince-nez* de míope) mais me lembra agora a doçura do que a cor, cabelos negros e lisos, um rosto trigueiro, bem barbeado sempre, franco, oval e de linhas quase formosas; em todo o caso indefinivelmente simpático. [...] Em Vassouras, a prodigiosa atividade de Lucindo se viu sempre distribuída em mil diferentes sentidos. Parece incrível que , sem deixar de exercer jamais [...] a sua profissão de médico, com enorme clientela dentro e fora da comarca, tempo lhe sobrasse ainda para para tratar com tamanho amor os livros e as musas; e ser homem de ciência, e ser homem de letãs, e ser jornalista, e escrever apreciáveis artigos sobre variados assuntos, sobre política, como sobre literatura, como sobre artes, como sobre linguística [...].[360]

Na citação acima, são reafirmadas as características sempre lembradas ao redator do *Vassourense*: o amor aos livros e à música, a atividade de professor nos colégios locais e a função pública na qualidade de suplente de juiz municipal, tendo nela atuado diversas vezes. Deixando de lado momentaneamente o ensaio biográfico de Raimundo Corrêa, pode-se buscar recuperar parte dessa trajetória a partir de um conjunto de fontes primárias. Esse esforço justifica-se na busca de dar mais cor ao quadro de homens ligados à imprensa periódica naquele período, tendo como fio condutor a vida de Lucindo Filho.

Muitas dimensões podem ser evocadas a partir da figura do médico-redator. Uma delas manifesta-se na figura do homem de letras que Lucindo Filho assumira em vida, e após a morte. Machado Sobrinho, fundador da Academia Mineira de Letras, escolheu-o para patrono de sua cadeira. Na descrição biográfica do novo imortal mineiro, dada pelo jornal *Pharol*, de Juiz de Fora, em 1910, evidencia-se na descrição sobre Antônio Vieira Machado Sobrinho a atmosfera intelectual presente em Vassouras naqueles anos de 1870 até o fim do século.

> Cadeira patronímica: Lucindo Filho
> Antonio Vieira de Araujo Machado Sobrinho – Nasceu na fazenda dos Limoeiros, localizada no 1 distrito do município de Vassouras, Estado do Rio de janeiro, em 17 de junho de 1872.
> É filho legítimo do dr. Ponciano Vieira de Araujo Machado e d.Hilarina de Souza Alves Machado, ambos fluminenses, e falecidos já.

---

[360] CORRÊA, Raimundo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961, p. 470-1.

> [...] Estudou preparatórios no Colégio Magalhães estabelecido na fazenda Santo Antonio, em Vassouras e de cujo corpo docente fizeram parte seu tio Theodoro Augusto De Freitas Magalhães, diretor (natural do Algarve); srs. Carlos Barroso, professor do corpo primário e línguas , e Francisco Paixão, professor de português e matemáticas.
> Mudando-se o colégio para a cidade de Valença, ali continuou seus estudos sob a direção do exímio lente de matemáticas Luiz Irineu Pereira da Silva.
> [...] Pretendia seguir a advocacia, o que não fez por haver interrompido seus preparatórios com a promulgação da Lei Áurea de 13 de maio de 1888. Sabendo, por telegrama, que os ex-escravos pretendiam revoltar-se contra a pessoa de um seu tio, partiu imediatamente para a fazenda, onde sua voz seria ouvida e acatada pela raça libertada, que o adorava como franco abolicionista que era, sentimento liberal este bebido nas convicções políticas de seus pais – ambos anti-escravocratas.
> [...] A primeira inovação que fez, na fazenda, foi abrir uma escola noturna, onde os libertos, velhos e moços, lhe iam ouvir as lições.
> [...] *Não se "emendava", porém; e em princípio do terceiro ano o solitário administrador da fazenda da Paciência, com surpresa da família, e surgiu poeta pelas colunas do Vassourense, periódico de Lucindo Filho, colaborado por diversos literatos de renome.*
> *Dai em diante não pôde mais conter seu entusiasmo pelas letras.*
> *Aos domingos viajava duas léguas – para a cidade de Vassouras, onde passava o dia com Lucindo Filho, discutindo, lendo e aprendendo com o seu grande e querido mestre.*
> *Foi Lucindo Filho quem animou e fez Machado Sobrinho seguir a carreira das letras, e principalmente cultivar a poesia.*
> *Em 1894 chegou a colaborar em mais de quinze jornais, especialmente no Vassourense, em O Paiz e no Correio de Minas, desta cidade.*[361] (grifos nossos)

A figura de Machado Sobrinho evoca essa cena imaginada do jovem estudante atraído pela literatura e fazendo suas primeiras incursões poético-literárias nas páginas da imprensa periódica. A longa citação serve para reforçar que Lucindo Filho era uma figura de tração para esses jovens vassourenses ou que ali residiram por conta de seus estudos secundários. A memória do mestre em Vassouras era tão presente em Sobrinho que, em 1907, quando lança seu livro de poemas, *Primeiros Versos*, o dedica "à memória do querido mestre e amigo Lucindo Filho".[362] As deferências não pararam aí. Em 1909, Machado Sobrinho fundou, em Juiz de Fora, o Externato Lucindo Filho, colégio que oferecia os cursos primário, secundário e comercial. As homenagens póstumas perpetuavam a memória do redator falecido no século anterior.

---

[361] In: BARBOSA, Leila Maria F. & RODRIGUES, Marisa Timponi P. *Machado Sobrinho. Notícias na imprensa sobre a Academia Mineira e Letras*. Juiz de Fora: FUNALFA, 2009, pp. 71-2.

[362] MACHADO SOBRINHO, Antônio Vieira. *Primeiros Versos*. Juiz de Fora: Tipografia Brasil, p. 09.

O quadro mais completo acerca dos homens de letras que cercavam Lucindo Filho a partir da década de 1880 pode ser visualizado ao tomar os colaboradores do *Vassourense* entre 1882 e 1889.

Jorge Pinto, personagem que aparece no rol daqueles que estiveram envolvidos com a imprensa periódica em Vassouras, principalmente na década de 1880, esboça o perfil do professor e amigo Lucindo Filho. Suas memórias trazem aspectos que reforçam o que foi apresentado até aqui e introduzem elementos novos para recuperar essa trajetória.

Jorge Pinto rememora e faz uma descrição física de Lucindo Filho que muito se aproxima a de Raimundo Corrêa. Recorre ao eufemismo do "rosto bronzeado de caboclo" e aos "lábios carnudos" para referir-se à condição de pardo, filho de pai pardo. Tal qual ocorria com Machado Sobrinho, havia por ele uma atração intelectual naqueles jovens. Pinto prossegue numa descrição bastante adjetivada.

> Médico, poeta, jornalista, filólogo, latinista, musicista, em todas essas afirmações do seu privilegiado entendimento, ele sobressai e se impõe. Investiga a natureza de um caso clínico difícil com a mesma perícia que ostenta para burilar uma estrofe lírica, traçar um "artigo de fundo", improvisar ao piano uma composição musical, exumar a origem de um vocábulo ou verter para o português lidimo uma bucólica do "cisne de Mântua". Profissional de notável saber, a par de uma sólida cultura [...].[363]

A enumeração das facetas do médico-redator auxilia na compreensão da figura intelectual, que desde o início da sua atuação profissional em Vassouras foi se desenvolvendo e se tornando cada vez mais densa. Mais de uma vez já foi dito aqui que Lucindo Filho pode ser encarado como um fio condutor da história da imprensa local. Sua biografia enceta essa tomada de posição. Nas memórias que chegaram até estes dias, a sua figura é sempre retomada com certo afeto.

> Quem nunca o tiver avistado antes e o vir palmilhar as ruas de Vassouras, trajando sempre com a máxima simplicidade, direi mesmo – desencadernadamente –, o chapéu mole de abas largas à cabeça, o guarda-chuva sob o braço, inexpressivo, apagado, vulgar em suma, estará certamente muito longe de supor que se abeira de uma das mais robustas mentalidades desse país.[364]

---

[363] MACHADO SOBRINHO, Antônio Vieira. *Primeiros Versos*. Juiz de Fora: Tipografia Brasil, p. 274.

[364] Ibidem, p. 275.

O homem desencadernado, como diz Jorge Pinto, viveu entre cadernos, folhas, tintas e livros. Sua biografia deve necessariamente ser recuperada a partir dos textos que publicou na imprensa periódica.

A diversificação e o cruzamento das informações extraídas das fontes fragmentárias utilizadas aqui compõem um quadro mental ampliado sobre quem foi Lucindo Filho e qual o seu papel na imprensa de Vassouras. Há um conjunto interessante de fontes manuscritas que permaneceram inéditas e serão utilizadas aqui para evidenciar a inserção de Lucindo Filho em uma ampla rede de sociabilidade entre homens de letras. Para mapear a penetração de seu nome, seus livros e seus jornais, passa-se a analisar uma série de cartas e bilhetes.

Os estudos sobre as correspondências (cartas) salientam o quanto pode ser apreendido do caráter subjetivo de seus personagens. Uma atividade caracterizada como *escrita de si*,[365] por compor espécie de autobiografia na medida em que, reunida, pode "falar" de seus autores. O conjunto do qual se dispõe aqui não é homogêneo, tampouco procede de uma única pessoa. Há correspondência ativa e passiva, em maioria, de Lucindo Filho e da Tipografia do Vassourense com interlocutores do meio literário a época. Busca-se descortinar essas relações analisando documentos íntimos que, ao falarem de si, podem também dizer dos outros e da própria imprensa de Vassouras.[366]

Lucindo Filho era figura pública na cidade e aglutinava certa elite letrada local, mantendo intenso contato com intelectuais que circulavam pelo país. Aqui se torna clara a abordagem acerca desse personagem: intelectual que contribuiu para o estabelecimento de uma opinião pública por meio de sua atividade jornalística, cuja erudição inspirava a muitos. Sua casa e biblioteca eram lugares de atração de jovens escritores.

---

[365] "A escrita autorreferencial ou escrita de si integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. Essa denominação pode ser mais bem entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos". GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.10.

[366] As missivas aqui analisadas foram recolhidas em diferentes arquivos e possuem caráter extremamente fragmentário. Mesmo sem um conjunto orgânico, serão feitas ligações intencionando construir um quadro que dê conta dessa circulação de ideias pela imprensa e as redes intelectuais publicistas no vale do Paraíba e fora dele. Vale notar que missivas já foram utilizadas em capítulos anteriores, contudo o caráter de conjunto adotado nesse tópico justifica maiores esclarecimentos.

Sobre a juventude de Lucindo Filho, logo após a transferência para o Rio de Janeiro, dispõe-se de uma carta escrita pelos amigos que traz a dimensão dos círculos nos quais o jovem crescera.

> Lucindinho
> Meu coração se banha no Jordão das delícias ao receber a tua estremecida carta de 25 do passado.
> Como se vê por um número do – *Jequitinhonha* – que por este correio envio ao J. Julio, vai hoje a cena o belíssimo drama – História de uma moça rica; - vai também merecer entusiásticos aplausos da plateia o – Jhon Bull – engraçada produção do Felicio, a qual brevemente vai ser publicada. No mesmo – *Jequitinhonha* – deparará com uma famosa admiradora de minha cacholba (?); vai ser cantada hoje no teatro pela Ismenia aplicando-se lhe a música da – Virandeira – verei que efeito causará ao nosso povo: – o riso do escárnio certamente.
> A questão anglo-brasileira aqui tem produzido muita sensação.
> O jornal, acima mencionado, melhor o relatará.
> Peço-te encarecidamente que não mandes publicar os tais meus – sonhos; proíbo-te formalmente.
> Ora! Era belo de se ver aquele arcabouço de – [ilegível] – exposto à luz da publicidade! Ora!...
> Pelo correio seguinte te enviarei algumas das poesias, que se puder.
> Quanto a que começa por – Não sonhei-te Madibran, etc, etc. não sei que rumo demandou, não a possuo.
> Será para mim uma individual ventura se, quando me escreveres, não seguires o preceito do mestre Horácio: *Esto breveis, et palabris*, pois quando te escrevo, nunca temo exaurir tua paciência, pois é dever da amizade tolerar sempre os caprichos da amizade. Escreve-me uma carta de quatro páginas.
> Conta-me que sensação produziram a sua terra os devaneios de Leopoldo.
> Conta com a minha eterna amizade. *Adieu*.
> D. 8 de dezembro de 1863.
> Kubitschek
> [...] Aceite lembranças do Neco Coelho e Eduardo T. e também do teu primo e amigo Ernesto [ilegível]
> Lucindinho
> Não tenho tempo de escrever-te hoje, e o farei pelo correio seguinte, [ilegível] ao João Julio, a quem peço dar um apertado abraço.
> Teu primo e amigo
> L. Freitas[367]

Dos nomes que aparecem acima é possível identificar João Nepomuceno Kubitschek (1845-1899), poeta secundário com produção do período final do romantismo. João Júlio dos Santos (1844-1872), poeta mineiro, natural de

---

[367] BN (Brasil), Manuscritos, I-02,13,055.

Diamantina, cursou Direito em São Paulo entre 1864 e 1869.[368] Mulato como Lucindo Filho, morreu jovem aos 28 anos.[369]

A escrita juvenil e alegre da missiva denuncia amigos que tinham em torno de 15 ou 16 anos de idade. Lucindo Filho se transferira para o Rio de Janeiro com o pai para continuar os estudos, àquela altura já desejando a faculdade de Medicina carioca. Estudou antes disso no Colégio d. Pedro II, estabelecimento de ensino que formava, no século XIX, os quadros para a política e a burocracia do país.[370] Juntamente com a missiva, os amigos de Diamantina enviavam um exemplar do *Jequitinhonha*, periódico que tinha como redator, em Diamantina, Joaquim Felício dos Santos.

Na carta, percebe-se ainda que Lucindo Filho já estava envolvido na imprensa periódica no Rio de Janeiro. Sua estreia na imprensa ocorrera bem antes. De sua pena foram publicados dois poemas na Marmota.[371] Sobre os anos de juventude, poucos fragmentos restam para recuperar a trajetória do jovem interessado em medicina e literatura. Desse tempo, resta uma missiva assinada por João Júlio dos Santos:

> Lucindo – 19 de dezembro de 1864
> Tenho presente a tua dileta carta, que trouxe-me doces momentos de ventura, e saudosíssimas recordações; – alegrei-me em ver que no teu coração ainda tenho um palpite por mim de amizade – escreve-me sempre, e sempre: – não sabes quanto prazer tenho com as tuas missivas.
> Disseste-me a vida insípida que aí levas. Certo a minha (em férias em São Paulo) nada tem que inveja a tua; creio mesmo que leva-lhe a palma em cinismo...
> Pedes-me poesias minhas; – de bom grado as devo, se não me fora trabalhoso, (conhece-me a preguiça), a copiá-las. Pouco a pouca as irei mandando.
> Quando tiver tempo – ei de enviar-te a mesma análise sobre o poema de Vigny – Eloá – Porque não traduzes – [ilegível] – não a achas muito bela?

---

[368] *A Manhã* (Suplemento Literário), 19 de novembro de 1944, pp. 261ss.

[369] Monsenhor Felisberto Pereira publicou em 1921, sob o título *Auroras de Diamantina e outros poemas,* toda a obra de João Júlio dos Santos que estava dispersa em periódicos e manuscritos. Cf. CANDIDO, Antonio. Textos de intervenção. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 149; CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Ouro sobre Azul, 2006, p. 716.

[370] Para uma análise do papel do Colégio Pedro II na formação da elite letrada brasileira ver: CARVALHO, José M. de. *A Construção da ordem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p.65 ss.

[371] *A Marmota*, n 5, 7, p. 4.

> Tenho para ti uma coleção completa do – *Atheneu Paulistano* – desde 1855 até 1864. Quando houver portador enviar-te-ei, assim como outros livros e folhetos acadêmicos. [...]
> – Adeus até o próximo correio. Lembra-te sempre do teu nobre.
> J. Júlio [...].[372]

As informações extraídas da carta acima auxiliam na composição mental sobre o meio no qual Lucindo Filho crescera nos anos da juventude. Com os amigos de Diamantina, exercitava as letras e também o interesse pela imprensa, pela leitura, pelos estudos. O exercício da tradução de poetas reconhecidos, como Alfred de Vigny, seria característica da produção literária de Lucindo Filho ao longo de sua vida.

Lucindo Filho chegou a Vassouras entre 1871 e 1873. Os seus biógrafos ressaltam sempre a sua "disposição em servir ao próximo". Entretanto, ao melhor estilo Romântico, é sempre prudente desconfiar desse já citado estilo laudatório que marca as biografias da época. As cartas nos ajudam a pisar em solo um pouco mais firme para compreender o personagem e sua trajetória.

Após retornar da Guerra do Paraguai (1865-1870), onde serviu junto ao corpo de médicos, voltou ao exterior em uma missão no Uruguai, ao que parece como voluntário. Em 1871, servindo no Uruguai, Lucindo Filho, ao que parece, trabalhava na contenção de uma epidemia. Dos arquivos garimpados até o momento surgem vestígios incompletos, desconexos e parciais. Na laboriosa e agradável tarefa do historiador de "colar cacos" do passado, vai se recompondo a trajetória desse personagem singular. Em carta de Dias da Cruz (1826-1878), enviada em abril de 1871, lê-se o seguinte:

> [...] Ilmo. amigo e colega Sr. Lucindo Filho.
> Acabo de receber o seu bilhete de despedida acompanhado de sua apreciável tese – agradeço uma e outra, e não podendo provavelmente ir dar-lhe um abraço, por meio desta dou-lhe os parabéns pela honrosa decisão que tomou de ir socorrer os nossos irmãos que sofrem.
> Faço votos a Providência, para que seja bem sucedido em tão nobre empresa, e para nesse povo estrangeiro de novo lustre ao nome brasileiro [...].[373]

---

[372] BN (Brasil), Manuscritos, I-09,07,023.

[373] Carta ao Dr. Lucindo Filho desejando boa sorte e apresentando o enfermeiro Antonio José Henriques. BN (Brasil), I-09,06,093. Fl. 01.

Lucindo escolhera seguir a profissão do pai, que também havia se formado no Rio de Janeiro. Do período no Uruguai, dois bilhetes evidenciam os círculos nos quais Lucindo Pereira dos Passos e seu filho frequentavam na Corte.

Ainda sobre o assunto da carta acima, há dois bilhetes na correspondência de Lucindo, escritos em Montevidéu, sem data e remetidos por Francisco Otaviano. Em um deles, lê-se: "[...] Sou amigo de seu pai e estou as suas ordens. Escreva me dizendo em que posso ser útil [...]".[374] Parece, dessa forma, que o jovem médico podia contar com as redes de conhecidos e influência para se estabelecer e cumprir sua missão no Uruguai.

> Montevidéu, 29 de outubro.
> Meu caro colega.
> Escrevi ao Polidoro recomendando seu filho e a este oferecendo-lhe meu préstimo.Você me faz justiça acreditando que para mim não são necessárias cortes de fidalgos.
> Seu amigo e colega
> Francisco Otaviano[375]
>
> Montevidéu, 28 de outubro.
> [ilegível]
> Sou amigo de seu pai e estou às suas ordens. Escreva-me dizendo em que posso ser útil.
> Amigo e colega,
> Francisco Otaviano[376]

Os Pereira dos Passos estavam, desse modo, inseridos em diversos círculos sociais no Rio de Janeiro Oitocentista, que lhes permitiram ascender socialmente e acessar uma formação relativamente restrita a homens mestiços e negros. Ainda sobre sua condição social, vale salientar algo: Lucindo era pardo, filho de pai pardo[377] e neto de um prestigiado advogado (rábula) – também pardo[378] – na cidade

---

[374] Bilhete a Lucindo Filho dizendo que está a disposição. BN, Manuscritos, I-02,20,083, fl.01.

[375] BN (Brasil), Manuscritos, I-02,20,084.

[376] BN (Brasil), Manuscritos, I-02,20,083.

[377] Existem referências a Lucindo Pereira dos Passos, pai, como sendo negro ou mestiço. Ver: SILVA, Elizabeth Monteiro da. *Doutores da vida ou mestres do latim? Três professores mestiços no imperial colégio de Pedro II (1838–1865)*. VIII Congresso Brasileiro de História da Educação. Disponível em: <http://8cbhe.com.br/media/doc/37a97c99e19d286bed832ae1184e368f.pdf>. Acesso em: 07 de set. de 2016>.

[378] A historiadora Renata Romualdo Diório, em tese sobre *Os libertos e a construção da cidadania em Mariana (1780-1840)* afirma que Lucindo Pereira dos Passos era neto de ex-escravos. Esse trabalho recupera parte da trajetória do advogado e sua atuação em processos de liberdade em Mariana. Cf.

mineira de Mariana na primeira metade do século. Pode-se retroagir até esse antepassado para verificar a "genealogia intelectual" de Lucindo Filho.

Há na Biblioteca Nacional um interessante documento que permite reconstituir parte da trajetória do capitão Lucindo Pereira dos Passos na cidade de Mariana. Entre 1824 e 1826, ele juntou a documentação necessária para peticionar ao imperador, d. Pedro I, ser agraciado com a Imperial Ordem de Cristo. Num primeiro parecer, o pedido foi negado, ainda assim ele foi reencaminhado ao imperador. Filho de Manuel Pereira dos Passos e Rosa Maria Rodrigues, foi batizado em 1778. Seus pais eram naturais de Vila Rica.[379] Segundo atestado anexo à petição, Passos tornou-se soldado em 1792 e foi promovido a cabo de esquadra dois anos depois. Em 1796, foi designado furriel. Em 1805, tornou-se alferes e, em 1814, foi designado secretário por patente. Em 1823, foi reformado; ocupava à época o posto de capitão do regimento de infantaria, por decreto de 23 de junho. Ele declarou ter jurado a Constituição.[380]

Em um dos atestados juntados ao documento, o presidente da província de Minas Gerais declara que Passos estava quite com suas obrigações e atuava como advogado provisionado.[381] Sabe-se que o capitão não fora atendido em seu pedido. Ele continuou atuando como rábula nos auditórios de Mariana até sua morte em 1850. O seu inventário revela que Passos angariou certa fortuna em imóveis, terras e escravos ao longo dos anos. Ao morrer, o espólio foi dividido entre a viúva, Joana Micaela de Mesquita, e seus cinco filhos. No auto de partilha, Lucindo Pereira dos Passos pediu para ficar com os livros de seu pai que já estavam em sua posse.[382] Sobre a biblioteca do capitão Lucindo, tratar-se-á mais adiante.

Em suas *Ephemérides Mineiras,* Xavier da Veiga, ao traçar a biografia de Lucindo Pereira dos Passos (o segundo), destaca uma citação do barão de Tshudi, em viagem a Diamantina em 1859: "Tive o prazer de encontrar lá (na Diamantina)

DIÓRIO, Renata Romualdo. *Os libertos e a construção da cidadania em Mariana (1780-1840).* São Paulo: Universidade de São Paulo (tese), 2013, pp. 160-2 e 244.

[379] BN (Brasil), Manuscritos, C-916, 40, fl. 1.

[380] BN (Brasil), Manuscritos, C-916, 40, fls. 1 – 2 e 2v.

[381] BN (Brasil), Manuscritos, C-916, 40, fl. 5 e 5v.

[382] CSM. Inventário, capitão Lucindo Pereira dos Passos. Códice 27, 2º ofício, auto 666.

um mulato muito escuro, o Dr. Lucindo Pereira dos Passos, muito instruído, em cuja convivência passei horas agradabilíssimas".[383] Naquele contexto, Lucindo Filho já estava morando no Rio de Janeiro. Passos foi correspondente da *Marmota Fluminense*, jornal do editor Francisco de Paula Brito, na década de 1850. Ambos mulatos, evidencia-se ainda mais as redes de sociabilidade e solidariedade nas quais os Pereira dos Passos se inseriram no Rio de Janeiro. Ainda sobre ele, escreve Veiga:

> [...] médico e professor, poeta e, sobretudo, músico notável e exímio latinista, estimado e respeitado por esses predicados que ilustraram-lhe o nome e pelos dotes de seu caráter independente e sincero. Prestou na carreira do magistério, de que foi ornamento, serviços importantes ao país; muito deve-lhe a causa da instrução pública entre nós, e não menos de três gerações de moços receberam dele ensino preciosíssimo [...]. [384]

Lucindo Pereira dos Passos traduziu o manual de latim *Primeiro livro de latinidade contendo gramática, exercícios e vocabulários*, de John McClintock e George Crooks, que por muitos anos foi utilizado no colégio Pedro II.[385] Antes, porém, de se aventurar por terras fluminenses, Passos lecionou em diversos outros colégios.

> Fixando residência na cidade do Serro, aí esteve clinicando até 1853, época em que se mudou para Diamantina. Nesta última cidade dirigiu o Ateneu de São Vicente e Paula entre 1859 e 1860, e foi professor público de francês e latim. Em 1861 querendo acompanhar o seu filho mais velho que precisava concluir os estudos preparatórios para matricular-se na Faculdade de Medicina, requereu ao governo transferência do seu lugar de professor público de latim de Diamantina para Juiz de Fora. [...] Veio para Juiz de Fora onde esteve os anos de 1861, 1862 e 1863 como professor no colégio Roussim. Em 1864 foi para o Rio de Janeiro e nesse mesmo ano teve de reger, no Colégio de Pedro II, a cadeira de História do Brasil [...]. Em 1865 entrou em concurso com o Dr. João da Cruz santos para a cadeira de latim

---

[383] Barão de Tshudi apud VEIGA, Xavier da. *Ephemérides Mineiras*. Vol. II. Ouro Preto: Imprensa Oficial, 1897, p. 518.

[384] VEIGA, Xavier da. *Ephemérides Mineiras*, Vol. II. Ouro Preto: Imprensa Oficial, 1897, p. 516.

[385] "Mostrei praticamente perante Sua Majestade que um estudante pode, quase sem trabalho, saber em dois anos o que raríssimos aprendem com grande trabalho em sete no Imperial Colégio de Pedro II. Foi isso devido ao emprego da presente Gramática Latina, que traduzi para o uso desse Imperial Colégio, onde sou professor de língua latina [...]". PASSOS, Lucindo Pereira dos. "Ao leitor". *In*: MC CLINTOCK, John & CROOKS, George R. *Primeiro livro de latinidade contendo gramática, exercícios e vocabulários:* baseado no método constante de imitação e repetição. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Nicolau Alves, 1885, p. 1.

> do mesmo Colégio, sendo escolhido e nomeado. Esteve na cadeira até 1889 [...].[386]

O velho Lucindo morreu em Vassouras em 1891. Sua trajetória ilustra bastante a formação que tinha e o aparato cultural que legou ao filho. Por isso, passar em análise a trajetória do pai e do avô amplia a compreensão sobre a bagagem cultural e a erudição herdadas e desenvolvidas por Lucindo Filho.

Muitas podem ser as respostas para a questão da motivação que levou o Jovem Lucindo Filho a Vassouras em 1871. Sabe-se que, quase imediatamente, ele assumiu um dos postos médicos na Santa Casa de Misericórdia. Talvez estivesse ali a oportunidade para um jovem recém-formado. A cidade oferecia a quem chegasse a vista de um centro urbano próspero graças ao cultivo do café. A rubiácea – plantada em vastas propriedades rurais, cuidada pelas mãos negras de escravos – trouxe luxo e riqueza para alguns e mudou, para o bem ou para o mal, a vida de muitos. Transformada em vila em 1833, elevada a município em 1857, Vassouras vivia o auge da produção cafeeira nos anos setenta. Com a construção da Estrada de Ferro Dom Pedro II, a cidade ficou a apenas algumas horas da Corte. Enquanto na área rural o cenário era dominado pelas fazendas, na área urbana brotavam ricos casarões, praças, ruas calçadas e todo o tipo de serviço que uma cidade podia oferecer.

No entanto, algo faltava a Vassouras. Havia lojas, modistas, oficinas, cervejaria, teatro, biblioteca pública, vendedores de todo tipo, saraus e bailes para animar a “boa sociedade”. Todavia, a cidade até 1873 não possuía um jornal. Não havia imprensa local. Uma publicação sequer. Um município com quarenta mil habitantes, ainda que a metade vivesse na condição de escravos, não dispunha de um periódico sequer. Tentativas houve várias, como demonstrado no primeiro capítulo.

Como foi citado acima, houve uma letargia no aparecimento da imprensa periódica local. Os motivos foram discutidos e analisados à luz da pressão que certos grupos imprimiam àquela sociedade. Lucindo Filho gravitava em torno desses grupos, sem dúvida, mas a eles não sucumbiu. Na sua redação, estava Alberto

---

[386] VEIGA, Xavier da. *Ephemérides Mineiras*, Vol. II. Ouro Preto: Imprensa Oficial, 1897, p. 517.

Brandão, Rodolfo Leite Ribeiro, Herculano de Figueiredo e o recém-chegado à cidade, Lucindo Filho.

O Município, como foi batizado, pertencia a Raimundo Macedo de Pimentel. Ele mesmo assinara o editorial do segundo número do periódico para justificar a existência do jornal e corroborar a lenda contada por Ignácio Raposo, ao constatar que o jornal havia sido mal recebido em Vassouras e a ideia de uma imprensa livre ainda assustava aqueles que temiam a discórdia trazida pela livre opinião.[387] Esse era o ambiente no qual Lucindo chegara a Vassouras. *O Município*, depois de breve interrupção (entre 1875-76), voltou em 1877, dirigido exclusivamente por ele.

Na imprensa local, duas atividades merecem destaque: a política e a literatura. Para esta última, começou a despontar um Lucindo Filho poeta e tradutor. É possível acompanhar nas páginas dos periódicos locais e de outras partes da Província o recorrente nome de Lucindo assinado em poemas e sonetos. Casado com Eulina Passos, com quem teve oito de seus filhos, o jornalista começou a aglutinar várias ocupações. Nunca abandonara a profissão de médico. São inúmeros os anúncios de seus serviços, inclusive no Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial (doravante *Almanaque Laemmert*) – grande vitrine da sociedade oitocentista da província do Rio de Janeiro – a partir de 1875.

Estabelecido em Vassouras, Lucindo torna-se professor em vários colégios da cidade. Sabia latim, inglês e francês. Deu aulas nos colégios Brandão e Calvet e dedicava longos editoriais para debater os problemas da instrução primária no Brasil. A biblioteca sucintamente descrita pelos avaliadores após sua morte – tendo por critério a divisão entre livros de capa dura e brochuras – foi sendo ampliada ao longo do tempo, sendo necessária a um intelectual, professor, poeta e redator uma à altura de sua erudição.

Longe de ficar encerrado em Vassouras, Lucindo viajava frequentemente à Corte para visitar amigos e, provavelmente, seu pai. Tinha crédito em lojas da Corte como a Cardoso Pereira de Lima, situada na Rua da Quitanda, número 34. Em uma nota de compras anexada ao inventário, sabe-se que consumia artigos diversos como fitas, barbante, pó de arroz, meias, tecidos, chocolates, botas, rendas, gravatas, guardanapos, chapéu, cinto, tapete e livros, entre muitos outros. Pelas

---

[387] *O Município*, nº 02, 22 de junho de 1873.

datas de compras, ele aparecia na loja pelo menos quatro vezes por mês.[388] Há muitas notas e recibos, o que denota que Lucindo Filho era um bom cliente e tinha crédito. Não deixava de ser um *bom vivant*, no que há de mais positivo na expressão.

Aliado aos dotes literários e à atividade de médico-jornalista, também era músico. Compunha especialmente peças para piano. Valsas e polcas, dentre elas.[389] Para o prazer diletante, adquiriu um piano *Gaveau* em 1889, doado antes de morrer para a filha mais velha e excluído do inventário.

Retornando à atividade de redator, Lucindo fundou, em 1882, o periódico *Vassourense*. Entre 1880 e 1881, a cidade viveu sua mais severa epidemia de febre amarela. A doença, que há muito assustava os moradores da corte e demais centros urbanos, ceifou vidas em Vassouras, inclusive redatores de outros periódicos locais. Além disso, provocou um esvaziamento do centro urbano. A maioria da população que podia fugiu para as áreas rurais, onde – ainda sem explicação – a febre não se desenvolvia. Ficaram os pobres. Ficou Lucindo, trabalhando na Santa Casa de Misericórdia. Entretanto, sua maior empreitada foi manter por tanto tempo, até 1896, ano de sua morte, a publicação do mais longevo periódico do Vale do Paraíba Fluminense no XIX.

A outra parte da correspondência que chegou até esses dias dá conta das relações de Lucindo Filho com a imprensa periódica de Vassouras. De 1877, há uma carta de despedida e desculpas enviada da redação do jornal *O Contemporâneo*:

> *Redação do Contemporâneo*
> *20, Rua do Ouvidor*
> *Rio de Janeiro*
> Corte 27 de Dezembro de 1877.
> Imo. Sr. Dr. Lucindo
> Saúde e Felicidades
> Cheguei ontem à Corte onde ofereço-lhe o meu insignificante préstimo, pedindo-lhe desculpas de não me ter despedido pessoalmente visto ter-me decidido a retirar-me a última hora.
> Estou certo que serei absolvido por esta falta involuntária.
> Cordialmente agradeço-lhe as frases lisonjeiras que dispensou-me nas colunas de seu "Município".
> Dr. Lucindo sempre ao seu dispor aceite os protestos de minha estima e consideração.

---

[388] *O Município*, nº02, 22 de junho de 1873, fl. 36.

[389] A Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, guarda algumas partituras compostas por Lucindo Filho. Cf: <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/externo/busca.asp>. Acesso em 10: de agosto de 2013.

> Seu amigo e criado
> Veríssimo do Bonsucesso.[390]

Veríssimo José do Bonsucesso (1842-1886) foi poeta e jornalista. Traduziu peças teatrais que foram apresentadas em diversos teatros fluminenses.[391] As escusas na missiva acima mostram sua presença em Vassouras e o contato com Lucindo Filho. O redator d'*O Município* à época também frequentava, com seus textos, os jornais publicados na Corte. Em fragmento de correspondência de 1877, Ferreira de Araújo solicita outros.

> [...]
> Rio de Janeiro, 18 de Janeiro de 1877.
> Lucindo (ex-incitatus)
> Transcrevi como viste o teu artigo; amanhã publico a retificação. Agora pedem-me os apreciadores que publique na Gazeta os outros que dizes ter já publicado e os que pretendes publicar.
> Fazes esse favor ao [ilegível] amigo e colega,
> Ferreira de Araújo [...][392]

José Ferreira de Souza Araújo (1848-1900) foi poeta e jornalista. Formou-se em Medicina em 1867. Frequentava os meios literários e a imprensa do Rio de Janeiro.[393] A correspondência esparsa citada a seguir compreende a década de 1880. São ligeiras linhas sempre elogiosas ou comentários acerca de conteúdos que foram publicados pelo redator nos periódicos por ele editados.

> Ilmo. Sr. Dr. Lucindo Filho
> Caxambu, 19 de setembro de 1884.
> O acaso deparei-me aqui a leitura da notícia, para mim mui lisonjeira, que o *Vassourense* dá de meu último livro de versos, e, supondo ser V. S. o redator dessa folha, agradeço-lhe cordialmente em obséquio tão espontâneo.
> Com toda consideração [ilegível].
> De V. S.
> [ilegível]

---

[390] BN (Brasil), Manuscritos, I-09, 06, 022.

[391] BLAKE, Sacramento. *Dicionário biobibliográfico brasileiro*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970, p. 347.

[392] BN (Brasil), Manuscritos, I-09, 05, 041.

[393] BLAKE, Sacramento. *Dicionário biobibliográfico brasileiro*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970, p. 428.

P. Corrêa de Almeida[394]

O padre José Joaquim Corrêa de Almeida esteve em Vassouras no mês anterior. O *Vassourense* publicou uma nota saudando o "poeta mineiro". As cartas reunidas aqui também apontam para discussões e críticas acerca dos trabalhos publicados nos periódicos locais.

> Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1887.
> Exmo. Sr. Dr. Lucindo Filho
> Enaltecido, e sumamente penhorado, a honrosa remessa com que a benevolência de V. Ex. aprouve de me distinguir, de um bilhete de vistas na qual se dignou de me dirigir expressões de acendrada generosidade e a que acompanharam um exemplar do *Almanach do Vassourense* para 1887 e ao nº 48 (VI ano) de 27 de novembro de 1887, em que destaca valioso e autorizado artigo de V. Ex. sob o título *Uma questão ortográfica* cumpro gratíssimo dever manifestando a V. Ex. entranhado reconhecimento a tantas e tais inequívocas demonstrações de gentileza para com quem se preza de ser
> De V. Ex.
> Admirador convencido, e amigo e confidente muito grato
> Guilherme Bellegarde[395]

Sobre o *Almanach do Vassourense*, discorrer-se-á mais longamente no último capítulo. A carta de Guilherme Cândido Bellegarde (1836-1890) é generosa em elogios a Lucindo Filho. O literato fluminense possui pelo menos uma dezena de textos críticos com os quais adentrava a cena literária provincial na segunda metade do Oitocentos.[396] O projeto editorial do Almanaque foi ambicioso e mobilizou diversos nomes da literatura naquele momento.

> Meu caro Lucindo
> Em tempo recebi o Almanaque que tão bem aceito tem sido. Senti não ter podido enviar alguma coisa nova, conforme seus desejos, por falta de tempo e inspirações de modéstias.
> Bem desejo [ilegível], mas [ilegível] para fazer e só um, outro trabalho ligeiro e sem muito é que lhe podem remeter. Acredito que o – João [ilegível] – há de agradecer por ser coisa [ilegível] da atualidade, e se assim for lhe enviarei [ilegível], copiados no verso.
> Saudades ao Rodolfo e mais amigos.

---

[394] BN (Brasil), Manuscritos, I-09,05,015.

[395] BN (Brasil), Manuscritos, I-09,05,086.

[396] Cf. COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2 vols. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001; BLAKE, Sacramento. *Dicionário biobibliográfico brasileiro*. Vol. III. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970, p. 347.

> 7-5-87
> [ilegível] Tavares [ilegível].[397]

A carta fragmentada e com muitas palavras ilegíveis serve para reafirmar a deferência com a qual parte dos homens ligados à cena literária fluminense tratava tanto o redator quanto as realizações de sua tipografia. Àquela altura, com cinco anos de funcionamento ininterruptos o periódico já se destacava da maioria das folhas publicadas no Brasil ao longo do século XIX. Tavares ainda faz menção a Rodolfo Leite Ribeiro, ativo colaborador do *Vassourense*, que atuava como advogado em Vassouras.

A missiva abaixo reporta um pedido de Lucindo Filho, ao que parece, para enviar auxílio no tratamento de alguma doença que grassava na cidade. Vale lembrar que, entre 1880 e 1881, a cidade sofreu a sua pior epidemia de febre amarela.[398] Como médico, Lucindo publicou alguns trabalhos acerca de epidemias e mantinha contato nos círculos médicos da Corte.

> Caro colega e amigo.
> Recebi a sua estimada carta, e tratei imediatamente de providenciar de modo que no fim da semana que entra, a população dessa cidade possa utilizar do meu meio profilático. Pedirei ao meu colega todas as informações futuras sobre as pessoas que quiserem inocular-se, para [ilegível] em ata verificação estatística no fim da epidemia reinante.
> As condições de que me fala são a boa vontade do meu colega Dr. Caminhoá, que encarreguei a essa cidade para o fim aludido, e a grande satisfação de cumprir um dever patriótico e de servir a um bom amigo como você.
> Abraça-o o
> Domingos Freire[399]

Domingos José Freire Júnior (1843-1899) foi médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Dedicou-se à pesquisa sobre a febre

---

[397] BN (Brasil), Manuscritos, I-02,23,044.

[398] Ver: *Vassourense*, especialmente os números publicados em 1882 que recuperam a memória da epidemia de febre amarela ocorrida nos anos anteriores; TEIXEIRA, Aline O. A Epidemia de Febre Amarela na cidade de Vassouras, 1880-1881. Disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276742283_ARQUIVO_FebreAmarelaemVassouras,1880-1881.pdf>. Acesso em: 10 de out. de 2017.

[399] BN (Brasil), Manuscritos, I-09, 07, 033.

amarela, tendo publicado estudos sobre o tema, inclusive testando vacinas.[400] No entanto, a correspondência ia além dos limites fluminenses, dilatando esse círculo de sociabilidades que envolvia os redatores da imprensa em Vassouras.

> [...]
> Ilustrado mestre
> Peço-lhe que me envie o nº do *Vassourense* em que publicou este soneto, pois é grande a dificuldade que há por aqui de encontrar-se o seu jornal. O amigo [ilegível].
> Affonso Guimarães
> Ouro Preto, 9 de novembro de 89.[401]

> Juiz de Fora, 12 de novembro de 1889.
> Ilustre colega, Sr. Dr. Lucindo Filho.
> Beijo-lhe as mãos pela lisonjeira matéria do aparecimento de meu modesto livro de estreia, dada no último número de seu primoroso "Vassourense".
> Com a animação de distintos homens de letras como o meu ilustre colega, quase que me perdoo a ousadia de reunir em volume meus pecados métricos.
> Rogo-lhe, pois, aceitar os protestos de gratidão do [ilegível] colega, admirador e [ilegível].
> Heitor Guimarães[402]

A reclamação do jovem Afonso Guimarães (1870-1921) evidencia a circulação geográfica do periódico. Sua repercussão se dava exatamente por publicar textos literários de jovens escritores brasileiros do período. Sem datação, a missiva saiu da pena de um jovem mineiro em formação que despontaria mais tarde com significativa poesia simbolista.[403] Heitor Guimarães (1869-1937) foi poeta, jornalista e professor.[404] Também natural de Minas Gerais, foi redator da *Gazeta da Tarde*, periódico publicado entre 1889 e 1890, em Juiz de Fora. Na correspondência passiva de Lucindo Filho também há menção à publicação de suas traduções do poeta latino Virgílio.

---

[400] BLAKE, Sacramento. *Dicionário biobibliográfico brasileiro*. Vol. III. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970, p.215.

[401] BN (Brasil), Manuscritos, I-09,07,058.

[402] BN (Brasil), Manuscritos, I-09,07,060.

[403] COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001, p. 145.

[404] BLAKE, Sacramento. *Dicionário biobibliográfico brasileiro*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970, p. 207.

> Ilmo. Sr. Dr. Lucindo
> Em alguma hora de partir de coisas mais sérias, faça-me o favor de ver o devaneio incluso, sobre o qual não quero dar-lhe maçada de escrever qualquer coisa; mas conversaremos.
> Escreveria eu alguma asneira, por falta de conhecimento dos intérpretes de Virgílio? Bem pode ver: só vi o que deles cita Odorico, e as notas de La Rue.
> Deixei o escrito, por cautela, anônimo.
> Sempre do amigo, obrigado.
> Cristiano Benedito Ottoni
> 10bro 5[405]

Cristiano Benedito Ottoni (1811-1896), engenheiro e funcionário público, teve destacadas posições políticas no Império. Publicou obras técnicas e políticas acompanhando as transformações que ocorreram no Brasil ao longo da segunda metade do século XIX. A carta endereçada a Lucindo Filho faz referência à publicação da obra *Novas Virgilianas*, na qual o tradutor inclui um estudo crítico acerca das traduções de Virgílio para a língua portuguesa. [406] Anexa à carta estaria um texto de Ottoni sobre o qual pedia uma leitura crítica. Dessa forma, ligam-se as atividades de imprensa e literárias do redator do *Vassourense* com um círculo ampliado de homens de letras, intelectuais imersos nas mais diversas questões latentes à sociedade da época. A publicação das traduções de Virgílio também aparece na correspondência.

> Redação do *Município Neutro*
> Escritório
> 32, Rua Gonçalves Dias 32 [impresso]
>
> 13-3-89
>
> A carta que me escreveu fica em meu poder como um penhor de amizade – agradeço-a. Recebi o livro Novas "Virgilianas" já o conhecia, adoro Virgílio, consequentemente não era possível que eu o deixasse passar pela língua portuguesa,trazida pelo meu amigo, sem imediatamente sair ao seu encontro. O artigo sobre o Cotegipe (O livro humano) está [ilegível] de erros há lá uns [ilegível] ou causa equivalente que o meu amigo far-me-á o favor de emendar para [ilegível].
> Não esqueci a minha promessa. O Bilac recomenda-se (ou te).
> Aperto-lhe afetuosamente as mãos e subscrevo-me.
> Coelho Neto.[407] (sublinhado no original)

---

[405] BN (Brasil), Manuscritos, I-02,20,053.

[406] Cf. PASSOS FILHO, Lucindo Pereira dos (tradutor). *Novas Virgilianas*. Vassouras: Tipografia do Vassourense, 1888, pp. 57-85.

[407] BN (Brasil), Manuscritos, I-09, 06, 075.

Mesmo com lacunas ilegíveis, o documento acima amplia a percepção dos contatos que Lucindo Filho possuía fora de Vassouras. O autor da missiva, Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934), comenta o livro *Novas Virgilianas*, publicado em 1888. Esse autor mantinha estreitas relações com Vassouras.

> Seu primeiro trabalho na imprensa foi no Jornal do Comércio, onde, aos 17 anos, escrevia poesia. A amizade com José do Patrocínio rendeu-lhe um emprego no jornal Gazeta da Tarde. A partir daí passou a escrever nos principais jornais da cidade, obtendo um sucesso vertiginoso. Nesse período, conviveu com grandes nomes do movimento abolicionista como Olavo Bilac, Raul Pompeia, Paula Nei e seu amigo José do Patrocínio. A chamada "Boemia literária" se reunia nos cafés e confeitarias da rua do Ouvidor, dos quais Coelho Neto era frequentador assíduo. O fim da fase boêmia se deu em 1890 com o casamento com Maria Gabriela Brandão, filha de Alberto Brandão, conhecido educador com boas relações com as elites fluminenses – além de deputado provincial, Alberto Brandão seria também deputado federal de 1891 a 1893. Provavelmente o prestígio do sogro foi responsável por sua nomeação, ainda em 1890, para o cargo de secretário de Governo do Estado do Rio de Janeiro, e no ano seguinte, para diretor dos negócios do Estado, da Justiça e Legislação, durante o governo de Francisco Portela (1889-1891).[408]

O casamento com a filha de Alberto Brandão evidencia que Coelho Netto mantinha relações próximas com os homens da cena pública em Vassouras. Na carta enviada a Lucindo, ele cita a "recomendação de Bilac", membro da boêmia literária da qual fazia parte. Há inúmeros textos de Olavo Bilac publicados no *Vassourense*, do qual era colaborador. Das cartas de 1887, a última revela essa proximidade:

> Meu caro Dr. Lucindo Filho.
> De volta da Corte onde fui passar oito dias vim aqui encontrar a sua amável cartinha. Não me esqueci do próspero e brilhante Vassourense e muito menos do seu distintíssimo redator.
> Se não tenho escrito, meu amigo, mandando versos para o seu jornal, é que, aborrecido e triste, como aqui vivo, sem saúde que me anime a trabalhar, sem família que me console, sem amigos verdadeiros, morto de tédio e morto de saudade, – nem tenho vontade de fazer versos. Que estúpida cidade é São Paulo! Que gente pérfida, que clima impossível!
> Dos poucos versos que tenho perpetrado mando-lhe alguns para o Almanaque.
> Não prestam: ainda assim, são os melhores que tenho feito ultimamente.
> Abraça-o seu amigo e admirador.

---

[408] FERNANDEZ, Renato Lana. COELHO NETTO, Henrique. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/COELHO%20NETO.pdf>. Acesso em: 20 de jan. de 2018, s/p.

Olavo Bilac.[409]

Segundo Waldir Ribeiro do Val, biógrafo de Raimundo Corrêa, Olavo Bilac esteve em Vassouras em novembro de 1888.[410]

As relações com a imprensa fora do Vale são evidentes pelo número de textos de Lucindo Filho publicados em periódicos fluminenses. Além disso, houve tentativas de estreitar ainda mais esses laços, como demonstra Valentim Magalhães.

> Ilmo. Sr. Redator do Vassourense
> Rio, 3 – 11- 85.
> Espero que o fato de não ter o prazer de conhecê-lo pessoalmente não será obstáculo a que me preste o favor que lhe vou pedir. Acha-se presentemente aí o Sr. Leonel Guerra, agente e representante d'A Semana, que anda percorrendo a província do Rio. Peço-lhe que o auxilie com a sua valiosa proteção, facilitando-lhe as dificuldades na sua espinhosa missão. Creio-me autorizado a fazer-lhe este pedido pelas boas palavras que em meu louvor mais de uma vez me tem dirigido, sem que eu mereça.
> Agradecendo, e pondo-me às suas ordens, seu
> Colega e amigo
> Valentim Magalhães.[411] (sublinhado no original)

O redator d'*A Semana*, Antônio Valentim da Costa Magalhães (1859-1903), frequentava o meio literário carioca. Jovem, dirigia à época o periódico no qual diversos nomes da literatura divulgavam e debatiam seus trabalhos. Magalhães possui significativa obra que pode ser dividida entre poesia, teatro, crônicas etc. [412] Dezenas de nomes da literatura frequentaram as páginas d'*A Semana*. Nelson Werneck Sodré lembra que "os homens de letras viviam praticamente da imprensa: é ela que lhes permitia a divulgação de seus trabalhos e contato com o público".[413]

Entre 1885 e 1889, período que Raimundo Corrêa viveu em Vassouras e atuava no cargo de juiz municipal, a cidade recebeu a visita de inúmeros

---

[409] BN (Brasil), Manuscritos, I-09,08,008.

[410] VAL, Waldir Ribeiro do. *Vida e obra de Raimundo Correia*. Brasília: INL/MEC, 1960, p. 94-5.

[411] BN (Brasil), Manuscritos, I-09,08,013.

[412] BLAKE, Sacramento. *Dicionário biobibliográfico brasileiro*. Vol. I. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970, p. 324.

[413] SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 288.

personagens ligados à cena literária brasileira. Ribeiro do Val assim descreve aquele cenário urbano de Vassouras em meados daquela década. Segundo o autor, referindo-se a Corrêa:

> Em Vassouras, o ambiente foi-lhe favorável às atividades literárias. Encontrou ali alguns espíritos irmãos, também afeitos à literatura, como Lucindo Filho, Alberto Brandão, Rodolfo Leite Ribeiro, Alfredo Pujol, Jorge Pinto. A cidade ia adquirindo importância cultural. Em 1885 chegaram a circular no município nada menos do que nove jornais: *Vassourense, O Rodeiro, O Club, O Porvir, O Lábaro, O Canário, O Tentâmen, A Quinzena, O Beija-Flor*. [...] Eram periódicos de curta vida; e entre os citados estão pequenas folhas escolares. Mas o número avultado delas dá bem ideia da animada fase literária por que passava a cidade.[414]

Essa fase literária mencionada por Ribeiro do Val aprofundou as sociabilidades e os laços entre aqueles homens. O biógrafo afirma que "seu ponto de reunião predileto era a redação do Vassourense, na Rua barão de Vassouras, nº 61. Ali se ajuntavam, em inesquecíveis palestras, os intelectuais da terra".[415]

A seguir, passa-se à análise de quatro cartas da correspondência ativa de Lucindo Filho. A primeira endereçada a Ramiz Galvão, quando assumia a função de bibliotecário na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. As outras três enviadas a Lúcio de Mendonça entre 1887 e 1888, então residente na cidade de Valença.

> Ao amigo e colega Franklin
> Saúde e felicidades
> Admirar-te-á de eu escrever-te, mas preciso resolver uma dúvida, e só você, diretor da Biblioteca e sempre tendo à mão todos os elementos [ilegível] a pode resolver.
> Desejo que vejas nas edições das "Cartas do Padre Vieira" uma datada de 3 de Julho de 1696, e dirigida ao Padre Balthazar Duarte. Começa assim: "Há perto de quinze dias, como tenho escrito em outras, aqui estou <u>sustentado</u> à capa nesta grande tempestade de catarros [sic] etc."
> Quero que me comuniques se é <u>sustentado</u>, como vem nos "Trechos Clássicos", ou <u>sustentando</u> como eu creio que deve ser.
> Já insidiei buscar no Garnier uma edição das "Cartas", mas ele respondeu-me que não tinha.
> Aqui fica as tuas ordens o colega e amigo
> Dr. Lucindo Filho
> Vassouras, 21 de dezembro de 1876.[416] (sublinhados no original)

---

[414] VAL, Waldir Ribeiro do. *Vida e obra de Raimundo Correia*. Brasília: INL/MEC, 1960, p. 74.

[415] Ibidem, p. 74.

[416] IHGB, Lata 419/Pasta 20. Carta de Lucindo Filho ao dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, pedindo verificar a exatidão de uma palavra na edição pertencente a Biblioteca Nacional, das "cartas do padre Vieira", 1876.

O preciosismo sobre o qual Lucindo Filho dá-se à tarefa de escrever ao amigo pode parecer algo superficial. Contudo, a carta evidencia duas características que foram buscadas até aqui nesta análise da correspondência enviada e recebida pelo redator: primeiro, reforça que Lucindo estava imerso em uma grande rede de sociabilidade que contava com importantes personagens do cenário cultural da província e da Corte. Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1846-1938) foi nomeado para dirigir a Biblioteca Nacional em 1870 e lá permaneceu por doze anos.[417] O pedido para a consulta no exemplar das Cartas do padre Antônio Vieira revela a proximidade de ambos. O segundo aspecto trazido pela missiva reforça a trajetória intelectual de Lucindo Filho. O conjunto de seus textos denota sua curiosidade pela língua portuguesa, questões filológicas e, não menos, o amor pelos livros. Em todos os textos publicados após a sua morte, que foram consultados para este trabalho, essas características estão presentes.

Reforçar os interesses intelectuais dos homens que se ocuparam da imprensa em Vassouras, Lucindo Filho em especial, ajuda a construir o quadro histórico no qual aparecem as tipografias, os periódicos, as bibliotecas e o poder da palavra impressa para aquela parcela da sociedade. Saltando para a década seguinte, há duas últimas cartas a serem analisadas.

> Meu caro Lúcio (deixemos o doutor)
> Com esta envio-lhe o Diário Mercantil que pede.
> A minha preguiça tem-me feito não responder com regularidade às suas cartas, como devia. Peço-lhe desculpa.
> Espero com brevidade o seu artigo que por força de o seu tom como todos que saem de sua pena.
> Esta em projeto de ir dar-lhe [três palavras ilegíveis]. Logo que se reestabeleça minha filha que está doente, lá vou.
> Saudades ao Carvalho.
> Abraça-o o amigo
> Lucindo Filho
> Vassouras, 21 de Maio de 1887. (sublinhados no original)
>
> Meu caro Dr. Lúcio:
> O nosso Almanaque já vai muito adiantado, e está à espera do que me prometeu.
> Já se pode ir aí dar-lhe sova no [ilegível], ou ainda está a cidade interdita?
> Abraça-o o amigo e admirador

---

[417] Ver: CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. *O bibliotecário perfeito: o historiador Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional.* Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13985/Tese_Ana%20Paula%20Sampaio%20Caldeira_vers%C3%A3o%20final_p%C3%B3s%20defesa.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 03 de jan. de 2018.

> Lucindo Filho
> Vassouras, 22 de Novembro de 1887. (sublinhado no original)
>
> Vassouras 14 de Janeiro de 1888,
> Meu caro Dr. Lúcio.
> Muitas boas festas.
> Recebi em tempo a sua boa versão do conto de Coppéu. Infelizmente, porém, esse conto já foi publicado no Vassourense, traduzido por Francélio Marques, razão pela qual não o incluí no Almanaque, mas sim a sua interessante discussão com Olavo sobre Castro Alves e Gonçalves Dias.
> Desculpa-me, sim?
> No dia 1º aí terá o nosso Almanaque.
> Abraça-o o amigo e admirador
> Lucindo Filho[418] (sublinhados no original)

Ao apresentar e analisar as três cartas em sequência, pode-se notar que há uma continuidade temática entre elas. Lucindo Filho escreve a Lúcio de Mendonça textos curtos que noticiam os projetos de ambos na imprensa periódica local. Trata do envio do *Diário Mercantil*, dos textos que foram publicados no *Almanack do Vassourense* e denota a relação de amizade entre ambos. Referências a esse grupo intelectual de Vassouras, reunidos em torno dos jornais e interessados, dentre outros assuntos, em literatura, podem ser recuperadas também na correspondência entre Lúcio de Mendonça e Raimundo Corrêa.

A recepção de textos inéditos, e sua apreciação para uma eventual publicação, também aparecem em carta enviada por Nuno Álvares à redação do *Vassourense*.

> Caríssimo
> Peço-lhe que dê uma busca na sua papelada e que me descubra e remeta, dois pequenos trabalhos que escrevi para o Vassourense, os quais segundo a índole do mesmo jornal estão fora do programa, são eles:
> O diabo a quatro.
> A mulher de Putifar.
> Estou tratando de fazer uma publicação dessas fantasias, e em tempo conversaremos a respeito.
> Diga ao nosso amigo o Sr. Sayão que de nova lhe mando a remessa da minha conta de medicamentos, para mandá-la pegar e que não recebi o seu Almanack.
> Saudades a ele e a [ilegível] Augusta.
> Envio-lhe um escrito sobre Tinguá.
> Todo seu
> Nuno Álvares

---

[418] FCRB, Lucindo Filho Correspondência (3),Vassouras RJ, de 21 maio 1887 a 19 jan 1888. Disponível em: <http://docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=Lmendonca> Acesso em: 04 de jan. de 2018.

Em 30 de [ilegível].[419] (sublinhado no original)

Nuno Alvares Pereira e Souza foi próximo de Machado de Assis. Haviam se conhecido nos tempos da *Sociedade Petalógica* de Francisco de Paula Brito. Atuava naquele contexto como advogado, formado pela faculdade de Direito de São Paulo.

Após essa longa apresentação e apreciação da correspondência enviada e recebida por Lucindo Filho e pela redação do *Vassourense*, pode-se encetar algumas conclusões. A recuperação da trajetória pessoal e intelectual de Lucindo Filho, numa genealogia que remonta a Mariana, aponta para a atuação de um intelectual engajado nas artes literárias e que utilizou a imprensa periódica para se colocar nesse campo que estava em pleno desenvolvimento a partir das décadas de 1870 e 1880.

O espaço público, de Vassouras e fora dela, contava com a participação de Lucindo Filho e do grupo de homens que paulatinamente passou a gravitar em torno de sua figura. Essa assertiva, já posta neste trabalho, precisa ser reforçada. A memória sobre a imprensa de Vassouras é indissociável da sua figura. Nos círculos intelectuais, das décadas finais do Oitocentos, a memória da cidade de Vassouras estava dividida entre sua pujança econômica que derivava da lavoura cafeeira, controlada pela nobiliarquia do café – classe senhorial que, como já demonstrado, foi sustentáculo político do Império – e sua imprensa, notadamente o *Vassourense*, que reunia entre seus colaboradores parte dos intelectuais literários da província e da Corte.

Quadro 13. Colaboradores do Vassourense, 1882-1889

Nome	**Nascimento**	**Ocupação principal**
Alberto Brandão	1848	Professor
Alberto de Oliveira	1857	Funcionário público
Alfredo Pujol	1865	Advogado/jornalista
Antônio Augusto de Lima	1858	Magistratura e político
Boaventura Plácido Lameira de Andrade	-	Professor
Domiciano Pinto	-	Advogado
Domingos de Almeida	-	Advogado
Dr. Avellar Fernandes	-	-

(Continua)

[419] BN (Brasil), Manuscritos, I-09,05,022.

Quadro 13. Colaboradores do Vassourense, 1882-1889 (Continuação)

Nome	Nascimento	Ocupação principal
Dr. Gonçalves de Carvalho	-	-
Dr. Rodrigo Otávio	1866	Magistratura
Dr. Valentim Magalhães	1859	Professor
Francélio Marques	1842	Professor
João Julião Manso Saião		Farmacêutico
Jorge Pinto	1965	Médico
José Faustino da Fonseca Silva	1835	Advogado/capitão da Guarda Nacional
José Ricardo de Albuquerque	-	Engenheiro
Lourenço Maximiano Pecegueiro	-	Funcionário público
Lúcio de Mendonça	1854	Magistratura
Nuno Alvares	-	-
Olavo Bilac	1865	Advogado, jornalista e poeta
Raimundo Corrêa	1859	Magistratura
Rodolfo Leite Ribeiro	-	Advogado

Fontes: *Vassourense* (1882-1889); Silva (1999); Silva (2002); Blake (1970)

O periódico teve, nesse intervalo, vinte e um colaboradores fixos. Seu desligamento do periódico ocorria, na maioria das vezes, por conta do seu falecimento. Momento no qual, aliás, vêm à tona informações detalhadas na publicação do necrológio, o que permitiu a composição mais completa do quadro acima. Dado relevante ainda pode ser apontado ao observar-se que a maioria dos colaboradores do Vassourense eram jovens recém-saídos dos cursos superiores disponíveis no país à época, quase 50% nascidos já na segunda metade do Oitocentos. Ao quadro de colaboradores juntam-se os demais: redatores e professores, muitos deles se confundindo, reforçam os ambientes comuns pelos quais esses homens circularam em Vassouras.

A trajetória de Lucindo Filho, ao longo da década de 1880, passa-se a confundir com a própria trajetória do jornal por ele fundado. A estabilidade do jornal fez com que ele se tornasse um espaço no qual vários escritores e políticos publicavam e debatiam suas ideias. Mesmo esbarrando na censura, da qual o acusaram diversas vezes, ele resistiu. Sobre a sua obra, Alfredo Gomes fez a seguinte análise.

> Lucindo Filho – Mineiro, nascido em 1847, foi médico de valor e professor ilustre.
> Como tradutor de mérito deixou provas brilhantes de sua educação clássica nas *Virgilianas* e nas *Novas Virgilianas*, em que verteu o Cisne de Mântua.
> Foi também engenhoso parafraseador de autores espanhóis, italianos, ingleses, chineses e turcos; melhor porém, fora que houvesse consagrado

> seu estro a composições da própria lavras, das quais apenas pegou á posteridade um modesto volume de poesias medíocres – *Flores exóticas*.[420]

O juízo da obra não cabe neste trabalho, mas cumpre dizer que *Flores exóticas* é uma publicação póstuma. Publicado em 1898, era uma forma de homenagear a memória do médico-redator, mas também professor-literato, e talvez muitos outros pares de adjetivos possam ser atribuídos a ele. A publicação foi elaborada por Elisio Pereira dos Passos, filho mais velho de Lucindo. A obra de maior importância de Lucindo Filho fora publicada em vida, desde 1873 até 1896. A imprensa vassourense constitui o documento mais significativo, produto do intelecto do redator que por mais de duas décadas esteve nas lides da imprensa periódica. Para compreender a história da imprensa em Vassouras, é fundamental compreender a trajetória da vida de Lucindo Filho.

Alberto de Oliveira escreveu a Jorge Pinto em 1901, por ocasião do lançamento de seu primeiro livro de memórias, "Histórias de minha terra". Nessa missiva, Oliveira recorda sua primeira viagem à cidade.

> Meu caro Jorge – das cidades do nosso estado, depois da minha infortunada Saquarema, tão pobre e tão linda, apertada numa faixa de terra, entre uma lagoa e o Atlântico, é Vassouras a que mais amo [...].
> Vi-a pela primeira vez, indo ao encontro da amenidade do seu clima para minha então saúde, já lá vão dezesseis anos.
> Depois de algumas horas de solavancos na Central e de, não rápido, mas suave rolar num dos carros da Vassourense, pelo saibro grosso dos caminhos, entre os cortes da estrada sinuosa [...] chegava a sua cidade, onde a estação, se abriram a receber-me os braços do nosso querido Raimundo Corrêa, por esse tempo aí em exercício de suas funções de juiz municipal, e juiz não menos estimado e correto que o poeta, que já o era e em boa continua ser [...].
> *Pela manhã saí com o Raimundo a ser apresentado aos amigos dele, que passaram a ser também os meus: o Lucindo, o nosso inesquecível Lucindo Filho, João Saião (de retumbante nome João Julião Manso Saião); o major Britto; os Drs. Rodolfo e Pedro Leite; Dr. Carlos da Silveira; Alberto Brandão e também outros, com os quais, no dizer camoniano, deixei a alma em pedaços repartida [...].*
> [...] o teu livro está da primeira à última palavra animado pelo espírito da tua Vassouras; *ela aí se espelha e retratam ao vivo que ler o volume foi tornar a vê-la e amá-la, a apertar a mão dos amigos que lá deixei, conviver novamente com eles, com o Lucindo, entre as reiteradas xícaras de delicioso café e os livros da sua farta biblioteca; com o Alberto Brandão, na casa dele, ao lado de alguns dos seus melhores discípulos; com o saião (o mesmo de retumbante nome) na farmácia ou na redação do Vassourense*; contigo e com o Pujol, sob os bambuais de tua chácara, ao pé de um fio

---

[420] GOMES, Alfredo. Dicionário Histórico, geográfico e etnográfico do Brasil. Vol. 1. Rio de Janeiro, 1922, p. 1471.

> d'água, que suponho ainda estar a ver trêmulo e vivo, a correr sobre os musgos e as folhas mortas.[421](grifos nossos)

Nessa longa carta, publicada n'*O Município* em 1901, Alberto de Oliveira retoma em tom laudatório suas lembranças de Vassouras. Ela recupera uma dimensão do cotidiano daquela Vassouras em meados da década de 1880. Homens de letras, intelectuais reunidos em torno da imprensa e em contato com jovens literatos do Rio de Janeiro. Oliveira recorda todo o grupo mais diretamente ligado ao *Vassourense*:Lucindo Filho, João Julião Manso Saião, Rodolfo Leite Ribeiro e Alberto Brandão. Cita ainda outros dois personagens importantes na colaboração do *Vassourense*: Raimundo Corrêa e Alfredo Pujol. Confirma a hipótese dos espaços de sociabilidades ao citar a farmácia, propriedade de Saião, e a redação do *Vassourense* (na sua tipografia). Entre café e livros, destaca a biblioteca da casa de Lucindo Filho. Sobre ela, pode-se discorrer um pouco mais para compreender a relação dos livros com o intelectual-médico-redator.

3.2.1 O intelectual e sua biblioteca

Lucindo Filho vinha de uma família de pessoas negras, mestiça se brancas que, todavia, pelo menos há algumas gerações, passavam longe da condição escrava. Seu avô paterno foi advogado e proprietário de terras na região de Mariana. O pai tornou-se médico e depois professor de latim no mesmo colégio no qual o filho estudou, o Colégio de d. Pedro II, a partir de 1865. Na recuperação das trajetórias biográficas da família Pereira dos Passos, chamou atenção a presença de bibliotecas. Assunto tratado no segundo capítulo para caracterizar os homens ligados à imprensa em Vassouras, de maneira especial, analisa-se agora as informações que permitem vislumbrar a biblioteca de Lucindo Filho e o seu processo de formação. Para tal, retorna-se a Mariana, 1850, para percorrer as folhas do inventário *post-mortem* de seu avô.

---

[421] *O Município*, 8 de junho de 1901 apud PINTO, Jorge. *Fastos Vassourenses*... op. cit., p. 137-9.

Na lista dos bens arrolados no documento, há a descrição de uma biblioteca com cinquenta e nove títulos. Destacam-se nela as obras de Direito – *Ordenações do Reino*, coleções de leis portuguesas, tratados e manuais, dicionário jurídico, dentre outras – leituras habituais para o homem que exerceu a advocacia e diversos cargos públicos. No momento de sua morte, parte de seus livros estavam em posse de seus dois filhos homens: o padre Casemiro e Lucindo. Nos livros conservados com Casemiro, encontram-se nove volumes de obras de filosofia, dicionários franceses, obras de Homero, um livro de geografia. Tudo apressadamente e mal descrito pelos avaliadores.[422]

Na partilha do monte-mor, Lucindo pediu para ficar com os livros do pai que estavam em seu poder (excluídos dos bens arrolados anteriormente); dessa forma, eles não entrariam na partilha dos bens com os demais herdeiros. Seu pedido foi atendido. Estava aí o núcleo de sua biblioteca, da qual só haveria notícia após a sua morte. Tânia Bessone Ferreira chamou a atenção para a formação de bibliotecas a partir das heranças recebidas e também a formação de acervos que atendessem aos interesses profissionais de seus proprietários.[423] As bibliotecas dos três homens podem fornecer pistas de sua formação e atuação como homens de letras e intelectuais.

Uma citação em Argeu Guimarães, tratando das tardes em que ele e Silvio Romero passavam na biblioteca de seu pai, Arthur Guimarães, informa que essa biblioteca foi composta a partir da compra dos livros de Lucindo Pereira dos Passos.

> A biblioteca de Artur Guimarães era no porão da casa e, quando o calor não rescaldava, íamos para o meio dos livros. Sílvio tinha sempre alguma consulta a fazer, muito livro de sua predileção a folhear entre tantos alinhados nas estantes, com boas encadernações francesas. *O fundo inicial da rica coleção adquirida por meu pai pertencera a um antigo professor do Pedro Segundo, Lucindo Pereira Filho, latinista, creio, dado também a estudos de demonologia, então em voga em Paris*. Sílvio nem tocava, é claro, no Sr Péladan, e nos compêndios da cabala ou do ocultismo ou do espiritismo, que não faltavam na coleção. (Conservo entre os meus livros, como lembrança, *Les Mystères de l'Horoscope*, de Ely Star, edição E. Dentu, de 1888, com prefácios de Camille Flammarion e Joséphin Péladan). Desforrava-se em compensação com as recentes aquisições de meu pai, nos domínios da Sociologia e da História. *Do espólio de Lucindo Filho*

---

[422] CSM. Inventário, capitão Lucindo Pereira dos Passos. Códice 27, 2º ofício, auto 666, fls. 22 a 25.

[423] Cf. FERREIRA, Tânia M. B. da C. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999 (especialmente o capítulo 1).

> *restavam apenas as obras clássicas francesas, ao lado das ciências herméticas, enroupadas em fino chagrin. Estou a rever as fileiras de Guizot, Balzac, Flaubert, Goncourt, Rabelais em preciosa edição iluminada... até, na derradeira fila, o grande Larrousse Universal*. Tudo isso se perdeu nos vai-vens do acaso. Para ter livros é preciso ser rico![424] (grifos nossos)

Guimarães faz uma ligeira confusão entre o pai e o filho, homônimos. A biblioteca citada acima se referia àquela de Lucindo Pereira dos Passos, pai, professor no colégio Pedro II. Lucindo Filho certamente herdou livros da biblioteca de seu pai, muitos que herdara do pai em 1850. No inventário *post-mortem* de Lucindo Pereira dos Passos, falecido em 1891 em Vassouras, não há menção à sua biblioteca. O documento tampouco informa sobre avaliação dos bens e partilha. Sabe-se que Lucindo Filho tinha três irmãs, Maria Salomé, Clotilde e Maria de Nazareth.[425] Talvez Arthur Guimarães tenha adquirido aquilo que não interessou a Lucindo Filho, assim desfez-se de parte da biblioteca. Questões financeiras também obrigaram os herdeiros a colocá-la à venda. De todo modo, o fragmento acima ajuda a recompor uma trajetória intelectual que começa, até onde se sabe, com o avô, em Mariana.

As obras destacadas por Guimarães em sua recordação revelam parte das leituras de Passos. Médico por formação, professor de latim, tinha interesse por literatura e religião. É possível supor que parte da biblioteca tenha migrado para o acervo de Lucindo Filho. O aparato cultural do pai havia sido transmitido ao filho desde o início de seu processo de formação intelectual. Em carta enviada a Lucindo Filho em 09 de fevereiro de 1881, Alberto de Oliveira, depois de relatar que estava "aborrecido" pela cobrança de cem mil réis que haviam sido tomados de empréstimo com Julião Manso Saião, finaliza: "[...] escreva-me indicando o que devo procurar na Garnier que mais possa lhe agradar [...]". A circulação de livros entre Vassouras e a Corte parecia intensa naqueles anos.

Jorge Pinto, em suas memórias, revela a paixão que Lucindo Filho possuía pelos livros, numa expressão que o faz considerá-lo um bibliófilo.

---

[424] GUIMARÃES, Argeu. *Presença de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1955, p. 11-12.

[425] CDH. Inventário post-mortem, Doc: 104664654014, fl. 2.

> Dinheiro, glórias, posições, fama, a tudo isso o bom Dr. Lucindo Filho prefere o sereno isolamento da poética cidadezinha em que reside desde a mocidade, entregue ao plácido convívio dos seus livros [...]. De quando em quando a fim de satisfazer sua arraigada paixão de bibliófilo, um pulinho ao Rio todo consumido em dar cata aos 'sebos' da rua de S. José [...].[426]

A citação de Pinto revela outra faceta, das muitas, de Lucindo Filho: a bibliofilia. Essa paixão pelos livros pode ser corroborada pela análise quantitativa de sua biblioteca, mais ainda por uma notícia publicada pelo periódico *Novidades,* em fevereiro de 1888. Nele, o diretor da Biblioteca Nacional, João Saldanha da Gama, torna público e agradece pelos livros que foram doados para o acervo.

> *O Sr. Lucindo Filho, distinto homem de letras, que já tem oferecido a Biblioteca Nacional várias obras de valor, enviou agora a osso estabelecimento 36 volumes de obras antigas e modernas, destacando-se dentre as primeiras*:
> *Discursos sobre o Padre Nosso*, compostos pelo padre Baltazar Pacheco, 1596. É a segunda edição. A primeira é de 1585 e a terceira de 1603. Todas três são raras, sendo apenas mencionadas em Nicolau Antonio.
> *Relação da grande monarquia da China,* pelo padre Álvaro Semedo, 1643. Como parece aos competentes, essa obra foi escrita por Manoel de Faria e Souza, segundo as memórias do célebre padre Semedo.
> O exemplar que foi oferecido à biblioteca pelo Sr. Dr. Lucindo Filho e da versão italiana existindo também uma tradução francesa e outra em inglês.
> Entre as obras modernas são dignas de nota:
> *Elegia a morte do insigne poeta Bocage,* por Manuel Pedro Tomaz Pinheiro e Aragão (Almeno Tagideo). O exemplar traz um retrato de Bocage. É pouco vulgar.
> *O Município, periódico que se publicou em Vassouras, redigido pelo Dr. Lucindo e outros.*
> *O Vassourense, coleção completa mandada encadernar expressamente para a Biblioteca Nacional com folha de rosto especial*[427]*.* (grifos nossos)

É curioso indagar, pensa o historiador, porque Lucindo Filho fazia doações recorrentes para a Biblioteca Nacional. Chamado de homem de letras por Saldanha da Gama, revela-se aí um gesto de desprendimento e mesmo de acreditar que aquela instituição ocupava um lugar de destaque na sociedade brasileira. Como se viu, ele era um homem de recursos modestos e que constituíra uma família numerosa. A Biblioteca Nacional pode ser vista como um espaço pelo qual ele circulava com familiaridade. A carta enviada a Ramiz Galvão em 1876, reproduzida há pouco, evidencia agora uma longa relação com a Biblioteca. Novamente *redes de*

---

[426] PINTO, Jorge. *Folhas que o vento traz...*, op. cit. pp.276-7.

[427] *Novidades*, 25 de fevereiro de 1888, p. 01.

sociabilidades se mostram ligando a Corte e Vassouras. Comprar, colecionar e doar livros era uma prática desse homem de letras.[428] O mesmo artigo foi reproduzido pelo *Vassourense* na edição de 26 de fevereiro de 1888.

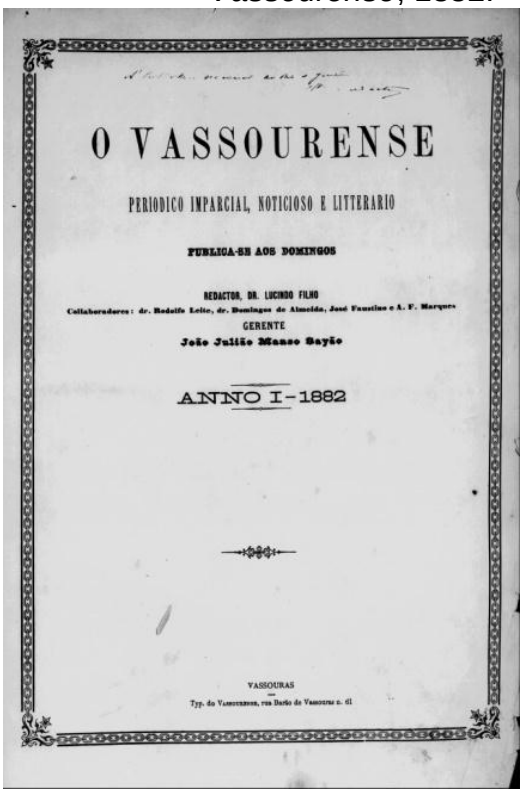
Ao final, o autor informa que Lucindo Filho enviou duas coleções completas e encadernadas para a Biblioteca Nacional, *O Município* e o *Vassourense*. A função pedagógica da imprensa aqui pode ser mais uma vez evocada. O gesto aponta para o desejo de preservar uma memória do seu oficio ao mesmo tempo. Lembrar-se-á de que um dos motivos das reclamações dirigidas pelo redator à Câmara Municipal de Vassouras se dava pelo fato da Biblioteca Popular não possuir, alguns anos antes, as coleções de periódicos que para lá eram enviadas (ver capítulo dois).[429]

---

[428] António Aresta afirma que "o manuscrito da Relação da Grande Monarquia da China ficou estruturalmente concluído em 1637, (no mesmo ano em que René Descartes publica o Discurso do Método), sendo, contudo, trabalhado até 1640, conhecendo a primeira edição em castelhano (1642), sendo igualmente vertido e editado em italiano (1643, 1653, 1667 e 1678), em holandês (1670), em francês (1645 e 1667) e em inglês (1665). Admite-se que possam existir outras edições em outros tantos idiomas, mas não há, por ora, um levantamento editorial exaustivo e fidedigno". ARESTA, António. "Álvaro Semedo e os Exames na China Imperial". *Administração*. n.º 90, vol. XXIII, 2010, p.1143. Sobre a primeira obra citada não forame encontradas referências. O livro *Elegia a morte do insigne poeta Bocage...*Disponível em <http://purl.pt/22862> Acesso em: 20 de jan. de 2018.

[429] No Arquivo Público de Vassouras, existe a coleção completa do *Vassourense* com encadernação de época, diga-se, em excelente estado de conservação. Os indícios levam a crer que os volumes dessa coleção tenham sido doados à Biblioteca Municipal pelo redator e, posteriormente, pelos seus amigos do *Vassourense*. Na Biblioteca Nacional, os volumes doados ainda se encontram disponíveis para consulta.

Imagem 27 — Folha de rosto do *Vassourense*, 1882.



O VASSOURENSE

PERIODICO IMPARCIAL, NOTICIOSO E LITTERARIO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

REDACTOR, DR. LUCINDO FILHO

Collaboradores: dr. Rodolfo Leite, dr. Domingos de Almeida, José Faustino e A. F. Marques

GERENTE

João Julião Manso Sayão

ANNO I-1882

VASSOURAS

Typ. do Vassourense, rua Barão de Vassouras n. 61

Fonte: BN. Hemeroteca Digital Brasileira

Entre os documentos da Biblioteca Pública de Vassouras, também é possível encontrar referências à doação de livros realizada por Lucindo Filho. Em 1890, ele ofereceu àquela Biblioteca significativa obra em onze volumes. O fato motivou uma reclamação do bibliotecário dirigida aos vereadores da Intendência Municipal.

> Intendência Municipal de Vassouras
> Em 17 de julho de 1890.
> Cidadãos,
> Cumpre-me levar ao vosso conhecimento que o Dr. Lucindo Pereira dos Passos Filho ofereceu a esta Biblioteca onze volumes de Literatura de diversos autores e não tendo esta Biblioteca uma estante para acomodação dos mesmos e de outros muitos que aqui existem sem lugar para acomodá-los é [ilegível] que [ilegível] se faça mais uma estante atendendo-se aos motivos que acabo de declarar.
> Saudações e fraternidade
> Aos Cidadãos brasileiros e mais homens [ilegível] da Intendência Municipal de Vassouras.
> O Bibliotecário
> Félix de Oliveira Braga.[430]

[430] APMV. Mensagem do bibliotecário. Folha 01 (documento avulso). Caixa Biblioteca.

Conforme discutido no capítulo anterior, o grupo de intelectuais de Vassouras sempre foi sensível às questões relativas ao funcionamento da Biblioteca Popular desde a sua inauguração. Das doações se fez o acervo daquela instituição, e na ação de Lucindo Filho depreende-se o gesto de continuidade para manutenção de um espaço que era, acreditavam, ao mesmo tempo sinônimo de progresso e civilização e centro irradiador de instrução popular.

Lucindo Pereira dos Passos Filho morreu em 1896. Partiu-se das informações contidas no seu inventário *post-mortem* para descobrir o que a morte pode revelar acerca da vida, e da biblioteca, de um homem. Morto em Vassouras, em primeiro de julho, seu inventário foi aberto pela segunda esposa, Amélia Pereira dos Passos, em 1897, decorrido o tempo tradicional de luto.

Família numerosa, dos nove filhos de Lucindo, seis ainda eram menores, e Virgílio, evidente homenagem ao poeta latino, tinha apenas alguns meses. Como era o costume, após a abertura do inventário, iniciava-se o arrolamento dos bens, a busca pelos possíveis credores e devedores e, por fim, a partilha da herança, se houvesse. Porém, nesse caso, a história foi outra. Na abertura do inventário, declarava-se que: "Com os bens sujeitos a inventário constam de livros, alguns móveis e a Tipografia do Vassourense".[431] Não havia joias, imóveis, apólices de seguros, títulos da dívida. Bens tão comuns aos homens que fizeram riqueza com o café alguns anos antes na mesma cidade. Havia livros, muitos livros. Da avaliação dos bens realizada pelos avaliadores designados do juiz local constavam:

> Três mil e dez livros encadernados diversos [...]; setecentos e trinta e nove ditos brochados [...]; vinte estantes diversas de madeira e de ferro [...]; uma mobília austríaca composta de dois aparadores, um sofá e doze cadeiras pequenas [...]; uma *chaise longue* austríaca em mau estado [...]; uma mobília incompleta composta de dois dunquerques, dois aparadores, um sofá, três cadeiras de braços e quatro ditas pequenas [...]; um sofá e uma cadeira de couro em mau estado [...]; um relógio para cima de mesa, de mármore preto, parado e desconsertado [...].[432]

A descrição dos bens acima revela claramente uma biblioteca. Livros, estantes, sofás e cadeiras. Pode-se imaginar um ambiente espaçoso e muito utilizado, isso pela descrição de móveis velhos, gastos, incompletos. O número de

---

[431] CDH. Inventário. Lucindo Pereira dos Passos Filho. Documento 104664646001, fl. 2v.

[432] CDH. Inventário. Lucindo Pereira dos Passos Filho. Documento 104664646001, fl. 16.

cadeiras e sofás sugere que o espaço privado era utilizado em reuniões coletivas. Lucindo e sua biblioteca atuaram como polo de atração para jovens que estudaram em Vassouras e outros tantos intelectuais que atuaram na imprensa local.

Lucindo Filho possuía seguramente uma das maiores bibliotecas de Vassouras. Sua livraria possuía as mesmas dimensões da Biblioteca Pública daquele município. No inventário, não fica claro se os avaliadores contaram os volumes ou os títulos. Tomando por títulos, a contagem revela que a biblioteca seria composta por 3.749 obras. Nesse caso, seria necessário multiplicar algumas vezes o tamanho da biblioteca. Mesmo que se tenham contado todos como volumes, e nesse caso não é possível precisar quantos títulos havia, tem-se uma coleção significativa.

A sua biblioteca, excluído o mobiliário, foi avaliada em Rs. 3:731$700. Em análise que empreendeu nos inventários entre 1870 e o final do Oitocentos, Tânia Bessone Ferreira destacou os livros e bibliotecas que pertenceram a trinta e quatro indivíduos, médicos e advogados, em sua maioria, no Rio de Janeiro. A título de comparação, se organizado o quadro elaborado pela historiadora incluindo o valor dos livros deixados por Lucindo Filho, ele seria inferior apenas ao valor atribuído à biblioteca de Cândido Mendes de Almeida.[433]

Os livros representaram aproximadamente 72% do valor do monte mor. A historiadora destaca ainda que, naquele contexto, “a prática de colecionar ainda não era frequente no Brasil, e o livro raro interessava a uns poucos que haviam sido tomados pela febre dos livros, [...]”.[434] Lucindo Filho pode ser incluído seguramente entre esses poucos homens colecionadores. Isso explicaria o alto valor atribuído à sua biblioteca.[435]

---

[433] FERREIRA, Tânia M. B. da C. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, pp. 50-1 e 66. (especialmente o capítulo 1).

[434] Ibidem, p. 53.

[435] Tânia Bessone Ferreira conclui em seu estudo, após analisar os anúncios de leilões de livros na imprensa, que “A familiaridade com os livros era exercida por essa parcela da população que denominei de círculo de leitores, exatamente para demonstrar como ela era restrita, porém ativa, e que, malgrado às queixas gerais dos editores, livreiros e todo o grupo que vivia de seu comércio, era a raiz de um mercado só muito mais tarde aquecido, dentro dos parâmetros modernos. Os livros consumidos por estudantes de medicina, direito e engenharia eram procurados nos ‘sebos’, na medida em que seus proprietários eram assíduos frequentadores destes leilões. Outros consumidores de livros seriam os compradores eventuais, pois, uma vez que se ampliavam os leilões,

A formação de sua biblioteca ocorria, como algumas memórias revelam, pela frequência constante às livrarias do Rio de Janeiro. Jorge Pinto menciona suas idas aos sebos da Rua São José. Na correspondência a Ramiz Galvão, citada acima, procurou uma edição das cartas do padre Antônio Vieira escrevendo à livraria de Baptiste Louis Garnier.[436] Somado a isso, também encomendava livros diretamente da Europa. No seu inventário, foram apensados alguns recibos dessa compra de livros: "Recebi do Sr. Elísio Pereira dos Passos a importância de uma fatura de livros que mandei vir de Paris por ordem do Sr. Dr. Lucindo Pereira dos Passos Filho, Rs. $559,900".[437]

No momento da sua morte, nada havia além de livros; e algo mais: uma tipografia, a "Tipografia do Vassourense".

> Uma tipografia composta de um prelo manual para impressão, uma prensa pequena, também para impressão, uma prensa muito estragada, uma máquina para cortar papel, um pequeno aparelho para numerar, seis mesas diversas, cinquenta e sete pares de caixas, um armário com porta de vidro, um relógio de parede (velho) e um armário grande de madeira [...].[438]

Esses eram os bens do falecido. Os avaliadores, Ernesto Augusto e Argemiro Daniel, não se furtaram em frisar o quanto algumas peças eram "velhas" e "estragadas", denunciando seus usos por muitos anos. A tipografia descrita funcionava desde 1882 em um imóvel alugado na Rua Barão de Vassouras, número

---

permitiam-se compras significativas por parte de colecionadores e bibliófilos, considerando-se que, pelos motivos aludidos ou não, punham-se à venda livros raros, raríssimos e até preciosos, que atingiam um público ainda mais restrito, porém atento". FERREIRA, Tânia M. B. da C. *Palácios de destinos cruzados:* bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920), op. cit., p. 78.

[436] Sobre o ambiente cultural do Rio de Janeiro, Ferreira afirma que: "Ao longo do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro assumiu de forma hegemônica o papel de capital cultural, além de centro das atenções econômicas e político-administrativas, primeiro como município neutro da Corte e depois como capital federal. O habito de frequentar livrarias incorporou-se ao cotidiano dos segmentos mais instruídos da sociedade, contribuindo para a formação de núcleos de sociabilidade em torno de debates sobre questões de interesse político ou temas corriqueiros, que muitas vezes prosseguiam nos serões noturnos ou saraus, sobretudo na segunda metade do século. A frequência constante a esses estabelecimentos comerciais fez crescer os laços de relacionamento social entre os que tinham identidade de interesses". *Ibidem*, p. 85. Um panorama da importância da livraria Garnier para o cenário cultural do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, e além, pode ser encontrado em: DUTRA, Eliane de Freitas. "Leitores de Além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil". In: BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia (org.). *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010, pp. 67-71.

[437] CDH. Inventário. Lucindo Pereira dos Passos Filho. Documento 104664646001, fl. 35.

[438] Ibidem, fl. 16.

seis. Nesse local, foram impressos jornais, livros e inúmeros outros textos efêmeros. Dali saiu semanalmente o *Vassourense*, cuja epígrafe trazia a alcunha de “imparcial, noticioso e literário”. Lucindo foi proprietário e principal redator do periódico por quatorze anos.

A tipografia descrita pelos avaliadores possuía três máquinas de impressão. Aquela adjetivada como “uma prensa muito estragada” era a primeira do *Vassourense* que foi substituída em 1887, e certamente continuou na oficina servindo para pequenos trabalhos. O espaço ocupado por essas máquinas manuais reforça o caráter mecânico-artesanal na produção da imprensa local. Mesmo tendo sido introduzidos prelos em ferro fundido, a realização do impresso era uma tarefa custosa e minimalista. Milhares de tipos de chumbo, componedores, vinhetas, armários gaveteiros, rolos de papel e tinta estão implícitos na descrição acima.

É curioso que, ao morrer, os bens dispostos no inventário tenham sido exatamente sua biblioteca e sua tipografia. A formação da biblioteca particular de Lucindo Filho pode ser tomada aqui como evidência de homem de letras que dispunha de amplo capital cultural. A imprensa vassourense fez-se em torno desse personagem e ecoou muito daquilo que ele pensava.

A morte revelara sua preciosa biblioteca, que valeu o pedido de um vereador à câmara municipal de Vassouras para que fosse comprada e incorporada à Biblioteca Municipal, dada a sua dimensão e o valor das obras:

> [...] propôs Lacerda Werneck à câmara municipal, fizesse aquisição da rica biblioteca que deixava o ilustre morto. Continha essa biblioteca, segundo o mesmo escritor, ‘preciosas gravuras e tudo quanto de mais belo produziram os poetas latinos, franceses, italianos, portugueses e ingleses. [439]

Isso, no entanto, isso não ocorreu. A biblioteca foi a leilão, sendo comprada integralmente por Thomaz Gomes dos Santos Filho. Ele também adquiriu, e dirigiu por mais de dez anos, a Tipografia do Vassourense. Hoje nada se sabe sobre o paradeiro de seus livros.

A primeira parte do *Suplemento de ciências, artes e letras da Gazeta de Notícias* de 10 de novembro de 1946 foi toda dedicada à memória de Lucindo Filho. Reproduziram-se às capas da biografia do visconde de Araxá, do livro póstumo que

---

[439] RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói: SEEC, 1978, p. 154.

reúne suas poesias e traduções – Flores exóticas – a gravura realizada para a publicação dos *Sonetos brasileiros* de Laudelino Freire e a fotografia de Raimundo Corrêa. Entre os textos, há destaque para a biografia escrita por este. Em três páginas, a efeméride pela passagem dos cinquenta anos de morte de Lucindo Filho era celebrada. Os textos de Oswaldo Melo Braga e Luiz Murat completam a homenagem.[440]

Cristalizou-se, dessa forma, a imagem do intelectual ao redor do qual gravitaram vários dos principais nomes da literatura brasileira dos séculos XIX e XX. As páginas da imprensa ainda constituem a melhor das biografias sobre Lucindo Filho. Em centenas, talvez milhares, de referências espalhadas pelos jornais do Rio de Janeiro é possível recompor a sua trajetória. A imagem que surge daí assemelha-se a opinião de Luiz Murat, para quem "[...] de uma rara erudição, mas sempre a ler, sempre a estudar, seu espírito se familiarizara com todos, ou quase todos, os ramos do conhecimento humano. Nunca ninguém o viu sem trazer um livro consigo".[441]

---

[440] *Gazeta de Notícias* (suplemento de ciências, artes e letras), 10 de novembro de 1946, pp. 5-8.

[441] Ibidem, p. 5.

4 UMA HISTÓRIA DA IMPRENSA EM VASSOURAS

> *Todos os jornais devem ter um programa político, que é a norma de seu desenvolvimento, a razão de sua existência; do contrário será como um batel sem bússola navegando nos procelosos mares da imprensa. Nós, nautas, ainda principiantes, temos por farol a luz da liberdade, que transpondo as brumas do futuro, vem nos mostrar o fim de nossa jornada.*[442]
>
> *Brado democrático*
>
> *O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções.*[443]
>
> *Machado de Assis*

Pode-se definir a imprensa de Vassouras, entre 1873 e 1889, como uma instituição que tomou partidos e estabeleceu programas políticos, ainda que alardeasse, desde a inauguração de cada jornal, uma pretensa imparcialidade. O recurso retórico de imparcialidade é recorrente na imprensa do período. A atividade jornalística no Vale do Paraíba fluminense, tratando em especial o caso de Vassouras, criou e difundiu um programa que apontava para o futuro, como demonstra o poético editorial, reproduzido na epígrafe, do primeiro número do *Brado Democrático* (1874).[444]

O capítulo em tela apresenta a história da imprensa em Vassouras passando em análise todos os periódicos ali redigidos e impressos naquelas que foram as duas décadas mais críticas para o Império do Brasil e que culminaram no desmoronamento da monarquia constitucional que vigorara desde a independência. Aquele grupo que Stanley Stein chamou de "pequena classe média" é aqui tomado como produtor de significativa obra de interferência e construção do espaço público e da opinião pública. Os jornais – que são mais que um livro, afirmou Machado de

---

[442] Artigo programa do periódico *Brado Democrático*, nº 01, 01 de julho de 1874. In: PINTO, Jorge. *Fastos Vassourenses*. Vassouras: Fundação 1º de maio, 1935, p.112.

[443] ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994.

[444] Ao longo do capítulo será utilizado o livro *Fastos Vassourenses*, de Jorge Pinto, para preencher as lacunas deixadas pela inexistência de vários periódicos nos arquivos pesquisados. Jorge Pinto esteve envolvido com o meio intelectual vassourense na década de 1880 e a partir do arquivo pessoal de Lucindo Filho realizou uma grande "colagem" de matérias que foram publicadas na imprensa periódica ao longo dos anos (ver capítulo 3).

Assis – foram o instrumento utilizado para o debate naquela sociedade em transformação. No quadro reproduzido a seguir, estão todos os periódicos que saíram dos prelos de Vassouras naquelas décadas e, hoje, oferecem ao historiador da imprensa a possibilidade de recuperar um pouco do significado desses impressos, bem como as trajetórias de seus redatores.

A lista de periódicos vassourenses publicados no período, que está reproduzida no **apêndice B**, foi composta, em parte, por Jorge Pinto em seus *Fastos Vassourenses.* Da lista elaborada por Pinto,foram consultados onze jornais para esta pesquisa. Desde folhas efêmeras como *O Caloiro* (dispõe-se de um único exemplar) até jornais de longa duração como o *Vassourense* (foram consultadas aproximadamente 450 edições). Registre-se que Lucindo Filho, cuja trajetória foi abordada no capítulo anterior, possuía a coleção de todos os periódicos publicados em Vassouras, conforme recorda Jorge Pinto:

> Extraí a lista dos jornais aparecidos em Vassouras (cidade e freguesias) de coleções pertencentes ao saudoso dr. Lucindo Filho, e ora em minha posse. Até a morte do inolvidável amigo (julho de 1896), a relação está completa, não escaparam nem mesmo os jornalecos colegiais. [...]
> Desejando fazer trabalho rigoroso de historiador, peço aos leitores amigos que me auxiliem, ou dirigindo-me pessoalmente ou à redação d'*O Município* informações sobre os nomes e data dos primeiros números dos aludidos jornais, e bem assim sobre qualquer outro, não incluído na minha lista e que se tenha publicado em nosso município até o presente.[445]

O trabalho de "escavador" realizado por Pinto constitui a primeira expressão de uma história da imprensa em Vassouras. O rol dos periódicos que pertenceram a Lucindo Filho servirá agora para compor uma visão de conjunto sobre essa imprensa.

Outra tentativa de elaborar uma listagem circunstanciada da imprensa vassourense foi realizada por Joaquim Alvarenga de Souza. Em 1984, ele publicou *Arrolamento de periódicos sobre a imprensa da cidade de Vassouras*, numa tentativa de dialogar e completar o levantamento realizado por Jorge Pinto no início daquele século. Pinto (1935) contabilizou 29 jornais; Souza (1984) listou a existência de 31 jornais entre 1873 e 1889. A tabela reproduzida no **apêndice B** foi elaborada a partir do cruzamento de dados entre os historiadores-memorialistas às coleções

---

[445] PINTO, Jorge. *Fastos Vassourenses*. Vassouras: Fundação 1º de maio, 1935, p. 111.

disponíveis na Biblioteca Nacional e às informações veiculadas em *O Município* e no *Vassourense*. Chegou-se, desse modo,à confirmação de que, pelo menos, 29 periódicos circularam a partir de Vassouras e suas freguesias (no caso, *A Gazeta de Mendes* e *O Serrano*) no recorte temporal selecionado.[446]

4.1 O pioneirismo d'*O Município* (1873-1879)

A estreia da imprensa em Vassouras se fez com *O Município,* periódico que ostentava a epígrafe "jornal social e científico". Pode-se acompanhar o jornal entre 1873 e 1875, com um intervalo que não é possível precisar.[447] Retornou em 1877, e nesse período substituiu a epígrafe por "periódico imparcial", e prossegue ininterruptamente até 1879. Seus redatores foram pioneiros e travaram algumas batalhas pelas páginas do jornal para rebater as críticas à imprensa nascente.[448]

Na década de 1870, a história desse jornal pioneiro pode ser dividida em duas fases. Ao retornar em 1877, não exibia os nomes dos redatores, fator que passa a ocorrer a partir da edição de 16 de fevereiro de 1879 estampando os nomes de Lucindo Filho, Alberto Brandão e José Faustino.[449] Herculano de Figueiredo havia falecido em 1874 e Rodolfo Leite Ribeiro não participou da segunda fase do jornal. Nessa fase, o jornal tornou-se bissemanal, sendo publicado às quintas e domingos.

O editorial de 15 de junho de 1873 deve ser lido e interpretado como o ato de fundação da imprensa local. Aquelas tentativas de uma imprensa que não

---

[446] Tanto a listagem de Jorge Pinto quanto a de Joaquim Alvarenga de Souza contêm omissões e imprecisões quanto a títulos e datas de criação dos jornais em Vassouras. A tabela do **apêndice B** incluiu a revista *A Quinzena* que, embora fosse publicada no Rio de Janeiro, reunia em torno de si os principais nomes da imprensa vassourense.

[447] É imperioso dizer que a análise da primeira fase d'*O Município* foi prejudicada pela impossibilidade em acessar o volume que contém os números da primeira fase. Depositado na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, essa é a única coleção conhecida e está "perdida" (fora de lugar) nos Armazéns da Biblioteca desde 2014. Até a conclusão deste trabalho, o volume ainda não havia sido localizado.

[448] Todas as imagens compostas a partir de reproduções e fragmento dos periódicos publicados em Vassouras entre 1873 e 1896 serão reproduzidas para demonstrar os aspectos das artes gráficas empregadas nessas publicações. Papel, tipos e mancha, tudo interessa para a análise.

[449] *O Município,* 21 de fevereiro de 1879, p. 1.

aconteceu, desde os anos 1830, consolidavam-se naquele momento. Do ponto de vista da duração, *O Município* foi um periódico de vida longa. Por quase seis anos, com uma interrupção, publicado às quintas-feiras e domingos, deu voz a uma camada social importante que ali estava.

> O jornal que hoje ensaia seus primeiros passos na arena de publicidade mira realizar uma missão dúplice, mas tão consoantes se mostram os ramos desse apostolado complexo, que, fundidos em unidade superior, traduzem um só principio, uma doutrina sintética.
> Concebemos uma imprensa que, curando os interesses e os assuntos de uma localidade, pode-se ao mesmo tempo jorrar além da área circunscrita da sua expansão, atraindo as vistas do público sobre a face culminante, a que se refiram esses problemas peculiares [...].[450]

O periódico se apresenta de maneira similar ao discurso veiculado pelos redatores d'*O Parahyba* (ver capítulo 1). A imprensa como o veículo privilegiado para tratar os assuntos locais. Como água benta, a metáfora é clara, ela cuidaria dos interesses de uma coletividade. Prossegue o redator.

> O nosso jornal propõe-se a agitar todas as questões, que entendem com a prosperidade do Município de Vassouras, uma das seções mais preciosas da Província do Rio de Janeiro, e nesta caminhada que se afigurará ingrata a espíritos superficiais, virão proteger seus generosos esforços às dobras de uma bandeira ilustre.
> Não se escutam só as grandes vozes, que partem das alturas; também sussurram os vales, e as colinas [...].[451]

O discurso insere a imprensa como um ator social, personagem histórico que tinha muito a dizer e que devia ter o espaço para isso. O editorial prossegue e invoca outra ideia poderosa no pensamento do século XIX, a civilização. Aqui, a imprensa torna-se sinônimo de progresso. Adiante, o redator responsável pelo editorial-programa esclarece, o que pareciam ser rumores, sobre o lançamento d'*O Município*.

> *Em primeiro lugar, fora temerário contestar a legitimidade e oportunidade da fundação de um jornal nesta cidade*. O Município de Vassouras compreende uma população culta e adiantada, digna certamente de prender-se à vida nacional pelas nobres manifestações da imprensa.

---

[450] *O Município* apud PINTO, Jorge, p.202.

[451] Ibidem.

> Vassouras, um dos mais recentes núcleos da província do Rio de Janeiro, registra em seu passado belas páginas de civismo que tornam seu nome significativo na história das instituições do país. *Seus habitantes sempre acessíveis às ideias de progresso, não repudiarão o devotado lidador* [...].[452] (grifos nossos)

O primeiro editorial traz à memória o argumento apresentado por Alberto Brandão, e reforçado por Ignácio Raposo, de que havia em Vassouras uma forte e sistemática resistência à permissão para a criação de tipografias e a impressão de jornais. Talvez houvesse o temor das folhas incendiárias. E elas existiram. Mais certo, contudo, deve ser recordar o interesse político de famílias que constituíam clãs herméticos e dominavam a vida política local. Pode-se imaginar que a *esfera pública e cultural* também fosse controlada por elas. A notícia da criação de um jornal, corrida em boca certamente, cresceu tanto que o assunto precisou ser abordado no primeiro número do jornal. Também é possível que aqui os redatores estivessem recordando-se da tentativa de Emílio Zaluar de criar uma revista para atender aos interesses locais, ou de Custódio Antonio da Silva, que havia propalado a ideia de criar um jornal em Vassouras (capítulo 1).

O conceito de progresso aparecerá ao longo dos editoriais de quase todos os periódicos de Vassouras. Ele é significativo de um arcabouço de pensamento do século XIX, herdeiros das Luzes Setecentistas, que viam no desenvolvimento de uma instituição liberal por natureza os sintomas da marcha da civilização, o desenvolvimento contínuo do tempo que apontava sempre para o futuro. Ele evidencia ainda o desejo latente por mudança. A imprensa batalharia nesse "[...] duelo entre permanência e mudança".[453]

A garantia seria derivada da imparcialidade do periódico. O editorial afirmava que "[...] em hipótese alguma, o nosso jornal descerá ao terreno dos convícios e das agressões pessoais".[454] O texto toma então um caráter de crítica à situação da municipalidade – representada naquele contexto pela câmara municipal presidida

---

[452] *O Município* apud PINTO, Jorge, p. 203.

[453] GAY, Peter. *O século de Schnitzler*. A formação da cultura da classe média, 1815-1914. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.160.

[454] *O Município* apud PINTO, Jorge, p. 203.

pelo barão de Cananeia – fazendo alusão ao estado atual em que se encontrava aquela instituição.

> Com que desdém em nosso país tem sido tratada! Nos tempos coloniais as municipalidades revestiam-se de outro esplendor, representando com máscula dignidade os direitos do povo [...].
> *Não somos reformistas, mas reivindicadores*. Restaurem-se os municípios na integridade de suas funções, tal o reclame que prometemos insistente e pertinaz.[455] (grifos nossos)

A municipalidade foi um tema sempre presente na imprensa vassourense, o que causaria, no futuro, uma série de atritos. A frase destacada indica uma leitura sobre os posicionamentos políticos daquele grupo de redatores. A descentralização administrativa estava em alta na agenda Liberal na década anterior. Naquele contexto, reforma era um conceito de significado político amplo. Diante disso, o papel das câmaras municipais no Brasil remonta à lei de 1º de outubro de 1828, que regulamentava o seu funcionamento. Com o Ato Adicional de 1834, as funções da municipalidade foram reduzidas, portanto proibiu-se qualquer ato deliberativo, ficando ela sob as rédeas da administração provincial. Maria de Fátima Gouvêa chama a atenção para essa legislação.

> Muitos comentaristas contemporâneos argumentam que a legislação central aprovada durante as décadas de 1820 e 1830 produziram um sistema administrativo opressivo e centralizado, no qual os municípios eram incapazes de se mover sob um forte governo provincial. Essa legislação transformou as câmaras municipais em simples agentes para reforçar, no nível local, as decisões que eram impostas pelo governo provincial.[456]

Os membros do Clube Liberal de Vassouras estavam, a partir daquele momento, ligados à imprensa periódica. Ela ecoou os valores daqueles homens em diversos momentos. No número seguinte à estreia, Raimundo de Macedo Pimentel, proprietário do jornal, redigiu e assinou o editorial intitulado “Adesão ao programa d’*O Município*”.

---

[455] *O Município* apud PINTO, Jorge, pp. 204-5.

[456] GOUVÊA, Maria de Fátima da Silva. *O Império das províncias*. Rio de Janeiro, 1822-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 110-11.

> Quando nos reunimos no intuito de fundar um jornal em Vassouras, tivemos por fim principal promover, quanto estivesse em nossas forças, o desenvolvimento moral e material da localidade, defender os direitos do município, quase sempre absorvidos pela atmosfera da capital, *e finalmente, a pouco e pouco dispor os nossos municípios para as importantíssimas mudanças que se tem de operar no futuro*.[457] (grifos nossos)

O texto de Pimentel reforça o que foi apresentado no editorial na semana anterior. Foi escrito como uma resposta à reação, que infelizmente não se pode recuperar nas fontes, ao lançamento do jornal. A última sentença corrobora a hipótese lançada nesta tese: havia o desejo de, a partir da imprensa, inserir-se no espaço público e participar da opinião pública local. Os temas que ocuparam a agenda política e social nas duas décadas seguintes deveriam, argumenta Pimentel, ser discutidos e a imprensa deveria ser uma ferramenta para isso.

A adesão ao programa chancelava o apoio aos seus redatores. Ele prossegue.

> Com efeito, quem com mais certo poderá advogar os interesses do município do que a imprensa local? Quem melhor do que o doente poderá indicar ao facultativo a parte mórbida do seu organismo?
> Entretanto, contrista-nos dizê-lo: a ideia de imprensa local ainda aterra!!
> Sentimos profundamente quer alguém enxergue no nosso jornal a semente de discórdias lançada entre a nossa pacífica população.
> Esperamos que o nosso jornal colha, em vez de baldões, as simpatias, e a sincera adesão dos nossos munícipes.[458]

A recepção hostil à imprensa periódica não foi exclusividade de Vassouras. Na imprensa da cidade vizinha, Valença, encontram-se relatos e reclamações semelhantes.[459] O recurso ao discurso de imparcialidade dos jornais foi amplamente utilizado como antídoto às criticas que, embora tenham diminuído com o passar dos anos, sempre estiveram presentes. Apesar dos percalços, o periódico se consolidou e foi publicado até 1879.

---

[457] *O Município* apud PINTO, Jorge. *Fastos Vassourenses.* Vassouras: Fundação 1º de maio, 1935, p. 201.

[458] Ibidem, p. 202.

[459] O redator João Rufino Furtado de Mendonça escrevia em seu jornal, *A Phenix*, em 28 de junho de 1867: "É uma triste verdade, mas é força dizê-lo: Valença ainda não se acha nas condições de suportar um jornal, ou qualquer outra empresa útil, que anuncie o estado de adiantamento e civilização de um povo. Um jornal em localidades pequenas, dizia-se, é um pomo de discórdia. Pois bem, esta ideia nos inclinou a dar ao nosso jornal uma direção toda pacífica e inofensiva". *A Phenix*, nº 21, p. 1.

Imagem 28 —*O Município*

Anno III — VASSOURAS, 27 DE MAIO DE 1877 — Numero 56

O MUNICIPIO

PERIODICO IMPARCIAL

ASSIGNATURA ADIANTADA
Por anno . . . . . 12$000
Por seis mezes . . . . . 7$000

Annuncios 100 rs. por linha.
Repetições por mais de tres vezes pelo preço que se convencionar

Publica-se ás quintas-feiras e domingos

PROPRIEDADE DE UMA EMPREZA

Aceitão-se com especial agrado informações com relação á lavoura, á industria, e aos melhoramentos e interesses das localidades visinhas, e todas as que forem de interesse geral.

Não se admittem testas de ferro, nem artigo que involvão questões pessoaes.

Fonte: BN. Hemeroteca Digital Brasileira. *O Município*, 27 de maio de 1877.

A leitura das páginas do jornal permite inferir que a imprensa nascente se colocava como a grande animadora da vida local. O layout sóbrio destaca o título do periódico, escolhido para refletir as questões locais como tema central, sendo ao mesmo tempo o sinal de seu desenvolvimento. Fazendo um "balanço" do ano de 1874, o jornal publicou um extenso editorial em 3 de janeiro de 1875.

> A administração da justiça na mão de um juiz íntegro e altamente inteligente, o Exmo. Dr. Dr. Bento Luiz de Oliveira Lisboa, não pode oferecer aos vassourenses garantia mais segura de equitativa distribuição e severa moralidade. [...] A inspetoria municipal de instrução pública [...] está hoje entregue ao nosso inteligente e digno colega o Sr. Dr. Rodolfo Leite Ribeiro. [...] é para nós grato consignar ao mesmo tempo aqui, que já conta o nosso município com 17 escolas públicas, e se projeta a criação [...] de mais uma para o sexo masculino na estação de Palmeiras [...] e outra para o sexo feminino na estação de Rodeio. [...] A empresa dos bondes da estação do rio das Mortes a esta cidade [...] tendo já o seu trabalho em próspero andamento [...]. A nossa câmara municipal, zelosa pelo bem estar dos habitantes desta localidade, dotou já a cidade com o importante melhoramento da iluminação pública a querosene. Os generosos donativos oferecidos pelos distintos deputados provinciais os Exmos. Srs. Dr. Alfredo Escragnolle Taunay e Alberto Olimpio Brandão em favor da nossa biblioteca popular concorreram poderosamente para aumentar o seu pecúlio [...]. O ano, pois, de 1874 não passou infrutífero para este município.[460]

A mensagem veiculada no jornal funcionava como um balanço ou prestação de contas. Essa relação entre municipalidade e imprensa, em Vassouras, manteve-se por todo o período aqui estudado. Cumpre dizer, contudo, que houve desentendimentos severos em alguns momentos. No ano anterior, Alexandre Rodrigues da Silva Chaves havia publicado n'*O Município* o relatório da sua

[460] PINTO, Jorge op. cit., p. 218-9.

administração como presidente da câmara municipal entre 1869 e 1872. Se por um lado os jornais adotavam esse caráter municipalista, por outro também se envolveram em questões que se estendiam ao âmbito do país.

Ao longo dos últimos capítulos foi demonstrado como *O Município* envolveu-se no projeto de criação da Biblioteca Popular em 1873. Também foi o primeiro espaço no qual figurou uma recuperação e uma construção do passado de Vassouras. O trabalho de Alberto Brandão lançou as bases da memória histórica que mais tarde Ignácio Raposo consolidaria.[461]

Nas colunas do periódico, figuram textos políticos, literatura, curiosidades, noticiários, que se misturavam aos anúncios de estabelecimentos e serviços. São abundantes os anúncios de escravos (tratados no capítulo 1). Parte da história da escravidão pode ser recuperada ali. A compra e a venda, bem como as fugas de escravos, apresentavam-se sem constrangimentos na última página. Em 1874, Emílio Zaluar publicava na seção "Folhetim" aquela que seria considerada a primeira obra de ficção científica no Brasil: *O Doutor Benignus.*[462] Não é sabida a causa do desaparecimento do jornal, tendo sido publicado seu último número em 6 de julho de 1879.

O jornal fora concebido por um grupo de homens diretamente ligados ao Partido Liberal. Nas páginas d*'O Município* ecoam os projetos inerentes à agenda do partido em fins dos anos 1860. Houve nesse momento a coincidência de a câmara de vereadores ter sido presidida diversas vezes por Alexandre Rodrigues da Silva Chaves, membro do partido. Também o eram Rodolfo Leite Ribeiro, Raimundo Pimentel e Herculano de Figueiredo. Lucindo Filho se filiara ao partido Liberal, segundo Raimundo Corrêa, mas não é possível afirmar que nesse momento já tomasse uma clara posição política.[463]

---

[461] Cf. RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói: SEEC, 1978.

[462] *O Município*, 04 de outubro de 1874, p.1-2. Este exemplar encontra-se apensado ao processo de inventário de Francisco Soares da Silva. CDH, Doc. 103664175004. Segundo José Murilo de Carvalho, "[...] ignorado pelos principais críticos literários do século XIX, como Sílvio Romero e José Veríssimo, o romance apresenta uma originalidade incontestável: é o primeiro em nossa literatura a tomar a ciência como tema de fabulação". CARVALHO, José M. de. "Benigna ciência". In: ZALUAR, Emilio. *O Doutor Benignus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994, p. 7.

[463] CORRÊA, Raimundo. "Lucindo Filho". In: *Poesia completa e prosa*. São Paulo: Editora José Aguilar, 1961, p. 494.

Cabe aqui uma digressão importante. Embora o grupo que esteve ligado à criação d'*O Município* constituir-se de membros do partido Liberal da cidade, isso não significou que fosse um jornal "do partido", nem tomasse como inimigos os membros do Partido Conservador, cuja base em Vassouras era significativamente maior. Não se pode descartar, entretanto, que a identificação do periódico com aquele grupo tenha gerado a necessidade da resposta de Pimentel na segunda edição. Se a imprensa não aconteceu antes de 1873 por pressão de grupos que mantinham ramificações de poder naquela sociedade, não se pode descartar que, mesmo em tempos de mudança, questões políticas possam ter se sobreposto à imprensa livre.

4.2 Jornais colegiais

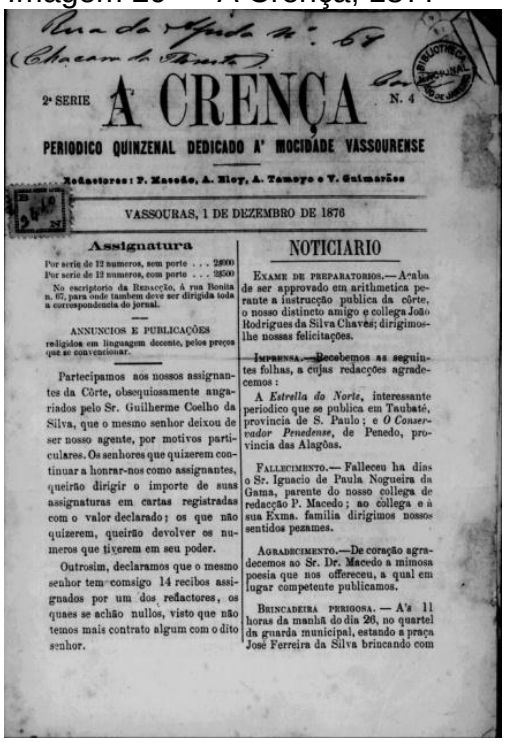
No terceiro capítulo, deu-se ênfase para a criação de colégios secundários em Vassouras. Eles foram espaços importantes para o grupo de intelectuais que gravitava em torno da imprensa periódica. Esses colégios recebiam jovens a partir dos quatorze anos de idade para iniciarem os preparativos para os exames de admissão nas academias e cursos superiores disponíveis no Império. Surgiram ali associações culturais como os grêmios e clubes literários (capítulo 3). No universo dos periódicos publicados durante o recorte desta pesquisa, foram identificados e caracterizados pelo menos sete deles como sendo folhas colegiais. A originalidade da expressão circunscreve folhas cujos redatores eram alunos dos estabelecimentos secundários que funcionaram em Vassouras. Já foi destacado que essa imprensa colegial denota um caráter propedêutico, iniciação que fazia parte da preparação intelectual daqueles jovens.

A Voz da Juventude (1873) foi a primeira dessas folhas colegiais, tendo surgido no mesmo ano d'*O Município,* sendo publicada em sua tipografia. Assim como *O Futuro* (1879), publicado também pelos alunos do colégio de Alberto Brandão, não há exemplares nos arquivos pesquisados. Jorge Pinto, ao listá-los, informa apenas o nome de seus redatores (**apêndice B**).

Fortuna um pouco melhor teve-se em relação ao periódico *A Crença* (1876-1877). "Dedicado à mocidade vassourense" circulou por, pelo menos, dois anos,

impresso pela mesma tipografia. Nas páginas aparecem as seções noticiário, literatura, variedades e anúncios. Em 17 de janeiro de 1877, os redatores publicam um texto que fora enviado ao jornal por Cyro de Azevedo, bastante elogioso. Registram a visita de Alfredo Escragnolle Taunay. Nos anúncios desse número, aparecem dois escravos para aluguel.

Imagem 29 — A Crença, 1877



2ª SERIE

A CRENÇA

N. 4

PERIODICO QUINZENAL DEDICADO A' MOCIDADE VASSOURENSE

Redactores: P. Macedo, A. Bloy, A. Tamoyo e V. Guimarães

VASSOURAS, 1 DE DEZEMBRO DE 1876

Assignatura

Por serie de 12 numeros, sem porte . . . 2$000
Por serie de 12 numeros, com porte . . . 2$500

No escriptorio da Redacção, á rua Bonita n. 67, para onde tambem deve ser dirigida toda a correspondencia do jornal.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES

redigidos em linguagem decente, pelos preços que se convencionar.

Participamos aos nossos assignantes da Côrte, obsequiosamente angariados pelo Sr. Guilherme Coelho da Silva, que o mesmo senhor deixou de ser nosso agente, por motivos particulares. Os senhores que quizerem continuar a honrar-nos como assignantes, queirão dirigir o importe de suas assignaturas em cartas registradas com o valor declarado; os que não quizerem, queirão devolver os numeros que tiverem em seu poder.

Outrosim, declaramos que o mesmo senhor tem comsigo 14 recibos assignados por um dos redactores, os quaes se achão nullos, visto que não temos mais contrato algum com o dito senhor.

NOTICIARIO

EXAME DE PREPARATORIOS.— Acaba de ser approvado em arithmetica perante a instrucção publica da côrte, o nosso distincto amigo e collega João Rodrigues da Silva Chaves; dirigimos-lhe nossas felicitações.

IMPRENSA.—Recebemos as seguintes folhas, a cujas redacções agradecemos:

A *Estrella do Norte*, interessante periodico que se publica em Taubaté, provincia de S. Paulo; e *O Conservador Penedense*, de Penedo, provincia das Alagôas.

FALLECIMENTO.— Falleceu ha dias o Sr. Ignacio de Paula Nogueira da Gama, parente do nosso collega de redacção P. Macedo; ao collega e á sua Exma. familia dirigimos nossos sentidos pezames.

AGRADECIMENTO.—De coração agradecemos ao Sr. Dr. Macedo a mimosa poesia que nos offereceu, a qual em lugar competente publicamos.

BRINCADEIRA PERIGOSA. — A's 11 horas da manhã do dia 26, no quartel da guarda municipal, estando a praça José Ferreira da Silva brincando com

Fonte: BN. Hemeroteca Digital Brasileira

Em *A Mocidade* (1880-1881), Jorge Pinto estreou nas artes tipográficas, segundo suas memórias, com apenas quinze anos à época. Em suas páginas, há clara manifestação de um posicionamento abolicionista e republicano.

> Apresenta-se hoje na arena da imprensa do jornalismo *A Mocidade.*
> Ainda não traquejados nas lides do jornalismo, é provável que venhamos a cometer faltas. A benevolência do público nos desculpará.
> *A redação composta de moços, que se dedicam a carreira das letras, há e procurar não desviar-se da senda que traçou pra si. [...] somos sinceros partidários e sustentadores da democracia.*
> *Não nos confessamos republicanos pelo simples fato de o exigir o modernismo do século presente; não: temos a este respeito convicções arraigadas [...]*
> Enfim, como patriotas que somos, desejamos e temos esperanças de que há de chegar breve o dia em que tremulará nas ameias de São Cristóvão o estandarte sacrossanto da democracia. [...]
> *– Como cidadãos, declaramos que nos indigna e nos fere os ouvidos – o grito angustioso e [gemido] do escravo.*

> *No nosso entender a escravidão é um cancro deletério que corrói e depaupera o organismo de uma nação bem constituída. Cumpre, pois extraí-lo deste malfadado país*.
> A Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, no manifesto que expendeu, achou eco em nossos corações, e as nossas débeis forças serão sempre empregadas em prol da emancipação.
> Felizmente a civilização caminha a passos largos, e temos esperanças que, em pouco tempo, a palavra – escravidão – não se faça mais ouvir nos quatro cantos deste país.[464]

O artigo de estreia d'*A Mocidade* carrega muitos significados. República e abolição aparecem de maneira clara e publicamente pela primeira vez. Ainda que da pena de jovens, permeava-se aquela sociedade que até então não havia discutido no espaço público esses temas que fervilhavam na agenda política do Brasil. A autoapresentação – moços que se dedicam à carreira das letras – reforça a hipótese do caráter propedêutico da imprensa periódica naquele contexto.

É nesse contexto que aparecem, em 1885,*O Porvir* e o *Club* (tratado no capítulo 3), com o primeiro trazendo a seguinte epígrafe: "periódico literário e recreativo dos alunos do Colégio Brandão".[465]*O Porvir* era propriedade do Clube literário Bernardo Guimarães. O periódico era redigido por Francisco Bellieni, A. Miranda e R. Chagas e tinha como gerente Olimpio Guimarães. Durante a década de 1880, existiu em Vassouras pelo menos uma dúzia de instituições de ensino voltadas para o ensino secundário, como demonstrado no capítulo anterior. Pode-se deduzir haver considerável público leitor para as publicações desse gênero. Uma série desses periódicos foi publicada por clubes literários e agremiações estudantis. Brandão tornou-se colaborador do *Vassourense* em 1884.

Em pequeno formato in oitavo, *O Porvir* não trazia anúncios. Também apresentava periodicidade quinzenal. Em 21 de abril de 1885, foi publicada uma edição comemorativa ao aniversário de morte de Tiradentes. Com trabalho gráfico esmerado, exibia fantasias e tipos especiais. Esse número traz dez artigos cujos temas se relacionam à biografia do inconfidente e à própria inconfidência como desejo de libertação nacional. Os artigos apresentam o sistema republicano como

---

[464] Artigo-programa d'A Mocidade. In: PINTO, Jorge, op. cit., p. 115-6.

[465] *O Porvir*, nº06, 15 de junho de 1885. BN/Seção de obras raras.

etapa inevitável na história do Brasil. A efeméride foi comemorada também, como notícia o jornal, com uma sessão solene no Clube Bernardo Guimarães.[466]

Imagem 30 — O Porvir, edição extraordinária em 1885

ANNO I — VASSOURAS, 21 DE ABRIL DE 1885 — N. Extraordinario

O PORVIR

HOMENAGEM A TIRADENTES — HOMENAGEM A TIRADENTES

Periodico Litterario e Recreativo dos Alumnos do Collegio Alberto Brandão

O PORVIR

VINTE E UM DE ABRIL

JOAQUIM XAVIER

80 já tinha começado a escrever a sua epopea de sangue e de luz.

Por toda parte pairava, como vertigem fatal, o echo das reinvidicações sociaes.

A consciencia humana parecia agitar todas as energias de sua força.

E' que Voltaire já tinha pensado; —é que a palavra de Mirabeau ainda rebouva,— a maneira de uma fulminação divina.

Joaquim Xavier,— a alma livre brasileira de 1792— acudiu logo ao nobre reclamo do seculo.

E entrou na immortalidade da historia,— com as duas altas virtudes dos heroes,— o enthusiasmo do iniciador e a serenidade do martyr.

Cahio— diante de uma penalidade barbara, a carta de exceppão ollosa de D. Maria I.ª,— mas assignalou um espectaculo excessivo e admiravel,— a glorificação de uma força!

Transformou o ultimo estertor de sua agonia no famoso grito do Ipyrangu,— legando, por uma generosidade immensa e mysteriosa, ao neto de quem o havia supliciado, a herança grandiosa de sua idéa,— a independencia da patria!

A memoria deste homem, que reflete o respeito sagrado das victimas illustres, é a maior das claridades de nossa vida nacional.

O anniversario de seu sacrificio não é, para nós, sómente um dontrinamento civico,— é tambem a veneração de uma grandeza santa.

L. DE A.

FOLHETIM

AO CORRER DA PENNA

Bom. Agora que estou sentado á mesa, tendo a penna na orelha e duas tiras de papel na frente que, sem remedio, tenho de enchel-os para o folhetim do *Porvir* seja lá com que fôr, é mister que escreva. Bem ou mal, cousas bonitas ou feias, galantes ou parvas etc., tenho de escrever: — *that is the question*; e a gentil leitora bom sabe que para encher-se duas tiras de papel almaço, precisa-se *dar volta ao miolo*.

Deixem fallar quem quizer mas isto de *escrevinhar* para jornaes não é cousa tão fácil como parece, á primeira vista; pelo menos quem quizer sahir-se bem d'esta empreza, hade proceder de seguinte modo: —ou fazer um escripto muito bom, ou muito ruim, não ha meio termo: o primeiro será elogiado pelos que sabem, e o segundo servirá de divertimento aos... tolos...

Dito isto, já a leitora vê que este folhetim faz parte da segunda especie de escriptos.

∴

Oh! senhores! Eu aqui de prosa ha tanto tempo, e agora é que me lembro de uma encommenda que me fizerão os redactores do *Porvir*!!!

E' que elles encommendaram-me um folhetim *debaixo de ordem*, para commemorar o dia de hoje, anniversario da morte de Tira-Dentes.

Mas... que esquecimento, senhores.

Hão-de dizer que foi pouco caso da minha parte; mas, se suppuzerem isso desde já vos peço mil desculpas, pois que tenho desejos mil, de dizer alguma cousa a respeito do martyr da liberdade, mas agora não o posso fazer de modo algum, pois que.. as duas tiras de papel já estão cheias.

J. A. O. B. J.

TIRA-DENTES

Tira-Dentes, é o unico homem a quem os brazileiros devem prestar homenagem, porque foi elle o typo

Fonte: Hemeroteca Digital

O seu aparecimento no início de 1885 foi saudado pelo *Vassourense*.

> Temos sobre a mesa o primeiro número do *Porvir*, redigido por alunos do colégio Alberto Brandão.
> Sempre aplaudimos os moços que roubam momentos às horas de recreio para se entregarem aos estudos literários e as lides da imprensa.
> *É exercitando-se pouco a pouco na difícil arte de bem escrever que chegarão um dia a ser grandes escritores.*
> Os redatores do *Porvir* são moços inteligentes e estudiosos. Se os artigos do primeiro número do seu periódico não são escoimados de defeitos, nada há nisso de admirar, pois que não se pode exigir tudo de moços que começam agora a fazer seus ensaios na imprensa. [...]
> *Continuem os jovens redatores na sua carreira jornalística, e algum dia verão que a imprensa é uma necessidade, e se não é o mais importante de todos os descobrimentos, está com certeza no primeiro plano.*
> *Estudem e escrevam.* [...].[467] (grifos nossos)

---

[466] *O Porvir*, nº extraordinário, 21 de abril de 1885, p. 4.

[467] *Vassourense*, 29 de março de 1885, p. 1.

Da pena de Lucindo Filho, não faltavam oportunidades para dirigir uma ode à imprensa periódica. No elogio à publicação d'*O Porvir*, ele discorre sobre "a necessidade da imprensa" ao mesmo tempo em que relaciona o aprendizado que as lides dessa mesma imprensa proporcionavam aos estudantes. A imprensa exerceria, desse modo, uma função pedagógica importante; resulta daí a profusão de jornais colegiais quando Vassouras viu proliferarem os colégios secundários.

A epígrafe que abre este capítulo também foi produto da pena de jovens redatores. O periódico *Brado Democrático* estreava em 1º de julho de 1874. Na reprodução de seu artigo-programa, enxergam-se os valores daquela geração. Angela Alonso afirma que "o movimento intelectual dos anos 1870 é uma das manifestações de contestação do status quo imperial".[468] Desses periódicos colegiais, mesmo fragmentados, é possível extrair o tom da linguagem política empregada. Ela corrobora o argumento de Alonso. Esses textos podem ser tomados como manifestações políticas e intelectuais.[469]

> Brado Democrático, é esse o nome inscrito por nós na flâmula, que hoje desfralda-se na atmosfera da imprensa.
> Brado Democrático não é um grito de revolução nem alarma; mas sim um brado leal partido do seio da mocidade Vassourense, a fim de propagar em ecos longínquos as doutrinas democráticas.
> Estimular a mocidade à luta, combater sempre todos os males, que possam perturbar a tranquilidade de nosso futuro, defender os sagrados direitos do povo [...].[470]

Os jovens redatores se reconhecem como os legítimos defensores dos direitos do "povo", preocupados com o "futuro" do país. Nesse sentido, pode-se afirmar que aqueles agentes sociais selecionaram ideias e as tomaram para orientar a sua ação.[471] O artigo dirige críticas duras ao forçar a pena contra o Império.

---

[468] ALONSO, Angela. *Ideias em Movimento*... p. 45. A autora analisa nesse estudo textos de caráter político que foram publicados entre 1870 e 1897. Ela deixa de fora os textos literários, técnicos e a imprensa periódica, embora destaque a atuação do grupo de intelectuais ligados ao periódico *A Semana*.

[469] Ibidem, p. 46.

[470] *Brado Democrático*. In: PINTO, Jorge op. cit., p. 112.

[471] ALONSO, Ângela, op. cit. p. 35.

> *É tempo mocidade, mocidade, de levantar a cabeça e enristar a lança para vir combater contra este governo oligarca, do contrário lá no futuro receberemos o Brasil em um desmantelo completo.*
> É tempo, povo, de cuidar dos destinos de seu país, e este é desolador se continuar assim. [...]
> A causa que advogamos é a vossa, e temos fé robusta em Deus e nos vossos altivos sentimentos, como haveremos de ganhá-la.
> Ajudai-nos.
> *O século vigésimo se aproxima e façamos votos para que a sua aurora não venha iluminar o pálido quadro da atualidade, mas sim o – de homens livres, caminhando em demanda do porvir.*
> *Se o presente século é o das luzes, o vindouro será o da liberdade*.[472]

Nos trechos em destaque, saltam as ideias postuladas pelo crescente movimento republicano e suas críticas ao Império. As "oligarquias" que os redatores criticam estavam mais bem exemplificadas ali mesmo, em Vassouras. Todavia, a década de 1870 compreendeu um tempo de transformação que marcou profundamente uma geração. A ideia de progresso e modernidade novamente aparece nas referências ao século das Luzes e ao da liberdade. Compreendendo a si como herdeira da Ilustração, a imprensa periódica apontava o caminho para o futuro e conclamava o "povo" a segui-la. É possível afirmar que esses jovens deram sustentação para uma série de movimentos que culminaram na queda da monarquia, e a substituição do regime em 1889. Vassouras seguiu na década de 1880 como um "laboratório" para jovens que ali passavam parte de sua juventude fazendo os preparatórios para os exames das academias do Império. Jornais efêmeros serviram de porta-vozes para ensaiar, no espaço público, suas ideias que já fervilhavam em grandes centros urbanos. Abolição e República fizeram-se presentes nos ensaios da imprensa colegial. Sua análise permite perscrutar a permeabilidade dessas ideias na geração de 1870 a partir de grupos anônimos, contudo representativos.

4.2.1 *O Caloiro*, um periódico incendiário

Dentre os periódicos analisados neste trabalho, nenhum apresentou uma linguagem tão expressiva e direta em relação às criticas desferidas contra o *status*

---

[472] *Brado Democrático*. In: PINTO, Jorge, op. cit., p. 114-5.

quo. Se havia naqueles homens de Vassouras da primeira metade do século XIX, e mesmo quando da criação do primeiro jornal, um temor acerca do poder incendiário dos jornais, *O Caloiro* atendeu, negativamente, às suas expectativas. Seu primeiro número saiu em 15 de junho de 1884.

Dispondo apenas do segundo número do jornal nos arquivos consultados, seu editorial revela uma resposta ácida às críticas que surgiram com a circulação do primeiro número. Segundo o redator:

> Artigo único.
> §1º Incensar a Deus sem desagradar ao diabo.
> §2º Incensar ao Diabo sem desagradar a deus,
> Eis o programa apresentar (sic) os que precisam viver com todos.
> A franqueza com que aparecemos na arena da imprensa devemos ao desafeto de personagens bem salientes na sociedade.
> [...] Houve quem ousasse dizer-nos que as ideias manifestadas em nosso artigo-programa podiam ser faladas, mas nunca escritas. Ainda mais: houve quem nos aconselhasse uma retratação!! Somos muito pequeninos, microscópicos até, mas preferimos tombar fulminados como carvalho a vergar como o salgueiro. [...] "*Plantar batatas" – dirão os que desejam ver-nos cuidar em qualquer coisa que não seja escrever artigos independentes dirão os que nos acusam de incendiários. Incendiários!?*A nossa voz é muito débil para provocar um incêndio no ânimo dos povos e mesmo quando não o fosse nada haveria a temer, porque como dissemos em nosso artigo-urtiga [sic], não pretendemos tratar de política [...].[473] (grifos nossos)

Como dito anteriormente, é um recurso comum à pretensa imparcialidade política aos quais recorreram os redatores dos periódicos naquele momento. O recurso ao humor é evidente ao buscar agradar a deus e ao diabo, ou seja, a todos. Entretanto, fica claro que *O Caloiro* possui um programa político, está explícito. O possível pedido de retratação e a acusação de incendiário evidenciam uma recepção negativa à folha por parte da sociedade. Publicado na localidade conhecida como Estação de Vassouras, entrada e saída do município daqueles que tomavam o trem da Estrada de Ferro D. Pedro II, tal local comportava uma intensa circulação de pessoas.

Não dispomos do primeiro número do periódico, mas o seu programa fica claro ao se analisar as críticas publicadas no *Vassourense* que parabenizavam a publicação de Speridião Martins. Na seção "A Pedido", de 6 de julho, C. F. (não identificado) escreve uma crítica a um editorial do periódico que trazia, dentre outros

---

[473] *O Caloiro*, nº02, 22 de junho de 1884. BN/Seção de obras raras.

assuntos, elogios à municipalidade. Na edição seguinte, do dia 13 de julho, outro texto, dessa vez no noticiário, recepcionava *O Caloiro*. Sobre a estreia do periódico, escreve Lucindo Filho:

> No dia 1º do corrente saiu dos prelos desta tipografia o primeiro número do *Caloiro*.
> É órgão da Estação de Vassouras e propriedade do Sr. Speridião Martins.
> Seus redatores são moços inteligentes e que dedicam as suas horas de lazer aos estudos literários. *O programa do Caloiro indica mesmo o ardor da mocidade: monarquia, escravidão e clero, eis as três coisas que é preciso extirpar, diz o artigo de apresentação. É o nobre entusiasmo da juventude, que com o correr dos anos se arrefecerá* [...].
> Além de muitas poesias humorísticas, traz o primeiro número um artigo do zeloso professor Alfredo de Azevedo, que dirige encômios à municipalidade vassourense. E até a chama de patriota!
> *O artigo é bem escrito, mas desculpe-nos o seu ilustre autor em termos a franqueza de dizer-lhe, que não gaste sua cera com tão ruim defunto; a nossa vereança é a maior inimiga do progresso, tem mais horror a ele que o diabo à cruz!*
> Saudando o *Caloiro* desejamos-lhe vida longa.[474] (grifos nossos)

A partir dessas informações, fica claro o motivo das críticas a *O Caloiro*. O jornal combate de uma só vez três instituições: a monarquia, a igreja e a escravidão. Interessante também é o juízo de Lucindo Filho desacreditando no entusiasmo que, com o passar do tempo, esfriaria. A História, entretanto, mostrou-se diferente. O texto expõe também a oposição do *Vassourense* à legislatura da câmara municipal naquele momento (observar os embates em relação à Biblioteca Popular, capítulo 2). Os ditos populares soam como críticas incisivas à atuação dos vereadores. Retornar-se-á a esse tema adiante. O periódico mereceu ainda outras menções no *Vassourense*, quando Alfredo de Azevedo declara que não é de sua lavra o texto do editorial citado pelo jornal: "Correndo como certo serem de minha lavra os artigos que sob a rubrica *Da Redação* [...] apresso-me a declarar nada ter com a redação da mesma folha, em a qual escrevi como simples colaborador [...]".[475] Os artigos d'*O Caloiro* causaram repercussões negativas em Vassouras.

Na edição de 9 de novembro do mesmo ano, Claudino Dias responde a um artigo publicado n'*O Caloiro* em 7 de setembro. Sabe-se a partir daí que o periódico

---

[474] *Vassourense*, 08 de junho de 1884, p. 1.

[475] *Vassourense*, 13 de julho de 1884, p. 4.

circulou por, pelo menos, quatro meses até desaparecer. Em resposta ao artigo intitulado "*Libertas quae sera tamen*":

> Apreciadores que somos do talento de seu autor, estranhamos a maneira intolerante que apresenta suas ideias, o que só pode encontrar desculpa no entusiasmo da ocasião.
> Levado pelo impulso abolicionista que muito lhe louvamos, s. s. descreve em largos traços a história da pátria, cometendo nesse ponto inexatidões [...].[476]

A desconstrução que o comentador opera no editorial d'*O Caloiro* materializa-se na utilização de dois historiadores brasileiros – Adolfo Varnhagen, citando *História do Brasil*, e Pereira da Silva, *História da fundação do império brasileiro* – para criticar o que chamou de "nativismo" em detrimento de um "patriotismo cosmopolita". O texto da folha incendiária aponta os portugueses como opressores e exalta o movimento Farroupilha. Dias encerra seu texto com a consideração de que "sirva-nos de lenitivo a recordação de tantas desilusões passadas e recolhamos mais esta".[477] O conjunto dos textos publicados no Vassourense permite afirmar que não houve uma boa recepção ao periódico, mesmo pela imprensa vassourense. Nesse episódio, verificam-se as primeiras querelas entre os homens de imprensa do município.

A conclusão dessa breve história de um periódico incendiário pode ser encontrada no Folhetim do *Vassourense* em 13 de dezembro de 1885. O autor não se revela, utilizando o pseudônimo PULCINO.[478] Com o título *Fatos e notas*, crônica domingueira, o autor relata o diálogo entre dois personagens: o cronista e o leitor. Nessa ficção, o cronista convida o leitor para um passeio de trem até a Estação de Mendes, freguesia próxima a Vassouras. Discutem amenidades e embarcam no trem da estrada de ferro Vassourense, em direção à Estação de Vassouras, de onde se tomava outro trem até Mendes.

Cronista (já na estação de Vassouras):

---

[476] *Vassourense*, 9 de novembro de 1884, p. 3.

[477] Ibidem.

[478] O pseudônimo foi utilizado também na revista *A Quinzena*, não sendo possível atribuí-lo com segurança.

> – Ó leitor, que fim levou o *Caloiro* – um jornalzinho interessante e bem escrito que existia aqui no povoado da Estação, redigido pelo Juvenal Martins, um simpático poeta...
> *Leitor* (impaciente):
> – Ora sei lá de *Caloiro*! – importo-me eu lá com jornalecos!
> *Cronista* (encolerizado):
> – Pois é por você e outros não se importarem com a imprensa, é por isso que se vê tanta cavalgadura nesse país.[479]

Interessante notar que a referência ao *Caloiro* serve a uma reprimenda ao leitor. O periódico, àquela altura, desaparecera e, embora fosse um pequeno jornal, deveria ter, para o cronista, seu lugar no espaço público. A viagem termina na freguesia de Mendes, com o cronista chamando atenção para o desenvolvimento local, para o colégio Pujol e para o único jornal que se publicava na localidade. Exorta ao seu interlocutor a necessidade de maior atenção da municipalidade vassourense para com aquela freguesia. Sem maiores informações, desapareceu *O Caloiro*, mas não os ideais que propagava.

4.3 *Vassourense:* imparcial, noticioso e literário

O *Vassourense* é um monumento literário e político na história da imprensa em Vassouras. A leitura atenta de suas quase mil páginas, entre o seu aparecimento e a morte de seu redator e proprietário, permite ao historiador recuperar parte significativa do ambiente dos anos que marcaram o declínio do Império do Brasil e o novo sistema político. Nas folhas amarelecidas do periódico, uma história está por fazer-se. Na análise aqui empreendida, tratou-se como limite temporal a emergência da República. A trajetória do jornal ao longo da última década do Oitocentos espera um estudo à parte.

Desde o trabalho de Stanley Stein – *Vassouras, um município brasileiro do café* – o periódico vem sendo utilizado como documento importante para recuperar os aspectos da sociedade escravagista do vale do Paraíba fluminense.[480] Para este

---

[479] *Vassourense*, 13 de dezembro de 1885, p. 1.

[480] Cf. STEIN, Stanley J. *Vassouras, um município brasileiro do café (1850-1900)*. Trad. Vera B. Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

capítulo, foram pesquisados, dentro do recorte temporal, apenas os textos dos editoriais e do noticiário; adicionalmente, algumas colunas que surgiram no recorte temporal cujas informações julgaram-se importantes foram também analisadas.

O *Vassourense* possui hoje duas coleções disponíveis para pesquisa. Uma delas está acessível *online* no sítio da Hemeroteca Digital Brasileira (1882-1890). A outra se encontra no Arquivo Municipal de Vassouras (1882-1896). Como foi abordado no capítulo 1, o periódico foi publicado até 1932, com interrupções, certamente, que não podem ser precisadas pela ausência de exemplares para a pesquisa. A primeira fase do *Vassourense* pode ser definida a partir do surgimento do primeiro número, em fevereiro de 1882, até a morte de seu proprietário e redator, Lucindo Filho, em 1896. As fases posteriores carecem de sistematização e estudos. O extrato do movimento da tipografia apensado ao seu inventário *post-mortem* é o único documento que permite um olhar sobre o cotidiano desse jornal e a sua produção em fins do Oitocentos. Esse documento está reproduzido integralmente no **anexo E**.

A sua estreia na imprensa local, após a epidemia de febre amarela, marca o início de um processo de recuperação da vida urbana na freguesia de Vassouras, esvaziada durante os anos de propagação da doença, que ceifou a vida, inclusive, dos redatores da *Gazeta de Vassouras*. A longevidade pode ser atribuída ao amadurecimento de Lucindo Filho como intelectual que atuava desde a imprensa, e mais, servia como orientador e mentor de vários homens de letras, que logo entrariam para o cenário intelectual do país.

Imagem 31 —*Vassourense* (detalhe), 1882

Anno I — Vassouras, 19 de Fevereiro de 1882 — N. 1

VASSOURENSE

PERIODICO IMPARCIAL, NOTICIOSO E LITTERARIO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURA ADIANTADA
Anno . . . . . 10$000
Annuncios, 100 rs. por linha. Repetições por mais de tres vezes pelo preço que se convencionar

REDACTOR, DR. LUCINDO FILHO.
COLLABORADORES: DR. RODOLFO LEITE, DR. DOMINGOS DE ALMEIDA, JOSE' FAUSTINO E A. F. MARQUES
Gerente, João Jullião Manso Sayão

ACCEITÃO-SE
com especial agrado, informações com relação á lavoura, á industria e aos melhoramentos e interesses das localidades vizinhas e todas as que forem do interesse geral.
Não se admittem testas de ferro.

Fonte: BN. Hemeroteca Digital Brasileira. Vassourense, 19 de fevereiro de 1882.

Em seu editorial de 19 de fevereiro de 1882, o redator do Vassourense celebra o retorno da imprensa periódica local.

> Eis a razão do aparecimento do *Vassourense*. Ele apresenta-se ao público desprovido de atavios e sem pretensões. A imprensa em si já é um indício do progresso das localidades, é uma força que não se deve desprezar, antes aproveitar e explorar quando bem dirigida e honesta. Tratará principalmente de tudo que for de interesse para o município, cujos direitos advoga. [...] A redação deste periódico, temendo falecer-lhe o ânimo no desempenho da árdua tarefa que tomou sobre os ombros, chamou em seu auxílio quatro valorosos campeões, habituados às lides jornalísticas e cuja competência é pelos demais conhecida; são eles os Srs. Dr. Rodolfo Leite Ribeiro, José Faustino da Fonseca Silva, Dr. Domingos Alves de Almeida e Antonio Francisco Marques.[481]

Ele apresenta-se como um espaço neutro de discussões e não alinhado a nenhuma posição político-partidária. Esse tipo de posicionamento, como já discutido anteriormente, é comum em muitos periódicos, embora, no decorrer do tempo, nem sempre tenham mantido a pretensa neutralidade. O ideal de progresso, e a imprensa como impulsionadora deste, é uma continuação do projeto d'*O Município*. Ideal esse bastante caro a uma ampla parcela da intelectualidade brasileira do Oitocentos. Quanto aos "valorosos campeões" que Lucindo Filho identifica como já "habituados às lides jornalísticas", trata-se de homens que colaboraram com periódicos que circularam em Vassouras desde 1873 e faziam parte do círculo de intelectuais que residiam na cidade (ver capítulos 2 e 3).

A própria figura do redator merece muita atenção, por isso foi apresentada e analisada a partir de sua trajetória no capítulo anterior. Lucindo Filho participou da imprensa no município desde o primeiro periódico a circular em 1873. Tendo regressado da Guerra do Paraguai, casou-se e fixou residência em Vassouras, dali nunca mais tendo saído.

Ao observar o seu editorial inaugural, pode-se verificar que o periódico em 1882 apresentava-se como herdeiro d'*O Município* e continuador da imprensa em Vassouras.

> Todas as cidades circunvizinhas, Valença, Barra Mansa, Resende, Paraíba do Sul etc. sustentam um ou mais periódicos. *Qual a razão por que Vassouras, umas das mais importantes da província, de onde em outras eras partiu a representação a favor do júri, onde nasceu a ideia da Estrada*

---

[481] *Vassourense*, nº1, 19 de fevereiro de 1882.

> *de Ferro de Pedro II, Vassouras, cuja sociedade é apontada sempre como uma das mais distintas e ilustradas não pode dar vida a um periódico?*
> *Sabem todos quais os serviços prestados pelo Município, em cujas colunas sempre encontraram alento às questões mais de perto podiam interessar à sociedade vassourense. Entretanto, viveu com sacrifício dês seus redatores, que ao final tiveram que abandonar o campo por falta de animação.*
> A *Gazeta de Vassouras* também morreu pelo mesmo motivo.
> Acontecerá o mesmo ao *Vassourense*? Não o cremos. *Já se viu que era infundado o receio de que um periódico nesta cidade pudesse fomentar e alimentar intrigas e mexericos de aldeia.*
> O elevado programa do *Município* e o seu fiel cumprimento durante cinco anos de existência vieram demonstrar que a imprensa moralizada, séria e imparcial é uma necessidade de que não se pode prescindir.
> O *Vassourense*, continuando as tradições desse periódico, adota o mesmo programa.[482] (grifos nossos)

O editorial se transfigura em uma crônica da história de Vassouras. O jornal argumenta que todos os outros grandes municípios do Vale possuíam jornais. Aponta fatos que considera relevantes para o país e os liga à sociedade vassourense. A resposta à proposta de reforma de Nabuco de Araújo, a criação da Estrada de Ferro Dom Pedro II, a "ilustração" daqueles homens (ver capítulo 1). A resposta para o desaparecimento d'*O Município* em 1879 também está dada: a falta de animação dos redatores, que pode ser interpretada como dificuldades financeiras para manter o jornal e a sua tipografia. A tentativa dos redatores da Gazeta de Vassouras, em 1880, também não lograra êxito. Nesse ponto, ao se questionar sobre o futuro do periódico que estreava, o redator recorre à lembrança do temor que a imprensa causava no passado. Esse tema perpassa toda a existência da imprensa na cidade até o final do século XIX. Os redatores sempre se justificariam e apontariam que o receio era infundado. Finaliza o editorial recorrendo à fórmula da imparcialidade, contudo deixando mais claro o interesse em apontar os desvios da administração pública. Numa tríade de "nãos", reforça o seu programa.

> Não se envolverá nas lutas partidárias, visto como não alça a bandeira de nenhum dos partidos militantes, não ficando por isso isento de tratar dos problemas sociais e de política em geral, a que nenhum cidadão deve ser estranho.
> Não oferecerá suas colunas a questões pessoais odiosas, acreditando que em um lugar pequeno, desde que a imprensa se torna cúmplice de convícios e desvios, desmoraliza-se e é indigna do conceito em que deve ser tida.

---

[482] *Vassourense*, 19 de fevereiro de 1882, p. 1.

> Não combaterá os homens em sua personalidade individual, mas estará sempre pronto para discutir os atos dos funcionários públicos quando exorbitarem no exercício de seus cargos, e quando merecerem censura.[483]

A censura aos funcionários públicos rendeu muitos atritos entre o Vassourense e a municipalidade. Os ataques ao jornal podem ser acompanhados ao longo de toda a sua existência. Ao longo do primeiro ano do jornal, um tema que chama a atenção é o noticiário constante acerca da epidemia de febre amarela que havia grassado na freguesia da cidade nos dois anos anteriores. O interesse pelo assunto pode ser relacionado à formação acadêmica de Lucindo Filho, mas não apenas isso. A superação da epidemia trouxe para a imprensa uma retórica do ressurgimento da cidade, da necessidade de se provar que após o flagelo tudo se recomporia. A crise do café, que já dava sinais naquela década, iria reforçar esse discurso na imprensa periódica. A crescente instabilidade política do Império brasileiro e o acirramento do movimento abolicionista contra a escravidão, que tinha no Vale o seu reduto, transbordaram para as páginas do *Vassourense*.[484] Ao passar em análise os editoriais que abrem a publicação a cada novo ano de circulação, tem-se a noção de como o redator da folha avaliava o ano anterior e apresentava suas expectativas. Em 1883, ele inicia o editorial celebrando o segundo ano de vida do periódico e prossegue afirmando a dificuldade na manutenção de um jornal que "não siga qualquer dos credos políticos". Ele aponta que o ano que passou significou o "renascimento de Vassouras", numa alusão ao esvaziamento da freguesia em decorrência da febre amarela. Finaliza o editorial louvando a imprensa como sinônimo do progresso das localidades e afirmando que "[...] o jornal é o mármore em que se burila a história das nacionalidades, e no nosso caso, um modesto jornal local é o arquivo dos fastos das pequenas cidades, e o conjunto de todas essas histórias parciais faz a história da nação".[485]

Em 1884, o jornal celebra o seu terceiro ano de existência, mas faz alusão às querelas políticas no ano anterior e embates, principalmente com a municipalidade.

---

[483] *Vassourense*, 19 de fevereiro de 1882, p. 1.

[484] Para essa discussão ver: SALLES, Ricardo. *E o vale era o escravo*: Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

[485] *Vassourense*, 7 de janeiro de 1883, p. 2.

> Dificílimo é dirigir a imprensa local. Ainda não está determinado o estalão pelo qual devem ser discutidas as questões de interesse a contento de todos. Ou torna-se a imprensa comparsa de todos os abusos e arbitrariedades, e nesse caso não é digna de ser sustentada, ou então empunha o látego para fustigar esses mesmos atos, e desagrada a facção dos asseclas dos infratores da ordem pública.
> É o que nos acontece.
> Não podemos ficar impassíveis diante de um certo número de fatos, e daí a sanha de alguns, e até a irrisória ameaça de haviam de fazer calar os prelos [...].[486]

É a primeira vez que um jornal de Vassouras se refere a ameaças de empastelamento. As reclamações sobre as dificuldades em levar adiante um empreendimento tipográfico e um jornal no interior da província eram recorrentes. O texto prossegue, como de costume, salientando as realizações do ano anterior que eram dignas de nota.

Em 1885, o redator apenas reforça o programa do jornal dando ênfase na imparcialidade e recuperando a "cruzada" que a municipalidade quis fazer contra ele. Entre 1883 e 1886, a câmara teve como presidente o barão de Massambará. No levantamento que foi realizado, é difícil caracterizar posicionamentos políticos pela ausência de informações seguras sobre os vereadores do período. Seu presidente era membro do Partido Conservador e a imprensa local era fruto do trabalho, desde o pioneiro *O Município*, de homens ligados ao Partido Liberal. As questões de partido a que o jornal se refere em diversos momentos poderiam ser uma polarização liberais *versus* conservadores no cenário político local? A década de 1880 mostrou-se intensamente conturbada, e a imprensa local refletiu a instabilidade daquele momento.[487]

"O fiscal da imprensa é a própria imprensa". Essa frase resume o tom do editorial de 1886. Para o redator, a crítica positiva que o *Vassourense* recebe de inúmeros periódicos dava a dimensão do seu trabalho e o animava a prosseguir. Como nos editoriais anteriores, cita aqueles "[...] poucos desafeiçoados" a quem o jornal criticava.[488]

---

[486] *Vassourense*, 6 de janeiro de 1884, p. 1.

[487] *Vassourense*, 4 de janeiro de 1885, p. 1.

[488] *Vassourense*, 3 de janeiro de 1886, p. 1.

Em 1887 foi feita uma nova crítica, pois “[...] é muito espinhosa a tarefa da redação de um periódico nas pequenas localidades; nem sempre se pode agradar a todos”. Somou-se às questões envolvendo a municipalidade o surgimento do jornal *O Isothermico* em 1886.[489] Foram adicionadas aí as rusgas entre diferentes veículos de imprensa. Em 1887, a Revista *A Quinzena*, cuja redação contava com vários colaboradores do *Vassourense*, teve diversos embates até que a publicação cessou após o seu sétimo número. O contexto político dos anos que precederam a abolição e a República em Vassouras foram bastante tensos e tumultuados no cenário público.

Em 1888, o editorial celebra o sétimo ano de existência salientando que a história do *Vassourense* já se faz longa e isso seria sinal de que seus redatores faziam um bom trabalho. Louvando sempre a imparcialidade que julga possuir, sinaliza que o jornal quer se manter útil tanto “[...] ao lavrador quanto ao homem de letras”.[490] As discussões sobre a substituição do trabalho escravo – que se aproximava, embora sem ainda saber que seu fim chegaria em meses – fez com que o jornal publicasse uma enxurrada de colunas sobre agricultura e alternativas para a substituição da mão de obra cativa. Ampliou-se também os textos nas colunas “comunicação”, “seção livre” e “a pedido”, nas quais os textos não expressavam necessariamente a opinião do jornal. Foi impossível ao periódico escapar àquele debate. Isso fica evidente no editorial de 1889,o qual abre espaço para quem quiser discutir a causa da república ou da monarquia (essa questão será aprofundada adiante). Em 1890, o jornal pugna que “devem estar esquecidas todas as dissensões que dividiam os cidadãos [...]”. O redator apela ainda para o auxílio dos vassourenses para a manutenção da imprensa: “[...] não podemos mais fazer sacrifícios para a manutenção do *Vassourense* [...]”. Por fim, recorda o papel da imprensa nos eventos que culminaram no 15 de novembro. A análise dos editoriais até aqui demonstra que os redatores e colaboradores do jornal sabiam seu papel na cultura política local. Atuavam e intervinham no espaço público ativamente, por isso colheram flores e espinhos.

---

[489] *Vassourense*, 2 de janeiro de 1887, p. 1.

[490] *Vassourense*, 1º de janeiro de 1888, p. 1.

Após a década de 1880, a imprensa minguou em Vassouras. Alguns poucos jornais surgiram na última década do século. Apesar disso, o *Vassourense* se manteve regular até a morte de Lucindo Filho. Daí por diante, não há vestígios que permitam afirmações seguras. Ele retorna em 1899, dirigido por Thomaz Gomes dos Santos Filho. Torna-se aí um jornal explicitamente partidário. Mas isso já é outra história.

4.3.1 A febre amarela é notícia

A questão das epidemias e das doenças na história já constitui um capítulo à parte e está inserida numa história social das doenças. A febre amarela que atingiu Vassouras entre 1880 e 1881 deixou um rastro de mais de oitenta óbitos, o que gera um grande alarde em uma freguesia com poucos milhares de habitantes à época.[491] Chama atenção aqui o curioso fato de que mesmo o jornal tendo sido fundado quase um ano após o fim da epidemia, existe uma grande preocupação em chamar a atenção da sociedade e das autoridades municipais para a "higiene pública" com receio de que a falta de cuidados "higiênicos" gerasse as condições para o reaparecimento da doença:

> O estado sanitário desta cidade é excelente, não há receio mais que reapareça a epidemia de febre amarela. Contudo chamamos a atenção da autoridade competente para os vendedores de frutas verdes, que de vez em quando se veem pelas ruas.[492]
>
> [...] o que é fato é que, se a epidemia não tivesse declinado por falta de combustível, e pela entrada do inverno, apesar de todas as reclamações ainda estariam sendo enterrados cadáveres de epidêmicos no cemitério atual tornando-o em foco de infecção permanente.[493]

---

[491] Segundo Sidney Chaloub, a partir da década de 1870, a febre amarela havia se transformado no problema de saúde pública do Império, uma vez que o aspecto crucial estava na associação entre febre amarela e imigração. Com isso, a defesa da ideia de aclimatamento tornou-se a posição do governo imperial para evitar que infectados propagassem a doença. Somente mais tarde se saberia as causas da doença e do mosquito como agente transmissor. CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril*: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.84ss.

[492] *Vassourense*, 19 de fevereiro de 1882, p.03.

[493] *Vassourense*, 05 de março de 1882, p.02.

> Chamamos a atenção do fiscal da freguesia para o estado de imundície em que se acham as ruas. Cortaram-lhes as barbas com tesoura, mas esqueceram-se de passar a navalha.[494]

A análise dessas notícias deixa transparecer o teor de alerta às autoridades municipais para que tomassem as medidas necessárias para evitar que doenças, como a febre amarela, reaparecessem. São comuns na seção do noticiário e no editorial esse tipo de posicionamento frente à câmara municipal. Nos exemplares arrolados para a elaboração deste capítulo, encontra-se ainda a publicação, na íntegra, do relatório redigido pelo Dr. José Teixeira, médico que compunha uma junta de higiene enviada da Corte para tratar os doentes durante a epidemia em 1881. O referido relatório foi dividido em onze partes e publicado do número cinco ao quinze das edições do *Vassourense* em 1882. A partir da coluna "epidemiologia", o público poderia conhecer o que havia se passado no decorrer da epidemia, como apontava Lucindo Filho.

> Ainda está bem viva no espírito de todos a recordação da terrível epidemia que assolou esta cidade nos anos de 1880-1881. Não temos necessidade agora, nem queremos relembrar os quadros de aflição dolorosa que se desenrolarão nesta triste época; ainda não se apagaram os vestígios, que tão fundos, e duradouros persistem, entorpecendo, e perturbando a marcha da nossa pequena marcha social outrora tão serena e sossegada [...].
> Mas não devemos abusar do estado favorável que se acha a salubridade pública; é preciso dar mais importância aos preceitos higiênicos, o que o simples bom senso indica. Não parece que acabamos de sofrer tantas calamidades; a incúria e desídia continuam a ser nota dominante no seio da população.
> As ruas estão imundas, o cemitério municipal continua a receber cadáveres, apesar de todos os protestos particulares e oficiais, devendo nos dar graças às circunstâncias naturais que fizeram com que não desmoronasse a eminência onde se fazem os enterramentos.
> Se não nos acautelarmos, se continuarmos a preparar terreno, veremos uma nova semente fazer desenrolar-se outra epidemia de febre amarela semelhante à que tanto nos acabrunhou, e cuja história acaba de ser dada à luz pelo ilustrado Sr. Dr. José Teixeira, no relatório que dirigiu ao presidente da junta central de higiene pública.
> O relatório do Dr. Teixeira é a história exata da epidemia de 1881; e nós, publicando-o em nossas colunas, prestamos um serviço ao publico, ensinando-o a precaver-se dos males futuros, e pondo-o de sobreaviso, pois se não tivermos cuidados, e se não atendermos às exigências da higiene, poderemos ver desenvolver-se uma febre qualquer de mau caráter, inda mesmo que não seja o tifo americano.
> Limpeza das ruas e quintais, e remoção do cemitério, eis o que desde já é necessário que se faça.[495]

---

[494] *Vassourense*, 07 de maio de 1882, p.01.

[495] *Vassourense*, 19 de março de 1882, nº 05, p.01.

Nesse longo texto do editorial, o redator deixa bastante clara a função do jornal naquele contexto. A publicação do relatório, nas palavras do redator, tinha o objetivo de “prestar um serviço público” e “ensinar a população” a precaver-se. O periódico adota um tom até alarmista em relação à situação da limpeza pública e faz críticas à municipalidade. Mantém-se, assim, fiel ao editorial-programa lançado em fevereiro daquele ano em relação à fiscalização do cumprimento das atribuições da câmara municipal.

O *Vassourense*, pela sua longa trajetória na imprensa local, oferece uma miríade de possibilidades para a pesquisa histórica. Ao utilizá-lo desde o primeiro capítulo, reforça-se a necessidade de compreendê-lo como um poderoso agente operando em Vassouras na década de 1880.

4.3.2 O debate sobre instrução pública

Sobre a formação de uma *opinião pública*, já foi explicitado anteriormente a necessidade de cautela ao lidar com esse conceito. Contudo, ao longo desse trabalho, vem-se reforçando que a imprensa local forçou a cristalização desse espaço naquele cenário. Entre papéis e tipos, a figura do intelectual aparece revestido de animador da vida local, debatedor dos assuntos de interesse da municipalidade, ao mesmo tempo que articula redes de sociabilidades políticas e literárias.

Quanto aos homens que compunham a redação do jornal, dispõe-se de informações importantes, como a profissão da maioria. A função de jornalista, conceito que esta tese evitou, era desempenhada em paralelo à profissão de formação acadêmica. Marco Morel lembra que “levou bastante tempo para que as características do fazer jornalístico fossem sistematizadas, para que o jornalismo deixasse de se confundir com a literatura e adquirisse elementos próprios, tornando-se um campo de saber singular”.[496] A literatura, a qual menciona Morel, é outro campo profícuo a ser estudado por meio das páginas dos periódicos.

---

[496] MOREL, Marco & BARROS, Mariana Gonçalves Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX.* Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.63.

Todos esses intelectuais que se aglutinavam e faziam a imprensa daquele momento carregam um ideal "pedagógico" e acreditam que a imprensa era portadora desse ideal. Recorrendo ainda a Morel, ao escrever sobre os homens que faziam a imprensa no início do século XIX, no Rio de Janeiro, o historiador aponta que estes acreditavam estar,

> "[...] imbuídos de uma missão pedagógica, esclarecedora, civilizadora. Desejavam contribuir para incorporar à sociedade as camadas que, de classes perigosas ou ameaçadoras, poderiam se transformar em elementos úteis e integrados, por meio da educação e da cultura, ao trabalho e a um determinado grau de cidadania".[497]

Transferindo esse ideal para o objeto deste trabalho, é possível encontrar paralelos. Lucindo Filho, em um dos seus editoriais, alertava para a importância da ampliação da instrução pública.

> Ampliar a instrução e disseminá-la por todas as camadas sociais foi, é e deve ser sempre o *desideratum* de um povo livre [...]. Já longe vão as eras em que o saber era monopólio de algumas classes privilegiadas, já vai remoto o tempo em que o espírito humano sempre ávido do desconhecido, era atrofiado em suas aspirações. E que se pode decretar a eleição direta ou sufrágio universal, o progresso não se decreta, conquista-se, como já disse um escritor moderno.
> Neste século, em que não há mais peias à inteligência, deixar o povo na ignorância, não abrir-lhe as portas das escolas, não facilitar os meios de instruir-se aqueles que não têm recursos, se não é um crime, é indigno de uma nação, que de diz civilizada.[498]

Misturam-se no texto a noção de progresso aliada ao ideal de civilização, aqui já apontado como ideal caro à intelectualidade Oitocentista. Nas notícias que tinham como tema a criação e o funcionamento da Biblioteca Popular em 1873, veiculadas pelo *O Município,* encontram-se argumentos semelhantes. Ao longo das edições, vários textos resumem, com perplexidade, dados acerca da educação formal no Brasil: "A relação dos analfabetos no Brasil é de 90%, isto é que cada grupo de 1.000 indivíduos só 100 sabem ler... Isto faz correr um calafrio tal por todo o corpo que a gente supõe estar com maleitas; valha-nos Deus!".[499] Nas palavras do redator,

---

[497] MOREL, Marco & BARROS, Mariana Gonçalves Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX.* Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.41.

[498] *Vassourense*, 26 de fevereiro de 1882, n° 2, p.01.

[499] *Vassourense*, 07 de maio de 1882, p.03.

vem mais uma vez a noção de progresso. Sobre a referência às ideias liberais, as quais poderiam se espreitar no pensamento desses intelectuais que gravitavam em torno do *Vassourense*, há um editorial de Lucindo Filho que faz alusão a uma figura política do século XVIII que trazia ideais, esses sim, claramente reformadores.

> Ao completar-se o primeiro centenário do Marquez de Pombal, e entre os festejos que se lhe preparam em homenagem, seja-nos permitido consagrar duas palavras à sua memória.
> As grandes individualidades não se apagarão nas solidões de um túmulo; continuam vivas na história, relembradas pelos elogios de uns e pelas censuras de outros. Em breve ter-se-á terminada um século depois que se retirou da cena do mundo uma das glórias portuguesas.
> [...] Através dos excessos de que o acusam vê-se o homem dos tempos modernos. Era um tirano, um déspota que apoiado pelo rei a quem servia, exerceu toda sorte de opressões, mas era um déspota que decretava a liberdade dos escravos, que extinguia as odiosas distinções entre raça conquistadora e conquistada na Índia entre cristãos novos e velhos na Europa, que abolia as iníquas prisões por dívidas civis, um déspota cujas reformas liberais ainda são leis vivas entre nós. [...].
> A posteridade far-lhe-á justiça: perdoa-lhe os erros, e elogia-lhe as grandes qualidades.[500]

Em abril de 1882, o jornal noticia o abandono de determinado prédio da cidade que, deixado em testamento, deveria abrigar um asilo para meninas. As providências para a instalação caberiam à câmara de vereadores. Esse episódio é recuperado aqui para mostrar que um dos objetivos expostos em seu programa fora sempre seguido. Em relação às rusgas com a municipalidade, poder-se-ia apontar muitos outros desde a criação do jornal até 1889. Esse tema pode ser visto também no capítulo 2 em relação à Biblioteca Popular. Após as "denúncias" feitas pelo *Vassourense*, e respostas do secretário da câmara municipal, o periódico noticia em seu editorial:

> [...] Foi o *Vassourense* acusado de ter feito desde seu primeiro número censuras injustas a mesma câmara; e mandou-se consignar na ata, depois de calorosa discussão que se este periódico continuasse nesse propósito, seria rescindido o contrato.
> Realmente custa a crer que semelhante fato se tivesse dado no seio de uma corporação, em que há membros tão sensatos!
> Quais foram as reclamações injustas que fizemos?
> Ponhamos as cousas em seu verdadeiro pé; deixemos de meias palavras, pois estas só bastam a bons entendedores, e a câmara de Vassouras não quer entender bem.
> O *Vassourense* fez um contrato com a câmara para publicar o seu expediente, o que elas por lei é obrigada a fazer, pois que o município tem

[500] *Vassourense*, 07 de maio de 1882, p.01.

> necessidade de saber os atos de seus delegados; mas por esse contrato não se obrigou a sacrificar-lhe a imparcialidade, nem a erigir-lhe altares em que todos os domingos seja incensada. Não é uma folha oficial da câmara, que não o pode ter.
> [...] Não fomos, não somos, e nunca seremos injustos, basta para prová-lo o apoio que se tem honrado a opinião pública. Somos sempre levados pelo mais sincero ânimo de acertar.
> Ha quem pense que o *Vassourense* quer mal à atual municipalidade; isto é, que é uma injustiça, pois que entre os seus membros não há um só desafeto, e além disso dela faz parte um dos seus distintos colaboradores.
> Continuaremos a ater-se ao lema da imparcialidade, e, em que pese à ilustre câmara, a advogar os interesses do município, fiscalizando os atos dos que deles devem curar.
> Louvor ou censura, quando merecidos.
> É essa a missão da imprensa séria e moralizada, a qual não deve ser temida se não estimada, por todo aquele que sabe cumprir com suas obrigações.[501]

No texto, é bastante claro o primeiro embate de ideias. Há acusações de um lado e a afirmação da imprensa nascente como "séria e moralizada." No âmbito das ideias, o jornal dirigido por Lucindo Filho é uma nova força política posta em jogo. É a força política e cultural da imprensa, da circulação de palavras impressas. Ainda sobre as querelas com a câmara municipal, nas edições seguintes do periódico, várias críticas foram dirigidas ao longo dos anos. O texto a seguir é uma resposta às supostas acusações dirigidas ao jornal em seção ordinária da câmara municipal.

> [...] Diz o ilustre secretário que a câmara por lei, não é obrigada a publicar o seu expediente.
> Imos batê-lo com suas próprias armas. A lei de 1 de outubro de 1828 está ainda em perfeito vigor, e nunca foi revogada, pelo que não lhe cabe o epíteto de *caduca* que lhe dá o digno secretário; é ainda a lei orgânica das municipalidades [...];
> Artigo 62 - *farão publicar anualmente pela imprensa, onde melhor lhe convier, um extrato de todas as resoluções tomadas, com as declarações específicas nas notas.*
> Artigo 61 - estabelece que as câmaras municipais *serão assinantes...*dos periódicos que contenham os extratos das sessões das câmaras municipais, das províncias etc [...].
> As leis devem ser observadas, e se não o são, devem ser responsabilizados aqueles que ou não as cumprem, ou não as fazem respeitar (...).
> *Concluindo, diremos que a lei de 1 de outubro de 1828 ainda é o livro dos vereadores como muito bem denomina o ilustrado Dr. Teixeira de Freitas Junior na obra que sobre a matéria acaba de se publicar.* (grifos no original)[502]

---

[501] *Vassourense*, 02 de abril de 1882, nº 07, p.01.

[502] *Vassourense*, 16 de abril de 1882, nº 9, p.01

A resposta à crítica do secretário da câmara municipal é uma das mais duras que foram encontradas no *Vassourense*. A aspereza do texto indica também que o redator, tomado aqui como o provável autor de todos os textos não assinados, manejava com erudição um conteúdo jurídico que era alheio à sua formação. Isso é explicado e explica, todavia, ter Lucindo Filho ocupado por tantos anos a função de juiz substituto em Vassouras. Essa atuação remete ao avô, rábula atuante na comarca de Mariana, Minas Gerais.

Em relação às denúncias contra a câmara municipal, tendo como pano de fundo o abandono do prédio doado por Caetano Furquim, assunto esse que desencadeou as réplicas e tréplicas nas páginas do jornal, o asilo para meninas foi finalmente instalado. Poucos anos depois, Alberto Brandão instalou nesse prédio o seu colégio, recém-transferido da Corte novamente para Vassouras.

O *Vassourense* não estava sozinho no seu papel de imprensa livre dentro da sociedade fluminense de fins do século XIX. A leitura do periódico indica que havia uma intensa correspondência com a redação de inúmeros jornais de cidades vizinhas. Atuava a imprensa do interior formando uma rede de periódicos e redatores? As evidências apontam para uma resposta afirmativa. A partir daí, sabe-se que as informações não eram restritas a determinada localidade, mas circulavam pelo menos entre os intelectuais envolvidos com as redações. Essas referências estão presentes em quase todos os números do *Vassourense* para o período estudado.

> Fomos obsequiados durante a semana com os seguintes periódicos: *Diário do Brazil, Revista de Engenharia, Gazetinha, Messager du Brésil*, da Corte e Arauto, de Petrópolis.
> A todos agradecemos e enviamos nosso periódico.[503]
>
> Recebemos durante a semana os seguintes periódicos: *Gazeta de Notícias, Diário do Brazil, Gazetinha, Tam-Tam, Messager du Brésil e Revista de Engenharia,* da Corte; *Monitor Campista,* de Campos; *Tempo*, de Valença; *Itatiaya*, de Rezende; *Gazeta de Angra*, de Angra dos Reis; *Fluminense*, de Nictheroy; *Pharol*, de Juiz de Fóra, *Arauto de Minas*, de São João d'El-Rei.
> A todos agradecemos e retribuímos.[504]
> *O Americano* da Paraíba do Sul, assim se exprime a nosso respeito: O Vassourense – Continuamos a receber este belo periódico que se publica

---

[503] *Vassourense*, 12 de março de 1882, p.2.

[504] *Vassourense*, 19 de março de 1882, p.2.

> na cidade de Vassouras. Com os auxiliares que tem, o Vassourense conquistará honroso lugar no seio da imprensa fluminense (...).[505]
>
> O *Tempo*, excelente periódico que se publica na cidade de Valença, disse a nosso respeito o seguinte:
> Uma nova era de prosperidades está definitivamente assentada na cidade vizinha.
> A imprensa séria e moralizada é uma necessidade reconhecida n'uma localidade, e o novo atleta, cheio de ideias generosas encontrará com certeza apoio de seus munícipes.[506]

Entre março e abril de 1882, mais de uma dezena de periódicos mantiveram uma troca de exemplares entre si, o que parecia ser uma prática regular entre os redatores. Essa ação facilitava a circulação de informações e sua difusão. Não há referência de que periódicos de Vassouras tenham tido acesso às agências de notícias que operavam no Brasil desde 1874.[507] Desse modo, a prática de enviar e receber jornais supria essa necessidade de novidades para as publicações.

É importante aqui articular as ideias veiculadas pelos periódicos aos grupos produtores dessas ideias. Surge assim o estudo desses grupos de intelectuais que trabalham como criadores, mediadores e receptores socioculturais.[508] Segundo o historiador François Sirinelli, "o estudo dos intelectuais como atores do político é, portanto, complexo." Esta tese persegue essa concepção complexa ao lançar luz sobre a miríade de temas de interesse aos homens ligados à imprensa periódica. Completa o autor que

> [...] a história política dos intelectuais passa obrigatoriamente pela pesquisa longa e ingrata, e pela exegese dos textos, e particularmente, dos textos impressos, primeiro suporte dos fatos de opinião, em cuja gênese, circulação e transmissão os intelectuais desempenham um papel decisivo; e sua história social exige a análise sistemática de elementos dispersos, com finalidades prosopográficas.[509]

---

[505] *Vassourense*, 02 de abril de 1882, p.2.

[506] *Vassourense*, 19 de março de 1882, p.2.

[507] Matías Molina afirma que a primeira agência de notícias a operar no Brasil foi a francesa Havas, em 1874. A troca de informações entre Europa e América do Sul foi facilitada com a instalação dos cabos submarinos. Publicar os telegramas custavam caro, bem diferente dos jornais que chegavam pelo correio. Ver: MOLINA, Matías M. *História dos Jornais no Brasil.* Da Colônia a Regência (1500-1840). Vol. I. São Paulo: Cia das Letras, 2015, p. 400ss.

[508] Cf. SIRINELLI, J. François**. "**Os intelectuais". In: *Por uma História política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p.243.

[509] Ibidem*,* pp. 244-245.

Essa tarefa foi enfrentada no capítulo anterior e retomada aqui para não perder de vista a hipótese central que permeia este estudo, a qual se orienta para mostrar que a imprensa periódica em Vassouras mobilizou um discurso que apontava a modernidade, o lugar a se chegar, como ideal de civilização.

Ainda sobre os posicionamentos políticos identificáveis nas páginas do *Vassourense,* chama atenção a indisposição com os vereadores da cidade, ressaltadas aqui as questões ligadas à instrução. Evidencia-se que a imprensa, ao levar ao público notícias com o intuito de informar, gerava também desconfortos e confrontos políticos.

4.4 *Carris Litterarios*

O *Carris Litterarios* apresentava-se satiricamente como sendo dirigido por "três engenheiros hipotéticos e um só falsificado".[510] Era propriedade de João Batista Nunes, que, dentre outras ocupações, foi professor primário no Colégio Vassourense. Surgiu na cena da imprensa no mesmo ano do *Vassourense*, sendo publicado, inclusive, pela sua tipografia.

Estabelecer uma análise mais aprofundada sobre o papel do jornal na sociedade vassourense fica prejudicada pela raridade dos números disponíveis nos arquivos. A Biblioteca Nacional guarda apenas três exemplares do periódico em sua hemeroteca, embora o jornal tenha seguramente circulado entre julho de 1882 e junho de 1884. Após isso, Batista Nunes se muda da cidade em 1885.

O nome do periódico é uma clara alusão ao universo ferroviário. O *Carris* era dividido em três colunas: bitola larga, bitola estreita e, novamente, bitola larga. Todo o texto era permeado de referências aos equipamentos utilizados nas operações das estradas de ferro. Textos humorísticos, como o que segue, davam o tom do periódico.

> Oração de um inglês
> Senhor meu Jesus Cristo, tu sabes que eu possuo nove casas em Londres e uma fazenda em Essex, preservai-as, Deus meu, de incêndios e tremores

[510] *Carris Litterarios*, 01 de junho de 1883, p. 1.

> de terra. Dignai-vos também olhar com olhos de compaixão para o condado de Hertforsisi, onde existem alguns bens a mim hipotecados. E quanto aos demais condados, onde nada possuo, podes fazer o que bem te parecer.
> Senhor, consolidai com teu infinito poder o banco da Inglaterra.
> Inoculai no espírito dos meus credores a bondade, para que eles sejam honrados e se compadeçam de mim.
> Peço também para que olheis para os meus amigos a fim de não se arruinarem e virem depois pedir dinheiro emprestado.
> Finalmente, livrai-me dos ladrões e dos criados que têm afeições aos bens alheios.
> Amém![511]

O jornal apresentava um layout comum, seguindo os padrões dos demais. Detalhe para a fantasia reproduzida a seguir.

Imagem 32 — *Carris Litterarios*, 1884 (original e detalhe)

ANNO III — VASSOURAS, 15 DE JUNHO DE 1884 — CARRO N. 48

CARRIS-LITTERARIOS

(TRACÇÃO ESCRIPTA—NOVO SISTEMA DE TRANSPORTES)

SOB A DIRECÇÃO DE TRES ENGENHEIROS HYPOTHETICOS EM UM SO' FALSIFICADO

Viagens pilbericas, recreativas e humoristicas

TRAJECTO QUINZENAL — PROPRIEDADE DE BAPTISTA NUNES — SEMESTRE. . 2$000

Cæsari quod Cæsari

DESVIO

ESCRIPTORIO DA COMPANHIA

CARRIS-LITTERARIOS

Semestre . 2$000
Com porte. 2$500

Assigna-se na typ. do Vassourense, — Vassouras

Pagamento adiantado

NO PORTAL

Baptista Nunes continúa a ser o unico responsavel de todos os enfeites criticos que ornão os nossos carros, e muito principalmente daquelles que trazem os pseudonymos: John Baptatis, Baton Nesun e Jonjoca Bore', dignos rebentos do seu não menos digno tronco.

BITOLA ESTREITA

VIA-DIRECTORA

O DITO POR NÃO DITO

A pedido de diversas familias, (chapa n. 3,333) deliberamos **não** suspender as nossas apraziveis viagens, conforme declaramos no nosso carro n. 47, e **sim** publicar o nome dos passageiros que se achão em atraso com esta empreza, causa principal do desgosto que iamos dando aos nossos pontuaes viajantes.

Quem não quizer passar por esse dissabor, queira vir até o dia 30 do corrente, quitar-se comnosco.

Com o numero proximo principiamos o 2º semestre deste anno.

Os passageiros que quizerem continuar a embarcar nos *Carris-Litterarios*, vão botando no fundo do bahú uma cedula de 2$000, para com ella mimosear-nos quando lhes apresentarmos o competente recibo.

Esperamos merecer a mesma protecção que até aqui nos têm dispensado os srs. viajantes e pedimos-lhes que qualquer falta de regularidade havida na entrega destes carros, hajão de reclamar a esta empreza.— *Os tres.*

VIA-LOCAL

Acha-se gravemente enferma uma filhinha do sr. dr. Zamith.

Fazemos voto pelo seu restabelecimento.

Ridendo castigat mores

PEDE O GULOSO...

Comquanto seja costume em quasi toda a parte o annunciar-se a hora de recolher por meio de um sino a dobrar, não nos podemos acostumar ao nosso, (referimo-nos ao sino) visto ser o mesmo que dobra a finados.

O dobre por qualquer individuo que morre já é um habito que devia ser abolido, pois denota falta de caridade com as pessoas gravemente enfermas, cujo badalar impressiona ainda mais do que o seu estado o permitte.

E' um egoismo mal entendido: prestar homenagem tão bulhenta a quem nada mais precisa deste mundo com prejuizo dos que padecem; mas emfim, como é habito enraizado...

Não está, porém, no mesmo caso o dobre das dez horas; para esse ha remedio, e o sr. dr. delegado de policia se quizer, póde applical-o, livrando-nos assim de ouvir todas as noites á hora de deitar, dobrar a finados.

Esse signal póde ser dado pelo sino maior que o costumado, ou pelo mesmo, mas por meio de 9 ou 10 badaladas fortes sómente. Em uma cidade pequena como esta, é o bastante para ser ouvido.

Faça-nos este obsequio o sr. dr. delegado de policia, e afiançamos-lhe que muita gente o applaudirá.

&

Acha-se nesta cidade uma companhia dramatica que pretende dar alguns espectaculos no theatro que bem se póde chamar— Vergonha vassourense.

Que não nos julgue pelo mesmo, e que seja recompensada do sacrificio que faz, trabalhando em theatro tão *chué*, é o que desejamos.

Cæsari quod Cæsari

DESVIO

ESCRIPTORIO DA COMPANHIA

CARRIS-LITTERARIOS

Semestre . 2$000
Com porte. 2$500

Assigna-se na typ. do Vassourense, — Vassouras

Pagamento adiantado

NO PORTAL

Baptista Nunes continúa a ser o unico responsavel de todos os enfeites criticos que ornão os nossos carros, e muito principalmente daquelles que trazem os pseudonymos: John Baptatis, Baton Nesun e Jonjoca Bore', dignos rebentos do seu não menos digno tronco.

(a) (b)

Legenda: (a) Original; (b) Detalhe.
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

A imprensa satírica se desenvolveu ao longo do Segundo Reinado. Talvez o melhor exemplo tenha sido a *Revista Illustrada* sob a pena de Angelo Agostini. O *Carris Litterarios* não era um periódico ilustrado, mas pode ser caracterizado como satírico, sem dúvidas. Assim, apresenta-se ao público em seu primeiro número:

[511] *Carris Literarios,* 15 de junho de 1884, p. 4.

“Aceita-se com alegria dos senhores viajantes, qualquer trabalho literário, pilhérico etc... que esteja no caso de embelezar nossas vias”.[512] O tom do periódico não se altera em nenhuma de suas colunas.

> Eu, ou nós, temos a honra de por a disposição do amável leitor o carro nº 1, da nossa mui útil companhia – *Carris Litterarios*, arme-se de um cigarro, charuto, ou pitada, embarque nele, percorra todas as vias, aprecie e admire todos os enfeites, luminárias, galhardetes e coretos que as ornam e embelezam e depois de uma viagem tão aprazível e deleitável, se sentir-se com desejo de tomar passagens por três meses (1$000), seis meses (2$000), queira ter a bondade de enviar-nos o seu nome [...].[513]

Com diferentes pseudônimos – Jhon Baptatis, Jonjoca Boré e Baton Nesun –, Batista Nunes era também o principal redator de seu jornal. Sobressaem nos exemplares disponíveis os textos literários que ocupam a maior parte do periódico. Contudo, encontram-se também textos de caráter denunciativo dirigido à municipalidade.

> Informaram-nos que os únicos culpados das ruas andarem sujas são os moradores da cidade por não deitarem nas mesmas os lixos às sextas-feiras para o contratante da remoção do lixo removê-lo aos sábados segundo o contrato.
> Nós nada temos com isso. O que sabemos é que existe um contrato para a limpeza da cidade e as ruas primam pela imundície. A câmara que zela tanto os cofres municipais compete tomar medidas enérgicas para que o dinheiro despedido com um contrato tenha o resultado que deve [...].[514]

Em trecho seguinte, faz uma anedota com a ação da câmara ao ordenar que as casas da freguesia da cidade fossem caiadas. “A medida tomada pela câmara de mandar caiar as casa agradou-nos muito; mas... casas claras e ruas escuras, dão-nos assim ares de camisa lavada e meias sujas”.[515] Nesse aspecto, o jornal se aproximou do modelo adotado pelo *Vassourense.*

---

[512] *Carris Litterarios*, 1º de julho de 1882, p.1.

[513] I bidem, p. 1.

[514] *Carris Litterarios*, 1º de junho de 1883, pp.1-2.

[515] *Carris Litterarios*, 1º de junho de 1883, p.2.

4.5 *O Canário*: jornal dedicado às "amáveis leitoras"

De todos os periódicos que circularam em Vassouras, dos quais se tem conhecimento, *O Canário* era o único direcionado ao público feminino. Fundado em 1885, a coleção da Biblioteca Nacional guarda nove números do semanário que circulou por dois anos. A redação d'*O Canário* ficava a cargo de Manoel Bruno Ferreira. Escrevia a seção Folhetim, assinando Urbon, anagrama do próprio nome. O periódico, que se inicia com tiragem quinzenal e posteriormente torna-se um hebdomadário, não possuía seção de anúncios e sua assinatura trimestral parece ser a única forma de se autossustentar. Tinha formato in 8º, com as páginas sempre divididas em duas colunas. Publicado pela Tipografia do Vassourense, o jornal destoa do padrão gráfico dos demais que eram impressos no mesmo local.

Constância Lima Duarte, em seu dicionário ilustrado sobre *Imprensa feminina e feminista no Brasil*, "listou 143 títulos de revistas e jornais femininos e feministas que circularam no Brasil do século XIX".[516] Infelizmente, *O Canário* passou despercebido pela autora. O volume de dados levantados neste estudo mostra que houve uma importante produção periódica feita por e para o público feminino no Brasil Oitocentista.

Sem colaboradores fixos, *O Canário* – periódico hebdomadário, noticioso, literário e recreativo – era produto quase exclusivo da pena de seu redator. Publicado às terças-feiras, vinha somar-se às folhas que ocupavam a semana dos vassourenses naqueles prósperos anos da imprensa local.

---

[516] DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*: século XIX. Dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 18.

Imagem 33 — *O Canário* (1887)

ANNO I VASSOURAS, 2 DE MARÇO DE 1886 N. 31

O CANARIO

PERIODICO HEBDOMADARIO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS-FEIRAS

ASSIGNATURAS: Trimestre 1$000

REDACTOR E PROPRIETARIO MANOEL BRUNO FERREIRA

Os nossos leitores que não receberem com regularidade o nosso jornal, queirão fazer-nos suas reclamações afim de providenciarmos.

O CANARIO

2 de Março de 1886

E' proverbial nos pontos concernentes da nossa rotina a gentilesa desta população!

E nem nos desmerecerá a reconhecida generosidade e bem solidada aos conceitos de sua tenacidade á elevação de nossa cidade.

O alto valor das populações do interior que sabem ser grandiosas são distinctas ás partes encontradas a população vassourense.

NOTICIARIO

Achão-se entre nós, os estimaveis drs. João da M. Gonçalves Cesar e Edmundo de Lacerda.

Cumprimentamol-os.

—«»—

A respeito do artigo de fundo que publicamos no numero passado deste periodico, recebemos a seguinte carta que nos foi enviada por um nosso digno assignante:

« Sr. redactor.— Li no ultimo numero do seu mimoso

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Os exemplares disponíveis cobrem os anos de 1885 e 1886. O número inaugural de 1886 faz referência às leitoras da folha:

> Vamos seguindo o ano novo. Ao caminharmos em 86, estamos certos de que o apoio de que nos foram dispensados já por parte das amáveis vassourenses, dado vida e honra a este periódico: já o Sr. Julião Sayão auxiliando-nos com sua impressão; já os dignos vassourenses imitando suas ilustradas conterrâneas; finalmente os nossos bondosos colegas de imprensa cooperando em grande parte para sua vitalidade, continuará a colaborar a leitura deste jornal. Em vista de tanta gentileza e de tão bons auxiliadores teremos vida duradoura [...].[517]

Quanto ao Sr. Julião Sayão, ao qual o redator se refere, trata-se do gerente da Tipografia e do periódico *Vassourense*, que desempenhou essa função até o seu falecimento. Os editoriais trazem sempre textos disciplinadores, tendo a moral, a cultura e a educação como eixo central. A imprensa é alardeada como portadora das *Luzes*, necessárias ao desenvolvimento moral e intelectual de uma sociedade.

> Se o atraso do homem está na falta de instrução moral, fonte cristalina de antigos tempos, não menos notável se torna a falta do amor à imprensa, o pouco respeito a ela que é um bocado sensível no solo brasileiro [...] Lastimamos a falta de conhecimento intelectual das cidades que assim se manifestam, deveras sentimos a negligência de um povo que assim se

[517] *O Canário*, nº23, 05 de janeiro de 1886, p.1.

> revela. Não veem que a imprensa é a base sólida da sociedade na prática de seus feitos?[518]

Nesse aspecto, *O Canário* agrupa-se aos demais periódicos locais. O jornal traz ainda a reprodução de notícias de outros periódicos. Prática comum, como salientado anteriormente, diferencia-se, contudo, por um noticiário relativamente frívolo. Ao desaparecer da cena impressa, o *Vassourense* assim se exprimiu a seu respeito: "Cessou a sua publicação o Canário, interessante periódico *mignon,* que desferia seus gorjeios nessa cidade, alimentado pelo Sr. Bruno Ferreira. Dedicado ao belo sexo foi-se o travesso passarinho".[519] Em 1887, em edição que traz um mea-culpa por erros tipográficos do número anterior, o redator do *Vassourense* se refere a Manoel Bruno Ferreira como trabalhador compositor da tipografia.[520]

4.6 *O Isothermico*

Os anos entre 1885 e 1889 foram profícuos para a imprensa periódica em Vassouras. Mais de uma dezena de jornais foram publicados nesse intervalo, muitos deles simultaneamente. O proprietário e principal redator do *Carris Litterarios,* analisado acima, esteve à frente de outra folha entre os anos de 1886 e 1888. João Batista Nunes dirigiu nesse período *O Isothermico*. Era publicado em tipografia própria, na Rua barão de Vassouras, nº 37, em frente à câmara municipal.

Ao relembrar que o primeiro jornal de Batista Nunes foi inteiramente publicado pela Tipografia do Vassourense, pode-se afirmar que o redator havia feito um investimento significativamente maior para, naquele momento, montar seu empreendimento tipográfico e lançar seu jornal. Nas suas páginas, ocorre o primeiro embate e as trocas de acusações entre diferentes jornais de Vassouras. A imprensa crescera ao ponto de rivalizar entre si. Em seu editorial de inauguração, de 3 de abril de 1886, *O Isothermico* estabeleceu o seu programa:

---

[518] *O Canário*, nº24, 26 de janeiro de 1886, p. 1.

[519] *Vassourense*, 1º de agosto de 1886, p.1.

[520] *Vassourense*, 19 de julho de 1887, p. 2.

> [...] Lembrar os melhoramentos da localidade, animar os úteis comedimentos, elogiar até as boas obras, sempre no mesmo grau de temperatura, tanto a uns como os outros, é o programa que nós traçamos e do qual não nos afastaremos.
> Por mais que sucedam às estações partidárias, que como às estações do ano nesse país, mal se distinguem pelo nome, a nossa temperatura há de ser sempre a mesma.[521]

Novamente se destaca o recurso à retórica da imparcialidade já presente em outros periódicos de Vassouras. A temperatura como metáfora explica o nome do periódico, que se propunha nunca esquentar ou esfriar demais. Trazia anúncios, seção Folhetim, publicava atos da câmara municipal. Até aí em nada se diferenciava dos demais jornais da cidade. Contudo, o periódico não foi bem recebido pela cena dos homens de imprensa de Vassouras. No sexto número, o redator reclama que "[...] ainda não viu saudado pela imprensa daqui (com chapa usual ao menos) o *Isothermico*! Vacas gordas para uns e ditas magras para outros...".[522] De fato, não há no *Vassourense*, por exemplo, que sempre saudava os jornais recém-publicados na cidade, nenhuma menção ao *Isothermico* até 9 de maio daquele ano, quando Alberto Brandão intervém em uma troca de acusações entre o redator do jornal e a revista *A Quinzena*.[523]

> As tendências pacíficas do cronista levam-no também a intervir na discussão travada entre o escritor da *Quinzena* e a redação do *Isothermico*.
> Insuspeito para ambos o cronista pedir-lhes-ia, caso pudesse ser ouvido, que cessassem o fogo.
> Os interesses locais, as letras, os costumes, nada lucram com as polêmicas quentes e irritantes.
> Esta cidade carece de paz e não de lutas, a imprensa devendo ser a primeira a dar o exemplo de moderação e é isso que esperamos da *Quinzena* e do *Isothermico*. [...].[524]

As severas farpas trocadas entre os redatores eram assinadas com dois pseudônimos: Byzeno e Pulcino. Não foi possível identificar com segurança a quem pertenciam, contudo, pode-se supor que sejam João Batista Nunes e Jorge Pinto. O embate entre os periódicos termina rapidamente por conta da suspensão da revista

---

[521] *O Isothermico*, 3 de abril de 1886, p. 1.

[522] *O Isothermico,* 17 de abril de 1886, p. 3.

[523] *Vassourense*, 9 de maio de 1886, p. 1.

[524] Ibidem.

A Quinzena depois de seu sétimo número. Fato que pode ser atribuído ao desligamento de Alfredo Pujol, justificado por ele mesmo, em texto publicado na seção livre do *Vassourense*, por conta dos atritos com *O Isothermico*.[525] A motivação da querela não está clara, mas há ataques de ambos os lados em relação ao trabalho literário e posturas éticas referentes ao trabalho na imprensa.

Deixando de lado essas rusgas que marcaram o início da trajetória do periótico e que acabaram contribuindo para o desaparecimento da revista *A Quinzena*, outras características podem ser destacadas. A partir de outubro daquele ano, a redação d'*O Isothermico* iniciou a publicação de um boletim de notícias às terças-feiras. A edição semanal saía aos sábados.

O periódico foi o único que nunca trouxe a seção Folhetim e nenhum outro trabalho de literatura. Conservou-se como um jornal dedicado a notícias das mais diversas naturezas. No decorrer das edições, nota-se que os anúncios ocupavam espaço reduzido, o que não afetou a sobrevivência do jornal por quase três anos.

Em 1887, novamente houve animosidades entre os periódicos locais. Dessa vez, o *Vassourense* reagiu a críticas em relação a um artigo que tratava das condições da estrada de ferro Vassourense que fazia a ligação da freguesia da cidade à estrada de ferro Pedro II, na Estação de Vassouras. A resposta do redator do *Vassourense* deixa entrever toda a animosidade entre os homens daqueles jornais.

> [...] Triste é ver-se a imprensa local transformada em pasquim nojento, como o último número do *Isothermico*, com a publicação de receitas imundas e indecentes, só dignas de um periódico que não se preza.
> Há 14 anos existe imprensa em Vassouras, e nunca viu-se ela em tão baixo nível! O pasquim nunca pode aqui assentar os seus arraiais, foi necessário que viesse uma folha, sem critério, para arvorá-lo em princípio.
> A redação do *Isothermico* conhece de sobra o redator do *Vassourense*, e sabe o quanto ele é prudente e atencioso, e quanto sente ser coagido a sair de sua calma habitual, injustamente provocado [...].[526]

Ao fazer citação ao pasquim, o redator retoma significado de folha que dirige mentiras, calúnias contra os adversários. Ao responder ao texto do *Vassourense*,

---

[525] *Vassourense*, 13 de junho de 1886.

[526] *Vassourense*, 13 de março de 1887, p. 1.

chama seu redator de “vovô da imprensa”, tom pejorativo que expõe o conflito instalado entre os dois jornais.

A análise das edições do periódico referentes a 1888 ficou prejudicada pela precariedade do estado em que se encontra a coleção disponível na Biblioteca Nacional. Não é possível precisar os motivos que levaram Batista Nunes a encerrar sua tipografia e seu jornal. Também permanecem as dúvidas quanto ao autor dos textos que provocaram os enfrentamentos com o redator do *Vassourense*. De todo modo, cumpre notar que, em 1889, Batista Nunes lançou um livro, *Rústicas*, reunindo textos que publicara no *Carris Litterarios* e em *O Isothermico*. Ao escrever uma resenha muito positiva sobre a obra, Francélio Marques afirma que a introdução do livro foi assinada por Lucindo Filho.[527]

4.7 O *Almanach do Vassourense*

O *Almanach do Vassourense*, que foi impresso pela primeira vez em 1887, pode ser considerado parte do projeto editorial do jornal. Essa publicação robusta é composta em seu primeiro número de duzentas e noventa e três páginas. Era entregue gratuitamente aos assinantes e poderia também ser adquirido por $500 réis. Nas páginas do *Almanach*, encontram-se poemas (Lucindo Filho, Olavo Bilac, Raimundo Correia etc.), contos, sonetos, dados históricos de Vassouras, traduções de textos de diversos escritores, como Heinrich Heine[528], publicações médicas, entre outras. Os anúncios são abundantes, bem como a indicação de seviços, horários das composições das linhas férreas que atendiam ao município, folhinhas, tabela de vencimentos de promissórias etc. As edições de 1888 e 1889 são igualmente notáveis e ampliadas em número de páginas.

A tradição dos almanaques remonta à Europa do século XV. De acordo com o medievalista Jacques Le Goff, ele surge para contar e organizar a passagem do tempo, como as fases da lua, os dias e os meses. Para o historiador naquele

---

[527] *Vassourense*, 24 de novembro de 1889, p. 3.

[528] Heinrich Heine (1797-1856), poeta crítico literário e jornalista alemão.

contexto, o almanaque pode ser encarado como um tipo de impresso que gradativamente foi aproximando o erudito e o popular.[529] Para Le Goff, os almanaques variaram desde o seu surgimento, apresentando-se de variadas formas.

> Ilustrado com signos, figuras, imagens, o almanaque dirige-se aos analfabetos e a quem lê pouco. Reúne e oferece um saber para todos: astronômico, com os eclipses e as fases da Lua; religioso e social, com as festas e especialmente as festas dos santos, que dão lugar aos aniversários no seio das famílias; científico e técnico, com conselhos sobre os trabalhos agrícolas, a medicina, a higiene; histórico, com as cronologias, os grandes personagens, os acontecimentos históricos ou anedóticos; utilitário, com a indicação das feiras, das chegadas e partidas dos correios; literário, com anedotas, fábulas, contos; e, finalmente, astrológico.[530]

No Brasil, os almanaques surgiram no século XIX, na esteira da imprensa periódica que chegara tardiamente em terras brasileiras. Entre os séculos XVII e XIX, tornaram-se "um modo de instrução e propaganda de um saber profundo e secular, estimulando a curiosidade, o desejo de saber e o gosto pela verdade".[531] Houve no decorrer do tempo uma diversificação dos tipos de almanaques: literários, religiosos, de livrarias, farmacêuticos. Esse tipo de publicação tornou-se relativamente popular, principalmente a partir da segunda metade do século XIX.[532] Segundo Jerusa Pires Ferreira, os almanaques no Oitocentos carregam certo "aspecto civilizador" e seus projetos trazem os valores "de uma grande modernidade".[533] Essas características são percebidas também na imprensa vassourense como um todo. A publicação de seu almanaque coroa a ação da imprensa local como promotora e difusora da civilização.

O *Almanach do Vassourense* não encontra paralelo em nenhuma cidade do Vale do Paraíba fluminense no mesmo período. A repercussão desses impressos foi

---

[529] LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003, p. 519.

[530] Ibidem, p. 518.

[531] DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República*: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 17.

[532] Cf: CHARTIER, Roger. "O livro dos livros". In: PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

[533] FERREIRA, Jerusa Pires. "Almanaque". In: MEYER, Marlyse. *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 20.

imediata e pode ser medida, dentre outras evidências, pela correspondência recebida por Lucindo Filho e pela redação do *Vassourense*. Esse conjunto de missivas foi apresentado e analisado no capítulo três, mas pode ser lido novamente para sustentar argumentação desse tópico.

A outra repercussão pode ser colhida nas páginas do periódico que reproduz as manifestações que se seguiram aos números dos almanaques. Na edição de 3 de abril de 1887, ele seleciona e publica a repercussão positiva que a publicação recebeu de diversos periódicos.

> *Da Gazeta de Notícias*
> Está publicado o *Almanach do Vassourense* contendo copiosas informações e abundante parte literária colaborada por Alberto de Oliveira, Raimundo Corrêa, Olavo Bilac etc. [...].
> *Da Gazeta de Mendes*
> Fomos mimoseados com um exemplar do *Almanach do Vassourense* para 1887, que acaba de sair das oficinas desse excelente periódico. O trabalho tipográfico do *Almanach* é feito com muito capricho e nitidez ao molde do popularíssimo *Almanach da Gazeta de Notícias*. [...] A parte de literatura é simplesmente esplêndida: é a mais bem cuidada e escolhida em publicações desse gênero [...].
> *Do Diário Mercantil*
> Um livrinho muito curioso e conscienciosamente organizado o *Almanach do Vassourense* para 1887. Além de muitas indicações úteis sobre todos os ramos do serviço público do importante município de Vassouras, contém o *Almanach* uma seleta e variadíssima parte literária, em que se encontram os trabalhos de muitos dos nossos mais festejados escritores. [...].[534]

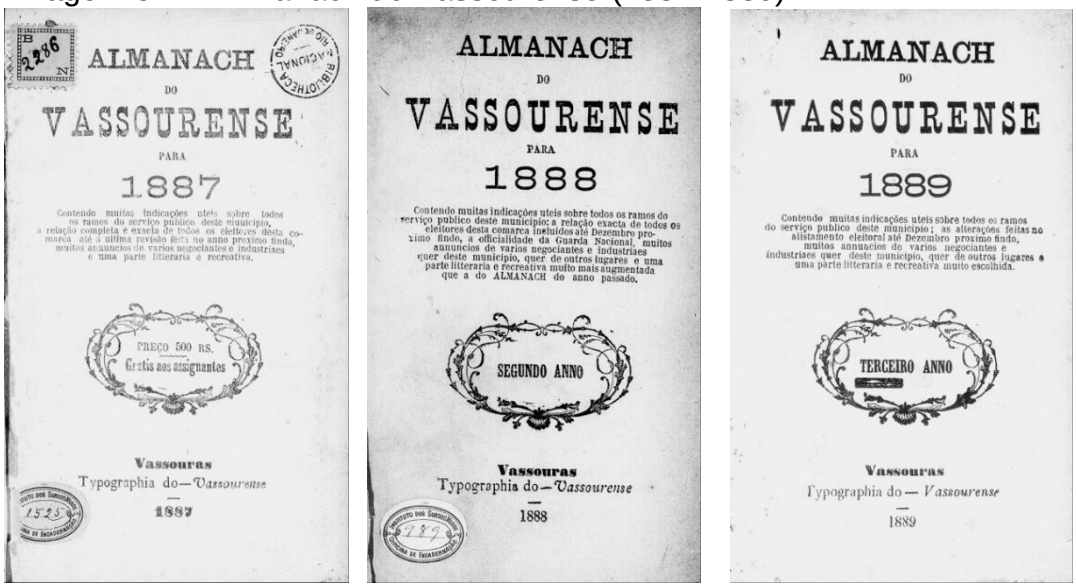
Nas edições seguintes, o redator prossegue reverberando as notícias sobre o aparecimento do *Almanach do Vassourense*. Dezenas de periódicos que receberam a publicação, numa estratégia de divulgação que dava resultados, e já apontada anteriormente, o impresso circula pela Corte, pela província do Rio de Janeiro e mesmo por fora dela.

As três edições do almanaque somam mais de mil páginas impressas. Imagina-se que sua publicação tenha sido um grande empreendimento para a Tipografia do Vassourense, que dispunha apenas de um prelo manual.

---

[534] *Vassourense*, 3 de abril de 1887, p. 2.

Imagem 34 — *Almanach do Vassourense* (1887-1889)



(a) (b) (c)

Legenda: (a) *Amanach do Vasourense* 1887; (b) *Amanach do Vasourense* 1888; (c) *Amanach do Vasourense* 1889

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Ao analisar o padrão gráfico dos três números, percebe-se que não houve alterações. Em relação a esse padrão, a recepção crítica foi muito positiva. É notável a qualidade da maior parte dos impressos da Tipografia do Vassourense, e o seu almanaque evidencia esse padrão.

Tomando o conteúdo publicado pelo *Almanach* em 1887, pode-se dividi-lo, de forma temática, em: literatura, história, anúncios e outros. No quadro abaixo, essa divisão torna-se mais clara ao listarem-se as entradas temáticas a partir do índice.

Quadro 14 — Temas da edição de 1887

Temas	**Nº de entradas**
Literatura	49
História	9
Anúncios	54
Outros	7

Fonte: *Almanach do Vassourense,* 1887.

A expressão dos textos literários publicados nesse impresso pode ser medida pela miríade de autores que nele figuraram em suas três edições. Em 1888,

Machado de Assis publica a tradução do poema “O corvo”, de Edgar Alan Poe.[535] Os textos de Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac podem ser encontrados em todas as edições. De Bilac têm-se treze textos entre poemas, sonetos e prosa. O *Almanach do Vassourense* confirma a vocação de Lucindo Filho como intelectual que exerceu uma importante força de atração para jovens escritores que, nos anos de 1880, colaboraram intensamente nos impressos sob o seu comando.

O passado da cidade é outro destaque nas páginas do almanaque. Nas três edições, encontram-se muitas referências ao passado de Vassouras. Como já mostrado no capítulo um, há uma série de transcrições de textos de Alberto Brandão que foram publicados em *O Município* em 1877. Essa preocupação com o pretérito não se traduz em textos sobre o presente. Diferente do *Vassourense*, que mantinha um tom combativo em diversos assuntos, o *Almanach do Vassourense* não carrega essa característica, mantendo-se fiel à tradição desse tipo de impresso. Segundo Eliana de Freitas Dutra, há nesses impressos uma tradição em rememorar o passado:

> Daí sua ligação mais frouxa com o presente, sempre diluído e fluído, o fato de não poder reter os jogos de força na instantaneidade do presente histórico, sua impossibilidade de causar abalos ou agitações próprios do instante privilegiado para a ação política. Isto, por um lado, impõe limites ao seu papel e à dimensão política contidos nas suas páginas. De outro lado, inscreve a sua pedagogia numa lenta, longa e desdobrada duração, a qual assegura padrões de convocação da história e da memória nas páginas dos almanaques.[536]

No total, foram localizadas dezessete entradas com textos sobre o passado de Vassouras.[537] Alberto Brandão foi, naquele contexto, o historiógrafo oficial da história da cidade. Sobre o município, também foram publicados diversos dados estatísticos. Na edição de 1888, além das crônicas históricas, foi publicada a

---

[535] *Almanach do Vassourense*, 1888, pp. 249-56.

[536] DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República*: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 20.

[537] *Almanach do Vassourense*, 1887, pp. 11, 35, 43, 80, 85, 87 e 168. 1888, pp. 113, 129, 165 e 209. 1889, pp. 103, 155, 169, 183, 229 e 269.

transcrição de diversas cartas de doação de sesmarias aos primeiros colonizadores da região.[538]

4.8 O Brasil Oitocentista desde a imprensa vassourense

Nas inúmeras páginas dessas publicações que aqui foram apresentadas, os intelectuais vassourenses do final do século XIX expressaram seus anseios e vulgarizaram suas ideias. Constituíram-se em uma rede intelectual que mantinha intenso contato com a Corte e traziam para o interior da província o debate político e intelectual por meio da imprensa periódica. A literatura, que não é objeto privilegiado desta tese, foi outro tema aglutinador daqueles sujeitos que gravitaram em torno de dezenas de periódicos. O conjunto de fontes hemerográficas desta pesquisa constitui-se em importantes depositários de inúmeros discursos políticos e sua análise torna revelador uma série de ideias que projetavam o futuro naquele momento, bem como a atuação desses intelectuais e periódicos como atores históricos fundamentais.

As questões locais que foram tratadas neste capítulo, e nos anteriores, não circunscrevem a imprensa periódica de Vassouras como mera expressão dos debates e das querelas locais. Havia nesse debate eco das turbulências políticas que varreram o Império Brasileiro, principalmente na década de 1880. O recorte cronológico desta pesquisa compreende parte da discussão sobre as leis abolicionistas, a emergência e o crescimento do Partido Republicano, enfim, todos os desgastes que corroeram as bases políticas do império e possibilitaram a instauração do regime republicano em 1889. A seguir, será analisada a repercussão dessas questões na imprensa de Vassouras, buscando observar como a cidade, que por muitos anos foi símbolo da economia da província e do país, lidando com os debates públicos em torno dessas temáticas.

---

[538] *Almanach do Vassourense*, 1888, pp. 209-17.

4.8.1 A questão da escravidão

Durante toda a sua existência ao longo do Oitocentos, apenas das páginas do incendiário *O Caloiro* e do colegial *A Mocidade* extraem-se posicionamentos abertos e claros contra a escravidão e a monarquia na imprensa vassourense. As demais críticas à instituição da escravidão, que os abolicionistas atacaram de forma crescente a partir dos anos 1860, podem ser recolhidas apenas por indícios espalhados nas páginas da imprensa de Vassouras. Não há registros da formação de clubes ou associações abolicionistas no município.[539]

A historiografia brasileira dedica grande atenção ao desenvolvimento e às múltiplas relações da instituição escravista no Vale do Paraíba fluminense ao longo do século XIX (capítulo 1). O historiador Ricardo Sales assinalou de maneira objetiva a permanência das marcas da escravidão em Vassouras até os dias de hoje. No jogo entre o que é lembrado e esquecido ao longo do tempo:

> O contraste entre as memórias dos senhores e as memórias dos escravos é uma pálida sombra da situação de assimetria, desigualdade, exploração, violência, opressão e, sempre, resistência que marcou as relações e conflitos entre senhores e escravos ao longo do século XIX. [540]

O único trabalho que buscou investigar as relações entre a imprensa e a escravidão em Vassouras é a dissertação de Vinícius Gomes da Silva, *Imprensa e abolição: Vassouras e a crise do trabalho escravo (1885 – 1889)*. Em sua pesquisa, o autor analisa a repercussão dos anos finais da escravidão nas páginas do *Vassourense*. A justificativa, segundo Gomes, alicerça-se na lacuna historiográfica sobre o tema e a importância econômica de Vassouras naquele contexto.[541]

---

[539] Ângela Alonso faz densa pesquisa acerca do movimento abolicionista no Brasil e não aponta nenhum indício desse debate em Vassouras, ou mesmo nos demais municípios do Vale do Paraíba Fluminense citados nesta tese. Cf. ALONSO, Ângela. *Flores, votos e balas*: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

[540] SALLES, Ricardo. *E o vale era o escravo*: Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 17.

[541] SILVA, Vinícius Gomes da. *Imprensa e abolição*: Vassouras e a crise do trabalho escravo (1885 – 1889). Dissertação (mimeo), p. 4-5. Disponível em:<http://www.ppghsuerj.pro.br/ppg/c.php?c=download_dissert&arq=96>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

Como fio condutor da narrativa, o historiador lança a correta hipótese de o jornal *Vassourense* ter participado das discussões no que tange à crise do trabalho escravo na década de 1880. Ao longo do trabalho, ele recupera os posicionamentos do periódico no tocante à introdução dos imigrantes no Brasil, para o trabalho na lavoura, salientando o apoio do jornal a esse sistema. Gomes prossegue analisando certa dualidade com a qual o redator do *Vassourense* trata a questão da escravidão. Ora condenando-o, mas mantendo até 1887 a publicação de anúncios de compra e venda e escravos fugidos, ora omitindo-se no debate acerca da abolição. Em suas considerações finais, ele argumenta:

> *Pode-se entender que este periódico é um objeto nas mãos das classes dominantes, servindo como formador de opinião pública favorável a essa classe*. *Sua posição, apesar de favorável a Abolição da escravatura, é emancipacionista, que de forma simplificada, significa ser a favor da emancipação dos escravos, mas não nos moldes descritos anteriormente por Nabuco e defendido pela Confederação Abolicionista, e mesmo por outras instituições abolicionistas*. Este emancipacionismo surge, com a total percepção de que a crise do sistema de trabalho escravista de finais do século XIX, é uma crise final e que não há mais formas de sustentação deste regime, tendo-se como objetivo não alterar as relações sociais e as relações de poder das classes dominantes, para a população dominada.[542] (grifos nossos)

Partindo do que foi exposto até aqui neste trabalho, discorda-se da primeira assertiva destacada. A relativa autonomia da imprensa em Vassouras, em especial do *Vassourense*, pode ser corroborada pelos posicionamentos que em diversos momentos provocaram atritos, especialmente, com a câmara municipal. Contudo, há que se concordar que o periódico sempre foi bastante lisonjeiro com figuras da classe senhorial local, fato evidente nos necrológios que podem ser acompanhados ao longo das edições. No inventário post-mortem de Lucindo Filho, encontra-se uma cobrança de empréstimo realizado pelo barão de Vassouras, Francisco José Teixeira Leite, em 1878. Os herdeiros do barão cobravam no processo um conto de réis faltante dos dois contos que haviam sido emprestados a Lucindo Filho. Essa relação de proximidade, contudo, não serve para justificar que seu jornal atuaria em favor dos senhores locais. A essa altura, pode-se afirmar que houve em Vassouras

---

[542] SILVA, Vinícius Gomes da. *Imprensa e abolição*: Vassouras e a crise do trabalho escravo (1885 – 1889). Dissertação (mimeo), p. 83. Disponível em:<http://www.ppghsuerj.pro.br/ppg/c.php?c=download_dissert&arq=96>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

uma elite política e econômica representada pelos senhores locais, alicerçados na economia do café. O outro grupo constituía uma camada média urbana, atuando principalmente na freguesia da cidade, formando uma elite intelectual que tinha a imprensa periódica como sua principal porta-voz naquele cenário. Ao identificar dois grupos distintos, esse trabalho não dá conta de indicar o grau de aproximação ou distanciamento entre eles. Entretanto, como apresentado no capítulo 1, a imprensa local surgiu a partir de um enfrentamento com essa esfera de poder refratária à instalação de prelos em Vassouras.

Em relação à segunda assertiva, o apoio à abolição, mas com uma posição emancipacionista não radical, passa-se a uma análise dos textos que trataram da escravidão e que serão recuperados aqui desde *O Município* e o *Vassourense*. É necessário recuperar a retórica sobre a escravidão presente nas páginas da imprensa local.

Humberto Fernandes Machado, estudando a imprensa abolicionista da Corte, observou que o estudo das notícias veiculadas deve levar em conta as estratégias dos publicistas de cada periódico.

> A manipulação da informação, ou sua omissão, vincula-se muitas vezes, às posturas dos colaboradores, ou, ainda, às expectativas do público leitor. As matérias se prestam a uma série de interpretações e devemos tomar, portanto, um cuidado minucioso para não superestimá-las, ou subestimá-las, transformando-as em verdades absolutas.[543]

A assertiva de Machado serve de cautela para analisar os textos publicados pela imprensa vassourense no tocante à escravidão. Isso porque essa imprensa se desenvolveu tardiamente e sob a desconfiança que a imprensa livre gerou naquela sociedade. Em editorial d'*O Município* de 7 de junho de 1877, Alberto Brandão discorre sobre a rejeição pelo senado do Império do projeto que proibia o tráfico interprovincial de escravos. Segundo Brandão:

> [...] É sabido que o norte, ou por compreender que a Lei de 28 de setembro [Ventre Livre] era o golpe de morte vibrado na escravidão, ou por qualquer outro motivo, tem procurado desfazer-se dela exportando-a para o sul.

---

[543] MACHADO, Humberto Fernandes. *Palavras e brados*. A imprensa abolicionista do Rio de Janeiro, 1880-1888. Tese (Doutorado em História). PPGH-USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991, p. 19.

> As províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas, carecedoras de braços para as lavouras de café, em vez de tentarem a aquisição de braços livres, tem acoroçoado aquele comércio.
> Daí resulta que em pouco uma parte do império não terá mais escravos, não porque os haja libertado, mas vendido [...].[544]

Encontra-se aí a primeira referência na imprensa periódica de Vassouras no apoio à imigração como alternativa contra a escravidão. O debate sobre colonização se ampliou ao longo da década de 1880.

Em 1877, alguns textos esparsos n*'O Município* trataram da escravidão.[545] O redator louva a ação de João Américo, que libertou seu único escravo em 1877.[546] Em "cenas da escravidão", coluna recorrente naquele ano, o redator analisa uma série de crimes cometidos por escravos contra seus senhores, chamando atenção para a crescente violência. Em editorial de 15 de junho de 1877, propõe a criação de colônias penais para que esse tipo de "criminoso" possa ter um "trabalho regular e contínuo, recebendo lições de moral e religião". Dessa forma, argumenta o redator, "o escravo assim resigna-se à sua sorte, espera os favores que a lei e a caridade lhe liberalizam e não procurará no crime uma emancipação ilusória".[547] A posição até aqui estava na outra ponta da divisa do abolicionista Luiz Gama, que argumentou em processo que defendia um escravo acusado de assassinato que, ao matar o seu senhor, seja qual fosse à circunstância, o escravo agia em legítima defesa.

Na seção "História" de 16 de agosto de 1877, Domiciano Leite Ribeiro, o visconde de Araxá, publica, sob o pseudônimo Macedônio, uma narrativa tendo por tema o quilombo de Palmares. Visto como uma ameaça à Colônia e à administração portuguesa, Ribeiro conclui seu texto exaltando a destruição do quilombo.

> [...] O que seria do Brasil se triunfasse Palmares, se ficasse de pé e prestigioso esse centro de atração?... A resposta não é difícil.
> Demos graças à energia de nossos maiores, que nos legaram essa pátria, e procuremos mostrar-nos dignos herdeiros, conservando nosso território e nossas instituições.[548]

---

[544] *O Município* de 7 de junho de 1877, p. 1.

[545] A pesquisa concentrou-se em buscar nas páginas dos periódicos três entradas conceituais: abolição, abolicionismo e escravidão.

[546] *O Município* de 14 de junho de 1877, p.1.

[547] *O Município* de 15 de julho de 1877, p. 1.

[548] *O Município* de 16 de agosto de 1877, p. 1.

A escravidão aparece também em alguns poemas, mas sem nenhum tipo de condenação ou censura. Essa análise d'*O Município* distancia-se até mesmo das conclusões de Vinícius Gomes da Silva em relação ao *Vassourense*. Como primeira experiência da imprensa local, o jornal não tomou partido ou polemizou em nenhum momento sobre esse tema.Pode-se constatar em alguns textos o apoio à imigração como alternativa contra escravidão, sem, contudo, criticar abertamente a instituição.

Saltando para a década de 1880, na qual o debate sobre a abolição estava amadurecido e já tomava os espaços públicos pelo país, retomam-se aqui os conceitos observados em *O Município* – abolição, abolicionismo, emancipação e escravidão – para analisar as páginas do *Vassourense*. No decorrer do terceiro capítulo deste trabalho, analisou-se as trajetórias dos homens ligados à imprensa periódica com ênfase na atuação multifacetada de Lucindo Filho. Há sobre ele uma informação recuperada na biografia escrita por Raimundo Corrêa que servirá a essa análise. Escreve sobre Lucindo Filho afirmando que "[...] num tempo em que todo o mundo entre nós tinha escravos, ele não os teve nunca".[549] Essa condição, contudo, não o faria naturalmente um abolicionista. Sobre o seu jornal, Corrêa conclui: "O *Vassourense*, de cujo frontispício não se deverá riscar jamais o nome de seu fundador, fez-se um valente campeão da liberdade, em época e meio todavia infensos às ideias abolicionistas e em que não era sem perigo mesmo o proclamá-las".[550] O depoimento de Raimundo Corrêa sobre o amigo ensejou uma visão para a posteridade que cristalizou Lucindo Filho como abolicionista. Nei Lopes, em seu *Dicionário Escolar Afro-brasileiro*, descreve brevemente, sem indicar a fonte, o redator do *Vassourense*.

> Lucindo Filho – Nome literário de Lucindo Pereira dos Passos Filho, escritor nascido em Diamantina, MG, em 1847, e falecido em Vassouras, RJ, em 1896. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, *foi combativo abolicionista.* Deixou vasta obra, na qual se incluem trabalhos médicos-científicos, poemas, ensaios históricos e estudos gramaticais.[551] (grifos nossos)

---

[549] CORREIA, Raimundo. *Poesia completa e prosa*. São Paulo: Gráfica Siqueira, 1961, p. 491.

[550] Ibidem, p. 490.

[551] LOPES, Nei. *Dicionário Escolar Afro-brasileiro*. São Paulo: Editora Selo Negro, 2006, p.99.

Não foi possível recuperar qual a referência utilizada por Lopes para fazer a afirmação destacada acima. Teria sido Lucindo Filho um combativo abolicionista? Dessa forma, passa-se à análise do *Vassourense* buscando confirmar, ou refutar, a assertiva. Em relação à atuação da imprensa nos debates sobre a escravidão, Humberto Fernandes Machado afirma que:

> Somente a partir do final da década de 1870 se desenvolveu uma imprensa atuante nos principais centros urbanos. Na cidade do Rio de Janeiro, sede da Corte, formou-se o principal núcleo jornalístico devido ao processo de urbanização, em franca expansão a partir da metade do século. Esse fator e o crescimento populacional facilitaram o aumento do número de leitores. Além disso, o Rio de Janeiro congregava uma elite intelectualizada que mantinha estreito contato com as "novidades do século", originárias da Europa, incompatíveis com a estrutura escravista. O ambiente favorecia, portanto, a existência de periódicos que serviam de veículos transmissões das ideias abolicionistas.[552]

Como afirma Machado, essa imprensa abolicionista se desenvolveu com mais robustez a partir da década de 1880. Nesse período, como já assinalado anteriormente, a imprensa periódica em Vassouras viveu o seu apogeu, tanto pelo número de jornais que surgiram quanto pela trajetória longa e estável do *Vassourense*. Parte dos debates trazidos pelo jornal pode ser recuperada nas colunas intituladas "Agricultura", que continham uma série de artigos que tratavam da situação da terra e, consequentemente, das relações de trabalho.

Roselene Coelho Martins – em trabalho sobre *Colonização e política, debates no final da escravidão*– dedica parte de sua análise às propostas de colonização que tiveram lugar nos textos publicados pelo *Vassourense* entre 1882 e 1888. A historiadora destaca os diversos modelos de colonização que foram propostos a partir de textos originais e traduções de artigos que visavam dar respaldo às iniciativas de substituição do braço escravo no país. Especial ênfase foi dada à criação, pelos senhores locais, do Clube da Lavoura em 1884.[553] Nas páginas do

---

[552] MACHADO, Humberto Fernandes. "Imprensa abolicionista e censura no Império do Brasil: In: LESSA, Mônica Leite & FONSECA, Silvia Carla P. de B. (org). *Entre a Monarquia e a República*. Rio de Janeiro: EdUerj, 2008, p. 247-8.

[553] MARTINS, Roselene de Cássia Coelho. *Colonização e política*: debates no final da escravidão. Rio de Janeiro: Ateliê, 2007, p. 79ss. Angela Alonso mostra que, naquele ano, os Clubes da lavoura se avolumaram, tendo sido criados 49 no país, somente em 1884. "Como a Confederação Abolicionista, Clube da lavoura da Corte replicou-se em escala provincial e municipal ou acolheu os análogos avulsos. O de Vassouras deu o modelo para núcleos antiabolicionistas país afora. Os paulistas fizeram os seus de olho no futuro, meio imigrantistas. O Vale do Paraíba, a área de Paulino [Soares

jornal, foram publicados seus estatutos e, por longo tempo, noticiadas suas iniciativas. Após analisar os projetos abolicionistas que eram discutidos no Brasil e em Vassouras, Martins conclui que a abolição da escravidão era apenas a ponta de um processo maior que incluía o futuro das terras e do trabalho no país. O jornal participou ativamente desse debate "[...] publicando artigos dos mais variados segmentos nacionais e regionais, trazendo à baila muitas propostas e sugestões para a região atravessar a crise".[554] Nesse debate, Martins aponta o comprometimento da imparcialidade do jornal quando fora criada a *Companhia Agrícola e Colonizadora de Vassouras*. Não houve reação dos redatores com receio da reação dos fazendeiros organizados em torno do Clube da Lavoura.[555]

Em relação ao fim da escravidão e à situação da terra, aponta a historiadora que:

> A posição francamente favorável à substituição da mão de obra escrava pela do imigrante, declarada em vários artigos analisados, contrasta com a quase inexistência de opiniões de vassourenses a favor do desmembramento da propriedade da terra. Para contrabalançar o jornal mostrou tentativas de imparcialidade ao publicar artigos de intelectuais "de fora", como Beaurepaire Rohan, que era declaradamente favorável não só à vinda de imigrantes como também ao desmembramento da terra.[556]

Naqueles anos, o periódico tornou-se um grande palco para os debates sobre como seria a vida dos agricultores no pós-escravidão. Em 27 de julho de 1884, o jornal publicou um longo editorial tratando da "população escrava no município de Vassouras". O texto aborda a abolição como inevitável e contém um tom de alerta aos agricultores locais para que se preocupem em como substituir o trabalho escravo em vez de lutar contra a extinção da escravidão.

---

de Sousa], mais a Zona da Mata mineira, onde o tempo dominante era o pretérito, sediaram 39 dos 49 clubes. Eram fazendeiros, comissários de café, atravessadores e financiadores de negócios escravistas empenhados em congelar o relógio com paliativos, a aplicação do Fundo de Emancipação, ou em controlar prazos para o fim indenizado da escravidão – alguns falaram em sete anos". ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas*: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88). São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 252.

[554] Ibidem, p, 142.

[555] MARTINS, Roselene. op. cit. p. 143.

[556] Ibidem, p. 143.

> O movimento abolicionista que, a despeito dos esforços da lavoura, continua oficialmente propagado, impõe às classes produtoras o dever de cogitar sem mais detença nos meios de minorar os males daí resultantes.
> Qualquer que seja a sorte do projeto sobre o elemento servil em breve submetido ao poder legislativo, já não é dado contar com a fixidez do trabalho escravo: dia a dia se desorganiza e enfraquece até a completa extinção. Fazer uma resistência tenaz a essa corrente de ideias sem pensar em medidas capazes de evitar o abalo fundamental das fontes de produção, será um desacerto e uma imprudência.[557]

O texto dirigido "às classes produtoras" do município externaliza a preocupação do jornal em relação à situação que seria gerada com o fim da escravidão. Naquele contexto, em julho de 1884, os clubes escravistas organizaram um Congresso da Lavoura para tentar conduzir as discussões no Parlamento.[558] O gabinete de Rodolfo Dantas encaminhava o projeto 48 que, dentre outras frentes de ataque à escravidão e disciplinamento dos libertos, proibia o tráfico interprovincial de cativos. O projeto tinha o apoio da maioria liberal, mas enfrentava uma resistência da minoria coesa conservadora e de dissidentes liberais. Nesse clima, prosseguiu o redator do *Vassourense*.

> Não se conserve a lavoura inativa quanto à garantia e respeito dos seus direitos, mas não se esqueça que os adversários têm por si uma causa certamente simpática [...]. A grita de rua, aceita pelos poderes públicos e repercutindo-se na representação nacional pode em futuro próximo ter por adeptos avultado número de cidadãos; e, ao encadeamento de fatos daí originados o que opor? A força armada? Será um protesto enérgico contra o desprezo de direitos adquiridos, mas não será um remédio à ruína de todas as indústrias.[559]

A "grita de rua" a que o jornal se refere era sem dúvida o ruidoso movimento abolicionista que crescera e ocupara, inclusive, a câmara dos deputados. O texto trata a abolição como inevitável – cedo ou tarde – e dirige o discurso para os agricultores que nada poderiam fazer frente a isso. Desse modo, deveriam voltar suas forças para discutir a substituição do trabalho escravo em vez de adiá-lo. É nesse contexto, portanto, que Roselene Martins situa as discussões que foram travadas nas páginas do jornal ao longo da década. Para a lavoura, segundo o

---

[557] *Vassourense*, 27 de julho de 1884, p. 1.

[558] ALONSO, Ângela. *Flores, votos e balas*: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88). São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 253.

[559] *Vassourense*, 27 de julho de 1884, p. 1.

jornal, “[...] a ameaça crescente, ora de uns, ora de outros, e até dos poderes constituídos de fazer cessar o seu elemento de trabalho é um fato que cedo ou tarde há de realizar-se”.[560]

Depois de fazer longa análise das leis que poderiam dar à lavoura braços dos condenados a cumprirem pequenas penas, o jornal encerra seu editorial apresentando dados estatísticos da escravidão em Vassouras. O redator colheu nos livros de matrícula, desde 1873, dados para evidenciar o declínio do braço escravo no município. Existiam matriculados, até 30 de junho de 1873, 21.093 cativos. Entraram até 30 de junho de 1884 mais 3.199, totalizando 24.292 indivíduos. Nesse intervalo, o número decresceu em 6.401 pessoas. Os motivos apontados na estatística do redator foram falecimentos e libertações, tanto pelo fundo de emancipação quanto por iniciativas dos senhores ou compra da liberdade pelos escravos. Em 1884, estavam ocupados no serviço rural e doméstico 17.891 homens e mulheres na condição de cativos. Os dados finais apontam para o número de ingênuos matriculados. Dos 7.041 até 30 de junho de 1884, 2.562 faleceram e 197 tornaram-se livres, seguindo o que foi estabelecido pela Lei de 1871. Havia, desse modo, 5.182 ingênuos sob a tutela dos senhores. A partir dos dados, conclui o redator que “o estudo desta estatística deve ser um aviso à agricultura: ainda na ordem natural das coisas as suas forças decrescem e os consumidores aumentam”.[561]

A posição do jornal no contexto das discussões do projeto do Gabinete Dantas advoga aos senhores locais a necessidade de discutir a abolição, que é tomada como inevitável em um futuro próximo. A preocupação com o interesse da lavoura se sobrepõe às opiniões daqueles que se batiam contra a escravidão e pediam seu fim imediato.

Pode-se observar a partir de então que a “seção livre” do jornal será o local por onde as vozes se canalizarão para tratar da escravidão, principalmente os membros do Clube da Lavoura. Outras vozes, em menor número, também aparecem nessa seção. Melchiades Medeiros da Cunha lança a seguinte assertiva: “Abolicionistas. Quem tem escravos e fala que é abolicionista, mente! Este é um

---

[560] *Vassourense*, 27 de julho de 1884, p. 1.

[561] Ibidem, p. 1.

tema que tem de ser desenvolvido".[562] Medeiros da Cunha aparece ao longo do Vassourense sempre publicando textos curtos comas mais diversas temáticas. Sua inclinação abolicionista era evidente a partir do conjunto de textos publicados a partir de 1884. Em texto intitulado "os escravos no Brasil", ataca a ação colonizadora sobre o continente africano e acusa a lei de 1831 de ser um "[...] decreto que o governo fez para inglês ver e o país sofrer".[563] Uma lei que aterraria o país e seria o pesadelo dos escravocratas. Quase nada se sabe sobre o personagem em questão, que viveu em Vassouras até, pelo menos, 1890.

A partir de 1885, com a Lei dos Sexagenários, a instituição escrava estava vivendo seus estertores e seu fim era questão de tempo. Tempo esse que o movimento abolicionista queria para abreviar. Enquanto debatiam diversos projetos de abolição que iam desde indenizações aos proprietários de escravos até reforma agrária para os libertos. A lei que libertou os escravos maiores de 60 anos, cumprindo o período de trabalho ainda de três anos, foi estampada nas páginas do *Vassourense* por várias semanas. Seguindo os dispositivos da Lei de 28 de setembro de 1885, Raimundo Corrêa mandou publicar um edital com a relação de todos os escravos que tinham atingido 60 anos. O edital de 44 páginas listou 3.104 homens e mulheres que teriam direito à liberdade imediata ou no decorrer dos próximos anos.[564]

Na edição de 5 de janeiro de 1887 o periódico *O Paiz*, dirigido àquela altura pelo abolicionista Quintino Bocaiúva, publica uma nota felicitando o *Vassourense* por mais um ano de vida. Adiciona, contudo, uma reprimenda:

> Entrou o *Vassourense*, a 2 do corrente, no sexto ano de existência – com a paz de consciência, que dá o cumprimento do dever. Felicitamos o colega por tão fausto motivo, *desejando de coração que o seu primeiro número do sétimo ano venha expurgado de anúncios de escravas fugidas, com declaração de sinais físicos dessas desgraçadas; de gratificações pecuniárias aos capitães do mato, e das residências dos senhores ou seus prepostos*.[565] (grifos nossos)

---

[562] *Vassourense*, 10 de agosto de 1884, p. 3.

[563] *Vassourense*, 17 de agosto de 1884, p. 4.

[564] Cf. *Vassourense* entre 7 de junho e 6 de julho de 1886.

[565] *O Paiz*, 05 de janeiro de 1887, p. 1

Os anúncios aos quais se refere o articulista povoavam desde seu surgimento à última página do jornal. Para a imprensa local do interior, os anúncios eram uma fonte essencial de renda para a manutenção das folhas. Com poucos anúncios, o *Vassourense* mantinha-se, certamente, da renda das assinaturas e demais trabalhos produzidos pela tipografia. O incômodo com a publicação d'*O Paiz* veio na edição seguinte ao transcrever parte do texto publicado com uma ácida resposta.

> [...] Não transcrevemos o final da notícia por conter uma ironia pungente e descabida, que por certo não saiu da amestrada pena do delicado cavalheiro que dirige a redação daquele importante periódico. O *Vassourense* não é uma folha de propaganda. *Até hoje ainda não dissemos se éramos abolicionistas ou escravocratas. Também desejamos saudar o dia em que não haja mais a necessidade de publicarem-se anúncios como aquele que o Paiz censura.*[566] (grifos nossos)

Em sua resposta, o redator mantém a posição de pretensa neutralidade em relação a esse tema. Essa posição foi mantida até 1888. Quanto aos anúncios de escravos fugidos, o *Vassourense* não mais os publicou.

Em março de 1888, os fazendeiros de Vassouras se reuniram para tratar do fim da escravidão, que se fazia iminente, dadas as notícias que acompanhavam os debates públicos sobre o tema. Ao publicar a ata da reunião, o redator faz a seguinte introdução: "Efetuou-se no dia 20 a reunião dos lavradores deste município, convocada por alguns de seus membros, a fim de acordar-se nos meios de tornar mais suave o golpe que com certeza será vibrado, e que não se fará esperar, o da completa abolição da escravatura no Brasil [...]".[567] Após a transcrição da ata, o redator retoma em diálogo com o tema num posicionamento bastante franco acerca da situação.

> [...] Hoje é difícil para o elemento servil fazer alguma coisa que não seja concorrer com todas as forças para o seu desaparecimento. Amazonas, Ceará, Rio Grande do Sul, São Paulo lá vão caminhando a passos largos, e necessariamente serão acompanhadas pelas outras irmãs, ou espontânea ou forçadamente.
> Querer protelar a grande solução o opor-lhes obstáculos, é representar o papel do caipira que, ao ver passar a primeira locomotiva a vapor atirou-lhe o laço para fazê-la parar.

---

[566] *Vassourense*, 9 de janeiro de 1887, p. 1.

[567] *Vassourense*, 25 de março de 1888, p.1.

> Desde 1871, data da lei áurea [sic] do Visconde do Rio Branco, a lavoura devia ter se preparado para a substituição do braço escravo, e habilitar-se para receber jubilosa os decretos do governo, que nessa ocasião vão confrangê-la.
> Mas a previdência, infelizmente, nunca foi a sorte da agricultura brasileira; pensar muito no presente e pouco no futuro, tal tem sido seu lema.
> [...] Reúnam-se os nossos lavradores nas suas paróquias; estudem bem os meios de fazer a substituição do trabalho, já que não se prepararam em tempo, que da abolição do braço escravo não lhes virá grande mal.[568]

O texto do redator exorta os lavradores do município a procurarem um meio para minimizar o impacto da abolição que se sentia iminente. Ele recorda o marco temporal da Lei do Ventre Livre, que colocou o fim da escravidão no horizonte. O texto dirigido aos agricultores não ataca a escravidão, apenas adverte os males que recaíram sobre os proprietários por não terem buscado meios de substituição da força de trabalho das lavouras cafeeiras. Esse posicionamento dos redatores desde 1882 contrasta com as edições de 13 e 20 de maio de 1888. A Lei Áurea assinada pela princesa Isabel, graças aos esforços de décadas do movimento abolicionista, foi celebrada jubilosamente pelo *Vassourense*. A edição posterior à publicação da lei mereceu um trabalho gráfico especial e reproduziu discursos dedicados a celebração da abolição.

---

[568] *Vassourense*, 25 de março de 1888, p.1.

Imagem 35 — *Vassourense*, 20 de maio de 1888

ANNO VII — VASSOURAS, 20 DE MAIO DE 1888 — N. 21

VASSOURENSE

PERIODICO IMPARCIAL, NOTICIOSO E LITTERARIO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

REDACTOR, DR. LUCINDO FILHO

VASSOURENSE

20 de Maio de 1888.

TREZE DE MAIO

O BRAZIL LIVRE

AVE, LIBERTAS! SALVE, PATRIA!

Lei n. 3353 de 13 de Maio de 1888

DECLARA EXTINCTA A ESCRAVIDÃO NO BRAZIL

Fonte: BN. Hemeroteca Digital Brasileira.

O jornal traz o texto integral da lei de 13 de maio emoldurado ao centro da página e um longo editorial tratando da abolição. As margens ganharam *layout* especial para celebrar o evento.

> É já lei no país, sob o nº 3353, e data de 13 de maio e legenda de ouro para as páginas da nossa história a proposta do poder executivo declarando extinta desde então, a escravidão no Brasil, e portanto em todo o universo, porque tínhamos a desventura de ser o último pedaço de terra conquistado pela civilização do século em que ainda vigia essa instituição de priscas eras com todo o seu cortejo de inenarráveis ignomínias [...].
> Éramos ontem ainda uma nação de escravos, e somos hoje uma nação de irmãos, tão digna quanto as que mais o forem! [...].[569]

O editorial ufanista trata o episódio como se por ele tivesse sempre lutado e defendido. Ao mesmo tempo, pode-se fazer uma leitura que não haveria mais nenhum tipo de receio a represálias pela posição do jornal e de seus redatores. Não é possível recuperar as ideias e posições daqueles homens fora de sua produção periódica. Nada sobreviveu que permitisse ao historiador de hoje afirmar com

---

[569] *Vassourense*, 20 de maio de 1888, p. 1.

certeza que Lucindo Filho, Alberto Brandão e outros eram “combativos abolicionistas”. O próximo texto esclarece que os colaboradores acompanharam de perto todo o processo que culminou com a abolição em 1888. O título é muito sugestivo: “Enfim!”, produto da pena de Francélio Marques.

> [...] A abolição do elemento serviu no império, que há muitos se afigurava utopia, traduziu, felizmente para a nação num fato real.
> Não há mais escravos no Brasil. Graças aos magnos esforços de todos os atletas da libertação, quer na tribuna parlamentar, quer na imprensa jornalística ou reunidos em *meetings* nos teatros e praças públicas; quer por meio de opúsculos em prol da mísera raça, quer em versos ardentes de entusiasmo humanitário ou ainda por meio de associações *ad hoc* estabelecidas para servir de amparo e proteção a tantos milhares de infelizes abandonados da sorte, a ideia que nasceu, digamos assim, a medo, foi crescendo, medrando, avultando, fortificando-se [...].

Os homens da imprensa local haviam acompanhado naqueles anos todos os esforços empreendidos pelo fim do trabalho escravo no país. Na mesma edição de 20 de maio, há transcrição do discurso proferido por Sebastião de Lacerda durante as comemorações que tiveram lugar em Vassouras. Na descrição dessa comemoração, que o redator parece ter acompanhado, não faltou uma censura à câmara municipal que até aquela data não havia manifestado apoio à lei de 13 de maio, estendendo a bandeira do Império na sacada do Paço. Naquele dia, ao chegar à cidade a notícia pelo correio, uma multidão tomou as ruas caminhando com tochas. Partindo da sede da *Sociedade Musical 26 de julho*, carregavam um estandarte com a frase “viva a liberdade”. Livres e libertos se misturavam, celebrando a abolição, dando vivas à princesa Isabel, a Joaquim Nabuco, ao senador Dantas, a José do Patrocínio e tantos outros. Da sacada da casa do negociante Abreu Cesar, foram proferidos discursos. Naquela noite, fundaram o *Grêmio treze de maio*.[570]

Por fim, venceu uma liberdade que não proporcionou a inserção do ex-escravo à sociedade e uma reorganização dos conservadores que logo abandonariam as fileiras do Império.[571] Alberto Brandão, colaborador que assina todos os textos no *Vassourense*, transmutou-se de liberal a republicano e, em 1890,

---

[570] *Vassourense*, 20 de maio de 1888, pp. 2-3.

[571] ALONSO, Ângela. *Flores, votos e balas*: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88). São Paulo: Companhia das Letras, 2015 pp. 361-9.

aparece alinhado à defesa dos interesses dos antigos proprietários de escravos na província fluminense. Segundo Stein,

> [...] Alberto Brandão, antigo professor de uma das escolas secundárias particulares de Vassouras, preparou um relato ao governador do Estado do Rio exigindo que 'um artigo do código penal seja aplicado para forçar os libertos a retornarem às fazendas que haviam abandonado'.[572]

Stein recuperou os posicionamentos de Brandão desde a década de 1870 e o caracterizou como avesso à abolição desde aquela década.[573] Alberto Brandão nunca figurou como colaborador fixo do *Vassourense*, embora seus textos tenham sempre encontrado espaço nas páginas do periódico.

Estava feita a abolição e o *Vassourense* prosseguiu ressonando o debate sobre o futuro da lavoura no país. Na edição seguinte, 27 de maio, uma notícia chama atenção: "Foram-nos devolvidos alguns números do *Vassourense* em que comemorávamos a passagem da lei de 13 de maio. Sabe o leitor qual o motivo da devolução? Por sermos... abolicionistas!".[574] O jornal faz chacota com a situação. Em edição de 15 de julho, publica uma retrospectiva com as datas importantes acerca da escravidão no Brasil, culminando em 1888.

Desse modo, percebe-se que não é possível fazer coro à afirmação de Nei Lopes sobre o caráter abolicionista de Lucindo Filho. Isso porque as fontes da imprensa localizam, após a extinção da escravidão, uma postura abertamente contrária a ela. Até então, o tema escravidão perpassava pela necessidade de substituir o trabalhador da lavoura para evitar prejuízos ao país, pois o fim do trabalho cativo, todos sabiam, era questão de tempo.

---

[572] STEIN, Stanley. *Vassouras, um município brasileiro do café (1850-1900)*. Trad. Vera B. Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 308-9.

[573] Stein comenta a recepção de Alberto Brandão às propostas que restringiriam o comércio de cativos no final da década de 1870: "Na defesa de Brandão precisa ser afirmado que suas recomendações ao governador eram inteiramente coerentes com sua opinião anterior quanto à escravidão. Quando o Senado Imperial rejeita a proposta do Conselheiro J. J. Teixeira Júnior proibindo o comércio de escravos entre províncias do Império (1877), Brandão aplaudiu. Posteriormente, Martinho Prado Júnior da assembleia provincial de São Paulo exigiu taxa exorbitante para ser arrecadada pelos escravos importados para aquela província. Rejeitada pelo presidente provincial, foi reintroduzida em 1879. Quando o poderoso Clube da Lavoura de Campinas (São Paulo) agiu com autoridade contra a medida (1879), Brandão novamente registrou sua aprovação".Ibidem., p. 309 (nota 42).

[574] *Vassourense*, 27 de maio de 1888, p. 1.

Por outro lado, o argumento trazido por Vinicius Gomes da Silva parece exagerada para compreender a atuação do *Vassourense* naquele debate. O periódico estava longe de ser "manipulado em favor das classes dominantes". De certo, concorda-se que não há um posicionamento político que esteja alinhado às propostas de abolicionistas vinculados à Confederação ou a Joaquim Nabuco. Tampouco a radicalização de personagens como José do Patrocínio, que dirigia, a partir de 1887, o jornal abolicionista *Cidade do Rio*.

Ao analisar a edição de 20 de maio de 1888 e as subsequentes, pode-se afirmar que os redatores do *Vassourense* foram discretos e comedidos abolicionistas. A situação da imprensa em Vassouras, sempre justificando a sua existência, e o temor da repressão que uma opinião política explícita poderia causar naquela sociedade hermética na qual a proximidade com os fazendeiros escravistas era inevitável não permitiram o surgimento de uma militância mais visível na imprensa. Em regiões da província do Rio de Janeiro onde o escravismo ainda era latente e a influência dos fazendeiros se fazia sentir, houve atritos severos. Em Campos dos Goytacazes, a redação do jornal *Vinte e Cinco de Março* foi destruída em outubro de 1887. Seu diretor, Carlos de Lacerda, ameaçado de morte.[575]

Se não houve uma imprensa abolicionista em Vassouras, nos termos de outros periódicos como a *Gazeta da Tarde*, *Cidade do Rio* ou o *Vinte e Cinco de Março*, tampouco houve – no *boom* de periódicos que vieram à baila na década de 1880 na cidade – a criação de jornais refratários à ideia abolicionista que servissem de barricada na arena pública das ideias.

4.8.2 Notas sobre a República

As origens do Partido Republicano remontam às divisões ocorridas no Partido Liberal na década de 1860. Em 1868, após o retorno dos conservadores ao poder, abriu-se uma crise entre os Liberais. Nabuco de Araújo atraiu para sim um grupo de

---

[575] MACHADO, Humberto Fernandes. "Imprensa abolicionista e censura no Império do Brasil: In: LESSA, Mônica Leite & FONSECA, Silvia Carla P. de B. (org). *Entre a Monarquia e a República*. Rio de Janeiro: EdUerj, 2008, p. 255.

senadores e fundou o Centro Liberal. Na elaboração do novo programa, previa-se um partido mais arejado e democrático. Sem, contudo, conseguir o consenso entre os políticos das fileiras liberais, houve um novo cisma e, em 1869, um grupo de progressistas históricos fundou o Clube da Reforma, opondo-se radicalmente ao grupo ligado ao senador Nabuco. Para veicular suas ideias, fundaram o periódico *A Reforma* (ver capítulo três). Com os ânimos políticos em ebulição, ainda em 1868, paralelamente à criação do Centro Liberal, um grupo de jovens criou o Clube Radical. A instabilidade entre os liberais fez surgir dissidências radicais pelo país. Em dezembro de 1870, após longo período de discussão, foi fundado o Clube Republicano do Rio de Janeiro. O Partido Liberal se reorganizou e, a partir de então, três forças políticas se consolidaram no debate político brasileiro.[576]

José Murilo de Carvalho assinala o momento de formação do Partido Republicano, apontando para o esfriamento da agenda radical. Cabe salientar ainda, segundo o historiador, que não havia homogeneidade entre os membros da nova agremiação política.

> A passagem do radicalismo para o republicanismo parecia um passo lógico na nota de radicalização. No entanto, ela de fato constituiu um retrocesso no que se refere à variedade e profundidade das reformas propostas por liberais e radicais. A grande lista de reformas do sistema eleitoral, da polícia, da magistratura, da Guarda Nacional, desapareceu na agenda republicana, engolida pela mudança de sistema. Sobretudo, desapareceu o tema da escravidão. *Preocupado em evitar a rejeição dos proprietários de escravos e incapaz de chegar a um acordo interno, o novo partido optou por não se posicionar abertamente diante da questão já enfrentada por liberais e radicais*.[577] (grifos nossos)

A discussão sobre a recepção do pensamento republicano pela imprensa do Vale do Paraíba fluminense, mais especificamente em Vassouras, enfrenta as mesmas dificuldades levantadas no tópico anterior. Como se posicionaram os redatores em relação ao tema? Houve em Vassouras uma significativa adesão ao longo das décadas de 1870 e 1880?[578]

---

[576] CARVALHO, José Murilo de. “Radicalismo e republicanismo”. CARVALHO, José Murilo de & NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Repensando o Brasil do Oitocentos*: cidadania, política e liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 19-31.

[577] Ibidem, p. 41.

[578] Para as análises nos jornais *O Município* e *Vassourense* foram utilizadas as entradas República e republicano.

Em 1882, surgiu em Paraíba do Sul o periódico *A República*, tendo como redatores Leopoldo Teixeira Leite, J. M. Vaz Pinto Coelho e A. J. Soares de Souza Junior. O jornal foi criado para ser a voz do Partido Republicano naquela cidade. Em 1886, Teixeira leite foi eleito vereador em Paraíba do Sul. Já em Vassouras, tal qual o tratamento dado a escravidão, a imprensa apenas tangenciaria a discussão sobre a emergência do movimento republicano que, após a Guerra do Paraguai, foi paulatinamente aumentando suas fileiras até o ponto de golpear de morte a monarquia em 1889.

Na década de 1880, havia na cidade grupos políticos identificados com os três credos: conservadores, liberais e republicanos, sendo o primeiro o grupo mais numeroso e influente, pelos motivos já destacados no primeiro capítulo. O redator do *Vassourense* – impaciente com a câmara municipal, mais uma vez, em relação à destinação do palacete deixado por Caetano Furquim para abrigar um asilo para meninas – vocifera: "De uma cousa hão de se convencer os vassourenses sensatos conservadores, liberais e republicanos: se quiserem que Vassouras se reerga do marasmo em que se acha é necessário que deixem essa mesquinha política de aldeia, que a ninguém dá glórias [...]".[579] O comentário deixa entrever que havia por ali enfrentamentos entre os diferentes grupos políticos, fato censurado pelo redator.

Em 1886, Alberto Brandão analisa a derrota do Partido Liberal nas eleições legislativas. Assinando a coluna "Semana Vassourense", Toalber (seu pseudônimo) carrega nas tintas contra o imperador e deixa claro sua nova posição política.

> Foi estrondosa em todo o império a derrota do partido liberal de s. majestade o imperador.
> O monarca ilustre, diante de sua sabedoria a Europa curvou-se reverente, deve há esta hora estar magoando consigo mesmo por ter mantido tanto tempo no poder um grupo de homens, que a opinião nacional acaba de condenar quase que unanimemente.
> Por quê? O chefe de estado, que deveria estar atento para o pensamento de seu muito amado povo iludiu-se a ponto de consentir que fossem seus ministros indivíduos sem influência alguma, sem valor intelectual e moral, pobres coitados repelidos tão brutalmente pelas urnas?
> Se estas falaram a verdade s. majestade mostrou por 7 anos inépcia condenável, assombrosa, capaz de tornar republicano um monarquista *enragé* como eu. [...].[580]

---

[579] *Vassourense*, 4 de fevereiro de 1883, p. 1.

[580] *Vassourense*, 24 de janeiro de 1886, p. 1.

Entre 1878 e 1885, sucederam-se na política imperial sete gabinetes liberais. Brandão atacava figuras importantes do cenário liberal como Cansanção de Sinimbu, Martinho Campos ou Manuel Dantas. O monarquista declara seu apoio à causa republicana. A preocupação com a situação política do império torna-se evidente. Nas edições seguintes, o *Vassourense* reproduz carta enviada pelo Conselheiro Francisco Otaviano a um jornal de Cantagalo que discutia a situação do Partido Liberal na província, fazendo um balanço dos últimos anos. A coluna de Alberto Brandão, a partir de 1886, torna-se eminentemente política e passa a discutir os assuntos que estavam na ordem do dia do país.

Na coluna "Comunicado" de 27 de maio de 1888, sob o pseudônimo Mosler, o jornal publica um longo texto intitulado "a evolução política", que trata da situação política e oferece alguns posicionamentos e reflexões sobre o tema.

> Não se confunda o poder do povo com a liberdade desde, assim como na classificação dos governos em monárquico e republicano, confundem sempre a forma com a essência [...].
> Se algum dia tiver que operar em nosso país uma mudança na forma governamental há de ser ela propulsionada pelos homens patriotas que, refletindo seriamente na causa da essência de toda garantia dos direitos individuais proclamam os perigos da nossa excessiva centralização e reclamarem pelo direito ou pela força – a autonomia das províncias, como garantia indispensável de toda liberdade civil e política.
> Não sonhem os republicanos com uma república no vértice sem estabelecer as bases na municipalidade [...].
> O Brasil está hoje em presença de uma necessidade palpitante: ter um governo sério e sinceramente representativo, se quiser escapar do governo de um só, do militarismo ou de uma república híbrida, para o que será urgente modificar profundamente a nossa centralização, a fim de que possamos ter um governo livre que concorra para a emancipação dos brasileiros.[581]

Não foi possível identificar o autor do texto. Destaque para as críticas à centralização política que aparecem também no programa do Partido Liberal após 1868. O texto pode ter ganhado o apoio do jornal por tocar em um tema bastante recorrente no *Vassourense*: a municipalidade. Seus redatores sempre foram simpáticos a uma reforma que restabelecesse os poderes das câmaras locais que foram em muito reduzidos no decorrer do Império. O texto tem um tom reformista, porém sem fazer tremular a bandeira republicana.

---

[581] *Vassourense*, 27 de maio de 1888, p. 3.

Chama atenção no âmbito do pensamento político local o *Manifesto do Clube Republicano*. O texto integral foi publicado pelo *Vassourense* em julho de 1888. Alguns homens que assinam o manifesto eram amplamente conhecidos pela sua atividade jornalística como Jorge Pinto, Alberto Leite Ribeiro e Rodolfo Leite Ribeiro. Há indicativo que, na mesma época da fundação do clube republicano no Rio de Janeiro, tenha se formado um grupo de republicanos, embora pequeno, em Vassouras. Lucindo Filho não assinou o manifesto.

Após a abolição da escravidão, o republicanismo engrossou suas fileiras. George Boherer, em sua história do Partido Republicano no Brasil, aponta que, em 1887, havia vinte e cinco clubes republicanos na província do Rio. No final de 1888, havia subido para trinta.[582] Carvalho salientou que o Partido Republicano só assumiu uma posição pública contra a escravidão em 1887, às vésperas do seu fim.[583] Em Vassouras, a lei de 13 de maio provocou uma abrupta filiação dos fazendeiros locais ao novo credo político. Uma mistura de ressentimento e vingança em relação à atitude da regente, que foi tomada como traição pelos fazendeiros locais. Segundo Stanley Stein:

> Da noite para o dia um minúsculo grupo de republicanos se ampliou para incluir a maioria de fazendeiros amargurados. Um anúncio publicado convidava os "cidadãos republicanos" de Vassouras para uma reunião em 1º de julho – a fim de "explicar as ideias fundamentais do programa e as medidas para a organização do partido". Assinado por quase 50 dos mais importantes proprietários de terras do município, o manifesto republicano de 1º de julho atacou a monarquia como um elemento que havia usurpado os poderes da legislação e havia "se exonerado de obediência às inspirações do pensamento público". O regime monárquico, afirmava o manifesto, "havia se transformado em um reino de ficções, mentiras e hipocrisia". O "poder centralizador" da monarquia havia subordinado os outros poderes governamentais e provocado uma "anarquia moral e política". Quanto ao futuro, apenas a república oferecia a esperança de criar instituições em harmonia com as "necessidades" da nação.[584] (aspas no original)

---

[582] BOEHRER, George C. A. *Da Monarquia a República*. História do partido republicano do Brasil (1870-1889). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, s/d, p. 70.

[583] CARVALHO, José Murilo de. "Radicalismo e republicanismo". CARVALHO, José Murilo de & NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Repensando o Brasil do Oitocentos*: cidadania, política e liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 41.

[584] STEIN, Stanley J. *Vassouras, um município brasileiro do café (1850-1900)*. Trad. Vera B. Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 321-22.

O historiador analisa as edições de 17 de julho e de 5 de agosto de 1888. Somente a partir desse ano, encontra-se nas páginas do periódico uma abundância de notícias, principalmente relacionadas aos eventos e às ações dos militantes da causa republicana. Nesses debates locais, o jovem advogado Sebastião de Lacerda se projetou para a carreira política que o levou, após várias legislaturas municipais e estaduais, até o Supremo Tribunal Federal na década de 1920. O surgimento de periódicos pelo país para apoiar a causa republicana também pode ser acompanhado nas páginas do *Vassourense*. Há um crescente de notícias sobre jornais recebidos na redação, sempre merecendo uma nota de apoio.

Nos debates que se seguiram em 1888 e 1889, a redação do jornal conservou uma postura de neutralidade. Contudo, suas páginas foram franqueadas a todo o noticiário sobre o movimento republicano na cidade. Em editorial de 22 de julho, no meio das discussões para a criação do clube republicano local, o *Vassourense* se manifestou.

> Muitos dos nossos leitores admiram-se de que nestas colunas não defendamos nem censuremos o movimento republicano, que, embora ainda pequeno, vai se manifestando nesse município.
> *A razão do nosso retraimento é muito simples. Desde o primeiro número desse periódico declaramos que seríamos completamente neutros em política, e que não a discutiríamos na parte editorial.*
> Felizmente até hoje temos sabido conservar ileso o nosso programa de apresentação. *Entretanto, fica aberta a seção dos comunicados para os cidadãos de todos os credos políticos que queiram discutir ou defender as suas ideias, não tendo a redação responsabilidade alguma pelas doutrinas emitidas, ficando somente o cuidado de fiscalizar a fim de não consentir que a discussão saia do terreno das ideias para cair no das personalidades*.[585]

A postura adotada pela redação difere do tratamento dado às discussões sobre a abolição. Talvez o movimento republicano local tenha forçado o jornal não apenas a abrir espaço para a veiculação de suas ações bem como marcar novamente a sua posição de neutralidade. Contudo, ao retomar os editoriais desde 1882, vê-se que por vezes o jornal entrou em acirradas discussões políticas locais, principalmente com representantes do poder municipal. Fazia-se, desse modo, uma neutralidade de ocasião, visando à própria sobrevivência do jornal.

---

[585] *Vassourense*, 22 de julho de 1888, p. 1.

Há também o registro da passagem por Vassouras de Antonio da Silva Jardim, que, em 1888, empreendeu uma caravana pelo país para difundir as ideias republicanas e angariar filiados. O *Vassourense* assinala em seu noticiário o *meeting* realizado em Vassouras.

> Como estava anunciado realizou-se na noite de 17, no teatro provisório, a conferência do ilustrado Sr. Dr. Silva Jardim.
> Apóstolo fervente da democracia, e da forma de governo republicana, o orador, durante duas horas, em estilo fluente e correto, fez a sua apologia, lançando em conta da monarquia todos os males que afligem a pátria brasileira.
> O Dr. Silva Jardim é um moço de muito talento, a quem os republicanos sinceros devem ser muito gratos, pelos serviços que lhes está prestando.[586]

O redator certamente assistiu à conferência de Silva Jardim. Em suas memórias da campanha republicana, ele relatou a passagem por Vassouras. Utiliza fragmentos de seu diário e de sua correspondência para narrar a campanha que iniciou em Santos e que percorreu o Vale do Paraíba, o norte fluminense e a zona da Mata mineira em 1888. Dentre os episódios que foram rememorados por Jardim, estavam a reação à conferência no teatro e o encontro com Lucindo Filho. Escreveu ele ao amigo Francisco:

> Já em Vassouras, meu caro, onde tinha estado na véspera (antes da conferência na localidade de Barra do Piraí), quando nos banqueteávamos na casa do major Teixeira Leite, que me hospedava gentilmente no seu palacete, um grupo passava pela rua dirigindo grosserias aos republicanos. Mas a conferência seguira muito bem, sem interrupções, nem mesmo apartes, antes acompanhada de aplausos, de assentimentos, ou se silêncios expressivos.
> Em Vassouras conheci o distinto Dr. Lucindo dos Passos Filho, latinista exímio, e poeta, redator de um jornal de feição literária em cujo cabeçalho figuram como colaboradores quase todos os nomes notáveis das letras brasileiras, um pouco deslocados no seio daquelas montanhas. Guardo com prazer um exemplar de suas Virgilianas, traduções do mantuano que me ofereceu.
> Abraço ainda aqui o Raimundo Corrêa, o nosso Raimundo, feito juiz municipal. Casou-se deves saber. Não se envolve em política. É ainda influência republicana o Dr. Sebastião Lacerda, rapaz de caráter, decidido ao combate, mas modesto e refletido [...].
> Teu velho amigo, Silva Jardim.[587]

---

[586] *Vassourense*, 22 de julho de 1888, p. 1.

[587] JARDIM, Antonio Silva. *Memórias e viagens*: Campanha de um propagandista. Lisboa: Tipografia da Cia Nacional, 1891, pp. 138-9.

A carta de Jardim resume um pouco do ambiente de Vassouras às vésperas do golpe republicano. Um grupo cada vez maior de pessoas aderia ao partido, mas não sem haver hostilidades de outros grupos políticos locais. Parte da intelectualidade ligada à imprensa mantinha-se apartada em opinar ou tomar posição, aqui representada por Lucindo Filho e Raimundo Corrêa. Havia ainda a projeção de jovens políticos naquele cenário, como o jovem Sebastião de Lacerda. Além disso, o elogio ao *Vassourense* reforça a importância que o periódico ganhara ao longo do tempo.

A edição de 17 de novembro de 1889 é radicalmente distinta daquela que celebrou a abolição no ano anterior. Aqui uma leitura pelo que não foi dito pode ser feita. O redator, em seu noticiário, limita-se laconicamente a informar que "foi anteontem proclamado o governo republicano na capital do império e organizado o seguinte ministério [...]".[588] Notícia fria e sem alarde. Na semana seguinte, o jornal trouxe um editorial manifestando-se sobre o novo regime.

> Não há mais dúvidas: está definitivamente firmado o governo republicano no Brasil.
> O seu advento no dia 15 do corrente, se não era esperado já, não foi de todo uma surpresa. A república teria de vir necessariamente mais cedo ou mais tarde, era uma questão de oportunidade; mas contava-se que a monarquia extinguisse por morte do segundo imperador, cuja lembrança nos deverá ser sempre grata, pois não cremos haver brasileiro sensato que desejasse o terceiro reinado, o da princesa Isabel [...].
> Hoje, como bons cidadãos devemos envidar esforços para que a ordem pública não seja perturbada, e concorrer com todos os meios ao nosso alcance para que a pátria querida vá, de progresso em progresso, conquistar o posto da vanguarda, que lhe compete, entre as nações civilizadas.[589]

O *Vassourense* passou pelas turbulências dos anos 1880 e permaneceu em seu programa de ser um jornal noticioso e literário até a morte de seu redator em 1896.Os episódios recuperados aqui demonstraram que seu redator e seus colaboradores acompanharam de perto e tomaram partido muitas vezes nas discussões que marcaram o Brasil nas décadas finais do Oitocentos. A República não trouxe uma alteração significativa na sociedade brasileira de então. A cultura

---

[588] *Vassourense*, 17 de novembro de 1889, p. 1.

[589] *Vassourense*, 23 de novembro de 1889, p. 1.

política só lentamente se transformou e os anos que se seguiram ao novo regime foram turbulentos para o país.

No **apêndice A**, é possível observar a composição da câmara municipal de Vassouras entre 1869 e 1890. Nota-se, na primeira e na segunda legislaturas, uma maioria conservadora entre os vereadores dos quais foi possível identificar com segurança a orientação política. A presença de liberais indica a formação de legislaturas não homogêneas. Alexandre da Silva Chaves, liberal, se destaca pela eleição por três legislaturas seguidas, ocupando em todas elas, por algum momento, a função de presidente. A figura de Francisco José Teixeira Leite, barão de Vassouras, paira sobre a política local como a expressão da família que estava diretamente ligada à transferência da sede da vila de Pati do Alferes para Vassouras em 1833. Sua figura era vista com respeito por todos. Seu necrológio publicado no *Vassourense* em 1884 reforça essa imagem.[590]

A composição e a análise desse documento interessam ao passo em que a imprensa, em especial o jornal *Vassourense*, não poupou críticas à municipalidade em diversas vezes, da biblioteca à limpeza pública, passando pela necessidade de abrir escolas e melhor administrar o erário. As rusgas com os vereadores parecem não ter inclinação política, sendo importante destacar que apenas Rodolfo Leite Ribeiro, eleito para a última legislatura antes da República, esteve diretamente ligado à imprensa periódica local como colaborador. Havia a presença esporádica de suplentes que ocupavam os cargos por renúncia ou falecimento de algum vereador, e não se ignora que outros personagens locais também tenham tomado assento na câmara municipal ao longo desse tempo.

Desse modo, pode-se afirmar que houve um descolamento entre elite política local e os redatores e proprietários de jornais em Vassouras nas duas últimas décadas da monarquia. Não ocorreu ali, como apontou Antônio Carlos da Silva em trabalho sobre a imprensa de Valença, a criação e a direção de periódicos locais que servissem primeiramente, ou exclusivamente, às necessidades das elites políticas e econômicas. No contexto das décadas de 1830 e 1860, os jornais funcionaram, segundo Silva, como veículos propagadores dos interesses das famílias

---

[590] *Vassourense*, 18 de maio de 1884, p. 1.

representantes da classe senhorial de Valença.[591] Eram esses os seus motivos condutores. Na imprensa periódica de Vassouras não se observa esse aspecto. Os periódicos se colocavam como defensores da "indústria e da lavoura" e discutiam as questões candentes à época, contudo abriram os espaços de seções como "comunicados" ou "a pedidos", para deixar fluir debates mais acalorados e partidários.

Frisar esse aspecto é essencial quando se admite que os redatores adotaram uma parcialidade de ocasião, pois – em relação à política miúda, local – não arrefeceram as críticas, indistintamente, à composição das câmaras. A análise do grau desse descolamento entre a elite intelectual, ligada à imprensa periódica e fazedora dessa imprensa, e a elite política e econômica de Vassouras é tarefa para trabalhos futuros. Este estudo não esgota, nem se pretendeu a fundo, essas relações.

A estabilidade da imprensa local foi conquistada num jogo de concessões que de algum modo não descaracterizou a atuação dos jornais no espaço público. Desde o pioneiro *O Município,* acompanha-se a constante justificativa para a existência da imprensa e as indisposições com os poderes locais. Houve a possibilidade de folhas que radicalizaram os discursos, como *O Caloiro*, embora tenham tido vida efêmera. Os jornais colegiais tampouco deixaram de participar ativamente do debate sobre as questões que afligiam os homens de letras naquele contexto. Muitos deles de pouquíssima penetração servem, contudo, como materialização de uma sociedade que encarava a imprensa periódica como manifestação de civilização e lugar do aprendizado político para a vida pública.

O espaço público em Vassouras tornou-se alargado nos anos 1880. Tanto que se podem ver rusgas entre os veículos de imprensa local – a revista *A Quinzena* e o *Isothermico* exemplificam isso – e mesmo com periódicos de fora. Na década de 1890, a imprensa local perderia muito de sua força, mantendo-se, porém, a existência de periódicos locais destinados a discutir a cidade, o Vale e o Brasil.

---

[591] SILVA, Antonio Carlos da. *O cotidiano da imprensa e a imprensa no cotidiano:* espaços públicos e a defesa da "lavoura" em Valença no século XIX. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016, pp. 350-54.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessas páginas, muitas citações, longas e curtas, sucederam-se recuperando os vestígios materiais de uma enorme massa de documentos impressos e manuscritos que repousam, alguns sem muito sossego, nos arquivos fluminenses. Imagens da vila, e depois cidade, de Vassouras fixaram o passado em preto e branco. São documentos-monumentos que mostram os ricos palacetes que evidenciam o desenvolvimento econômico daquele núcleo urbano ao longo do século XIX. Ilustrações, tabelas e quadros evidenciam e sintetizam os vestígios das dinâmicas sociais, culturais e políticas que encontraram lugar naquele espaço ao decorrer do Oitocentos.

Mais abundante, todavia, foram as centenas de páginas de jornais publicados em Vassouras entre 1873 e 1889, arroladas neste trabalho. Junto aos monumentos de pedra e cal, que ainda hoje sobrevivem fixando e revivendo as memórias dos barões do café, das ricas famílias e da história do Brasil Império, avultam papéis amarelados e quebradiços pela ação do tempo. Prelos, tipos, papel e tinta também testemunharam a história enquanto a faziam no correr dos anos no coração do Vale do Paraíba fluminense. Ao focalizar a imprensa periódica como palco e sujeito histórico, esta tese buscou mostrar que a história de Vassouras pode ser vislumbrada pelas páginas dos impressos semanais. Seus redatores, desde cedo, enxergaram a si próprios como promotores do presente e construtores do passado.

Rui Barbosa afirmou certa vez que "a imprensa é a vista da nação".[592] Sem imprensa se enxerga mal. O historiador José Honório Rodrigues, habilitado e habilidoso nas lides com as fontes para a história do Brasil, era cauteloso quanto ao uso da imprensa para a pesquisa histórica, uma vez que os jornais eram fontes suspeitas. Felizmente, a historiografia modificou sua percepção quanto aos usos da imprensa para compreensão das dinâmicas do passado e passou a compreender os jornais como documentos essenciais para reconstituir contextos sociais e políticos

---

[592] Barbosa, Rui apud CAPELATO, Maria Helena Rolin. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988, p. 59.

da história contemporânea. Ana Maria Camargo, em 1975, já aludia à importância da imprensa para o trabalho do historiador.[593]

Permita-se aqui uma citação longa, na qual a historiadora Maria Helena Capelato indica a utilidade dos jornais à pesquisa.

> A leitura dos discursos expressos nos jornais permite acompanhar o movimento das ideias que circulam na época. A análise do ideário e da pratica política dos representantes da imprensa revela a complexidade da luta social. Grupos se aproximam e se distanciam segundo as conveniências do momento; seus projetos se interpenetram, se mesclam e são matizados. Os conflitos desencadeados para a efetivação dos diferentes projetos se inserem numa luta mais ampla que perpassa a sociedade por inteiro. O confronto das falas, que exprimem ideias e práticas, permite ao pesquisador captar, com riqueza de detalhes, o significado da atuação de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos.[594]

As indicações acima foram perfeitamente aplicáveis para o estudo da imprensa vassourense na segunda metade do Oitocentos. O movimento de ideias está expresso nas páginas d'*O Município*, *Vassourense*, *Isothermico*, d'*O Caloiro* e todos os demais. Por mais incipiente ou efêmera que tenha sido determinada publicação, ela mostra a vontade daqueles sujeitos históricos em pôr no papel seus desejos e opiniões. A análise desse periodismo evidenciou uma *vontade de imprimir* para se exprimir (expressão em prelos, papéis e tinta) e participar do jogo no campo da *opinião pública*. A crença no progresso, no século XIX, numa "perspectiva *ilustrada* definia a imprensa em duas instâncias devidamente interligadas: de um lado, a efetivação e o aprimoramento da técnica de imprimir e, de outro, sua dimensão cultural ou *esclarecedora* [...]".[595] Uma imprensa que enxergava a si mesma como portadora das chaves do futuro. A assertiva de Marco Morel cabe aqui perfeitamente.

Para alicerçar este trabalho, a hipótese central definiu a imprensa local como portadora de múltiplas visões de modernidade. Essa modernidade se expressou na própria criação de jornais na cidade ao longo dos anos. A fundação da imprensa em

---

[593] CAPELATO, Maria Helena Rolin. *Imprensa e História do Brasil*, p. 20.

[594] Ibidem, p. 34.

[595] MOREL, Marco. "Da gazeta tradicional aos jornais de opinião: metamorfoses da imprensa periódica no Brasil". In: NEVES, Lúcia Maria B. P. das (org). *Livros e impressos: retratos do Setecentos e do Oitocentos*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, p. 154.

1873, recordada como tardia entre seus personagens, fixou o marco inaugural dessa nova fase no desenvolvimento dos espíritos ilustrados no Vale. A imprensa em Vassouras se inseriu em diversos debates; pensavam-se as questões locais, regionais e nacionais.

Partindo dessa premissa, ao longo dos quatro capítulos apresentados, foram esmiuçados diversos aspectos dessa sociedade Oitocentista. A primeira empreitada delineou as características do espaço urbano de Vassouras, construído de maneira acelerada a partir da transferência da sede da vila de Pati do Alferes em 1833. O decreto da Regência de 15 de janeiro punha às margens da estrada da Polícia a nova sede da vila. Auxiliado pelo trabalho de várias famílias, que enriqueceram com o café e a escravidão, o povoado cresceu a ponto de ser transformado em município em 1857. Acompanhando essas transformações, entre as décadas de 1830 a 1870, recuperou-se as tentativas de criação de um jornal local, motivado pelos mais diversos interesses. Fez-se, assim, uma curiosa história da imprensa que não houve.

O resultado dessa reconstrução mostrou que a criação de jornais sempre foi um desejo latente naquela sociedade. A justificativa propalada para o seu aparecimento tardio, na visão de seus contemporâneos, deveu-se à ação dos Teixeira Leite, homens que comandaram, juntamente com outras famílias proprietárias de terras, a política local durante décadas. O argumento, cristalizado por Ignácio Raposo, foi aceito como verossímil. O temor das folhas incendiárias e o papel político desempenhado pela ação de jornais e jornalistas estão demonstrados pela historiografia e é plausível supor que aqueles homens temessem as querelas e debates públicos que a imprensa livre poderia promover.

Em 1873, surgiu o primeiro jornal. Impresso em tipografia própria, *O Município* teve seu nome inscrito como pioneiro por todos os historiadores-memorialistas que se ocuparam, sempre ligeiramente, do surgimento da imprensa local. Contudo, para a análise do impacto da imprensa em uma cidade como Vassouras, exigiu-se a recuperação do ambiente cultural daquela cidade na década de 1870. Para tal, empreendeu-se uma reconstrução dos principais espaços dedicados à leitura e ao debate público. Locais nos quais se procurou observar a ocorrência de *redes de sociabilidades*.

Escarafunchou-se em inventários e outros manuscritos a existência de livros e bibliotecas entre os homens que figuraram nas lides da imprensa. Buscava-se ao mesmo tempo observá-los enquanto intelectuais *avant la lettre*. Mais que homens de

letras ou publicistas, a categorização como intelectuais dava a eles o estatuto de pessoas preocupadas com seu tempo e produtoras de ideias e posicionamentos públicos acerca das questões daquele Brasil de outrora. Simultaneamente à posse de livros, observou-se como a imprensa foi ciosa de um debate sobre a instalação e o funcionamento da primeira biblioteca pública da cidade. Longe de ser uma cidade das letras, como definia Angel Rama, aquele estabelecimento representava mais uma evidência de progresso material e uma oportunidade de aprimoramento do espírito. Especialmente o *Vassourense* se lançou em batalhas com a municipalidade pelo bom funcionamento da Biblioteca Popular. Com imprensa e livros se fazia o progresso, esse aspecto do pensamento da intelectualidade vassourense estava claro.

O mesmo texto destacou ainda o papel das tipografias nessa *rede de sociabilidades*. No recorte da pesquisa, foi possível evidenciar o funcionamento de quatro delas. A do *Vassourense* e d'*O Isothermico*, de maneira simultânea entre 1886 e 1888. Desses modestos estabelecimentos, se comparados com os de centros maiores, como a Corte, também saíram impressos efêmeros e livros. Houve ainda publicações da pena dos mesmos intelectuais envolvidos com a imprensa em Vassouras. Desse modo, a Tipografia do Vassourense foi importante para a impressão de inúmeros periódicos locais e da região.

Para melhor caracterizar esses homens ocupados com as lides da imprensa, buscou-se também reconstituir trajetórias coletivas e individuais. Ao cruzar dados biográficos e evidenciar espaços de atuação dentro e fora de Vassouras, melhor se compreendeu quem eram esses personagens. Tornou-se claro que parte dos jornais locais poderiam ser caracterizados como uma *imprensa colegial*, porque feita por jovens estudantes dos colégios secundários que abundaram em Vassouras na segunda metade do século. Até a epidemia de febre amarela em 1880-1881, a salubridade do clima da cidade colocada no alto da serra foi propalada entre os moradores da capital, acostumados às epidemias recorrentes. Mesmo após o flagelo da febre, importantes estabelecimentos foram instalados na freguesia da cidade e em outras próximas a ela. Esses jornais estudantis, efêmeros em sua maioria, revelam outro aspecto que não havia sido postulado inicialmente: a imprensa periódica local teve um caráter propedêutico. Era incentivada como etapa importante na formação daqueles personagens que logo estariam inseridos nas carreiras bacharelescas do Império.

Nas tentativas de recuperar dados biográficos, muitos irremediavelmente fugidios ao historiador, a trajetória de Lucindo Pereira dos Passos Filho se impôs. Ao longo da pesquisa, nos anos de visitas aos arquivos e de levantamento de fontes, foi percebido que a história da imprensa em Vassouras é indissociável da biografia de Lucindo Filho. Desse modo, recuperar as visões empreendidas pela imprensa periódica local passou obrigatoriamente por recuperar e evidenciar a sua atuação intelectual.

A trajetória de Lucindo Filho está filiada à terceira geração familiar de homens que cultivaram as letras. Desde a composição da biblioteca de seu avô em Mariana, em parte herdada pelo pai de Lucindo em 1850, passando pela biblioteca de seu pai – que foi professor no colégio Pedro II – deixada em herança em 1891, inseriu-se pelo viés da história cultural a sua atuação intelectual. A biblioteca desaparecida de Lucindo Filho, da qual só se pode entrever por esparsas citações em fontes e relatos, era a materialização do homem de letras, intelectual que nutriu paixão pelos livros e pela imprensa. A sua memória é a própria memória da imprensa e do ambiente político e cultural que Vassouras viveu nas três últimas décadas do século XIX.

Por tratar a imprensa como fonte e ator histórico, utilizou-se dela ao longo de toda a pesquisa. Desde o primeiro capítulo, ela foi apresentada ao leitor e seus textos foram esmiuçados para balizar análises e argumentações. O último capítulo, e mais longo, procurou então reorganizar os jornais de forma cronológica para empreender uma história da imprensa que pudesse recuperar as características de cada periódico, isoladamente ou em conjunto. A limitação que se impôs decorreu da ausência de coleções inteiras que não chegaram aos dias de hoje. Outras estão perdidas na babel das hemerotecas. Mesmo assim, pode-se mostrar que existe uma história da imprensa em Vassouras, onde os periódicos entravam em cena como sujeitos históricos e ensejaram a construção de uma *opinião pública*. O desafio era não superdimensionar o papel desses jornais, projetando para o interior do Vale do Paraíba fluminense questões que a historiografia apontou em relação aos grandes centros. Dito de outro modo, havia o temor de que essa análise de conjunto demonstrasse que aquela imprensa não teve papel relevante no ambiente cultural de Vassouras. Isso levaria à impossibilidade de afirmar a existência de um *espaço público* e de uma *opinião pública* nos quais atuava e concorria a imprensa periódica.

Para mostrar a posição de redatores e jornais nas questões macro, pinçaram-se os dois momentos de crise que contribuíram para o fim do império brasileiro. A questão da escravidão, coroada com a abolição em 1888, e o surgimento do movimento republicano, que pôs fim à monarquia em 1889. Foram analisadas as diversas vozes que ecoaram pelas páginas da imprensa local. Nessas diferentes vozes, logo ficou claro que os jornais, especialmente o *Vassourense* – sobre o qual se deu maior ênfase por cobrir quase toda a década de 1880 – recorreu à posição explicitada em seu programa para manter-se neutro naqueles debates. A pretensa neutralidade, que como se viu não ocorreu em assuntos locais, pode ser entendida como estratégia de sobrevivência do jornal. Havia o temor de represálias, principalmente pela ainda influente classe senhorial local, representada por proprietários de terras e escravos. O jornal se equilibrou em uma linha tênue, recebendo críticas por isso. Entretanto, a edição que comemora o 13 de maio pode ser lida como uma posição plenamente favorável à abolição por parte de seu redator e de seus colaboradores. O mesmo não aconteceu com o golpe republicano de 15 de novembro: o jornal se limitou a noticiar o evento e, na edição seguinte, fazer uma análise circunstanciada sobre o novo regime.

Essa análise final sobre o *Vassourense* ensejou a percepção da existência de uma *neutralidade de ocasião,* que visava, sobretudo, reafirma-se, garantir a existência do jornal. Empastelamentos e agressões a redatores não eram novidade. Outros periódicos como *A Mocidade* e *O Caloiro* eram abertamente republicanos. O último, também abolicionista. Por cautela, evitou-se adjetivar os demais periódicos, bem como filiar seus redatores ou proprietários às agremiações políticas e partidárias quando isso não estava explícito em seus próprios discursos.

Dessa feita, vale recuperar algo já dito na introdução deste trabalho. As análises empreendidas focalizaram os editoriais e o noticiário dos periódicos. Ocasionalmente, textos de outras colunas foram utilizados para iluminar hipóteses e objetivos.

Os jornais de Vassouras oferecem inúmeras entradas para a pesquisa histórica. Toda a abundante parte literária, por exemplo, ainda aguarda por pesquisadores interessados. Os objetivos desta tese não esgotaram nenhuma possibilidade analítica sobre as fontes em questão, mas a construção do objeto evidenciou e recolocou no seu lugar a necessidade de encarar a imprensa periódica de Vassouras numa visão orgânica e de conjunto. Os intelectuais em torno daqueles

periódicos tiveram um projeto político e cultural muito claro. Enfrentaram muitas dificuldades para manter um jornal no interior da província e, mesmo assim, empreenderam ao longo dos anos diversas iniciativas nesse sentido. Agiam, dessa forma, num determinado espaço de experiências que foi gerador de múltiplos horizontes de expectativas. Prelos, tipos, papel e tinta: assim se fez a *opinião pública* em Vassouras a partir de 1873.

REFERÊNCIAS

A MANHÃ (Suplemento Literário). Rio de Janeiro: Tipografia d'A Manhã, 1941-1953. Diário.

A MARMOTA. Rio de Janeiro: Nova Tipografia de Paula Brito, 1957-1961. Bissemanal.

A QUINZENA. Rio de Janeiro: Tipografia Lambaerts e Cia,1886. Quinzenal.

A REFORMA. Rio de Janeiro: Tipografia d'A Reforma, 1869-1879. Diário.

ABREU, Márcia. A circulação transatlântica dos impressos. *Livro. Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. São Paulo, vol. 1, n. 1, pp.115-127.

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros.* Campinas: Fapesp/Mercado das Letras, 2003.

ACADEMIA DE LETRAS DE VASSOURAS. Vassouras: Gráfica Palmeiras, 2002.

AFFONSO, José. *Seleta de Prosadores mineiros*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1914.

AINSC. Livro de Casamento de pessoas livres. IPHAN Vassouras.

ALMANACH DO VASSOURENSE. Vassouras: Tipografia do Vassourense,1887-1889. Anual.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1844-1889. Anual.

ALMEIDA, José Joaquim Correia de. Carta a Lucindo Filho agradecendo os elogios a seu último livro pelo jornal O Vassourense. Caxambu, 19 set. 1884. 1 p. Orig. Ms. I-09,05,015.

ALONSO, Ângela. *Ideias em Movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

_____. *Flores, votos e balas*: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALVARES, [Nuno]. Carta a um dos diretores do jornal O Vassourense pedindo devolução dos trabalhos "O diabo a quatro" e "A mulher de Putifar" e enviando um texto sobre Tinguá. [S.l.], 30 set. [18__]. 1 p. Orig. Ms. I-09,05,022.

ANDRADE, Boaventura Plácido Lameira de. *Philologia Portugueza (notas de leitura).* Vassouras: Typographia do Vassourense, 1885.

APMV. *Relação dos livros doados por Caetano Furquim de Almeida*. Documento avulso, caixa Biblioteca.

APMV. *Catálogo provisório dos livros da biblioteca*, 1886, documento avulso. Caixa Biblioteca.

APMV. *Catálogo dos livros existentes na câmara municipal de Vassouras*, s/d, documento avulso. Caixa Biblioteca.

APMV. *Comunicação enviada pelo bibliotecário*, folha 01/02, documento avulso. Caixa Biblioteca.

APMV. *Relatório do Bibliotecário acompanhando um mapa do movimento da Biblioteca*, 1886.

ARAÚJO, Ferreira de. Carta a Lucindo informando que publicou seu artigo e pedindo que envie outros. Rio de Janeiro, 18 jan. 1877. 1 p. Orig. Ms. Folha com timbre da Gazeta de Notícias. I-09,05,041.

ARAÚJO, José Thomaz Nabuco de. *O centro liberal*. Brasília: Senado Federal, 1979.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DO RIO DE JANEIRO (Brasil). *Relatório da segunda sessão da décima nona legislatura no dia 8 de setembro de 1873 pelo presidente, desembargador Manoel José de Freitas Travassos.* Rio de Janeiro, Typ. do Apostolo, 1873.

_____. *Relatório da sessão extraordinária no dia 20 de março de 1874 pelo presidente, desembargador Manoel José de Freitas Travassos*. Rio de Janeiro, Typ. do Apostolo, 1874.

_____. *Relatório da segunda sessão da vigésima legislatura no dia 8 de setembro de 1875 pelo vice-presidente, conselheiro Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja*. Rio de Janeiro, Typ. do Apostolo, 1875.

_____. *Relatório da primeira sessão da vigésima primeira legislatura no dia 22 de outubro de 1876 pelo presidente, conselheiro Francisco Xavier Pinto Lima*. Rio de Janeiro, Typ. do Apostolo, 1876.

_____. *Relatório da segunda sessão da vigésima primeira legislatura no dia 8 de setembro de 1877 pelo vice-presidente, dr. Francisco Antonio de Souza*. Rio de Janeiro, Typ. Montenegro, 1877.

_____. *Relatório da abertura da segunda sessão da vigésima terceira legislatura em 8 de agosto de 1881 pelo presidente, dr. Martinho Alvares da Silva Campos*. Rio de Janeiro, Imprensa Industrial de João Paulo Ferreira Dias, 1881.

_____. *Relatório da abertura da primeira sessão da vigésima quarta legislatura em 8 de agosto de 1882 pelo presidente, desembargador Bernardo Avelino Gavião Peixoto*. Rio de Janeiro, Typ. Montenegro, 1882.

AUDE, Claire, SCHAEFFER, Marie-Danielle, TEROUANNE, Bénédicte. *Les bibliothèques populaires en France à travers le Bulletin de la Société Franklin (1868-1879)*. Note de synthèse. Villeurbanne: École nationale supérieure de bibliothécaires, 1977. Disponível em: <http://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/63779-bibliotheques-populaires-en-france-a-travers-le-bulletin-de-la-societe-franklin-1868-1879.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.

AZEVEDO, Ciro de. Carta a Lucindo Filho agradecendo a atenção dispensada a um cliente. [S.l.], [18__]. 2 p. Orig. Ms. I-09,05,063.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. Volumes 1 e 2. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA LIMA SOBRINHO, A. J. *O problema da imprensa*. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto, 1988.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil (1800-1900)*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2010.

_____. *Escravos e o mundo da comunicação*, Oralidade, leitura e escrita no século XIX. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2016.

BARROS, Gustavo Abruzzini de. *Imprensa valenciana.* Do provincialismo da era dos barões e coronéis, ao engatinhar do profissionalismo do século XXI. Valença: Jornal Local, 2012.

BASILE, Marcello. *O império em construção*: projetos de Brasil e ação política na Corte regencial. Rio de Janeiro:Tese de doutorado PPGHIS/UFRJ, 2004.

_____. Inventário analítico da imprensa carioca do Rio de Janeiro na Regência: perfil dos jornais e dados estatísticos. In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria Bastos P. *Dimensões e fronteiras do Estado brasileiro no Oitocentos*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

BASTOS, Élide Rugai. *Intelectuais e Política*. A Moralidade do Compromisso. São Paulo: Olho D'água, 1999.

BELLEGARDE, Guilherme Cândido. Carta a Lucindo Filho agradecendo a remessa do Almanaque do Vassourense para 1887 e o nº 48 com o artigo "Uma questão ortográfica". Rio de Janeiro, 07 dez. 1887. 1 p. Orig. Ms. I-09,05,086.

BERGER, Paulo. *A tipografia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1984.

BERNARDO, Maria Ana. *Sociabilidade e Distinção em Évora no século XIX. O Círculo Eborense*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001.

BERSTEIN & SIRINELLI, Jean-François. ”Las Élites Culturales”. *In*: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. *Para una Historia Cultural.* México: Taurus, 1999.

BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. *In*: *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

BILHETE ao dr. Lucindo convidando-o para o chá. [S.l.], 04 jul. [18__]. 1 p. Orig. Ms. I-09,07,064.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionário bibliográphico brazileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970.

BOEHRER, George C. A. *Da Monarquia a República*. História do partido republicano do Brasil (1870-1889). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

BONSUCESSO JÚNIOR, Veríssimo Josué do. Carta a Lucindo agradecendo os elogios feitos no Município e pedindo desculpas por não ter se despedido. Rio de Janeiro, 27 dez. 1877. 1 p. Orig., Aut. Ms. I-09,06,022.

BORGES,Vavy Pacheco. *História e política*: laços permanentes. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 12, nº. 23/24, setembro de 1991-agosto de 1992, p. 6-18.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRADO DEMOCRÁTICO. n. 01, 01 de julho de 1874. In: PINTO, Jorge. *Fastos Vassourenses*. Vassouras: Fundação 1º de maio, 1935, p.112.

BRAGA, Greenhalgh H. Faria (org). *Vassouras de ontem*. Rio de Janeiro: Cia brasileira de artes gráficas, 1975.

_____. *De Vassouras*: história, fatos, gente. Rio de Janeiro: Ultra-set editora, 1978.

BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia (org.). *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010.

BRAME, Fernando Ribeiro Gonçalves. *O Império sobre trilhos*: Estado, disputas políticas e articulação socioespacial do Rio de Janeiro. Vol. 2. Rio de Janeiro: Gramma, 2014.

BUENO, Antônio Henrique da Cunha; BARATA, Carlos Eduardo de Almeida. *Dicionário das Famílias Brasileiras*. Rio de Janeiro: Ibero América, 1999.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Ouro sobre Azul, 2006.

[18__]. 1 p. Orig. Ms. Texto escrito no verso do receituário da Clínica Médico-cirúrgica do dr. Lucindo Filho. I-09,06,083.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida & MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da impressão régia*. Volumes 1 e 2. São Paulo: Edusp/Kosmos Editora, 1993.

CAPELATO, Maria Helena Rolin. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

CARVALHO, Alan de Souza. *Terras e escravos: a desordem senhorial no Vale do Paraíba*. São Paulo: Paco Editorial, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das Almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *História Intelectual no Brasil*: a retórica como chave da leitura. Rio de Janeiro: *Topoi*, p.123-152, 2000.

_____. *D. Pedro II*. Perfis Brasileiros. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. (org). *Nação e Cidadania no Império*: Novos Horizontes. Rio de Janeiro: Civilização, 2007.

_____. *A Construção da ordem. Teatro de sombras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. *Cidadania no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARRIS LITTERARIOS. Vassouras: Tipografia do Vassourense, 1883-1884. Semanal.

CARVALHO, Antonio Gontijo de. *Raul Fernandes. Um servidor do Brasil.* Rio de Janeiro: Agir Editora, 1967.

CARVALHO, José Murilo de & NEVES, Lúcia Maria Bastos P. *Dimensões e fronteiras do Estado brasileiro no Oitocentos*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

CARVALHO, José Murilo de & NEVES, Lúcia Maria Bastos P. *Repensando o Brasil do Oitocentos*: cidadania, política e liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CASADEI, Thalita de Oliveira. *Páginas de História Fluminense*. Niterói: Ed. do autor, 1971.

CASTAGNA, Paulo. *Produção musical e atuação profissional de João de Deus de Castro Lobo (1794-1832)*: do desaparecimento de seus autógrafos à transmissão de sua música pelas redes sociais. Opus, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 9-40, jun. 2012.

CAVALCANTI, Irenilda R. B. R. M. *et al*. *Dicionário Histórico do Vale do Paraíba Fluminense*. Vassouras: IHGV, 2016.

CDH. *Arrecadação. Antônio José de Azevedo*. Doc. 102663974003.

CDH. *Arrecadação. Francisco de Assis e Almeida*. Doc.102663772009.

CDH. *Arrecadação. Joaquim Gomes Ribeiro Leitão*. Doc. 102663976004.

CDH. *Inventário. Lucindo Pereira dos Passos Filho*. Doc. 104664646001.

CDH. *Inventário. Herculano de Figueiredo e Souza*. Doc.102663734003.

CDH. *Inventário. José Faustino da Fonseca e Silva*. Doc.102663766005.

CDH. *Inventário. Luiz Rômulo Perez Moreno*. Doc.103664212003.

CDH. *Livros de Atas da câmara municipal de Vassouras*.

CDH. *Livros de Registros de correspondências da câmara municipal de Vassouras (1870-1875)*

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Trad. Maria M. Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

_____. História intelectual e história das mentalidades: uma dupla reavaliação. In: A *História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas*. Brasília: UNB, 1994.

_____. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

COELHO NETTO. Carta a um amigo agradecendo a remessa do livro Novas Virgilianas, e dizendo que um artigo sobre Cotegipe está cheio de erros. [S.l.], 13 mar. 1889. 1 p. Orig. Ms. Papel com timbre da redação do Município Neutro. I-09,06,075.

CORREIA, Raimundo. Carta a Alberto de Oliveira elogiando os poemas que publicou no Diário Mercantil e falando de um batizado. Vassouras, 01 out. 1886. 3 p. Orig. Ms.I-09,06,085.

CORREIA, Raimundo. *Poesia completa e prosa*. São Paulo: Gráfica Siqueira, 1961.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

COSTA, Iraci del Nero da. *História econômica e demográfica*. São Paulo: IPE/USP, 1986.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001.

CRUZ, Dias da. Carta ao dr. Lucindo Filho desejando boa sorte e apresentando o enfermeiro Antônio José Henriques. [S.C.], 21 abr. 1871. 2 p. Orig. Ms. I-09,06,093.

CSM. *Inventário. Capitão Lucindo Pereira dos Passos*. Códice 27, 2º ofício, auto 666.

DARTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. "História da Leitura" in BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp. 1992.

DARTON, Robert & ROCHE, Daniel (orgs). *Revolução impressa: a imprensa na França (1775-1800)*. São Paulo: Edusp, 1996.

DARNTON, Robert. *A questão dos Livros*. Passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DIÓRIO, Renata Romualdo. *Os libertos e a construção da cidadania em Mariana, 1780-1840*. Tese de Doutorado (mimeo), Universidade de São Paulo, 2013.

DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros. Instituições e práticas de leitura na São Paulo Oitocentista*. São Paulo: Edusp, 2011.

DOSSE, Françoise. *La marcha de las ideias*: historia de los intelectuales, historia intelectual Valencía: PUV, 2007.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*: século XIX. Dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016

DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República*: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ESTATUTOS da Bibliotheca Municipal da Villa de N. S. da Piedade do Rio Claro. Rio de Janeiro: Lombaerts e Comp. 1885 (BN).

ESTATUTOS do Gabinete de Leitura da Sociedade Valenciana. Rio de Janeiro: Typographia Dous de Dezembro, 1856 (BMV).

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: Formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Ed. Globo, 2008.

FERES JÚNIOR, João & JASMIM, Marcelo (org.). *História dos Conceitos: diálogos transatlânticos*. Rio de Janeiro: Edições Loyola: Ed. PUC-Rio: IUPERJ, 2007.

FERES JÚNIOR, João (org.). *Léxico da história dos conceitos políticos do Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

FERREIRA, Júlio dos Santos. Carta a Lucindo falando de suas traduções. Envia uma tradução de Musset, "Morta", e um poema seu, "O Bandido". Promete ainda

mandar o “Atheneu Paulistano”, de 1855 a 1864. São Paulo, 19 dez. 1864. 7 p. Orig. Ms. I-09,07,02.

FERREIRA, Luiz Damasceno. *História de Valença (1803-1924)*. Valença: Ed. do autor, 1978.

FERRARO, Marcelo Rosanova. *A Arquitetura da escravidão nas cidades do café.* Universidade de São Paulo. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../2017_MarceloRosanovaFerraro_VOrig.pdf >. Acesso em: 04 jan. 2018.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *Imprensa e resenhas no Brasil: divulgação, críticas e polêmicas*. ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo, 2007. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0846.pdf> Acesso em 04 jan. 2018.

_____. Prosopografia e História. In: *XI Encontro Regional de História da ANPUH, Rio de Janeiro, 2004*. Disponível em <http://www.rj.anpuh.org/Anais/2004/indice2004.htm>. Acesso em: 20 ago. 2012.

_____. *A história do livro e da leitura*: novas abordagens. Floema, ano III, n. 5, Out. de 2009. Disponível em: file:///C:/Users/Marcelo/Desktop/Textos/130-913-1-PB.pdf. Acesso em: 10 jul. 2016.

FALCI, M. B. K. História Regional: conceitos, métodos e problemas. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Vol. 2001, p. 101-107, 2001.

_____. *Um intelectual brasileiro do século XIX e sua biblioteca.* Locus. Juiz de Fora, v. 16, p. 125-135, 2003.

_____. A pesquisa histórica em Vassouras: arquivos permanentes, especiais e bibliotecas. *Revista do Mestrado de História* (Universidade Severino Sombra), Vassouras, Vol. 12, nos122, 2003.

_____. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

FERREIRA, Tânia M. B. da C, et al. *Elites, fronteiras e cultura do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2013.

FORTE, José Mattoso Maia. *Memória da Fundação de Vassouras*. Do início do povoamento à creação da Villa. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas O Globo, 1933.

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. *O Arcaísmo como projeto:* mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia, *Rio de Janeiro, c. 1790 – c. 1840*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FRAGOSO, João. *Barões do café e sistema agrário escravista: Paraíba do Sul/Rio de Janeiro (1830-1888)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

FREIRE, Domingos José. Carta ao dr. Lucindo informando sobre as medidas que estão sendo tomadas para fazer frente a uma epidemia. Rio de Janeiro, 10 fev. 1889. 1 p. Orig. Ms. I-09,07,033.

FREIRE, Laudelino. *Sonetos Brasileiros*. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia Editores, 1913.

FRIDMAN, Fania. As Cidades e o café. In: *Revista Rio de Janeiro*. N. 18-19, jan.-dez. 2006.

FRIEIRO, Eduardo. *O Diabo na Livraria do Cônego*. São Paulo: Editora Itatiaia/ Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

GAY, Peter. *O século de Schnitzler*. A formação da cultura da classe média, 1815-1914. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GAZETA DE NOTÍCIAS (suplemento de ciências, artes e letras). Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta, 1875. Periodicidade variada.

GOMES, Alfredo. *Dicionário Histórico, geográfico e etnográfico do Brasil*. Rio de Janeiro, v. 1, 1922.

GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de quilombolas*: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

GOMES, Sônia de Conti. *Bibliotecas e sociedade na Primeira República*. São Paulo: Pioneira, 1983.

GONÇALVES, Monique de Siqueira. Livros, teses e periódicos médicos na construção do conhecimento médico sobre as doenças nervosas na Corte Imperial (1850-1889). In: FERREIRA, Tânia Bessone da Cruz et al. *O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas*. São Paulo: Alameda, 2013.

GOUVEIA, Maria de Fátima Silva. *O império das Províncias. Rio de Janeiro, 1822-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GRAHAM, Richard. *Clientelismo e Política no Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRIMBERG, Keila; SALLES, Ricardo (org). *O Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. v. 3 (1870-1889).

GUIMARÃES, Argeu. *Presença de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1955.

GUIMARÃES, Alphonsus de. Carta a Lucindo Filho pedindo o número do Vassourense onde foi publicado um soneto. Ouro Preto, 09 nov. 1889. 1 p. Orig. Ms. I-09,07,058.

GUIMARÃES, Heitor. Carta a Lucindo Filho agradecendo os elogios a seu livro, feitos no Vassourense. Juiz de Fora, 12 nov. 1889. 1 p. Orig. Ms. I-09,07,060.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil:* sua história. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade. Presentismo e experiências do tempo.* Belo Horizonte: Autêntica Editorial, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de História do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (org). *História Geral da Civilização Brasileira.* O Brasil Monárquico: Reações e Transações. Vol. 5. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HOLLOWAY, T.H. *Imigrantes para o café*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IPANEMA, Marcello de; IPANEMA, Cybelle de. *Imprensa Fluminense: ensaios e trajetos*. Rio de Janeiro: Instituto de comunicação Ipanema, 1984.

IÓRIO, Leoni. *Valença de ontem e de hoje*: subsídios para a história de Valença (1789-1952). Valença: edição do autor, 2013.

IPANEMA, Marcello de. *Estudos de História da legislação de imprensa*. Rio de Janeiro: Aurora, 1949.

JARDIM, Antonio Silva. *Memórias e viagens*: Campanha de um propagandista. Lisboa: Tipografia da Cia Nacional, 1891.

JACOBY, Russel. *Os Últimos Intelectuais*. São Paulo: Edusp, 1990.

JORNAL DO BRASIL. *Vultos proeminentes da história brasileira*. Fascículo 3. Rio de Janeiro, 1931.

KNAUSS, Paulo; OLIVEIRA, Mônica de; VELLOSO, Mônica P. *Revistas Ilustradas*: modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj, 2011.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, v. 11 (suplemento 1):109-29, 2004.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e a Serra*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

LATA 419/Pasta 20. Carta de Lucindo Filho ao dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, pedindo verificar a exatidão de uma palavra na edição pertencente a Biblioteca Nacional, das “cartas do padre Vieira”, 1876.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LESSA, Mônica Leite; FONSECA, Silvia Carla P. de B. (org). *Entre a Monarquia e a República*. Rio de Janeiro: EdUerj, 2008.

LIMA, Augusto de. Cartão ao dr. Lucindo cumprimentando e mandando um poema. Leopoldina, 02 out. 1888. 1 doc. (2 p.). Orig. Ms. Consta no verso o poema Lisypho.I-09,07,091.

LIMA, José Edson S. *A província fluminense*. Administração provincial no tempo do império do Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

LONGFELLOW, H. D. *Quatro poemetos de Longfellow.* Tradução Lucindo Filho. Vassouras: Typographia do Vassourense, 1882.

LOPES, Nei. *Dicionário Escolar Afro-brasileiro*. São Paulo: Editora Selo Negro, 2006.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: a experiência da micro análise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LORIGA, Sabrina. *O Pequeno x da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (org). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos:* a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LYRA, Cyro Corrêa. *Documenta Histórica dos municípios do estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Documenta histórica editora, 2006.

MACHADO, Humberto Fernandes. Imprensa abolicionista e censura no Império do Brasil: In: LESSA, Mônica Leite; FONSECA, Silvia Carla P. de B. (org). *Entre a Monarquia e a República*. Rio de Janeiro: EdUerj, 2008.

_____. *Palavras e brados*. A imprensa abolicionista do Rio de Janeiro, 1880-1888. Tese de Doutorado. PPGH-USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991.

MACHADO, Lielza Lemos. *Imagens de Vassouras*. Vassouras: edição do autor, 1994.

_____. *Vassouras, recanto histórico do Brasil*. Vassouras: edição do autor, 2000.

MACHADO, Marina Monteiro. *Entre fronteiras. Posses e terras indígenas nos sertões (Rio de Janeiro, 1790-1824)*. Guarapuava: Unicentro, 2012.

MACHADO NETO, A. L. *Estrutura Social da República das Letras: sociologia da vida intelectual brasileira (1870-1930)*. São Paulo: Editora da USP, 1973.

MACHADO SOBRINHO, Antonio Vieira de Araújo. *Primeiros Versos*. Juiz de Fora: Tipografia Brasil, 1907.

_____. *Notícias da imprensa sobre a academia mineira de letras*. Juiz de Fora: Funalfa, 2009.

MAGALHÃES, J. R. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Brasília: INL, 1981.

MAGALHÃES, Valentim. Carta ao redator do jornal Vassourense apresentando e recomendando Leonel Guerra, agente de “A Semana”. Rio de Janeiro, 03 nov. 1885. 2 p. Orig. Ms. I-09,08,013.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da Leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MANNHEIM, K. *Sociologia da Cultura*. São Paulo: Edusp, Perspectiva, 1974.

MARQUESE, Rafael; TOMICH, Dale. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. In: MUAZE, Mariana; SALLES, Ricardo (orgs.). *O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão.* Rio de Janeiro: Faperj/7Letras, 2015.

MARTINEZ, Alessandra. *Educar e instruir*: a instrução popular na Corte imperial. Dissertação de Mestrado em História, Niterói: UFF, 1999.

MARTINS, Antonio. *Vereadores de Vassouras do Império a Nova República.* Vassouras: edição do autor, 1993.

MARTINS, Ana Luiza. *Gabinetes de leitura*: Cidades, Livros e Leituras na Província Paulista. São Paulo: Edusp, 2015.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Roselene de Cássia Coelho. *Colonização e política*: debates no final da escravidão. Rio de Janeiro: Ateliê, 2007.

MATTOS, Ilmar Rohllof de; GONÇALVES, Márcia de Almeida. *O Império da boa sociedade*: a consolidação do Estado imperial brasileiro. São Paulo: Atual, 1997.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. São Paulo: Hucitec, 2011.

MENDONÇA, Lúcio. *Esboços e perfis e Horas do bom tempo*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*.. São Paulo: Edição Saraiva, v. 4, 1969.

MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil. Da era colonial à Regência (1500-1840*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 1, 2015.

MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Ensaios sobre História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica Editorial, 2008.

MONTEIRO, André Jacques M. *Vislumbre da alma da cidade:* uma construção da imagem do lugar através do livro História de Vassouras. Unirio (mimeo), 2016. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese62.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2018

MORAES, Rubens Borba de. *O Problema das bibliotecas brasileiras*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

_____. *O bibliófilo aprendiz*. Brasília/Rio de Janeiro: Briquet de Lemos/Casa da Palavra, 2005.

MOREIRA, Gustavo Alves Cardoso*. Legislação eleitoral e política regional: Um estudo sobre o impacto das reformas de 1855, 1860 e 1875 no sul fluminense*. Tese de Doutorado (mimeo), Universidade Federal Fluminense, 2014.

MOREIRA, Luciano da Silva. *Tipografias e espaço público na Província de Minas Gerais (1828-1842)*. Disponível em: <file:///C:/Users/Marcelo/Desktop/Leituras/lucianodasilvamoreira.pdf>. Acesso em 20 fev. 2016.

MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos. Imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Gonçalves Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX.* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOREL, Marco. Da gazeta tradicional aos jornais de opinião: metamorfoses da imprensa periódica no Brasil. In: NEVES, Lúcia Maria B. P. das (org). *Livros e impressos: retratos do Setecentos e do Oitocentos*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá (org). *Culturas políticas na história*: novos estudos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

MUAZZE, Mariana. *As memórias da viscondessa*. Família e poder no Brasil Império. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. *O vale do Paraíba e dinâmica imperial*. Disponível em: <file:///C:/Users/Marcelo/Desktop/Textos/15_mariana_muaze.pdf>. Acesso em 10 jul. 2016.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO. *História da tipografia no Brasil*. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1979.

NABUCO, Joaquim. *Um estadista no império*. Vol. I. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

_____. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2012.

NADDEO, Etienne.Une réflexion au sujet de Jules Simon (1/2): l'opposant exalté à l'empire ou la lecture populaire comme socle républicain. Disponível em: <http://bai.hypotheses.org/920>. Acesso em: 10 abr. 2017.

NEEDEL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical:* sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro da virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEVES, Guilherme Pereira das. *História, teoria e variações*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

NEVES, Lúcia Maria B. P. das; MACHADO, Humberto F. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NEVES, Lúcia Maria B. P. das. *Corcundas e Constitucionais - a cultura política da Independência (1820-1822).* Rio de Janeiro: Revan, FAPERJ, 2003.

_____. (org). *Livros e impressos: retratos do Setecentos e do Oitocentos*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz (Org.). *História e Imprensa: Representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A Faperj, 2006.

NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira; FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz (Org.). *Dimensões Políticas do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

NUNES, Mário. *40 anos de teatro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1956.

NOVENTA E TRÊS. Vassouras: Tipografia do Vassourense, 1886. Periodicidade irregular.

NOVIDADES. Rio de Janeiro: Tipografia do Novidades, 1888-1892. Diário.

O CALOIRO. Vassouras: Tipografia do Vassourense, 1884. Periodicidade desconhecida.

O CANÁRIO. Vassouras: Tipografia do Vassourense, 1885. Semanário.

O CLUB. Vassouras: Tipografia do Vassourense, 1885. Número único.

O ISOTHERMICO. Vassouras: Tipografia do Isothermico, 1886-1887. Semanário.

O MUNICÍPIO. Vassouras: Tipografia d'O Município, 1873-1875. Semanário.

O MUNICÍPIO. Vassouras: Tipografia d'O Município, 1876-1879. Bissemanário.

O PAIZ. Rio de Janeiro: Tipografia d'O Paiz, 1884-1934. Diário.

O PORVIR. Vassouras: Tipografia do Vassourense, 1885. Periodicidade irregular.

O SERRANO. Vassouras: Tipografia d'O Serrano, 1888-1889. Semanário.

OLIVEIRA, Alberto de. *Cidade morta*. Vassouras, mar. 1886. 2 p. Orig. Ms. I-09,08,076.

OLIVEIRA, Martins. *História da literatura mineira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1956.

OTTONI, Cristiano Benedito. *Autobiografia*. Brasília: Editora UNB, 1983.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. *Caderno de Pesquisa*, n. 104, Faculdade de Educação/USP, jul. 1998, pp.144-161.

_____. *The Spectator*: o teatro das Luzes. São Paulo: Hucitec, 1995.

PARK, Margareth B. *Histórias e leituras de Almanaques no Brasil*. Campinas: Mercado das Letras/Fapesp, 1999.

PARRON, Tâmis. *A política da Escravidão no império do Brasil, 1826-1865*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PASSOS, Lucindo Pereira dos. Ao leitor. In: MC CLINTOCK, John; CROOKS, George R. *Primeiro livro de latinidade contendo gramática, exercícios e vocabulários:* baseado no método constante de imitação e repetição. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria Nicolau Alves, 1885.

PASSOS FILHO, Lucindo Pereira dos. [*Correspondência* (3)],Vassouras RJ, de 21 maio 1887 a 19 jan 1888.

PASSOS FILHO, Lucindo Pereira dos. *O Visconde de Araxá: notas biographicas.* Vassouras: Typographia do Vassourense, 1882.

PEDRINHA, Padre Eurípedes C. N. da G. *Tímidos ensaios*. Rio de Janeiro: Tipografia d'O Apóstolo, 1896.

PERROT, Michele (org). *História da vida privada*: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Cia de Bolso, v. 4, 2009.

PIC, Muriel. *As desordens da biblioteca*. Belo Horizonte: Relicário, 2015.

PINTO, Jorge. *Folhas que o vento traz*. Rio de Janeiro; Empresa Queiroz, 1923.

_____. *Fastos Vassourenses.* Vassouras: Fundação 1º de maio, 1935.

POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. Trad. Fábio Fernandez. São Paulo: EdUSP, 2003.

POPKIN, Jeremy D. Jornais, a nova face das notícias. In: DARTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs). *Revolução impressa: a imprensa na França (1775-1800)*. São Paulo: Edusp, 1996.

RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói: SEEC, 1978.

RIBEIRO, Domiciano Leite (visconde de Araxá). *Reminiscencias e Fantazias.* v. 1, 2. Vassouras: Typographia do Vassourense, 1883, 1884.

REBELO, Carlos Alberto. *A difusão da leitura pública*. As bibliotecas populares (1870-1910). Porto: Campo das Letras, 2002.

REIS FILHO, Daniel Aarão (org). *Intelectuais, história e política (séculos XIX e XX).* Rio de Janeiro, 7Letras, 2000.

RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

RIBEYROLLES, Charles. *Brasil Pitoresco*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. São Paulo: Ed. da USP, v. 1, 1988.

RIBEIRO, Gladys Sabina; FERREIRA, Tânia Maria T. B. *Linguagens e práticas da cidadania no século XIX*. São Paulo: Alameda, 2010.

RIOUX, J. P.; SIRINELLI, J. F. *Para uma história cultural.* Lisboa: Estampa, 1998.

RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil.* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil.* Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Brasília: IPEA, v. 2, 2014.

SAINT-PIERRE, Jocelyn. A alta redação dos jornais de Quebec (1850-1920). In: HEINZ, Flávio M. (Org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e Sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*. Tese de Doutorado (mimeo): Unicamp/Campinas, 2003.

SALLES, Ricardo. *E o vale era o escravo*: Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. *Nostalgia Imperial: Escravidão e formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013.

SANTOS, Cláudia Andrade dos. Imprensa, abolição e questão fundiária. In: TERCEIRO SIMPÓSIO DE POLÍTICA E CULTURA: RELAÇÕES DE PODER E PRÁTICAS CULTURAIS. Vassouras: Universidade Severino Sombra, 2008.

SANTOS, Cláudia Regina Andrade dos. *Narrativas de viagem e escrita da história*: os franceses no processo abolicionista brasileiro (1850-1899). Rio de Janeiro: 7letras, 2013.

SCHAPOCHNIK, Nelson. A leitura no espaço e o espaço da leitura. In: ABREU, Marcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas/SP: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil (ALB)/FAPESP, 2005.

_____. Distinção, instrução & prazer: uma tipologia dos gabinetes de leitura no Brasil oitocentista. In: CAVANCANTE, Maria Juraci Maia et al (orgs). *História da educação – vitrais da memória: lugares, imagens e práticas culturais*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Retrato em branco e preto*. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *As barbas do imperador*. D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Antonio Carlos da. *A "boa Sociedade" valenciana do século XIX: redes de sociabilidades (1829-1868)*. Vassouras: Universidade Severino Sombra (dissertação), 2010.

_____. *O cotidiano da imprensa e a imprensa no cotidiano: espaços públicos e a defesa da "lavoura" em Valença no século XIX.* Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, Elizabeth Monteiro da. *Doutores da vida ou mestres do latim? Três professores mestiços no imperial colégio de Pedro II (1838–1865)*. VIII Congresso Brasileiro de História da Educação. Disponível em: <http://8cbhe.com.br/media/doc/37a97c99e19d286bed832ae1184e368f.pdf>. Acesso em: 07 set. 2016>.

SILVA, Elza Miné da Rocha e. *O Novo Mundo (1870-1879)*. Da enunciação da proposta às suas revisitações. Tese de Livre Docência – USP. São Paulo, 1991, (mimeo).

SILVA, Ronice Kelmis de Oliveira da. *"As flores animadas" em O Parahyba*: características do suporte e suas significações no folhetim brasileiro do século XIX. Dissertação de mestrado. São José do Rio Preto, 2012 (mimeo).

SILVA, Rudy Mattos da. *Lucindo Filho*. Quem foi Lucindo Filho. Sua estada em Vassouras. Ensaio literário. Vassouras: Ed. do autor, 1998.

_____. *Galeria Vassourense*. Vassouras: ed. do autor, 1999.

_____. *Estudos Vassourenses*. Vassouras: ed. do autor, 1999.

_____. *Galeria das personalidades notáveis de Vassouras*. Vassouras: Edição do autor, 2002.

_____. *O Soneto*. Vassouras: ed. do autor, 2002.

_____. *Efemérides Vassourenses*. Original manuscrito: s/d.

SILVA, Vinícius Gomes da. *Imprensa e abolição*: Vassouras e a crise do trabalho escravo (1885 – 1889). Dissertação (mimeo). Disponível em:<http://www.ppghsuerj.pro.br/ppg/c.php?c=download_dissert&arq=96>. Acesso em: 10 maio 2017.

SIMON, Jules. *Les bibliothèques populaires*. Lyon: Impr. Stock, 1865.

SOARES, Marcos José Veroneze. *Os Barões e a abolição: a dificuldade da adoção do trabalho livre numa região decadente*. Vassouras: Universidade Severino Sombra (dissertação), 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

STEIN, Stanley J. *Grandeza e decadência do café no vale do Paraíba*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

_____. *Vassouras, um município brasileiro do café (1850-1900)*. Trad. Vera B. Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

STONE, Lawrence. Prosopography. In: *Daedalus*: journal of American Academy of Arts and Sciences, vol. 100, n. 1, 1971, p. 46.

BULST, Neithard. Sobre o objeto e o método da prosopografia. In: *Revista Polítéia*: História e Sociedade. Vitória da Conquista, vol. 5, nº 1, 2005.

TEIXEIRA, Aline O. *A Epidemia de Febre Amarela na cidade de Vassouras, 1880-1881*. Disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276742283_ARQUIVO_FebreAmarelaemVassouras,1880-1881.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

TELLES, Augusto da Silva. Vassouras: estudo da construção residencial urbana. In: *Revista do patrimônio Histórico e Artístico Nacional.* Rio de Janeiro, v. 16, 1967.

TAMBASCO, J. C. Vargens. *A vila de Vassouras e as freguesias do Tinguá*. Vassouras: edição do autor, 2004.

_____. *A vila de Vassouras e o vale médio do Paraíba*: a conquista da terra e a formação das bases agrícolas (1780-1833). Vassouras: edição do autor, 2007.

_____. *A vila de Vassouras e a economia do café*: ascensão e declínio da cafeicultura no Vale do Paraíba (1833-1888). Vassouras: Edição do autor, 2010.

VAL, Waldir Ribeiro do. *Vida e obra de Raimundo Correia*. Brasília: INL/MEC, 1960.

VASCONCELLOS, C. R. de. *Centenário da independência do Brasil*: Álbum do Estado de Rio de Janeiro 1922. Rio de Janeiro, 1922.

VASSOURENSE. Vassouras: Tipografia do Vassourense, 1882-1896. Semanário.

VEIGA, José Pedro Xavier da. *Ephemérides Mineiras* (1664-1897). Ouro Preto: Imprensa Oficial, v. 3, 1997.

VERGARA, Moema de Rezende. Reflexões acerca da educação em periódicos científico-literários do século XIX no Rio de Janeiro: os ideais da geração de 1870. *Revista Ágora*, Vitória, n.8, p.1-13, 2008.

VILLALTA, Luiz Carlos; MORAIS, Christianni C. Posse de livros e bibliotecas privadas em Minas Gerais (1714-1874). In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (org.). *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010, pp. 401-18.

VIRGÍLIO. *Novas Virgilianas*. Tradução Lucindo Filho. Vassouras: Typographia do Vassourense, 1888.

VIRGÍLIO. *Virgilianas*. Tradução Lucindo Filho. Vassouras: Typographia do Vassourense, 1883.

WERNECK, Eugênio. *Antologia Brasileira*. Rio de janeiro: Livraria Francisco Alves, 1929.

WINOCK, Michel. As ideias políticas. In: RÉMOND, RENÉ. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

ZALUAR, Augusto Emílio. A um Cristo coroado de espinhos. [S.l.], fev. 1872. 4 p. Orig. Ms. Poema dedicado a Lucindo Filho. I-09,10,081.

APÊNDICE A — Composição da câmara municipal de Vassouras (1869-1889)

Tabela 3 — Composição da câmara municipal de Vassouras

Legislaturas 1869-1872	**Orientação política no período**
Alferes Manoel Bernardes Miguel	Liberal
Capitão Joaquim de Oliveira Barcellos	Conservador
Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves*	Liberal
Dr. Antonio Dias Paes Leme	-
Dr. João Ribeiro dos Santos Zamith*	-
Dr. Joaquim Corrêa de Figueiredo	-
Dr. Luiz Rômulo Perez Moreno	-
Francisco José Teixeira Leite*	Conservador
João Evangelista de Araújo Macedo	-
1873-1877	
Bernardino Ribeiro de Avellar (barão de Cananéia)*	Conservador
Capitão Joaquim de Oliveira Barcellos	Conservador
Carlos Francisco Teixeira Leite*	Conservador
Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves*	Liberal
Dr. José Caetano de Almeida	Conservador
Dr. José Ponciano Vieira de Araújo Machado	-
Dr. Manoel Simões de Souza Pinto	Conservador
Estevão Rodrigues Barbosa	-
José Pereira dos Santos	-
Tenente Manoel Bernardes Miguel	Liberal
1878-1882	
Cap. Lindorf Moreira de Vasconcellos	-
Domiciano Leite Ribeiro (visconde de Araxá)*	Liberal
Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves*	Liberal
Dr. José Caetano de Almeida	Conservador
João Ribeiro dos Santos Zamith	-
José Maria de Andrade	-
Leopoldino Antonio Chaves	-
Luiz Pereira Faro	-
Alferes Manoel Bernardes Miguel	Liberal
Ten. Cel. Antonio Gomes Ribeiro de Avelar	-
1883-1886	
Cap. Joaquim Gomes de Avellar	-
Dr. Alberto Leite Ribeiro	-
Dr. Américo Brazileiro da Costa Moreira	-
Dr. Antonio Dias Paes Leme	-
Dr. José Caetano Furquim de Almeida	Conservador
Dr. Paulino José da Costa	-
Francisco Ignácio de Lacerda Werneck	-
Ignácio de Avellar e Almeida	-
João Corrêa e Britto	-
Luiz Pinheiro Werneck	-

(continua)

Tabela 3 — Composição da câmara municipal de Vassouras (continuação)

Legislaturas 1869-1872	**Orientação política no período**
Ten. Marcelino Gomes Ribeiro de Avellar (barão de Massambará)*	Conservador
1888-1890	
Dr. Joaquim Francisco Moreira	-
João Cerqueira da Silva	-
João da Roza Medeiros	-
José Caetano Alves	-
José Casemiro da Silva França	-
José Ignácio Pereira de Almeida	-
Nicolau Neto Carneiro Leão (barão de Santa Maria)*	Conservador
Rodolfo Leite Ribeiro	Republicano
Sebastião Eurico Gonçalves de Lacerda	Republicano
Ten. Marcelino José de Avellar	-

Fonte: Martins (1993); *O Município* (1877-79); *Vassourense* (1882-89), Mattos (1999); Mattos (2002).

APÊNDICE B — Caracterização geral dos periódicos de Vassouras (1873-1889)

Tabela 4 —Caracterização geral dos periódicos de Vassouras

Jornal	Ano	Redator(es) e proprietários	Nº de páginas	Preço em réis	Periodicidade	Epígrafe	Tipografia
O Município (1ª fase)	1873 - 1875	Lucindo Filho, Rodolfo Leite Ribeiro, Herculano de Figueiredo e Alberto Brandão	04	$12000 (por ano)	semanário	Jornal de ciência e arte	Tipografia do Município
O Município (2ª fase)	1876 - 1879	Lucindo Filho, Alberto Brandão e José Faustino	04	$12000 (por ano)	bissemanário	Periódico imparcial	Tipografia do Município
A Voz da Juventude	1873	Domiciano Leite Ribeiro Jr., Heitor Floresta, J. Alves e A. Pimenta	04	$200 (avulso) 2$000 (assinatura)	semanário	Jornal semanal dedicado à sociedade vassourense	Tipografia do Município
Brado Democrático	1874	Domiciano Leite Ribeiro Junior	-	-	-	-	-
A Crença	1874 - 1877	Pedro Macedo, Eloy Rodrigues, Aquino e Castro, A. Eloy, A. Tamoyo e Viriato Guimarães	04	1$200 (série de 10 números)	Quinzenal	Periódico quinzenal dedicado à mocidade vassourense	Tipografia do Município
O Futuro	1879	José Vasconcelos, Ernesto Werneck, Avellar Brandão e Alvaro Alvim	-	$200 (avulso)	Semanário	Periódico dedicado à instrução	Tipografia do Município
Gazeta Vassourense	1880	Antonio Caetano da Rocha Braga	-	-	-	-	-
Gazeta de Vassouras	1880	A. C. da Rocha Braga & Filho	04	-	semanário	Periódico imparcial dedicado aos interesses da lavoura, comércio e indústria.	Tipografia da Gazeta de Vassouras
A Mocidade	1880 1881	Jorge Pinto e Domiciano Pinto	04	-	quinzenal	-	-
Idea Nova	1881	-	-	-	-	-	-

(continua)

Tabela 4 — Caracterização geral dos periódicos de Vassouras (1873-1889) (continuação)

Jornal	Ano	Redator(es) e proprietários	Nº de páginas	Preço em réis	Periodicidade	Epígrafe	Tipografia
Vassourense	1882 1896	Lucindo Filho	04	$40 (avulso)	semanário	Imparcial, noticioso e literário	Tipografia do Vassourense
Carris Literários	1883 1884	Batista Nunes	04	-	quinzenal	Viagens pilhéricas, recreativa e humorísticas	Tipografia do Vassourense
O Caloiro	1884	Speridião Martins	04	1$000 (trimestre)	quinzenal	Periódico recreativo	Tipografia do Vassourense
O Porvir	1885	Alunos do Colégio Brandão	04	1$000 réis por mês	irregular	Periódico literário e recreativo	Tipografia do Vassourense
O Rodeiro	1885	Souza & Moreira					
O Labaro	1885	Eloy Lima, Antonio Feitosa, L. Pereira e C. Mota	-	2$000 (assinatura)	-	Periódico literário e recreativo do Clube Gonçalves de Magalhães	Tipografia do Vassourense
O Club	1885	Clube Literário e Recreativo de Vassouras	04	-	número único	Jornal comemorativo	Tipografia do Vassourense
A Quinzena (Revista)	1886	Jorge Pinto e Alfredo Pujol	16	-	quinzenal	-	Tipografia Lambaerts e Cia.
O Canario	1885	Bruno Manoel Ferreira	04	$300 (por mês)	semanário	Periódico hebdomadário, noticioso, literário e recreativo	Tipografia do Vassourense
O Tentatem	1885	A.G.R. de Avellar e Luiz Hubbert	-	-	-	-	-
O Beija-flor	1885	Lucindo Neto e Benjamim Bandeira	-	-	-	-	-
O Relâmpago	1886	Moraes Pinto & Cia (Victor de Moraes)	-	-	-	-	-
A Mocidade	1886	Clube Recreativo da Mocidade	-	-	-	-	-

(continua)

Tabela 4 — Caracterização geral dos periódicos de Vassouras (1873-1889) (continuação)

Jornal	Ano	Redator(es) e proprietários	Nº de páginas	Preço em réis	Periodicidade	Epígrafe	Tipografia
O Isothermico	1886 - 1887	João Batista Nunes	4	6$000 réis assinatura anial	Semanário e bisemanário	Noticioso e Recreativo	Tipografia d'O Isothermico
O Phonographo	1886	Rodolfo Moreira Castilho	-	-	-	-	-
O Galhofeiro	1888	Avellar, Gavião & Silva	04	-	semanário	Semanário recreativo, literário e noticioso.	-
A Phenix	1887	Victor de Moraes Garcia Mascarenhas dos S. Silva	-	-	-	-	Tipografia da Phenix
Gazeta de Mendes	1887	Enrico Borgongino	-	-	-	-	-
O Almanach do Vassourense	1887 - 1889	Lucindo Filho	Variável	500 réis	anual	-	Tipografia do Vassourense
O Industrial	1889	João Batista Nunes	-	gratuito	-	-	Tipografia do Industrial
O Serrano	1888 - 1889	Ubaldo Rodrigues de Andrade Pereira e Luiz de Oliveira Bueno	-	-	semanário	O trabalho e a poderosa alavanca do progresso	Tipografia d'O Serrano

Fontes: SOUZA (1984); PINTO (1935); RAPOSO (1935); *O Município* (1877-1879); *Vassourense* (1882-1889)

ANEXO A — Regulamento das Bibliotecas Populares criadas em 1871

O presidente da província do Rio de Janeiro, tendo em vista a lei nº 1650, de 20 de dezembro de 1871, que criou bibliotecas populares na mesma província, manda que se observe o seguinte regulamento.

CAPÍTULO I
Da Biblioteca

Art. 1º. Fica criada em cada uma das cidades da província uma biblioteca popular, que se comporá principalmente de manuais e tratados práticos de artes e ofícios, agricultura, história, literatura e moral, em português e das edições de menor preço.

Art. 2º. A biblioteca será dirigida e administrada pela câmara municipal, devendo ser estabelecida em uma das salas do edifício em que ela celebrar suas sessões.

Art. 3º. Cada biblioteca terá uma subvenção anual dos cofres provinciais de Rs. $300 para a compra de livros e conservação dos existentes.

Parágrafo único. As quantias doadas à biblioteca serão aplicadas exclusivamente à compra de novos livros.

Art. 4º. A câmara municipal submeterá todos os anos a aprovação da presidência da província à relação dos livros que devam ser comprados sem o que não se fará efetiva a subvenção a que se refere o artigo antecedente.

Art. 5º. A câmara municipal marcará os dias e horas em que a biblioteca deve estar aberta.

Art. 6º. É proibida qualquer conversa ou discussão que possa perturbar a ordem ou silêncio que deve reinar na sala de leitura.

Art. 7º. Haverá na sala da biblioteca um catálogo de todos os seus livros.

Art. 8º. Além da leitura no edifício se deverá facilitar o empréstimo de livros a indivíduos de todas as classes e condições que queiram utilizar deles, uma vez que saibam ler.

Parágrafo único. Que à leitura, quer o empréstimo de livros é gratuito.

Art. 9º. Nenhum livro será entregue pelo bibliotecário, sem pedido por escrito assinado e datado, no qual se indique o título da obra, os nome do autor e o número de volumes. Sendo o pedido para ler fora do edifício, quem o fizer deverá declarar

também o lugar de seu domicílio. Este pedido será restituído pelo bibliotecário no ato de receber o livro.

Art. 10º. Para ler fora do edifício não é permitido dar-se, de cada vez, mais de um volume.

Art. 11º. Os livros emprestados para serem lidos fora da biblioteca devem ser restituídos ao mais tardar no prazo de 30 dias. Findo este prazo, o bibliotecário deverá pedir sua restituição por escrito.

Art. 12º. Não recebendo o livro até 10 dias depois de feita a requisição, a que se refere o artigo antecedente, o bibliotecário intimará por escrito ao responsável para que o restitua por qualquer dos meios indicados no artigo 13º.

Art.13º. Aquele que receber qualquer livro para ler em sua casa é responsável por ele, sendo obrigado, no caso de extravio: ou dar outro da mesma edição, formato e encadernação; ou a dar a obra inteira na mesma edição e encadernação, sendo-lhe neste caso entregues os volumes restantes da mesma obra; ou a pagar o valor da obra quando não fizer ou não for possível fazer a restituição por algum dos meios precedentes indicados.

Art. 14º Qualquer dano ou estrago que não produza a perda do livro, obriga o responsável a pagar uma indenização que será avaliada segundo o preço do livro e a natureza do dano.

Parágrafo único. Se o dano tornar necessário nova encadernação, terá o responsável de pagar o seu custo.

Art. 16º. Aquele que dever qualquer quantia à biblioteca no caso dos artigos 13º, 14º e 15º será intimado pelo bibliotecário para que a pague no prazo de 10 dias, ficando privado do uso da biblioteca até que satisfaça aquela obrigação. Se no fim deste prazo não for entregue ao bibliotecário a quantia devida, dará este parte à câmara municipal, para que mande pelo seu procurador proceder à sua cobrança pelos meios judiciais.

CAPÍTULO II
Do Bibliotecário

Art. 17º. Servirá de bibliotecário o secretário da câmara municipal, que para isso perceberá uma gratificação dos cofres da municipalidade.

Art. 18º. O bibliotecário terá a seu cargo a compra de livros, cuja aquisição for resolvida, os quais deverá registrar em livro especial, marcar com o selo da câmara e numerar, devendo cuidar também da conservação e asseio da biblioteca.

Art. 19º. Compete ao bibliotecário:

§ 1º. Ajuizar se o dano causado no livro deve ser objeto de indenização, de nova encadernação ou substituição.

§ 2º. Avaliar o quanto da indenização ou da nova encadernação.

§ 3º. Avaliar o preço do livro ou da obra inteira nos casos da última parte do citado artigo 13º. Da decisão do bibliotecário haverá recurso para a câmara municipal.

Art. 20º. Qualquer quantia que o bibliotecário receber em virtude dos artigos 13º, 14º e 15º será depositada no cofre da câmara até que tenha a devida aplicação.

Art. 21º. O bibliotecário é responsável pela deterioração dos livros devida a descuido seu, por aqueles que se extraviarem, ou que tendo sido emprestados não forem restituídos por qualquer dos meios indicados neste regulamento por falta de diligência de sua parte.

Art. 22º. O bibliotecário terá também a seu cargo a escrituração dos seguintes livros:

1º. Do registro dos livros que saírem da biblioteca, onde tomará nota do título da obra, do nome do autor, do seu estado de conservação, do nome e do lugar do domicílio da pessoa a quem for entregue, da data da entrega e da restituição quando esta for feita;

2º. Da receita e despesa da biblioteca, onde se notará todas as quantias recebidas para ela da subvenção da província, de donativos particulares, ou dos que houver em virtude dos artigos 13º, 14º e 15º, bem assim a despesa com a declaração de sua natureza.

Art. 23º. No fim de cada ano, o bibliotecário apresentará à câmara municipal o relatório da biblioteca a seu cargo, declarando a frequência dela, as obras procuradas e que a biblioteca não possui e os livros mais procurados e lidos.

Palácio do governo da província do Rio de Janeiro, 1º de março de 1873. – *Bento Luiz de Oliveira Lisboa*.

ANEXO B — Relação dos livros da biblioteca de Caetano Furquim de Almeida que foram doados à Biblioteca Popular de Vassouras, 1879

Tabela 5 — Biblioteca de Caetano Furquim de Almeida

Autor	Obra	Volumes
Ch. Romney	Historie d'Espagne	7
Ed. Gibbon	Historie del Empire Romaim	13
M. capefigue	Richelieu, Masorine	18
Idem	Historie de France (Tradução)	1
Segur (ou seguir)	Historie Ancienne	2
Idem	Historie Du Bas Empire	2
Idem	Historie Moderne	2
Abranère	Analyse de l'histoire Romain	4
Idem	Analyse de l'histoire Asiatique	2
Sismondi	Republiques Italianes	10
Idem	Historie de la liberte em Italie	2
Idem	Chute de l'Empire Romaim	2
H. Harllam	Historie Constitutionelle d'Angleterre	5
Thierry	Conquete d'Angleterre	4
Guizot	Republique d'Angleterre	2
Idem	Revolution d' Angleterre	2
Idem	Governement representant	2
Idem	Études Morales	1
W. Irving	Historie de Granade	2
Idem	Historie de Ch. Colomb	4
M. Liquet	Histoire de Normandie	2
W. Irving	Historie des Compoagmons de Ch. Colomb	3
Ed. Virgens	Republique de Gènes	3
D. Mastes	Domination des Arabes em Espagne	3
Colleta	Historie de Napoles	4
Pereira da Silva	História da Fundação do Império Brasileiro	7 (falta o 4º)
Laurentie	Historie de France	8
B. de Penhoem	Empire Anglais	6
Preseott	Conquête du Musique	3
M. Lafon	Historie du Mardi	4
Pfister	Historie d'Alemagne	11
J. Micli	Monuments d'Italie	4

(Continua)

Tabela 5 — Biblioteca de Caetano Furquim de Almeida (continuação)

Autor	Obra	Volumes
J. Saloador	Domination Romaine	2
Heereu	Politiques des Peuples	7
Montalembert	Historie de Santa Elisabeth	2
Fleury	Historie Sait	1
De Vertot	Chevaliers de Jérusalem	3
F. Bastrat	Sophismes	2
Mariguy	Historie des Arabes	4
E. Saisset	Lettres d'Euler	2
Marbe d'Aubigné	Rèformation	4
Pereira da Silva	Escriptos Políticos	2
Buchon	Couquêtes (tradução)	1
W. Scott	Historie d'Escosse (truncado)	1
Le Rouche	L'Espagne Dous Charles Quit	1
Miguet	Antonio Peres e Filippe 4º	1
P. Janet	La Morale	1
E. Renan	Les Apotres	1
Davy	Dermiers jours d'um philosophe	1
V. Bois	Chemiens de fer français	1
Shellings	Idem	1
Klaproth	Sableame d l'Asie	1
Vassy	Les Sarédois	1
M. Deffing	Des Normands	1
Flamarion	Des Merveilles Cèlutes	1
P. Janet	Philosophie du Bouheur	1
Bonguis	Traité de Construction	1
Cantù	Raconti	1
Lasevre	N. S. de Lourdes	1
M. Muller	La Siemeclu Laugaz	1
Fr. Raphael de Jesus	Castrioto Lusitano	1
L. d'Andimont	Institutions de Belgique	1
Marcon	Beautes de Chateaubraine	1
Chateaubriand	Morceaud Choises	1
Antonio Vieira	Dicionário Inglês – Português	1
A.Bord	Dicionário Italiano – Português e vice-versa	2
Pierry	Traité de medicine Pratique	1
Machad	Economia Politica (tradução)	2

(Continua)

Tabela 5 — Biblioteca de Caetano Furquim de Almeida (continuação)

Autor	Obra	Volumes
Ottoni	Liberdade dos Cultos no Brasil	1
H. Raffard	Nova Friburgo	1
H. Castille	Saint Arnaud et Camobert	1
Petit-Sem	Bluetes et Bontades	1
M. de Lamartine	Cours familier	4
Candido Mendes	Atlas do Império do Brasil	1
-	Exposição Internacional de 1862	1
-	Informações sobre a Lavoura	1
-	Memória sobre a Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguayana	1
-	Estrada de Ferro de D. Isabel do Paraná a Mato Grosso	1
Joaquim Anselmo de Oliveira	O Acipreste da Sé de S. Paulo	1
-	Coleção da Revista dos dois Mundos	-
-	Coleção de Relatórios da Praça do Comércio da Corte	-

Fonte: *Relação* dos livros doados por Caetano Furquim de Almeida. Documento avulso, caixa Biblioteca, APV.

ANEXO C — José Faustino da Fonseca e Silva

Tabela 6 — Biblioteca de José Faustino da Fonseca e Silva

Autor	Obra	Volumes	Valor
-	Consolidação Oficial das Leis Civis	1	$500
-	Paris na América	1	$500
-	Biblioteca Maçônica	1	$500
-	Biblioteca Brasileira	1	$500
-	Relações do Império	1	$500
-	Teoria das Ações	1	1$000
-	Repertório da Guarda Nacional	1	4$000
-	Código civil português	1	2$000
-	Código comercial	1	$500
-	Miscelânea jurídica	1	$500
-	Paulo e Virgínia	1	$500
-	Bíblia Sagrada	1	$500
-	Leis do Grande Oriente	1	$500
-	Ordenações do Reino	3	3$000
-	Regimento de custas	1	$500
-	Regulamento Consular Português	1	$500
-	Criminosos Célebres	1	$500
-	Constituição Política do Império	1	$500
-	Formulário de Libelos	1	$500
-	Manual do Coletor e Coletado	1	$500
-	Selecta Latina	6	1$000
-	Cronologia	2	1$000
-	Dicionário Francês e Português	2	2$000
-	Magniun Lexion	1	3$000
-	Anais do Parlamento Brasileiro	2	2$000
[ilegível]	Novíssimos do Homem	2	2$000
Abade Coiffier	Paixão de Cristo	2	$500
Abade Gyr	Maçonaria	1	$500
Acoolos	O casamento	1	$500
Alexandre Dumas	Teatro	1	$500
Alexandre Herculano	Opúsculos	5	5$000
Anquetil	História de França	6	6$000
Araújo Silva	Processo administrativo e dos coletores	2	2$000
Azevedo Castro	Imposto, transmissão e reforma judiciária	2	1$000
Badin	Grutas e Cavernas	1	1$000
Barafort	Tratado da Separação do Patrimônio	1	1$000
Barão de Roussado	Entre estrangeiros	1	$500

(continua)

Tabela 6 — Biblioteca de José Faustino da Fonseca e Silva (continuação)

Autor	Obra	Volumes	Valor
Barros	Constituições do Império	1	$500
Bensem	Deus na História	1	$500
Benthan	Obras	5	5$000
Bescherelle	Dicionário	2	8$000
Borges Carneiro	Direito civil	4	4$000
Boujoulat	História dos papas	2	2$000
Burgeois	O amor e a libertinagem	2	$500
Byron	Obras	1	2$000
Câmara Leal	Suspeições	1	$500
Camões	Lusíadas	2	$500
Caroatá	Juízos divisórios e repertório criminal	2	1$500
Carvalho e Albuquerque	Incompatibilidades	1	$500
Cerqueira	Código do Processo	1	$500
Chateaubriand	Gênio do Cristianismo	1	1$000
Chateubriand	Memórias	6	10$000
Chauveau e Hall	Direito Criminal	3	3$000
Claude	Romances do Amor	1	$500
Coelho da Rocha	Direito civil	2	2$000
Cônego Bernardino	Lembrança do Amazonas	1	$500
Cordeiro	Código Criminal	1	$500
Cormenin	Libelos políticos	4	2$000
Correia Telles	Doutrina das ações e Manual do tabelião	2	2$000
Cortinéux Lare	Regimento das Câmaras	1	$500
Cunha Salles	Conciliações	1	1$000
Cuvier	Revoluções do Globo	1	1$000
Dabadie	Tipos americanos	1	$500
Dancié	Bossuet da Mocidade	1	$500
De Blanque	Guarda Livros	1	1$000
De Maistre	Obras	1	1$000
Debay	Obras diversas	10	9$500
Delavigne	Obras	1	$500
Dídimo	Direito criminal e Manual de custos	2	1$000
Dr. João Caetano	Oiapoque e Amazonas	2	2$000
Duarte	Código dos tabeliães	1	$500
Dufour	História da prostituição	6	3$000
Edgard Quinet	Obras	2	2$000
Elemento Servil	Formulário das ações	1	$500
Faria	Dicionário Português	2	6$000
Fernandes	Índice cronológico	1	$500
Ferrão Chaves	Reforma Judiciária	1	$500

(continua)

Tabela 6 — Biblioteca de José Faustino da Fonseca e Silva (continuação)

Autor	Obra	Volumes	Valor
Ferreira Alves	Juízo de provedoria	1	1$000
Ferrer	Direito Natural	1	$500
Figaro	Tomo 1	1	1$000
Figuier	O dia seguinte à morte	1	1$000
Filarette Charles	A marquesa Tanier	1	$500
Flamarion	Maravilhas Celestes	1	$500
Flávio	Instituições de Justiniano	1	$500
Fleury	Biblioteca literária	1	1$000
Fonseca	Dicionário Português	1	2$000
Fonvielle	Maravilhas do Mundo Invisível	1	$500
Fouvier	O dia seguinte ao Amor	1	$500
Francisco da Veiga	Primeiro Reinado	1	1$000
Gautier	Geografia	1	$500
George Sander	Obras	2	1$000
Gomes João	Poemas	1	$500
Gouvêa Pinto	Testamentos	1	2$000
Gouveia Pinto	Apelações e agravos	1	1$000
Harrey	História Eclesiástica	1	$500
Homem de Mello	Escrito	1	1$000
Jacoliot	Obras diversas	18	21$500
Jequitinhonha	Protesto	1	$500
Josino	Código de processo	1	$500
Kantleu	Sociedade secreta	1	$500
Lafaiete	Direito das causas	2	3$000
Lamartine	Obras diversas	5	5$000
Lamartine	Girondinos	1	1$000
Lamenaire	Palavra de um crente e livro do povo	2	1$000
Leoni	Gênio da língua Portuguesa	2	2$000
Lobão	Notas [ilegível]	4	4$000
Lobão	Ações sumárias	2	2$000
Luiz Teixeira	Direito civil	3	3$000
Macaulay	Ensaios Literários	1	$500
Macedo Soares	Mediações	1	3$000
Machado Soares	Regimento dos Distritos	1	$500
Madame de Stael	Delfina	1	1$000
Mafra	Jurisprudência dos tribunais	1	3$000
Magalhães	Obras diversas	6	6$000
Malte-Brum	Geografia	8	10$000
Manoel Dias	Direito criminal	1	1$000
Massí	Arte de ganhar a vida	1	$500

(continua)

Tabela 6 — Biblioteca de José Faustino da Fonseca e Silva (continuação)

Autor	Obra	Volumes	Valor
Mendes Leal	Calabar	2	1$000
Mendonça	Direito hipotecário	2	$500
Michelet	Obras	2	1$000
Mittermayer	Tratado da Prova	1	3$000
Monte Negro	Crime de injúrias	1	$500
Moraes	Poesias	1	1$000
Oliveira	Processo de Quebras	1	$500
Oliveira Machado	Agravos, férias e habeas corpus	3	3$500
Ottoni	Circular	1	$500
Ovídio	Arte do Amor	3	1$500
Paranhos	Convenção	1	$500
Paul de Kock	Obras	8	2$000
Paula Batista	Processo civil	1	1$000
Paula Ramos	Código e processo criminal	2	2$000
Paulo Colit	Paternidade	1	$500
Pencelhein	Do [ilegível] deus	1	1$000
Perdigão Malheiros	Hipotecas e Filhos	2	1$500
Perdigão Malheiros	Procurador dos feitos	1	1$000
Perdigão Malheiros	Escravidão no Brasil	2	2$000
Pimenta Bueno	Processo Criminal	1	$500
Pinheiro	Jurisprudência Comercial	1	$500
Pires Ferrão	Tabelião de Notas	1	$500
Pissot	Obras diversas	3	2$000
Planchem e Cristian	Cosmografia	1	1$000
Ramalho	Praxe Brasileira e Orfanológica	2	2$000
Ramos	Direito hipotecário, processo comercial e orfanológico	2	3$000
Ramos	Contratos	1	$500
Rebello	Mocidade de d. João v	4	2$000
Ribeyrolles	Brasil Pitoresco		1$000
Rodrigues	Consultas jurídicas	2	2$000
Rossi	Direito Penal	1	$500
Silva Pinto	Médico do povo	2	1$000
Stuart Mill	Obras	2	2$000
Tito Franco	Biografia do conselheiro Furtado	1	$500
Trindade	Procurações extrajudiciais	2	2$000
Trindade	A Luz	1	1$000
Vasconcellos	Obras diversas	4	3$000
Villenain	Obras literárias	14	14$000

(continua)

Tabela 6 — Biblioteca de José Faustino da Fonseca e Silva (continuação)

Autor	Obra	Volumes	Valor
Walter Scott	-	4	1$000
			Rs. 4:058$000

Fonte: ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. São Paulo: Mercado das letras, 2003, p. 162.

ANEXO D — Biblioteca de Herculano Figueiredo e Souza

Tabela 7 — Livros Jurídicos

Autor	Obra	Volumes	Valor
-	Ordenações do Reino	3	6$000
Bertand	Curso de Direito Penal	1	3$000
Borges Carneiro	Direito Civil	4	6$000
Cordeiro	Consultor Orfanológico	1	1$000
Cordeiro	Manual dos Comerciantes	1	2$000
Cordeiro	Ações Criminais	1	1$000
Cordeiro	Ações Comerciais	1	1$000
Cordeiro	Cíveis	1	1$000
Correia Telles	Direito	1	1$000
Gomes	Prática Judiciária	1	1$000
Gomes	Miscelânea	1	1$000
Heinrich Ahrens	Direito Natural	1	3$000
Henry Wheaton	Direito Internacional	2	2$000
Louis Antoine Macarel	Direito Político	1	1$000
Manoel do Monte Araújo	Direito Eclesiástico	3	3$000
Orlando	Código Comercial	1	2$000
Perim	Código do Júri	1	2$000
Pimenta Bueno	Processo Criminal	1	2$000
Pinheiro	Jurisprudência Comercial	1	1$000
Pordeson	Direito Comercial	4	8$000
Ramalho	Prática Judiciária	1	3$000
Silva Ramos	Abecedário Jurídico	1	3$000
Teixeira de Freitas	Consolidações das leis	1	4$000
Thomaz Alves	Direito Penal	1	2$000
Torrão	Direito penal	3	6$000

Fonte: FERREIRA, Tânia Maria T. Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, p. 22.

Tabela 8 — Livros de literatura, história e filosofia

Autor	Obra	Volumes	Valor
-	Seleta Latina (truncada)	1	$500
-	História dos Estados Unidos	1	1$000
-	Dicionário Latino	-	2$000
-	Uma coleção de brochuras sobre diversos assuntos (estragados)	-	1$000

(continua)

Tabela 8 — Livros de literatura, história e filosofia (continuação)

Autor	Obra	Volumes	Valor
Alphonse de Lamartine	Rustem	1	1$000
Charles André	Literatura Francesa	1	$500
Gonçalves de Magalhães	Espírito Humano	1	2$000
Jules Michelet	Le Peuple	1	1$000
Kant	Filosofia (ilegível)	1	1$000
Le Basle	História dos Tempos Modernos (truncada)	1	$500
Madame de Staël	De l' Allemagne	1	1$000
Milton	-	1	1$000

Fonte: FERREIRA, Tânia Maria T. Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, p. 22.

ANEXO E — Biblioteca de Antônio José de Azevedo

Tabela 9 — Biblioteca de Antônio José de Azevedo

Autor e/ou Obras	Volumes	Valor
Abecedário Jurídico comercial	1	1$500
Azevedo Castro – Reforma Judiciária	1	600
Babeau	1	1$000
Bíblia	1	500
Borges - Dicionário Comercial, Risco Marítimo e Medicina forense	3	3$200
Bourgain	1	400
Carneiro da Cunha – Uso e Fruto	1	1$000
Castelo Branco	1	1$000
Código Civil Português	1	2$000
Código Comercial Português	1	2$000
Código Criminal de Josino	1	300
Coelho da Rocha	2	2$000
Coleção de princípios e axiomas jurídicos	1	$600
Conselheiro do povo	1	500
Cordeiro	1	1$000
Debay	1	1$000
Dicionário Francês Português de Fonseca	1	2$000
Dicionário Geográfico de Bovillet	1	6$000
Dicionário Jurídico de Teixeira e Souza	1	12$000
Dicionário Português e Latim	1	3$000
Dicionário Português Francês de Roquete	1	2$000
Dicionário, do mesmo, das Ciências	1	7$000
Diversas obras de Correa Telles	5	5$000
Enciclopédia do povo	2	$500
Formas de Borges Carneiro	2	3$600
Formulário Eclesiástico de Seixas	1	1$000
Galeria Pitoresca	1	800
Gavião Pinto – Testamentos	1	1$500
Gmeineri	1	$500

(continua)

Tabela 9 — Biblioteca de Antônio José de Azevedo (continuação)

Autor e/ou Obras	Volumes	Valor
Gomes – Manual Prático	1	1$500
Heine [ilegível]	1	1$000
Indicador penal	1	500
Livro das terras	1	1$000
Lobão	6	9$000
Luiz Teixeira	3	3$600
Magnun Lexicon	1	2$000
Manuais dos negociantes e do processo comercial	2	1$000
Manual de aplicações	1	$800
Martins Furão	4	2$000
Menezes	1	$500
Moraes Carvalho	1	1$200
Moura	1	1$000
Netto Paiva	1	1$200
Ordenações do Reino	3	3$000
Orlando – Código Comercial Brasileiro	1	3$000
Paula Lepava - Código Criminal	1	2$000
Peniz	1	$800
Perdigão Malheiros – Filhos naturais	1	1$000
Perdigão Malheiros – Repertório hipotecário	1	600
Pereira de Barros - Herança jacentes	1	300
Pereira de Carvalho	1	1$000
Pereira e Souza – Processo civil e classes de crimes	3	3$000
Pimenta Bueno	1	800
Processo das quebras	1	500
Ramalho – Processo criminal	1	$500
Ramos – Direito hipotecário	1	1$500
Repertório de ordenações	4	2$000
Teixeira de Freitas	1	1$500
Volumes diversos em mau estado e truncados	11	4$400
Walter – Direito Eclesiástico	2	1$000

Fonte: CDH. Inventário. Herculano de Figueiredo e Souza. Doc.102663734003.

ANEXO F — Biblioteca de Luiz Rômulo Perez de Moreno

Tabela 10 — Biblioteca de Luiz Rômulo Perez de Moreno

Autor e Obra	Volumes
[ilegível] – Mês Voyages	1
Adolphe Thiers – Histoire du Consulat et de l'empire	6
Alaux – La raison	1
Alfred de Musset – Oeuvres	8
Alfred de Vigny – Théatre	1
Armand Carrel – Oeuvres	5
Augustin – Historie de France	6
Bartolomé Bossi – Viage pintoresco	1
Bescherelle – Dictionnaire National	2
Bíblia Sagrada	2
Byron – Oeuvres	6
Castelo de Paiva – Novíssimos ou os últimos fins do homem	2 (brochura)
Charles Nodier – Souvenirs de jeunesse	1
Chateau Landon – Oeuvres	12
Chateaubriand – Memories d'outre-tombe	6
Debay – Hygiene du mariage	1
Dimitry de Glinka – La science de la société humaine	1
Diversas obras que foram inutilizadas pela traça	25
Diversos romances, alguns em mau estado, brochados	26
Dumas et Moynet – Théatre	7
E. Renan – Vie de Jesus	1
Echo des feuilletons	12
Edgard Quinet – Oeuvres	9
Eugène Gérurez [ilegível] - Histoire de la littérature française	2
Eugéne Pelletan – Le monde marche	1
Eugéne Pelletan – Heures de travail	2
Eugéne Pelletan – Le pasteur du désert	1
Eugéne Pelletan – Les Rois philosophes	1
Eugéne Pelletan – Profession de foi du XIXe siècle	1
Eugéne Rambert – Les Alpes Suisses	3
Eugène Scribe – Théâtre complet	21
Faria – Dicionário Português	2
Finch – États Unis em [ilegível]	1
Fonseca e Roquete – Diccionario francês português	2
G. Sand – Théatre	2

(continua)

Tabela 10 — Biblioteca de Luiz Rômulo Perez de Moreno (continuação)

Autor e Obra	Volumes
Gonçalves Dias – Obras póstumas	5 (brochura)
Havier Eyna – La republique américaine	2
Humboudt – Monumens americans	2
Jean-Jacques Ampère – Voyage en Égypte	1
Malte-Brum – Géographie universelle	8
Napoleão 3º – Jules César	2
Paul de Kock – Théatre	2
Pereira da Silva – História da fundação do império	7
Pereira da Silva – Jerônimo Corte-Real	1
Proudhon – La guerre et la paix	2
Revista dos Dois Mundos	49 (números)
Saint Beuve – Nouvais Portraits	3
Timon - Le Livre des orateurs	1
Tocqueville – Oeuvres	2
Victor Hugo – La Légende des siècles	2
Victor Hugo – Oeuvres	2
Villemain – Oeuvres	14
Villemain – Souvenirs contemporains	1
Ao total 229 volumes por	400$000
Uma coleção de seis mapas geográficos, grandes, por	50$000
Uma coleção de retratos e mapas diversos, tudo em mau estado por	1$000

Fonte: FERREIRA, Tânia Maria T. Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, p. 36.

Tabela 11 — Livros jurídicos

Autor e Obra	Volumes	Valor
[ilegível] e Silva – Roteiro de coletores	1	$500
Aquino e Castro – Prática das comissões	1	4$000
Assentos da casa da suplicação	1	4$000
Banfield – Organisation de l'industrie	1	3$000
Barafort – Séparation des patrimones	1	4$000
Barbosa – Remissiones	1	3$000
Bastiat – Harmonier economiques	1	3$000
Bathier – Économic politique	2	5$000
Bédarride – Des livres de Commerce	1	4$000
Bédarride – Des soviétes	2	8$000
Bédarride – Du dol et de la fraude	3	12$000
Bédarride – Traité des faillites et banqueroute	3	12$000
Bertaud – Cours de code penal	1	3$000

(continua)

Tabela 11 — Livros jurídicos (continuação)

Autor e Obra	Volumes	Valor
Borges Carneiro – Direito Civil	4	8$000
Bounier – Traité des presses	2	8$000
Câmara Leal – Suspeições e recusações	1	$500
Caroatá – Vademecum forense	1	4$000
Chantagrel – Droit administratif	1	3$000
Chevalier – Cours d'économie politique	3	9$000
Chouveaux – Théorie du Cod'penal	4	10$000
Código comercial (usado)	1	1$000
Código Criminal (muito usado)	1	$500
Coelho da Rocha – Direito Civil	2	4$000
Cordeiro – Assessor Criminal	1	3$000
Corrêa Telles – Digesto português	4	8$000
Couto – Lições de direito criminal	1	2$000
Dalloz – Dictionaire de jurisprudance	6	30$000
Delgado – Legislação	9	45$000
Études de legislation pénale	1	4$000
Fernandes Jr. – Índice cronológico	2	8$000
Ferreira Borges – Dicionário jurídico comercial	1	4$000
Formulário do processo das quebras	1	1$6?00
Fouquier – Les causes célèbres	7	21$000
Gama – Decisiones	1	3$000
Gouveia Pinto – Manual de apelações	1	4$6?00
Guerreiro – Opera omnia	9	18$000
J. B. Soy – Cours d'économie politique	1	3$000
Josino – Código de processo criminal	1	2$000
Lafayete – Direito de família	1	5$000
Lefebvre – Déscentralisation	1	3$000
Lei hipotecária comentada	1	$500
Lobão – Obras completas	21	80$000
Locré – Legislation de la France	31	77$500
Luiz Teixeira – Direito Civil	3	6$000
Macedo – Decisiones	1	3$000
Mello Freire – Institutiones júris civilis	7	14$000
Mestegny – Questions medécin légales	1	3$000
Montalembert – Arenis politique de l'Angleterre	1	3$000
Moraes – De executionibus	3	6$000
Moraes Carvalho – Praxe forense	1	3$000
Moura – Manual do edificante	1	3$000

(continua)

Tabela 11 — Livros jurídicos (continuação)

Autor e Obra	Volumes	Valor
Ordenações do Reino	3	9$000
Orfila – Médecine légale (c/ atlas)	5	15$000
Orlando – Código comercial (1ª edição)	1	2$000
Ortolan – Droit penal	1	4$000
Paranhos – Convenção de 20 de fevereiro	1	$500
Paula Batista – Processo civil	1	2$000
Pimenta Bueno – Processo civil	1	3$000
Pinheiro – Jurisprudência comercial	1	3$000
Pothier – Obrigações	2	6$000
Pothier – Oeuvres	10	40$000
Ramalho – Prática civil e comercial	1	3$000
Ramalho – Praxe brasileira	1	6$000
Ramalho – Processo criminal (muito usado)	1	$500
Ramos – Apontamentos sobre contratos	1	3$000
Ramos – Manual do tabelião	1	3$000
Repertório das Ordenações	4	12$000
Ribas – Direito Civil	1	4$000
Rogron – Code de commerce explique	1	3$000
Sabbatier – La tribune judiciaire	9	27$000
Savigny – Traité de la possession	1	4$000
Silva – Ad ordinationes	4	8$000
Souza Pinto – Direito cambial	1	3$000
Souza Pinto – Primeiras linhas	3	9$000
Teixeira de Freitas – Consolidação das leis (1ª edição)	1	2$000
Toullier – Droit civil français	7	21$000
Trebutién – Droit criminal	2	8$000
Troplany – Droit civil explique	27	67$500
Vasconcelos – Advogado do povo	1	2$000
Velasco – Opera omnia	2	4$000

Fonte: FERREIRA, Tânia Maria T. Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, p. 36.

ANEXO G — Balanço da Tipografia do Vassourense (1896 - 1899)

Tabela 12 — A tipografia do *Vassourense* em c/c Luiz Pinheiro Werneck

1896			DEVE	HAVER
Janeiro	3	Recebido Antonio A. Costa	24,000	
	7	Idem Arthur P. da Silva	8,000	
	20	Idem Francisco F. Reis	23,000	
	30	Idem Fernando Augusto	25,000	
	31	Idem 35 Assinaturas	350,000	
Fevereiro	5	Idem 7 Panzariello H. Irmão	22,000	
	10	Idem A. Sebastião Lacerda	12,000	
	15	Idem Raphael Rispoli Jr.	10,000	
	25	Idem José Cristovão Santos	12,000	
	25	Idem 25 assinaturas	250,000	
Março	2	Idem A. A. Veiga Cunha	10,000	
	6	Idem Gonçalves [ilegível]	10,000	
	10	Idem Josué Avellar	10,00	
	10	Idem 2 anúncios [ilegível]	10,00	
	10	Idem 2 anúncios	5,00	
	10	Idem 700 cartões de visita	32,000	
	10	Idem 4 editais [ilegível] 6 – 7- 9	105,000	
	10	Pago ao [ilegível] e carretos		25,00
	11	Recebido 7 assinaturas	70,000	
	11	Pago A. J. da Costa Nunes 1		500,000
	17	Recebido 2 assinaturas	70,000	
	17	Idem edital nº 11	30,000	
	21	Pago passagem tipógrafo		5,000
	27	Recebido editais nºs 11 e 12	90,000	
	31	Pago 10 caixas papel e despesas 2		9,600
			1:128,000	539,600
Abril	9	Recebido 3 assinaturas	30,000	
	13	Idem 3 assinaturas	30,000	

(continua)

Tabela 12 — A tipografia do *Vassourense* em c/c Luiz Pinheiro Werneck (continuação)

1896			DEVE	HAVER
	14	Idem A. H. Borges editais nº 15	63,000	
	14	Idem editais nº15	27,000	
	16	Idem editais A. H. Borges nº12	7,500	
	16	Idem 3 folhetos alistamento eleitoral	3,000	
	25	Idem 20 assinaturas	2000,000	
	26	Idem 200 impressos	60,000	
	26	Idem 300 cartões tarjados	15,000	
	28	Pago passagem tipógrafo		10,000
	10	Idem A. J. da Costa Nunes 3		100,000
	30	Recebido aluguel casa Abril	10,000	
Maio	7	Idem A. H. Borges, edital nº 18	7,000	
	7	Idem A. H. Borges edital nº17	68,000	
	9	Idem 1 Assinatura	10,000	
	16	Pago A. J. da C. Nunes 4		103,000
	16	Recebido assinaturas (E. Passos)	128,000	25,000
	16	Uma gratificação (E. Passos)		
	20	Recebido da Câmara	43,000	
	22	Idem 3 assinaturas	30,000	1,500
	22	Pago 1 telegrama		
	31	Recebido tipos [ilegível]	158,840	
Junho	10	Idem 13 assinaturas (G. e A. Faria)	130,000	
	10	Pago porcentagem 10% [ilegível]		13,000
	16	Recebido editais [ilegível] Domingos nº23	6,000	
	17	Idem 14 assinaturas	140,000	
	17	Idem diversas encomendas	212,000	
	17	Pago ao coletor		33,000
	17	Idem saldo A. J. Costa Nunes 5		6,600
	17	Idem viagem empregado a capital		63,000
	18	Recebido 2 assinaturas	20,000	
			2:526,320	895,700

(continua)

Tabela 12 — A tipografia do *Vassourense* em c/c Luiz Pinheiro Werneck (continuação)

1896			DEVE	HAVER
	30	Recebido aluguel casa	10,000	
Julho	9	Idem A. H. Borges, edital nº 27	4,500	
	9	Pago diversas despesas		22,000
	10	Recebido ½ assinatura	5,000	
	13	Pago 1 [ilegível]		25,000
	23	Recebido 1 anuncio	2,500	
	24	Idem A. H. Borges, edital nº19	12,000	
Agosto	3	Idem " G. Pereira Coelho nº 9	22,000	
	3	Idem 4 G. Pereira Coelho 7, 8, 9 e 15	56,000	
	3	Idem Aluguel casa	10,000	
	3	Idem 25 assinaturas	250,000	
	3	Pago comissão		25,000
	4	Recebido 2 talões recibo	5,000	
	20	Pago aluguel de casa da tipografia		
		De nov. de 95 a julho de 96 7		270,000
	24	Recebido 1 assinatura	10,000	
	24	Idem 1 assinatura	8,500	
	24	Idem 1 edital A. H. Borges nº 34	22,000	
	24	Idem Comp.ª F. Braz.ª 1 anuncio	100,000	
	29	Idem espólio vendas editais	52,000	
	31	Idem 1 anuncio de festa	20,000	
	31	Idem espólio J. Ribeiro editais	24,000	
	31	Idem aluguel de casa	10,000	
Setembro	1	Pago ao catador [ilegível] a 31 Ago.		24,000
	1	Recebido pelo Sr. Juvenal até 31 agosto	114,000	
	1	Idem 1 assinatura	10,000	
	4	Idem Dr. H. Borges, edital nº 35	34,000	
	4	Idem vendas	12,000	
	5	Idem da Câmara	243,000	
	21	Pago A. J. da Costa Nunes 8		300,000

(continua)

Tabela 12 — A tipografia do *Vassourense* em c/c Luiz Pinheiro Werneck (continuação)

1896			DEVE	HAVER
			3:562,840	1:561,700
Setembro	9	200 cartões de visita	12,000	
	15	½ resma papel comm.al	6,500	
	15	Recebido espólio Josué Costa	24,000	
	17	Idem 2 assinaturas	20,000	
	17	Idem editais 36 e 37	20,000	
	19	Idem [ilegível] [ilegível]	57,000	
	19	Pago ao [ilegível] 9		53,900
	22	Recebido impressos	30,000	
	23	Idem 100 cartões de visita	4,000	
	29	Idem do Club Vassourense	64,000	
	30	Idem Dr. H. Borges, edital 28	10,000	
Outubro	7	Idem espólio Ramyro Carneiro	17,000	
	“	Idem espólio Augusto A. P. Jr.	17,000	
	12	Idem 1 assinatura	10,000	
	14	Idem edital nº 41	10,000	
	19	Idem do Estado [ilegível]	85,000	
	19	Pago selo 1ª ordem		2,000
	29	Recebido 100 cartões de visita	4,000	
	29	Idem 100 cartões tarjados	5,000	
	29	Idem Aluguel de casa	10,000	
Novembro	11	Idem 1 assinatura	10,000	
	12	Idem 1 edital	16,000	
	14	Idem 200 cartões de visita	8,000	
	14	Pago 1		12,000
	19	Recebido Dr. Velho de Avelar	10,000	
	19	Idem espólio Anselmo Reis	133,000	
	19	Idem A. J. Abreu Cesar	34,000	
	23	Idem Ricardo Lopes	50,000	
	30	Idem editais T. C. Lunas	80,000	
Dezembro	9	Idem 4 editais	42,000	
	10	Idem Coronel J. L. Brito	60,000	

(continua)

Tabela 12 — A tipografia do *Vassourense* em c/c Luiz Pinheiro Werneck (continuação)

1896			DEVE	HAVER
			4:411,540	1:629,600
	14	Recebido edital	12,000	
	14	Idem 100 cartões de visita	4,000	
	12	Pago A. G. da Costa Nunes 10		400,000
	17	Recebido 4 assinaturas	40,000	
	28	Idem 8 assinaturas	80,000	
	28	Pago porcentagem 10%		12,000
	31	Recebido 4 assinaturas	40,000	
	31	Pago A. J. da Costa Nunes 11		296,520
	31	Recebido Juvenal Guimarães anúncios publicações	411,000	
	31	Gratificação a Juvenal Guimarães		137,000
	31	Idem a Bernardo P. Torres		50,000
	31	Idem ao catador até hoje		34,000
	31	Recebido 350 cartões e 1 assinat.	36,000	
	31	Idem Alvará [ilegível]	70,000	
	31	Idem Vieira W. Reis	23,500	
	31	Idem Álvaro de Mattos	14,500	
	31	Idem diversos c/c	72,580	
	31	Pago H. de Paula Brandão de Sá, aluguel da casa em que funciona a tipografia de agosto a dezembro 12		150,000
	31	Idem Antonio Bitencourt da Sª 13		52,180
	31	Idem Juvenal Guimarães 14		1:440,000
31		Idem Bernardo P. Torres 15		720,000
	31	Idem João Gomes 16		350,000
1897				
Janeiro	10	Recebido 5 assinaturas	50,000	
	15	Idem 200 cartões fantasia	16,000	
	18	Idem 500 [ilegível] ½ folha	16,000	
	21	Idem 1 edital nº 3	3,000	

(continua)

Tabela 12 — A tipografia do *Vassourense* em c/c Luiz Pinheiro Werneck (continuação)

1896			DEVE	HAVER
Fevereiro	8	Idem edital nº 9	35,000	
	15	Idem edital	5,000	
			5:340,120	5:271,3000
	22	Pago frete a Vassourense		3,000
	22	Idem armazenagem 1 volume		6,100
	22	Recebido aluguel casa	20,000	
	23	Pago Tavolara[ilegível] 18		21,400
	28	Recebido 100 cartões tarjados	5,500	
	28	Idem 3 assinaturas	30,000	
	28	Pago imposto do Vassourense 19		46,000
	28	Idem frete a Vassourense		2,000
Abril	3	Recebido editais nº 8, 14 e 13	60,000	
	14	Idem 7 assinaturas	70,000	
	21	Pago frete a Vassourense		6,500
	30	Recebido 3 assinaturas	30,000	
Junho	1	Idem 13 assinaturas	130,000	
	4	Idem 12 assinaturas	120,000	
	7	Idem editais nº 12 e 22	52,000	
	9	Idem Veiga L. [ilegível]	24,000	
	30	Idem 2 assinaturas	20,000	
Agosto	12	Idem 3 ½ assinaturas	35,000	
	12	Pago F. T. Coelho porcentagem 10%		15,500
	12	Recebido edital nº 31	15,000	
	19	Idem 100 folhetos	50,000	
Setembro	1	Idem Dr. H Borges, edital nº 33	25,000	
	16	Idem 1 assinatura	10,000	
	17	Idem 200 folhetos	120,000	
Outubro	31	Idem 5 assinaturas	50,000	
Novembro	30	Idem 14 assinaturas	140,000	
Dezembro	26	Idem 10 assinaturas	100,000	
	26	Idem Clemente de [ilegível]	62,000	

(continua)

Tabela 12 — A tipografia do *Vassourense* em c/c Luiz Pinheiro Werneck (continuação)

1896			DEVE	HAVER
	31	Gratificação Bernardo P. Torres		165,000
	31	Idem Edmundo P. Passos 10		140,000
	31	Recebido 1 assinatura	10,000	
			6:518,620	5:576,800
	31	Recebido 200 cartões	8,000	
	31	Idem 51 assinaturas	510,000	
	31	Idem por Juvenal Guimarães	165,000	
		Pago por Juvenal Guimarães despesas		125,500
		Idem a Juvenal Guimarães s/ vencimentos 21		1:440,000
		Idem a Bernardo P. Torres 22		840,000
		Idem a João G. de Oliveira 23		480,000
1898				
Janeiro	17	Recebido Dr. H. Borges saldo	378,500	
	17	Idem Câmara Municipal 3 prestações contrato do Vassourense do ano p.	1:500,000	
	17	Pago A. J. da Costa Nunes		
		3 Nov. do ano p. 24/25/25A		990,780
	31	Idem Tavolara [ilegível] 26		
Fevereiro	18	Recebido Tavolara [ilegível]	53,600	
	28	Idem 50 assinaturas ano p.	500,000	
	28	Aluguel casa ano p.	100,000	
Março	4	Recebido Coronel J. L. Brito ano p.	52,800	
	4	Idem Clemente F. [ilegível] ano p.	80,000	
	4	Idem [ilegível] [ilegível] ano p.	40,000	
	10	Idem Vitor Martuchelli [ilegível]	17,000	
	10	Idem Anselmo D. Moreira	6,000	
	10	Idem Bernardino Frazão Lyra	12,000	
	10	Idem Francisco Antonio Lauria [ilegível]	6,000	
	10	Pago porcentagem ao cobrador		10,000

(continua)

Tabela 12 — A tipografia do *Vassourense* em c/c Luiz Pinheiro Werneck (continuação)

1896			DEVE	HAVER
	10	Recebido Dr. Sebastião Lacerda	35,000	
	17	Idem Dr. Thomaz Gomes dos Santos		
		Compra de artigos pertencentes ao		
		Vassourense	200,000	
	17	Idem Dr. H. Borges editais 9-16	34,500	
	17	Idem Lucindo P. dos Santos	4,000	
			10:221,020	9:627,530
	18	Recebido Club R. Vassourense	12,000	
	18	Idem Pedro L. Macedo	22,000	
	31	Idem diversos	14,000	
	15	Pago Juvenal Guimarães 27		375,000
	15	Idem Bernardo P. Torres 28		187,500
	15	Idem João G. de Oliveira 29		100,000
	15	Idem Antonio B. Silveira 30		25,720
Abril	2	Recebido C. Municipal 4/3 ano p.	500,000	
	2	Idem diversos c/s	215,000	
	6	Pago imposto do Vassourense		67,000
	13	Recebido diversos c/s	68,000	
	13	Pago A. G. da Costa Nunes 32		588,580
	15	Idem Dr. [ilegível] Paula Brandão de Sá		
		Aluguel de casa que funciona a tipografia de Jan. de 97 a 15 março de 98		435,000
	23	Recebido Câmara Municipal 1 tri-		
		mestre do contrato em publicação e		
		Expediente	500,000	
	23	Pago Dr. Thomaz G dos Santos proprietário do Vassourense de 15 a 30 março		84,000
	30	Recebido 3 assinaturas	30,000	

(continua)

Tabela 12 — A tipografia do *Vassourense* em c/c Luiz Pinheiro Werneck (continuação)

1896			DEVE	HAVER
		Idem publicações	7,500	
		Idem da Santa Casa de Misericórdia	30,000	
1899				
Fevereiro	7	Pago (revalidação)?) da c/s com recebimento selados - 35		65,960
		Saldo entregue ao Dr.		
		Domingos Alves de Almeida		63,230
			11:619,520	11:319,520
		Vassouras, 9 de maio de 1899		
		Luiz Pinheiro Werneck		

Fonte: CDH. Balanço da Tipografia do Vassourense em c/c Luiz Pinheiro Werneck. Documento apensado ao inventário *post-mortem* de Lucindo Pereira dos Passos Filho.